



ESTUDO

DA

MEDIUNIDADE

DADOS DE COPYRIGHT

Sobre a obra:

A presente obra é disponibilizada pela equipe do *ebook espírita* com o objetivo de oferecer conteúdo para uso parcial em pesquisas e estudos, bem como o simples teste da qualidade da obra, com o fim exclusivo de compra futura.

É expressamente proibida e totalmente repudiável a venda, aluguel, ou quaisquer uso comercial do presente conteúdo.

Sobre nós:

O *ebook espírita* disponibiliza conteúdo de domínio público e propriedade intelectual de forma totalmente gratuita, por acreditar que o conhecimento espírita e a educação devem ser acessíveis e livres a toda e qualquer pessoa. Você pode encontrar mais obras em nosso site: www.ebookespírita.org.



www.ebookespírita.org

ÍNDICE

AULA 01	OS GUIAS ESPIRITUAIS	PG. 1
AULA 02	ESPIRITISMO E MEDIUNIDADE	PG. 7
AULA 03	A CASA MENTAL E A MEDIUNIDADE	PG. 27
AULA 04	PENSAMENTO, SINTONIA E MEDIUNIDADE	PG. 36
AULA 05	PERISPÍRITO. FLUÍDOS, ECTOPLASMA, GLÂNDULA PINEAL E MEDIUNIDADE	PG. 45
AULA 06	HISTÓRICO DA MEDIUNIDADE, EFEITOS FÍSICOS E INTELIGENTES	PG. 61
AULA 07	ECTOPLASMA, MEDIUNIDADE CURADORA E MATERIALIZAÇÃO	PG. 73
AULA 08	MÉDIUNS AUDIENTES, VIDENTES, SONÂMBULOS, DE PRESENTIMENTOS, PROFÉTICOS E EXTÁTICOS	PG. 94
AULA 09	PSICOFONIA E PSICOGRAFIA	PG. 109
AULA 10	CLARIVIDÊNCIA, CLARIAUDIÊNCIA, BICORPOREIDADE, TRANSFIGURAÇÃO E PSICOMETRIA	PG. 122
AULA 11	INTUIÇÃO E DOUTRINAÇÃO	PG. 126
AULA 12	ANIMISMO, MISTIFICAÇÃO E MEDIUNIDADE	PG. 139
AULA 13	OBSESSÃO	PG. 154
AULA 14	INFLUÊNCIA MORAL DO MÉDIUM	PG. 170
AULA 15	O MÉDIUM ANTE A MEDIUNIDADE - POSTURAS E CONSEQÜÊNCIAS	PG. 180
AULA 16	EDUCAÇÃO MEDIÚNICA	PG. 190
AULA 17	PERDA E SUSPENSÃO DA MEDIUNIDADE	PG. 208
AULA 18	PRÁTICA DA MEDIUNIDADE COM JESUS	PG. 217



ESTUDO DA MEDIUNIDADE

Aula 01

Os Guias Espirituais

Justiça e Bondade de Deus

A alma é criada para a felicidade, mas, para poder apreciar essa felicidade, para conhecer-lhe o justo valor, deve conquistá-la por si próprio e, por isso, precisa desenvolver as potências encerradas em seu íntimo. Sua liberdade de ação e sua responsabilidade aumentam com a própria elevação, porque, quanto mais se esclarece, mais pode e deve conformar o exercício de suas forças pessoais com as leis que regem o Universo.

A liberdade do ser se exerce, portanto, dentro de um círculo limitado: de um lado, pelas exigências da lei natural, que não pode sofrer alteração alguma e mesmo nenhum desarranjo na ordem do mundo; de outro, por seu próprio passado, cujas conseqüências lhe refletem através dos tempos, até a completa reparação. Em caso algum o exercício da liberdade humana pode obstar a execução dos planos divinos, do contrário, a ordem das coisas seria a cada instante perturbada. Acima de nossas percepções limitadas e variáveis, a ordem imutável do Universo prossegue e mantém-se. Quase sempre julgamos um mal aquilo que para nós é o verdadeiro bem. Se a ordem natural das coisas tivesse de amoldar-se aos nossos desejos, que horríveis alterações daí não resultariam?

O primeiro uso que o homem fizesse da liberdade absoluta seria para afastar de si as causas de sofrimento e para se assegurar, desde logo, uma vida de felicidade. Ora, se há males que a inteligência humana tem o dever de conjurar, de destruir – por exemplo, os que são provenientes da condição terrestre - outros há, inerentes a nossa natureza moral, que somente dor e compreensão podem vencer; tais são *os vícios*. Nestes casos, torna-se a dor uma escola, ou, antes um remédio indispensável: *as provas sofridas não são mais que a distribuição eqüitativa da justiça infalível*.

Portanto, é a ignorância dos fins a que Deus visa, que nos faz recriminar a ordem do mundo e suas leis. Criticamo-las porque desconhecemos o modo por que se cumprem.

O Amor Universal favorece o levantamento de escola, mas, se te negas a aprender, ninguém te pode arrancar às trevas da ignorância.

A Divina Presciência estabelece regras e meios para a higiene, mas, se desertas do cuidado para contigo, albergarás, no próprio corpo, largo pasto à imundície.

A Infinita Bondade inspira a elaboração do remédio que te alivie ou cure as doenças, nessa ou naquela circunstância difícil, mas, se recusas o medicamento, continuarás sofrendo o desequilíbrio.

A Eterna Sabedoria promove a fabricação de extintores e encoraja a educação de bombeiros, mas, se ateias fogo na própria casa, padecerás, de imediato, os resultados do incêndio.

A Providência Vigilante suscita a formação de recursos para o cultivo de defesa da gleba, mas, se foges do trabalho, a breve tempo terás, no próprio campo, vasta coleção de espinheiros e serpentes.

Deus dá a semente, mas pede serviço pra que o pão apareça; espalha ensinamentos, mas pede estudo para que haja aprimoramento do espírito.

Não procures enganar a ti mesmo, aguardando compaixão sem justiça.

Anota os fenômenos da existência e reconhecerás que a vida te concede guias e explicadores, estradas e máquinas; no entanto, exige que penses com a própria cabeça e andes com os próprios pés.

Afirma Allan Kardec: “Certo, a misericórdia de Deus é infinita, mas não é cega”.

E Jesus, encarecendo a responsabilidade que no supervisiona os caminhos, adverte-nos no versículo trinta e três do capítulo treze, no Evangelho de Marcos: “Olhai, vigiai e orai...”.

Observemos que o apelo à prudência não inclui simplesmente o “vigiai” e o “orai”, e, sim, começa com ampla objetividade, pelo imperativo categórico: “Olhai”.

A justiça humana, conquanto respeitável, freqüentemente julga os fatos que considera puníveis pelos derradeiros lances de superfície, mas *a Justiça Divina observa todas as ocorrências, desde os menores impulsos que lhes deram começo.*

Necessidade da Ajuda Mútua

Acima de tudo, Deus é amor. Por amor, criou os seres para associá-los às suas alegrias, à sua obra. O amor é um sacrifício; Deus hauriu nele a vida para dá-la às almas. Ao mesmo tempo que a efusão vital, elas receberiam o princípio afetivo destinado a germinar e expandir-se pela provação dos séculos, até que tenham aprendido a dar-se por sua vez, isto é, dedicar-se, a sacrificar-se pelas outras. Com este sacrifício, em vez de se amesquinharem, mais se engrandecem, enobrecem e aproximam do Foco Supremo.

O amor é uma força inexaurível, renova-se sem cessar e enriquece ao mesmo tempo aquele que dá e aquele que recebe. É pelo amor, sol das almas, que Deus mais eficazmente atua no mundo. Por ele atrai para si todos os pobres

seres retardados nos antros da paixão, os Espíritos cativos na matéria; eleva-os e arrasta-os na espiral da ascensão infinita para os esplendores da luz e da liberdade.

É o apelo do ser ao ser, é o amor que provocará, no fundo das almas embrionárias, os primeiros rebentos do altruísmo, da piedade, da bondade. Mais acima, na escala evolutiva, entreverá o ser humano, nas primeiras felicidades, nas únicas sensações de ventura perfeita que lhe é dado gozar na Terra, sensações mais fortes e suaves que todas as alegrias físicas e conhecidas somente das almas que sabem verdadeiramente amar.

Assim, de grau em grau, sob a influência e irradiação do amor, a alma desenvolver-se-á e engrandecerá, verá alargar-se o círculo de suas sensações. Lentamente, o que nela não era senão paixão, desejo carnal, ir-se-á depurando, transformando num sentimento nobre e desinteressado; a afeição a um só ou a alguns converter-se-á na afeição a todos, à família, à pátria, à Humanidade.

Essas impressões vão-se encontrando cada vez mais vivas à medida que se afastam dos planos inferiores onde reinam as impulsões egoístas e fatais e se sobem os degraus da gloriosa hierarquia espiritual para aproximar-se do Foco Divino; pode-se assim verificar, por uma experiência que vem completar as nossas intuições, que cada alma é um sistema de força e um gerador de amor, cujo poder de ação aumentam com a elevação.

Conceito e Capacitação dos Guias Espirituais

Temos todos um guia espiritual.

É um Espírito que se encontra um pouco acima de nosso grau de evolução intelectual e moral e que toma para si o encargo de orientar-nos na caminhada terrena, procurando ajustar-nos e manter-nos dentro do plano que a Espiritualidade Superior traçou para nossa aprendizagem.

Todas as religiões o assinalam.

Umam chamam de gênios protetores.

Outras de anjos guardiões.

Ouvíamos assim a própria intuição de que o Pai não nos entregava numa perigosa jornada sem que nos confiasse uma voz interior, viva e lúcida, que nos pudesse alertar sobre os obstáculos da vida e que nos indicasse os comportamentos retos e salutareos.

Esse guia espiritual, que nos segue em todos os lances, participa das alegrias de nossas vitórias espirituais e se entristece com as nossas fraquezas e derrotas, porém, continua sempre inabalável em seu posto de guardião, ajudando-nos nos reerguimentos após cada queda experimentada.

À noite, ou nos momentos de nossas angústias ou desalentos, nada mais benéfico que confabular com ele, no silêncio de nossa consciência, e procurar ouvi-lo através das informações generosas que faz fluir ao cérebro na forma de pensamentos novos e que não se articulam pelos nossos esforços.

É a idéia que não tínhamos tido.

É a solução que não havíamos pensado.

É a coragem que nos visita, renovando-nos a disposição de soerguer-nos, mesmo que todos nos acusem e nos ironizem, e começar de novo todas as nossas experiências.

Convém ao médium estabelecer uma distinção.

Um é o seu guia espiritual.

Outro é o seu orientador mediúnico.

O guia espiritual acompanhará o nosso exercício mediúnico e as nossas uniões com a espiritualidade a todos os instantes de nossa atual existência, sem que ignore um só dos acontecimentos a que nos liguemos e sem que ignore um só de nossos pensamentos. Seguirá todos os lances de nossa evolução e dificilmente se tornará conhecido nosso no curso de nossos dias, já que nos dá assistência sem que lhe registremos ostensivamente a presença para que não nos embarcemos nas resoluções que serão nossas.

O orientador mediúnico é obreiro especializado.

Só estará em dia e hora pré-determinada, trazendo a tarefa específica de concatenar a fenomenologia no rumo com o qual colaboremos e com o colorido que lhe emprestemos. Nem sempre, pois, estará junto de nós e, por tal, torna-se *improdutiva a evocação indisciplinada de sua presença* ou de sua colaboração, porque num maior período de tempo estará desenvolvendo tarefas adicionais ao nosso trabalho, inclusive estabelecendo contato no umbral e nos Planos Elevados para as lições apropriadas à nossas reuniões mediúnicas.

O orientador mediúnico restringe-se à mediunidade.

O guia espiritual abarca toda a nossa vida.

O orientador mediúnico, por vezes, poderá ser permutado, em função de nossas preferências infelizes, até por obsessores ou Espíritos menos responsáveis que nos conduzirão a completar o aviltamento mediúnico.

O guia espiritual, anônimo e humilde, será sempre o mesmo, do berço ao Além e, muitas vezes, no curso de repetidas e repetidas encarnações, amparando-nos onde estivermos e na situação em que nos encontrarmos.

Procuremos ouvi-lo sempre.

Missão do Guia Espiritual

Os guias espirituais de um médium se configuram como pais na freqüência do amor e da justiça, sem alterar as necessidades do filho do coração, ajudando-o a andar com os seus próprios pés. A imposição não é assunto que lhes pertence. Eles são espíritos de alta responsabilidade junto a Jesus Cristo. São como que professores, e toda instrução divina deve ser exposta sem a marca da agressividade. Há plena liberdade entre o médium e seus instrutores espirituais. Quando o sensitivo passa dos limites da sua própria liberdade, eis que ele mesmo se afiniza com entidades na mesma faixa de pensamentos idênticos, criando com isso dificuldades que se transmutam em prelos elevados, requerendo suor e dor. No entanto, são lições que por vezes o amor não conseguiu transmitir.

Há quem diga que os guias espirituais abandonam seus tutelados. Não existe abandono nestes casos. Eles, os benfeitores espirituais, ajudam mais,

porém, em outra freqüência, até o medianeiro compreender o tesouro que está ao seu dispor, dependendo da sua disposição ao bem da coletividade. Os guias espirituais são afáveis, quando essa afabilidade desperta algo de bom na alma do aprendiz. São enérgicos, quando essa energia abre os olhos do candidato à luz, no sentido de disciplinar a razão e educar os sentimentos. Eis porque não nos esquecemos da presença destes grandes do mundo invisível, e quando nos lembramos, é com respeito e carinho, porque sempre trabalham em nosso benefício.

O espírito-guia, que acompanha o médium desde a sua formação no mundo uterino, ou, às vezes, antes da sua reencarnação, não se decepçiona com alguns feitos, pois ele é quem mais conhece as fraquezas do seu filho, cuja tendência parte da falta de experiência, computando tudo, na máquina do bom senso, com o resultado de todos os tropeços, com o nome de ignorância.

Quem cai, certamente se levanta, e quem se levanta é certo que anda; essa não é a vida? Todos somos feitos iguais. O tempo vai nos ajustando, de acordo com as nossas necessidades. Tudo o que se chama de queda no mundo da carne, é para que o candidato se levante mais fortificado e com ajuda dobrada. Vejamos: quando Cristo caiu com a cruz, apareceu o Cireneu. Porque não veio antes que Ele caísse, para evitar a queda? O processo evolutivo ainda é desconhecido entre os homens que, se tivessem consciência imediata, poderiam acusar o Senhor de injusto, o Cristo de conivente com o erro, e os Guias espirituais de insensíveis ao padecimento alheio.

O âmbito do guia espiritual de uma criatura, em se referindo ao protegido, é bem restrito, devido ao respeito à liberdade alheia. Porém, o seu amor é imensurável. Não promove a proteção a que freqüentemente Almejais, mas aquela cheia de universalidade, que visa mais à libertação da alma. Não obstante, quando o médium entra na autodisciplina e suporta com coragem a rejeição da própria carne de se educar, ele começa a se confundir com o anjo que o tutela. E entre as duas almas, do educando e do educado, há uma perfeita simbiose, tornando-se um canal verdadeiro por onde fluem as verdades espirituais, assegurando e fazendo crescer a justiça e o amor nos corações.

O médium cristão é uma fonte de grandes esperanças. Nunca se deixa envolver pelo elogio que envaidece e não se permite apologizar a si mesmo. Decantar os seus próprios feitos é porta aberta para a vaidade vestida de egoísmo.

Não queremos justificar erro de ninguém, nem alimentar idéias de procurar errar para evoluir. Essa justificativa já responde a muitos que se acomodam nas frases que lhes interessam, sem raciocinar no todo do assunto ventilado. Nós somos do trabalho ativo, fazemos parte do cinetismo incessante. O Cristo é o centro para nós, em nome de Deus. Os médiuns devem, por dever e direito, se esforçarem permanentemente na área das reformas morais e espirituais, procurando se instruir por todos os ventos de saber que soprarem, criando uma conscientização doutrinária nas hostes do Mestre como se fosse uma sequóia de luz, nos caminhos da Terra.

E se Deus vos abençoou, e o esforço próprio vos colocou como guia de muitos, apoiado pela faixa evolutiva atingida, não vos esqueçais de respeitar os

direitos dos outros, como os guias espirituais fazem convosco, porquanto, onde está a verdade, aí gera a liberdade. E onde quer que operardes na função mediúnica, não deveis sobrecarregar os guias espirituais com pedidos dissonantes. Aproveitai o que eles dizem e aplicai o que eles escrevem na vida diária, porque cada esforço no bem que fazeis é uma luz a vosso favor; cada coisa que derdes aos outros, é dádiva a vosso crédito; cada ato de caridade que dispensardes, é caridade a vosso dispor; e cada gesto de amor que ofertardes aos vossos semelhantes é amor em abundância, que garante a vossa vida, em mais vida, em Deus.

Bibliografia:

Depois da Morte – *Leon Denis*

O Problema do Ser, do Destino e da Dor – *Leon Denis*

Justiça Divina – *Chico Xavier/Emmanuel*

Médiuns – *João Nunes Maia* (pelo espírito Miramez)

Desenvolvimento Mediúnico – *Roque Jacinto*



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 02

Espiritismo e Mediunidade

“Os Espíritos do Senhor, que são as virtudes dos céus, como um imenso exército que se movimenta, ao receber a ordem de comando, espalham-se sobre toda a face da Terra. Semelhantes a estrelas cadentes, vêm iluminar o caminho e abrir os olhos aos cegos”.

Eu vos digo, em verdade, que são chegados os tempos em que todas as coisas devem ser restabelecidas no seu verdadeiro sentido, para dissipar as trevas, confundir os orgulhosos e glorificar os justos.

As grandes vozes do céu ressoam com o toque da trombeta, e os coros dos anjos se reúnem. Homens, nós vos convidamos ao divino concerto: que vossas mãos tomem a lira, que vossas vozes se unam, e, num hino sagrado, se estendam e vibrem, de um extremo do Universo ao outro.

Homens, irmãos amados, estamos juntos de vós. Amai-vos também uns aos outros, e dizei, do fundo de vosso coração, fazendo a vontade do Pai, que está no Céu: “Senhor! Senhor!”, e podereis entrar no Reino dos Céus.” ***O Espírito de Verdade.***

Nota: a instrução acima, transmitida, por via mediúnica, resume ao mesmo tempo o verdadeiro caráter do Espiritismo e o objetivo desta obra. (ESE). Por isso foi aqui colocada como prefácio.

Sócrates e Platão, Precusores da Doutrina Cristã e do Espiritismo

Da suposição de que Jesus devia conhecer a seita dos essênios, seria errado concluir que ele bebeu nessa seita a sua doutrina, e que, se tivesse vivido em outro meio, professaria outros princípios. As grandes idéias não aparecem nunca de súbito. As que têm a verdade por base contam sempre com precusores, que lhes preparam parcialmente o caminho. Depois, quando o tempo é chegado, Deus envia um homem com a missão de resumir, coordenar e completar os

elementos esparsos, com eles formando um corpo de doutrina. Dessa maneira, não tendo surgido bruscamente, a doutrina encontra, ao aparecer, espíritos inteiramente preparados para a aceitar. Assim aconteceu com as idéias cristãs, que foram pressentidas muitos séculos antes de Jesus e dos essênios, e das quais foram Sócrates e Platão os principais precursores.

Sócrates, como o Cristo, nada escreveu, ou pelo menos nada deixou escrito. Como ele, morreu a morte dos criminosos, vítima do fanatismo, por haver atacado as crenças tradicionais e colocado à verdadeira virtude acima da hipocrisia e da ilusão dos formalismos, ou seja: *por haver combatido os preconceitos religiosos*. Assim como Jesus foi acusado pelos fariseus de corromper o povo com os seus ensinamentos, ele também foi acusado pelos fariseus do seu tempo, pois que os tem havido em todas as épocas, de corromper a juventude, ao proclamar o dogma da unicidade de Deus, da imortalidade da alma e da existência da vida futura. Da mesma maneira por que hoje não conhecemos a doutrina de Jesus senão pelos escritos dos seus discípulos, também não conhecemos a de Sócrates, senão pelos escritos do seu discípulo Platão. Consideramos útil resumir aqui os seus pontos principais, para demonstrar sua concordância com os princípios do Cristianismo.

Aos que encarassem este paralelo como profanação, pretendendo não ser possível haver semelhanças entre a doutrina de um pagão e a do Cristo, responderemos que a doutrina de Sócrates não era pagã, pois tinha por finalidade combater o paganismo, e que a doutrina de Jesus, mais completa e mais depurada que a de Sócrates, nada tem a perder na comparação. A grandeza da missão divina do Cristo não poderá ser diminuída. Além disso, trata-se de fatos históricos, que não podem ser escondidos. O homem atingiu um ponto em que a luz sai por si mesma debaixo do alqueire e o encontra maduro para a enfrentar. Tanto pior para os que temem abrir os olhos. É chegado o tempo de encarar as coisas do alto e com amplitude, e não mais do ponto de vista mesquinho e estreito dos interesses de seitas e de castas.

Estas citações provarão, além disso, que, se Sócrates e Platão pressentiram as idéias cristãs, encontram-se na sua doutrina os princípios fundamentais do Espiritismo.

Codificação do Espiritismo

Kardec aplicou a esta ciência o método experimental, não aceitando teorias preconcebidas, observava, comparava e deduzia as conseqüências, dos efeitos procurava elevar-se as causas, pela dedução e encadeamento dos fatos, não admitindo por valiosa uma explicação, senão quando ela podia resolver todas as dificuldades da questão.

Compreendeu logo a gravidade da tarefa, que ia empreender, e entreveu naqueles fenômenos a chave do problema, tão obscuro e tão controvertido, do passado e do futuro da humanidade, cuja solução viveu sempre a procurar, era enfim uma revolução completa nas idéias e nas crenças do mundo.

Cumpria-lhes, pois, proceder com circunspeção e não levianamente, ser positivo e não idealista para não se deixar levar por ilusões.

Um dos primeiros resultados de suas observações foi saber que, sendo os Espíritos as almas dos homens, não possuíam a soberana sabedoria, nem a soberana ciência, e que o seu saber era limitado ao grau de adiantamento, assim como a sua opinião só tinha o valor de opinião pessoal. Esta verdade, reconhecida desde o princípio, preservou-lhe do perigo de acreditar na infalibilidade deles e livrou-lhe de formular teorias prematuras sobre os ditados de um ou de alguns.

O fato apenas de comunicação com os Espíritos, independente do que eles pudessem dizer, provava a existência do mundo invisível: ponto capital, campo imenso aberto às suas explorações, chave de uma multidão de fenômenos inexplicados.

O segundo ponto não menos importante era conhecer o estado desse mundo e seus costumes. Viu logo que cada espírito, segundo a sua posição e conhecimentos, lhe patenteava uma fase daquele mundo, do mesmo modo como se chega a conhecer o estado de um país, interrogando habitantes de todas as classes e condições, podendo cada um ensinar-nos alguma coisa e nenhum, individualmente, ensinar tudo.

Incumbe ao observador formar o conjunto, coordenando, colecionando e conferindo, uns com os outros, documentos que tenha recolhido. Procedeu com os espíritos como teoria feita com os homens, considerou-os, desde o menor até o maior, como elementos de instrução e não como reveladores predestinados.

Tais foram as disposições com que empreendeu e com que sempre seguiu os estudos espíritas: observar, comparar e julgar, essa foi a regra invariável que se impôs.

As sessões na casa do Sr. Baudin nunca tinham tido um fim determinado, procurou, nelas resolver problemas que lhe interessavam: sobre filosofia, psicologia e a natureza do mundo invisível.

Em cada sessão apresentou uma série de perguntas preparadas e metodicamente arranjadas, obtinha sempre respostas precisas, profundas e lógicas. As reuniões então tomaram outro caráter, entre os assistentes achavam-se pessoas sérias que tomaram vivo interesse pelo seu estudo e se lhe acontecia faltar um dia, nenhum trabalho se fazia.

As questões fúteis tinham perdido todo o atrativo, para a maior parte. A princípio não teve em vista senão sua própria instrução, mais tarde, porém, quando viu que formava um núcleo em torno do qual os trabalhos tomavam as proporções de uma doutrina, pensou em torná-los públicos para a instrução de todos. Foram aquelas questões desenvolvidas e completadas, que constituíram a base de O Livro dos Espíritos.

Em 1856, acompanhou também as reuniões espíritas na casa do Sr. Roustan e Srta. Japhet, sonâmbula. Essas reuniões eram sérias e ordeiras. Seu trabalho estava quase acabado e dava para um livro, mas quis revê-lo com outros espíritos, mediante outros médiuns.

Teve o pensamento de fazer dele objeto de estudo para as sessões do Sr. Roustan, mas no fim de algumas sessões os Espíritos disseram que preferiam revê-lo na intimidade e marcaram para este feito certos dias, em que trabalhariam com a Srta. Japhet, a fim de o fazerem com mais calma, e mesmo pra evitar indiscrições e comentários prematuros do público.

Não se contentou com essa verificação que os próprios espíritos lhe recomendaram.

Tendo-se relacionado com outros médiuns, sempre surgiam ocasiões que aproveitava para propor algumas das perguntas, que lhe pareciam mais espinhosas.

Foi assim que mais de dez médiuns prestaram a sua assistência ao trabalho e foi da comparação e da fusão de todas essas respostas, coordenadas, classificadas e muitas vezes remoídas no silêncio da meditação, que formou a primeira edição de O Livro dos Espíritos, em 18 de abril de 1857.

Médiuns e Mediunidade

Médium (do latim, médium, meio, intermediário): pessoa que pode servir de medianeira entre os espíritos e os homens.

Medianimidade: faculdade dos médiuns. Sinônimo de mediunidade. Essas duas palavras são muitas vezes empregadas indiferentemente. Se quiser fazer uma distinção, pode-se dizer que mediunidade tem um sentido mais geral e medianimidade, um sentido mais restrito: Exemplo: Ele tem o dom da mediunidade; a medianimidade mecânica.

Toda pessoa que sente a influência dos espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo, não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem, pelos menos em estado rudimentar. Pode-se dizer, pois, que todos são mais ou menos médiuns. Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. Os médiuns têm, geralmente, aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos, o que os divide em tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. As principais são: médiuns de efeitos físicos, médiuns sensitivos ou impressionáveis, auditivos, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, pneumatógrafos, escreventes ou psicógrafos.

A mediunidade é uma coisa sagrada, que deve ser praticada santamente, religiosamente. E se há uma espécie de mediunidade que requer esta condição de maneira ainda mais absoluta, é a *mediunidade curadora*. O médico oferece o resultado dos seus estudos, feitos ao peso de sacrifício, geralmente, penosos; o magnetizador, o seu próprio fluido e, freqüentemente, a sua própria saúde; aqueles podem estipular um preço para isso. O médium curador transmite o fluido salutar dos bons espíritos e não têm o direito de vendê-lo. ***Jesus e os apóstolos, embora pobres, não cobravam as curas que operavam.***

Que aquele, pois, que não tem do que viver, procure outros recursos que não os da mediunidade; e que não lhe consagre, se necessário, senão o tempo de que materialmente possa dispor. Os espíritos levarão em conta o seu devotamento e os seus sacrifícios, enquanto se afastarão dos que pretendem fazer da mediunidade um meio de subir na vida.

No falso pressuposto de que haja médiuns e mediunidades mais importantes entre si, recordemos o velho apólogo que Menênio Agripa contou ao povo amotinado de Roma, a fim de sossegar-lhe o espírito em discórdia.

“Se o cérebro, por reter a ideação fulgurante, desprezasse o estômago ocupado na tarefa obscura da digestão, a cabeça não conseguiria pensar; se os olhos, por refletirem a luz, declarassem guerra aos intestinos por serem eles vasos seletos de resíduos, decerto que, a breve tempo, a retina seria espelho morto nas trevas, e se o tronco, por sentir-se guindado a pequena altura, condenasse os pés por viverem ao contato do solo, rolaria o corpo sem equilíbrio.”

E, de nossa parte, ousaríamos acrescentar à antiga fábula que tudo, no campo de seqüência da natureza, é solidariedade e cooperação.

Se os braços desaparecem, os pés se fazem mais ágeis; em sobrevindo à surdez, acusa o olhar penetração mais intensa; se a visão surge apagada, o tato mais amplamente se desenvolve; se o baço é extirpado, a medula óssea trabalha com mais afinco, de modo a satisfazer as necessidades do sangue.

Qual acontece no mundo orgânico, a Doutrina Espírita é um grande corpo de revelações e de benções, no qual cada médium possui tarefa específica.

Esse esclarece...

Aquele consola...

Outro pensa feridas...

Aquele outro anula perturbações...

Esse incorpora sofredores angustiados...

Aquele transmite elucidações de instrutores devotados à grande beneficência...

Outro recebe a palavra construtiva...

Aquele outro se incumbe da mensagem santificante...

Como é fácil observar, o passe curativo é irmão da prece confortadora, a desobsessão é o retorno à iluminação espiritual e o verbo fulgente da praça pública é outra face do livro que o silêncio abençoa.

Em nossa esfera de serviço, portanto, já que prescindimos do profissionalismo religioso, não existem médiuns-pastores, médiuns-gerente, médiuns-líder ou médiuns-diretores, *porquanto, a cada qual de nós cabe uma parte do grande apostolado de redenção que nos foi atribuído pela Espiritualidade Maior.*

E se todos nós, em conjunto, temos um mentor a procurar e a ouvir de maneira especialíssima, no plano da consciência e no santuário do coração, esse Mentor é Nosso Senhor Jesus Cristo, o Sol do amor Eterno, a cuja luz, no grande dia de nossos mais altos ajustamentos, deveremos revelar em nós mesmos a divina essência da Sua lição Divina: **“A cada qual por suas obras.”**

Decálogo para Médiuns

1 – *Rende culto ao dever.*

Não há fé construtiva onde falta respeito ao cumprimento das próprias obrigações.

2 – *Trabalha espontaneamente.*

A mediunidade é um arado divino que o óxido da preguiça enferruja e destrói.

3 – *Não te creias maior ou menor.*

Como as árvores frutíferas, espalhadas no solo, cada talento mediúnico tem a sua utilidade e a sua expressão.

4 – *Não esperes recompensas no mundo.*

As dádivas do Senhor, como sejam o fulgor das estrelas e a carícia da fonte, o lume da prece e a benção da coragem, não têm preço na Terra.

5 – *Não centralizes a ação.*

Todos os companheiros são chamados a cooperar, no conjunto das boas obras, a fim de que se elejam a posição de escolhidos para tarefas mais altas.

6 – *Não te encarceres na dúvida.*

Todo bem, muito antes de externar-se por intermédio desse ou daquele intérprete da verdade, procede, originariamente, de Deus,

7 – *Estuda sempre.*

A luz do conhecimento armar-te-á o espírito contra as armadilhas da ignorância.

8 – *Não te irrites.*

Cultiva a caridade e a brandura, a compreensão e a tolerância, porque os mensageiros do amor encontram dificuldade enorme para se exprimirem com segurança através de um coração conservado em vinagre.

9 – *Desculpa incessantemente.*

O ácido da crítica não te piora a realidade, a praga do elogio não te altera o modo justo de ser, e, ainda mesmo que te categorizem a conta de mistificador ou embusteiro, esquece a ofensa com que te espanquem o rosto, e, guardando o tesouro da consciência limpa, segue adiante, na certeza de que cada criatura percebe a vida do ponto de vista em que se coloca.

10 – *Não temas perseguidores.*

Lembra-te da humildade do Cristo e recorda que, ainda Ele, anjo em forma de homem, estava cercado de adversários gratuitos e de verdugos cruéis, quando escreveu na cruz, com suor e lágrima, o divino poema da eterna ressurreição.

Mediunato

Todo aquele que consegue exercer a mediunidade com elevação, engrandecendo-se e alçando-a aos nobres cimos da vida, no cumprimento da

gloriosa missão de ser instrumento do Divino Pensamento, alcança, na Terra, a excelência do mediunato.

Dever de grande abrangência, a sua desincumbência revela-se difícil pelos impositivos de que se reveste, pelos sacrifícios que impõe e pelas dificuldades a superar.

Poucos discípulos da verdade se hão entregado com a necessária abnegação, graças à qual, ao largo do tempo, o homem se doa em espírito de serviço à humanidade, com tal renúncia de si mesmo, que ultrapassa a sua condição para lograr o apostolado mediúnico, o mediunato.

A princípio, são os fortes apelos para a edificação pessoal, a plenitude psíquica e emocional, acalmando as necessidades materiais e superando as fraquezas delas decorrentes, para depois, experimentando as superiores satisfações do espírito, imolar-se por amor, na execução das atividades a que se sente convocado.

Nesse caminho atulhado de pedrouços, os desafios se sucedem, ameaçadores, ao mesmo tempo ferindo e macerando os audaciosos transeuntes que põem os olhos nas metas à frente e buscam alcançá-las. Não se trata de um empreendimento fácil ou de curto prazo, antes, de uma realização prolongada, na qual são enfrentados os perigos que procedem da inferioridade, que teima em permanecer, dominadora.

Definido o rumo e aceito o compromisso, torna-se mais factível a vitória, ganhando-se, dia-a-dia, o espaço que medeia entre a aspiração e o objetivo.

Zoroastro, o grande reformador, nascido na Média, não descansou enquanto não concluiu a missão para a qual reencarnou.

Buda, o sábio e solitário dos Sákias, entregou-se com total renúncia ao ministério de reformar a religião adulterada pelo formalismo brâmane, e, não se detendo diante dos impedimentos que o afligiam, permanece fiel até o momento final.

Pitágoras, inspirado pelos espíritos, colocou-se a serviço da verdade, tornando-se responsável pela descoberta das matemáticas, geométricas e astronômicas, deixando um rastro luminoso na história.

Sócrates e Moisés, Isaías e Daniel, entre outros, foram exemplos de missionários que, no mediunato, atingiram as mais elevadas expressões do intercâmbio espiritual em favor da humanidade.

Posteriormente, João Batista e João Evangelista se fizeram expoentes da mediunidade gloriosa, demonstrando o poder da imortalidade sobre as vicissitudes humanas.

Acima, porém, de todos eles, Jesus Cristo fez-se o Médiun de Deus e tornou-se insuperável como fonte inspiradora para os homens de todos os séculos.

Perseguido e macerado, sob injunções dolorosas mais se ligava ao Pai, em Quem hauria forças para o Messianato a que se ofereceu, preferindo a coroa do martírio à falaciosa grandeza terrena.

Depois Dele, outros servidores da Sua seara, profundamente vinculados à vida espiritual e aos desencarnados com os quais confabulavam, exerceram o mediunato de forma eloqüente, imolando-se todos por amor ao bem geral e certos da vitória final sobre as fugazes condições terrenas.

Com o Espiritismo, o exercício do mediunato tornou-se mais acessível, em se considerando as diamantinas claridades que projeta nos emaranhados e sombrios mistérios da vida, especialmente sobre a realidade do além túmulo, onde nascem as estruturas do ser e se encontram a sua origem e o seu destino final.

Trazendo de volta, à atualidade, o profetismo hebreu e helênico, os fenômenos que constituíram a glória das civilizações passadas, deu-lhes um sentido novo, perfeitamente concorde com as conquistas do hodierno conhecimento, de modo a impulsionar o homem em direção do auto descobrimento e da razão pela qual se encontra no mundo físico.

Em uma ligeira análise, explicam-se, à luz da revelação espírita, a inspiração de Homero, cujos Cantos procediam de ignotas e nobres regiões espirituais;

De Virgílio, sintonizando com as entidades elevadas, e sendo também considerado profeta;

De Dante, que demonstrou possuir superiores faculdades mediúnicas, graças às quais manteve permanente contato com os espíritos;

De Torquato Tasso, que, em contínuo intercâmbio espiritual e inspirado por Ariosto, aos dezoito anos compôs o seu Renaud, concluindo a célebre Jerusalém Libertada, que é a obra máxima da sua vida extraordinária...

...E quantos outros, médiuns inspirados ou psicógrafos, audientes ou sonambúlicos, que se deixaram conduzir pelos guias da humanidade, a fim de apressarem a obra do progresso terrestre?!

Comunicações indiretas como insólitas não despertado a consciência humana para a realidade espiritual do ser, a todos conclamando para a ação do bem, da justiça e do amor.

No mediunato, entretanto, o servidor atinge o seu momento supremo, deixando de manter a personalidade dominadora, para que o Cristo nele se manifeste e habite, conforme declarou o médium de Tarso, na sua doação total à causa da verdade: *“Já não sou eu que vivo, mas é o Cristo que vive em mim.”*

A Mediunidade na Doutrina Espírita

A mediunidade está ligada, de certa maneira, à doutrina dos espíritos, por ser o instrumento pelo qual se sustenta essa filosofia religiosa, de conseqüências científicas. Quando se fala em Espiritismo, lembra-se imediatamente da mediunidade. São duas forças inseparáveis. A doutrina dos Espíritos surgiu pelos fenômenos dos dons espirituais, analisados e testados, e colocados à luz pelos mais cultos espíritos da época, fazendo com que se cumprisse a profecia de Jesus, citada em João, capítulo catorze, versículo dezesseis: “E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro Consolador, a fim de que esteja para sempre convosco.”

De fato, enviou o Consolador, sob a forma de uma doutrina, por um dos seus discípulos mais lúcidos no entendimento das leis espirituais. E esse Consolador não veio somente na forma de consolar, mas trouxe a misericórdia de instruir também, mostrando à humanidade o mesmo cristianismo primitivo, com o mesmo perfume espiritual do Cristo de Deus.

A doutrina dos espíritos veio igualmente valorizar a mediunidade, colocá-la no mais alto esplendor da função de um ministério: o de fazer materializar-se junto aos homens as mais belas páginas de moral filosófica e mesmo científica, que antes estavam ocultas pela ignorância dos próprios homens. Podemos considerar que, com o advento do Espiritismo no mundo, registraram-se chuvas e mais chuvas de livros mediúnicos, que ora percorrem muitas nações levando a palavra de vida, senão a palavra de Deus, a todas as criaturas, como o Evangelho manifestado na mais intensa luz de amor e de caridade.

O médium desligado da Doutrina Espírita está sujeito ao desvio da sua missão, por não encontrar as bases da sua formação mediúnica e ser influenciado pelas sutilezas das trevas, como já aconteceu com vários deles. Mesmo sendo animados por bons sentimentos, faltava-lhes o conhecimento das obras que se estenderam, por favor do Cristo, como escola dos primeiros saberes, onde poderiam formar o caráter dos intermediários dos espíritos. O Espiritismo é, pois, a árvore e os médiuns são os seus galhos. Por lei, não devem estar separados, para que os frutos se consolidem na eternidade do amor. E desses galhos poderão nascer outros, sob o empuxo do progresso. *As lições da doutrina são contínuas; não podendo haver interrupção nelas, por serem de caráter evolutivo, trazendo luz para os homens, de acordo com o progresso dos mesmos.*

Se for médium, deves escutar e atender os convites dessa doutrina, que reuniu várias experiências em livros e aprendeu através do tempo a consolidar múltiplos conselhos em favor dos seus profícuos. E os espíritos encarregados desse Consolador prometido pelo Cristo cumprem a vontade do Senhor, mandando lições imortais por intermédio dos dons mediúnicos, para consolação e instrução da humanidade.

O pastor nunca abandona suas ovelhas. Jesus está à frente do Evangelho redivivo, que deverá ser restaurado em toda a parte para todas as criaturas, manifestando o reino de Deus, a terra de promessa, vista e visualizada por Moisés.

A Doutrina Espírita, tornamos a dizer, é um gigante de luz, como um sol magnético que deverá absorver todos os sistemas filosóficos e religiosos, selecionar sua diretrizes, limpar suas metas e, fundindo todos, transformará tudo em um mar de sabedoria, um só campo onde todas as ovelhas poderão pastar juntas o alimento do amor, e todos os pastores entregarão seus bastões a Cristo, como o único Pastor de todo o rebanho.

Eis o fim das provações humanas e o princípio da felicidade na Terra. O Espiritismo é uma doutrina diferente, porque não impõe seus conhecimentos. Ele espera a maturidade dos companheiros, nada teme, por saber que a verdade não é temerosa e quem está no leme dos destinos da humanidade é Nosso Senhor Jesus Cristo, que nunca falhou, nem sairá dos caminhos de Deus. ***Toda agremiação espírita deve ser uma escola onde não falem livros e aulas, esclarecimentos e trabalhos, o cultivo da prece e a cura dos enfermos.*** Cristo nos pede que nos demos as mãos, fracos e fortes, doentes e sadios, pobres e ricos, intelectuais e ignorantes, santos e parias, na manifestação do amor, para que a fraternidade se estenda por toda a parte, provando, assim, que aprendemos o que Ele nos ensinou.

É bom que o médium escute: se tiveres o dom da palavra, ajuda aos que sofrem, falando com eles da bondade de Deus e da misericórdia de Jesus, da intervenção dos espíritos e da manifestação dos mesmos em todas as atividades humanas. Se tens o dom a alegria pura, faz com que ela seja uma fonte onde todos os desesperados bebem, sem que a exigência atrapalhe suas faculdades. Se te compadece dos que sofrem a fome e a nudez, trabalha por eles, com o dom da caridade, porque ela sempre se manifesta através do amor. Se a tua mediunidade é escrevendo, escreve em nome de Deus, consolando e instruindo as criaturas e, nesse seguimento, não debes parar. Avança com todas as faculdades que possúires para a paz e a saúde de todos os seres, que é assim que podemos registrar a volta do Senhor nas nuvens dos corações, a nos dizer: “Estou feliz por amardes a todos como eu vos amei”.

E o instrumento dessa renovação espiritual pode ser a mediunidade, mas ligada ao Espiritismo, dirigido por Cristo.

“... nem se ocupem com fábulas e genealogias sem fim, que antes promovem discussões do que o serviço de Deus, na fé”. 1 Timóteo, cap. 1 – v.4

Escrevendo ao jovem Timóteo, Paulo recomendou com insistência que, no serviço da fé, as discussões sejam postas de lado no melhor aproveitamento do tempo.

Quantos são os que enveredam pelos caminhos de infindáveis polêmicas, anulando a própria capacidade de servir?

O médium interessado na edificação espiritual de si mesmo não vive na expectativa de inovações de caráter doutrinário, concentrando esforços na vivência cotidiana do Evangelho, nisto reconhecendo a sua necessidade primordial.

As fábulas a que o Apóstolo se refere são as teorias esdrúxulas e fantasiosas que colidem com o bom senso da fé raciocinada, em que apenas começamos a disciplinar o espírito nas tarefas rotineiras do bem.

Onde muito se discute, efetivamente pouco se faz.

Que o mediano, atento aos deveres do presente, não se preocupe em vasculhar o passado, nem se creia investido de outro mandato que não seja o de simplesmente servir.

De maneira geral, todos somos espíritos emergindo das sombras do ontem para as luzes do porvir, e o trabalho no campo da mediunidade é a nossa chance de começarmos a quitar os débitos contraídos perante a Lei.

A vaidade e o personalismo desvirtuam o sentido da mediunidade, que, então, invés de instrumento de resgate espiritual para o médium, pode se lhe transformar em causa de queda e fator complicatório do carma.

Os conflitos filosóficos em torno do conhecimento pleno da Verdade estão longe de se extinguirem, todavia a excelência da prática do bem é unanimidade até entre aqueles que não esposam os mesmos princípios religiosos.

Que o candidato ao serviço mediúnico na Doutrina Espírita estude e trabalhe, aprimorando a si no aprimoramento das faculdades de que seja portador.

Consoante a advertência do Apóstolo, o serviço de Deus não comporta atritos no campo da palavra e da sua interpretação, e os médiuns que se arvoram

na condição de intelectuais, forçando o prevalecimento de suas opiniões, terminam por olvidar o cultivo dos sentimentos.

É dever do médium dar exemplos de compreensão e de fraterna tolerância entre os companheiros, porquanto ser médium não significa tão somente intercambiar ou produzir fenômenos que satisfaçam aos olhos.

Para quem começa na mediunidade, começar de maneira correta é de suma importância, de vez que, após seguir por determinado caminho, dificilmente o medianeiro reconsiderará o trecho percorrido, investindo-se de humildade para voltar atrás.

A formação dos médiuns à luz do Evangelho e dos postulados espíritas, sem fanatismo de qualquer natureza, é básica para que a mediunidade renda os melhores frutos doutrinários.

Cada sensitivo conviverá com as entidades espirituais de sua predileção, e vice-versa.

Nem todo médium e nem todo espírito prestam serviço de real valor à Doutrina; muitos, aliás, se tornam instrumento de cizânia e de perturbação, *contribuindo mais para a dúvida do que para a fé.*

Sem Jesus e Kardec, não há exercício mediúnico que valha a pena, já que, então, o médium estará à margem dos padrões éticos que o justifiquem.

Mediunidade e Mediunismo

A mediunidade é um dom aflorado naqueles que vieram com a missão de exercitá-la, no campo a que foram chamados a vivê-la, porém, para ser bem orientada, ela deve se afeiçoar a outros dons da vida, no sentido de ter mais segurança na sua estrutura espiritual.

Não basta somente ser médium; é preciso muito preparo moral. Devemos compreender que somente atraímos para junto a nós o que somos na vida. A dignidade de Allan Kardec, sob a influência de Jesus, lançou as bases do intercâmbio seguro com os espíritos, mostrando com maestria como se comunicar com os espíritos superiores, como conhecer quem é quem.

Pelo que os espíritos falam por intermédio dos seus instrumentos, a mediunidade verdadeiramente é uma ciência que avança como uma filosofia de vida, estendendo-se como uma religião, porque a Doutrina dos Espíritos nos mostra como viver melhor em todas as circunstâncias.

Quando a mediunidade se expressou como sendo um meio de os encarnados se comunicarem com os espíritos, almas essas que viveram também na Terra, despertou um entusiasmo na multidão, querendo participar do desenvolvimento das suas faculdades, fazendo parte daqueles que servem aos Espíritos desencarnados como canais para falarem aos que ficaram. E eis que aconteceram muitas decepções no exercício mediúnico, por faltar o complemento: *ajustar junto a ela outras qualidades morais para sustentá-la.*

Afirmamos para que todos meditem que todas as religiões no mundo têm as suas bases assentadas na mediunidade, em revelações que alguém teve, usando os dons espirituais que trouxe aflorados e que a bondade de Deus fez acordarem para a grandeza da alma.

O mau uso da faculdade mediúnica levou muitos a desistirem das missões em que poderiam crescer na direção do bem e do amor. É bem natural que os vivos desejem se comunicar com os espíritos, principalmente seus parentes, que foram para a pátria espiritual; todavia, não podem esquecer do preparo todos os dias, no sentido de se colocarem na posição de compreenderem a necessidade de moralizarem suas vidas, amparando a si mesmos em todos os tipos de reforma interna, no estudo bem orientado e na prática dos preceitos do Evangelho de Jesus.

Lembra-te de que a conduta espírita deve ser a mesma evangélica, para que o médium crie em torno de si um campo de força capaz de sustentá-lo em todos os embates da vida na Terra. Em tudo que fizeres para aumentar o bem, aparecerá a rejeição, como marco que o mal domina entre os homens. Necessário se faz que lutes, mas com inteligência, nas hostes do amor, alicerçando todas as tuas obras na caridade sustentadora da liberdade espiritual e com segurança para uma vida nobre, fortalecida na verdade.

Do mundo espiritual descem para a Terra milhares de medianeiros, com tarefas de grande importância, mas muitos deles, ou quase todos, não realizam seu trabalho a contento por desconhecerem os objetivos singulares da mediunidade com Jesus. São logo induzidos para coisas profanas, entrando no desequilíbrio das próprias emoções, sendo que o ambiente os promove para lugares de destaque no mundo, atraindo-os para outras filosofias exteriores que não mostram a necessidade da iluminação interna.

Esta é, pois, a marcha de ascensão espiritual da humanidade. O mundo está passando pela época apocalíptica: são estágios de confusão, onde o bem se mistura com o mal, a paz com a guerra, o ódio como o amor, o perdão com a discórdia, a fé com a dúvida, a moral com o desregramento das emoções inferiores, a harmonia com a desarmonia.

Todos desejam ser médiuns dos espíritos elevados, mas, para tanto, é imprescindível que criemos ambiente interno para tal mister. *Como é que fica a lei dos semelhantes atraírem os semelhantes?* O espírito, na carne e fora dela, dispendo-se a ser bom, certamente que atrai bondade em todas as gamas que se possa entender, e nessa bondade ele tem o traço do esforço para melhorar e servir. Se ele trabalha no crescimento do amor, essa virtude por excelência passa a aumentar no seu coração, atraindo amor de todos os lados, a se aquietar na sua própria consciência. O mesmo acontece com a verdade e o perdão, pois tudo o que se plantar na intimidade, nascerá igualmente por fora, para a sua convivência na vida.

Podemos afirmar que a melhor mediunidade que conhecemos é ser instrumento do amor de Jesus, aquele amor que não exige, que não violenta, que não troca, que não envaidece, que não é orgulhoso, que não serve de instrumento para o egoísmo, que não fere, que não entristece, é o amor puro na pureza que a verdade serve, é o amor que expressa o caminho, a verdade e a vida.

Cada criatura traz todos os fundamentos das qualidades espirituais doadas por Deus. O dever maior dos espíritos é trabalhar sob a orientação de Jesus para despertá-las, fazendo a sua parte. A mediunidade é um dos inumeráveis dons que deverão chegar, alinhando-se na personalidade como sendo a presença de Deus no coração da alma. Em "O Evangelho Segundo o Espiritismo", Kardec nos diz como muita sabedoria que "*Fora da caridade não há*

salvação”, e cada dom que nos ajuda a despertar Deus em nós é caridade que fazemos a nós mesmos, no sentido de que outras virtudes e outros dons despertem em nós, ascendendo-se para a grandeza da vida.

Nos espíritos encarnados ou não, essas qualidades existem em graus diferentes; em uns mais, em outros menos, procurando todas entabular vida na alma, que a Divindade mostra onde quer que seja, na sublimação da sua personalidade.

O dever dos guias espirituais é mostrar o fim útil do desenvolvimento mediúnico daqueles que possuem esse dom aflorado; entretanto a própria pessoa é que deve entender e dar os primeiros passos para a sua harmonia, lembrando-se sempre de Jesus e copiando a Sua vida. A base para o exercício mediúnico é a que o Evangelho nos ensina: Dar de graça o que de graça recebeu.

Muitos médiuns fecham os olhos, para não compreenderem essa máxima iluminada. *O dom mediúnico não pode ser comercializado de forma alguma.* Ele é Jesus Cristo de novo na Terra, estendendo as Suas mãos generosas e santas para abençoar a todas as criaturas que sofrem com e por amor. Todo homem de bem, principalmente o médium, tem seu calvário para subir, os medianeiros não deverão sentir-se iludidos em glórias efêmeras; a casa deve ser levantada sobre a rocha, para que a ventania das ilusões, dos infortúnios, dos problemas, das decepções, das dores, dos sacrifícios, não venha, como tem acontecido, para desviá-los dos seus deveres e das suas promessas, feitas antes de receberem um corpo na Terra.

O que estamos presenciando é que, aos primeiros problemas, nasce o esmorecimento e o medo cobre todas as esperanças. É bom que leias e releias a história do Cristianismo, para que a possas entender, porque o médium descrito pelo codificador é o mesmo cristão em tarefa divina no século atual. Estamos em uma dinâmica de vida um pouco diferente de há dois mil anos, assegurados nos mesmos fundamentos do Evangelho do senhor, porque a Doutrina de Jesus usa o Espiritismo para se mostrar, mostrando o Mestre em todo o Seu esplendor e glória.

O médium verdadeiro, que deseja crescer para a luz, é, pois, o discípulo da verdade, devendo ser o guia para os que o cercam. A teoria é muito importante para a nossa vida, todavia, depois dela é indispensável que venha com toda a força a prática.

Queremos dizer a todos os médiuns que a primeira coisa que devem encontrar no seu despertar do mediunato, são inúmeros problemas, e que são inevitáveis. Eles é que os ajudam a aparar arestas e corrigir falhas inumeráveis, conscientizando-se de que ninguém na Terra é perfeito, a não ser Aquele que pisou no solo terreno, por misericórdia e amor de Deus: Jesus.

Se queres conseguir boas comunicações, se queres atrair para o teu convívio mediúnico espíritos iluminados, lembra-te da lei de atração, e para chamá-los não é preciso concentração estafante, nem gritos estentóricos nem longas orações: *a melhor prece para atrair os espíritos elevados é a tua vida moralizada, é o amor e a caridade para contigo e para com os outros.* Esta orientação, mesmo que tenha traços profundos sobre mediunidade, não se destina somente aos médiuns, mas aos espíritas, em geral, e mesmo para os que também não professam religião alguma, para compreenderem o valor da Doutrina dos

Espíritos e para que não venham a cair na tentação tão comum de combaterem o que desconhecem.

Mais uma vez dizemos que não estamos colocando um método infalível para ensinar aos homens a se comunicarem com os espíritos desencarnados. Os médiuns já nascem com tal dom à disposição dos espíritos encarregados das transmissões da palavra escrita e falada, firmando as bases para o grande dia em que as duas humanidades, se assim podemos dizer, se entrosarão em um só mutirão de luz, entendendo e fazendo viver o amor, na inspiração de Deus, pela presença de Jesus.

Mediunidade não é passatempo, nem brincadeira de criança; é instrumento sério, onde a verdade se manifesta para a paz de toda a humanidade. Deus entregou aos homens o que podem fazer, para que conheçam a vida que continua e se alegrem, fartando o coração de esperança, por saberem que ninguém morre. Chegou o tempo de voltarem os chamados mortos para falarem aos chamados vivos, dizendo o que os espera.

O dever maior dos homens é fazer a sua parte, e mesmo assim os espíritos benevolentes estão lado a lado, ajudando-os a compreender suas tarefas. A mediunidade não é divertimento, mas força educadora; não frivolidade para as criaturas, mas possibilidades grandiosas de educação, motivando todos os seres humanos a respeitarem todos os reinos da natureza, para que o respeito alcance os seus próprios semelhantes.

Amar a Deus em todas as coisas é transformar os dez mandamentos em apenas um, que a tudo ilumina, como reflexo do próprio Deus de amor. Todas as pessoas levianas que chegam ao Espiritismo com falsas idéias sobre a mediunidade, acabam se afastando mais depressa do que pensavam, por não encontrarem na Doutrina atendimento aos interesses pessoais. A marcha da Doutrina Espírita é a marcha da luz e ninguém a impedirá de iluminar todos os povos, porque ela é Jesus voltando para concretizar a Sua grande obra de salvação da humanidade, salvação que não deve ser entendida na concepção humana, mas aparecendo como o Cristo interno, a induzir todos os seres a despertarem seus valores espirituais pelo amor, pela caridade e pelo perdão, de modo a acordarem todos os valores que existem em estado de sono, para a glória da vida.

A má impressão que têm os novatos no Espiritismo é pelos problemas que surgem nos seus caminhos. Certamente que surgirão, porque quando eles se esforçam para melhorar, aparecem as rejeições íntimas, que devem ser encaradas com energia, e mesmo com alegria, por mostrar que estão no caminho.

A vida de Jesus nos mostra o que deveremos passar para sermos unos com Deus. As críticas a nós deverão surgir, assim como as ofensas, as injúrias, as calúnias, os falsos testemunhos, o escárnio... Até os amigos poderão fugir. Isso aconteceu com o Divino Mestre para nos dar exemplos de firmeza. Se estivermos com Deus e Cristo no coração, tudo passa; amemo-los em todas as dimensões de vida, que a vida nos responderá com a sua força, para vivermos somente no bem.

Dentro de ti há tudo de que precisas para a tua felicidade. O Espiritismo codificado pelo insigne instrutor Allan Kardec esta lado a lado com o progresso. É, pois, uma doutrina progressista, que vem pela mediunidade esclarecida, apresentando inovações que se desdobram pela sua base de luz, pelos canais sublimados de Nosso Senhor Jesus Cristo.

Os livros sérios têm uma função grandiosa na educação dos médiuns. Os dirigentes das organizações espíritas devem se empenhar na educação dos medianeiros, na instrução dos tais, pois, para que saturar uma comunidade com médiuns ignorantes das verdades espirituais? Esses já existem em número elevado por toda a parte e em todas as religiões.

Os centros espíritas não devem induzir o novato ao desenvolvimento mediúnico, logo que chega à casa, mas incentivá-lo a despertar seus sentimentos e indicar meios de aprimorar suas qualidades virtuosas, pelo trabalho no bem comum, de onde nasce o amor, aflorando os dons latentes no coração da sua vida.

Seja quem for o candidato, analfabeto ou intelectual, ele deve ler *primeiramente* “O Livro dos Espíritos”, como base para sua compreensão. Se pensar que não o está entendendo, engana-se, porque nele estão todas as leis naturais que todos conhecem pela genealogia de vida. A parte prática da mediunidade deve ser a última a ser apresentada ao companheiro, por já ter responsabilidade para com seus deveres espirituais e saber usar seus dons aflorados para o bem da humanidade.

“A caridade é um sol que aquece as almas, e quem lhe serve de instrumento se ilumina com mais intensidade. Queremos falar da caridade do livro, na função coletiva; o livro espírita é uma das modalidades do amor. Quantas vezes observamos a melhoria dos homens, quando se apossam do livro nobre! O livro cristão é um toque de luz no coração, que se abre em flores para beijar o sol da verdade”.

A nossa alegria ultrapassa o normal, ao vermos a circulação de um livro que realmente leva a mensagem do Cristo. Se o Brasil tem a forma geográfica do coração, vamos cobri-lo de perfumes que vertem dos conceitos de Nosso Senhor Jesus. Quando um livro fala do Grande Mestre da Galiléia, sentimos a vida pulsar na intimidade dos sentimentos, e o nosso dever é dar as mãos aos companheiros que trabalham na disseminação da Boa Nova na pátria do Cruzeiro. A caridade do livro é muito interessante para todos nós; ela é silenciosa, mas ativa; é branda, mas sincera; é amorosa, mas enérgica. Ela respeita as trevas, mas é luz.

Renunciamos a qualquer glória que nos possa ser ofertada por sentir uma satisfação maior em andar com os homens. Revestimo-nos de todas as características do corpo físico, para descermos mesmo aos antros dos sofredores e fazê-los sentir que existe Deus, e que Jesus se encontra junto dos que padecem, por não ser médico dos sãos.

Estamos empenhados em despertar o interesse dos médiuns para a leitura e para o saber, porque **mediunidade sem preparo é ferramenta estragada que somente traz preocupação ao servidor.**

Estamos já distantes do advento do Espiritismo, e essa distância marcou o tempo para os medianeiros se instruírem. Quem ainda não o fez, não foi por falta de livros, pois eles fazem cair chuvas de luz em todo o mundo, principalmente nesta nação abençoada pela expansão do Espiritismo. A bandeira de Jesus se encontra desfraldada nos céus da Terra, como que dizendo: “*Estou voltando pra vos buscar*”, buscar para o entendimento, pelo preparo de dois mil anos, onde a luz fecundante se fixou na consciência em maturidade.

Vivi há pouco no mundo em que habitas, e sei das dificuldades a remover para se alcançar a estabilidade da paz. *A espiritualidade superior não*

pede a violência de uma transformação imediata, mas que a seqüência em busca da melhoria não pare. Enquanto certos homens esmorecem com simples acontecimentos, nós renovamos a nossa fé, pelo muito que já foi feito. O Cristo desce para os corações, atendendo a sua promessa das bem-aventuranças.

Lê de novo o tesouro do Evangelho, que sentirás uma luz de esperança invadir teu mundo interno, e o Mestre se fará presente para sempre.

A mediunidade é um dom, que mesmo tomando variados nomes, de acordo com as variadas crenças, no fundo tem a mesma função divina de mostrar que existe algo divino que não morre e que somos eternos, dentro da eternidade de Deus. Todas as religiões, filosofias, e mesmo a ciência, logo se darão as mãos em um só objetivo, aquele que une os corações no amor e em que a fraternidade cósmica abraçará toda a humanidade, todos os mundos.

Queremos dizer aos trabalhadores do Evangelho que avancem sem parar, que trabalhem sempre, no campo da sua intimidade, *compreendendo que a caridade maior é aquela que promove a nossa libertação da ignorância. Para ser útil aos outros, em primeiro lugar a ação cristã deve alcançar nossos sentimentos.* Não pensem os humanos que estamos distantes deles; a nossa presença se registra lado a lado de todos os que desejam edificar, mostrando que Jesus é o caminho, a verdade e a vida.” (**Bezerra de Menezes**)

O Consolador Prometido

“Se me amais, guardai os meus mandamentos. E eu rogarei ao Pai, e Ele vos dará outro consolador, para que fique eternamente convosco, o Espírito de Verdade, a quem o mundo não pode receber, porque não o vê, nem o conhece. Mas vós o conhecereis, porque ele ficará convosco e estará em vós. Mas o consolador, que é o Espírito Santo, a quem o Pai enviará em meu nome, vos ensinará todas as coisas, e vos fará lembrar de tudo o que vos tenho dito”.(João, XVI:15-17 e 26).

Jesus promete outro consolador: é o Espírito de Verdade, que o mundo ainda não conhece, pois que não está suficientemente maduro para compreendê-lo, e que o Pai enviará para ensinar todas as coisas e para fazer lembrar o que o Cristo disse. Se, pois, o Espírito de Verdade deve vir mais tarde, ensinar todas as coisas, é que o Cristo não pôde dizer tudo. Se ele vem fazer lembrar o que o Cristo disse, é que o seu ensino foi esquecido ou mal compreendido.

O Espiritismo vem, no tempo assinalado, cumprir a promessa do Cristo: o Espírito de Verdade preside ao seu estabelecimento. Ele chama os homens à observância da lei; ensina todas as coisas, fazendo compreender o que o Cristo só disse em parábolas. O Cristo disse: “Que ouçam os que têm ouvidos para ouvir”. O Espiritismo vem abrir os olhos e os ouvidos, porque ele fala sem figuras e alegorias. Levanta o véu propositadamente lançado sobre certos mistérios, e vêm, por fim, trazer uma suprema consolação aos desencarnados da Terra e a todos os que sofrem, ao dar uma causa justa e um objetivo útil a todas as dores.

Disse o Cristo: “Bem aventurados os aflitos, porque eles serão consolados”. Mas como se pode ser feliz por sofrer, se não se sabe por que se sofre?

O Espiritismo revela que a causa está nas existências anteriores e na própria destinação da Terra, onde o homem expia o seu passado. Revela também o objetivo, mostrando que os sofrimentos são como crises salutares que levam à cura, são a purificação que assegura a felicidade nas existências futuras. O homem compreende que mereceu sofrer, e acha justo o sofrimento. Sabe que esse sofrimento auxilia o seu adiantamento, e o aceita sem queixas, como o trabalhador aceita o serviço que lhe assegura o salário. O Espiritismo lhe dá uma fé inabalável no futuro, e a dúvida pungente não tem mais lugar na sua alma. Fazendo-o ver as coisas do alto, a importância das vicissitudes terrenas se perde no vasto e esplêndido horizonte que ele abarca, e a perspectiva da felicidade que o espera lhe dá a paciência, a resignação e a coragem, para ir até o fim do caminho.

Assim realiza o Espiritismo o que Jesus disse do consolador prometido: conhecimento das coisas, que faz o homem saber de onde vem, para onde vai e por que está na Terra, lembrança dos verdadeiros princípios da lei de Deus, e consolação pela fé e pela esperança.

O Espiritismo não tem o caráter isolado de uma filosofia, de uma ciência ou de uma religião, porque é, ao mesmo tempo, religião, filosofia e ciência. É simultaneamente revelação divina e obra de cooperação dos espíritos humanos desencarnados e encarnados. Tem a característica singular de ser impessoal, complementar e progressivo; primeiro, por não ser fruto da revelação de um só espírito, nem o trabalho de um só homem; segundo, por ser a complementação natural, expressa e lógica das duas primeiras Grandes Revelações Divinas, a de Moisés e a do Cristo; terceiro, porque, como bem disse Kardec, ele jamais dirá a última palavra. É ciência, porque investiga, experimenta, comprova, sistematiza e conceitua leis, fatos, forças e fenômenos da vida, da natureza, dos pensamentos e dos sentimentos humanos. É filosofia, porque cogita, induz e deduz idéias e fatos lógicos sobre as causas primeiras e seus efeitos naturais; generaliza e sintetiza, reflete, aprofunda e explica; estuda, discerne e define motivos e conseqüências, “comos” e “porquês” de fenômenos relativos à vida e à morte. É religião, porque de suas constatações científicas e de suas conclusões filosóficas resulta o reconhecimento humano da Paternidade da Criação, estabelecendo, desse modo, o culto natural do amor a Deus e ao próximo.

Somente sendo assim como é, poderia o Espiritismo realizar a sua grande missão de transformar a Terra, de mundo de sofrimento, de provas e expiações, em orbe regenerado e pacífico, a caminho de mais altas expressões de glória cósmica. Essa missão de transformar o mundo, o Espiritismo cumprirá; não com palavrório inconstante, nem com tricas políticas ou com ações de força bélica, mas fazendo a Humanidade enxergar e entender a evidência das grandes leis e dos grandes fatos da vida, a imortalidade do Espírito, a justiça indefectível, o imperativo do amor.

Infinitamente superior a todas as ciências limitadas, dispensa laboratórios sofisticados, aparelhagens caras e rígidos métodos empíricos. Imensamente mais eficaz do que todas as demais filosofias conhecidas, não se perde em devaneios da inteligência, nem se limita exclusivamente a fenômenos materialmente verificáveis ou deduzíveis por meio de insuficientes raciocínios de lógica matemática. Incomparavelmente mais racional e eficiente do que qualquer outra religião dispensa sacerdócio, altares, rituais e dogmatismos, porque atua

diretamente sobre o entendimento e o coração de cada pessoa, fala à alma de cada indivíduo e assenta o seu império na mente de cada ser.

Por isso, o Espiritismo não necessita de exterioridades para empreender a reforma do mundo, porque isso ele realizará através de cada pessoa, de cada grupo de pessoas, de cada sociedade, de cada comunidade humana. Como a Doutrina Espírita tem a natureza de uma revelação progressiva e incessante, sua influência será cada vez mais específica e mais ampla, em todos os setores da atividade humana, inspirando novos rumos e novas motivações, suscitando novos pensamentos criativos e promovendo o progresso.

Através da literatura, da música, das artes plásticas, do cinema, do rádio, do teatro, da televisão, as idéias espíritas realizarão um trabalho educacional de altíssimo rendimento, semeando pensamentos mais altos e enobrecendo sentimentos.

No campo da medicina, o Espiritismo está destinado a ajudar a Ciência a descobrir e entender que, sendo o ser humano um complexo mento-físico-perispiritico, participa da natureza de três mundos distintos, que, todavia, se interpenetram e interagem: o mundo espiritual, o mundo físico e o mundo paramaterial ou para-físico. Em consequência dessa conscientização, compreender-se-á que esses três mundos, ou planos de vida, estão sujeitos, cada qual, a leis e condições evolutivas específicas, tudo neles se encontrando, desde as expressões mais rudes, até as mais sublimadas. Desse modo, ser-nos-á lícito falar, usando, embora, terminologia ainda inadequada, em fauna e flora mentais e em fauna e flora para-físicas, do mesmo modo que nos acostumamos a falar da fauna e da flora de nosso mundo material, que chamamos físico. Assim também poderemos falar de fluidos paramateriais e de eletromagnetismo transcendente, e também de doenças espirituais de consequências físicas, de doenças físicas de consequências espirituais e de doenças do perispírito, abrindo campo imenso para uma nova medicina, infinitamente maior e mais complexa, destinada a atender ao ser humano de uma maneira integral. No futuro, além da homeopatia, da alopatia, da acupuntura e das aplicações radiológicas, da hipnoterapia e de tantos outros métodos de tratamento já em voga, teremos a mentoterapia espírita e uma magnetoterapia de amplas possibilidades.

Na medicina psiquiátrica, o Espiritismo está fadado a introduzir profunda inovação de conceitos e de métodos, a partir da aceitação científica da ascendência do espírito sobre os cérebros perispiritual e físico e sobre todo o cosmo orgânico de cada ser humano. Isso, e mais o conhecimento objetivo dos processos obsessórios e dos desequilíbrios de natureza mediúnica, darão novas dimensões de entendimento e grandeza à Psiquiatria, induzindo-a a estudar as repercussões mútuas das lesões físicas, espirituais e perispirituais, para reformular todas as suas técnicas de diagnóstico e de tratamento e assim alcançar resultados mais positivos e mais consentâneos com o progresso.

Nas áreas da Psicologia e da Psicanálise, o Espiritismo introduzirá modificações fundamentais de conceituação e tratamento dos problemas clínicos, começando pela consideração dos ascendentes espirituais e cármicos determinantes de cada situação individual e grupal. Com efeito, como se entender e tratar-se convenientemente inibições graves sem causa aparente e fobias inatas, inexplicáveis mesmo à luz da hereditariedade, senão através de vivências pretéritas, em passadas encarnações? Por falar nisso, até onde essas transatas

vivências são responsáveis por difíceis quadros clínicos no campo da Pediatria? E ainda aí, quem seria capaz de medir, por agora, o valor da contribuição espírita para numerosas soluções, teóricas e práticas, ainda não encontradas para dirimir sérios desafios no âmbito da Pedagogia? Doenças de natureza cármica, afecções provenientes de choques reencarnatórios e diferenças físico-intelecto-morais de ordem evolutiva, são coisas que a Ciência oficial por enquanto desconhece, mas que, em porvir não mais remoto, há de incorporar ao rol dos seus saberes.

Por outro lado, o desenvolvimento dos poderes mediúnicos da telepatia poderá revolucionar a Lingüística e conduzir à adoção prática e fácil de uma universalização da linguagem, através da aprendizagem subliminar do Esperanto. A pesquisa científica por processos mnemônicos de índole sonambúlica lançará luzes novas e imorredouras nos domínios da Sociologia, da Arqueologia, da Geologia e da História. O desenvolvimento aprimorado de dons medianímicos de percepção extrafísica desvenderá, por meio da Astronáutica, intrigantes mistérios, e descobrirá novos mundos onde os mais modernos radiotelescópios nada acusam, ampliando, assim, e de maneira considerável, os horizontes da Astronomia.

A profunda e substancial ampliação que o Espiritismo provoca em todas as conceituações de medidas e propriedades das grandezas levarão fatalmente a tão surpreendentes avanços nos raciocínios lógicos e nas formulações matemáticas, que o efeito disso obrigará à completa reavaliação dos postulados da Lógica e, conseqüentemente, a uma total renovação dos processos racionais da Filosofia, das ciências mecânicas, dos cálculos de probabilidade e das artes de representação.

A revelação da existência de mundos parafísicos e transcendentais, por enquanto ignorados pela Ciência, e das leis que regem a sua interpenetração, levará a Física a níveis infinitamente mais elevados de cogitações e de grandeza, no mesmo passo em que armará a química para novas descobertas no campo da ação, da composição e da dissociação das substâncias.

No terreno da filosofia religiosa, a obra libertadora do Espiritismo já é mais do que evidente. Reconceituou as antigas noções de céu, inferno, purgatório e limbo; de anjos e demônios; de bem e de mal; de ressurreição e de penitência; de amor e de trabalho; de riqueza e de cultura; de beleza e de progresso; de liberdade e de justiça. Aos desvalidos e aos doentes, aos solitários e aos tristes, aos pobres e aos perseguidos, aos injustiçados e aos aflitos, a todos renovou as esperanças num Pai Justo e Bom, num futuro sem fim. Numa bem-aventurança eterna e sem limites, mas merecida e conquistada no dever bem cumprido, no trabalho bem feito, na paz da consciência limpa e na fraternidade operosa e desprendida.

Esta é, por sinal, a face mais bela da missão do Espiritismo: consolar, enxugar lágrimas, semear as flores divinas da esperança. Por isso, o próprio Cristo, que o prometeu e o enviou, chamou-o Consolador. Ele realmente anima e conforta, ajuda e retempera. Traz-nos de volta, redivivos, os nossos mortos queridos; mantém acesos os nossos ideais, mesmo quando as nossas condições atuais de existência não nos permitem realizá-los de pronto. Revela-nos afetos antigos, de inestimável valor, dos quais nos esquecêramos no tempo.

Foi por essa razão que o Espiritismo nasceu visceralmente ligado ao Evangelho de Jesus, do qual não se pode nunca separar. Se não fosse

apostolicamente cristã, a Doutrina Espírita careceria de sentido, fonte única de verdadeira felicidade.

Com muito empenho, muita humildade e muita ênfase, advertimos a todos os irmãos em humanidade que jamais se utilizem do Espiritismo para qualquer fim menos nobre; que não se valham dele para a maldade ou para crime, e nem mesmo para a simples satisfação estéril de tolas vaidades pessoais. Saibam todos que é imensamente perigoso abusar dele, porque usar a mediunidade para o mal é abrir sobre a própria cabeça as portas do inferno.

O Espiritismo é a mais poderosa das ciências, porque lida com forças vivas e integradas de dois planos da existência; dirigir inconscientemente essas forças integradas para o crime poderá ser genocídio, mas será necessariamente suicídio das mais desoladoras conseqüências.

A esse respeito, ninguém alegue ignorância, pois o próprio Mestre Divino a todos advertiu claramente, há dois mil anos, de que todo pecado e blasfêmia serão perdoados aos homens, mas a blasfêmia contra o espírito não será perdoada. Para os que fazem questão de conferir os textos sagrados, informamos que essa solene advertência está no versículo 31 do capítulo 12 das anotações de Mateus; mas, além disso, está gravada em letras de fogo inapagável, na consciência viva de cada um.

Bibliografia:

- O Evangelho Segundo Espiritismo – *Allan Kardec*
- O Livro dos Médiuns – *Allan Kardec*
- Universo e Vida – *Hernani T. Santana*
- Segurança Mediúnica – *João Nunes Maia (pelo espírito Miramez)*
- Filosofia da Mediunidade I – *João Nunes Maia (pelo espírito Miramez)*
- Médiuns e Mediunidades – *Divaldo P. Franco (pelo espírito Viana de Carvalho)*
- O Espírito da Verdade – *Chico Xavier-Waldo Vieira (espíritos diversos)*



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 03

A Casa Mental e a Mediunidade

Definição de Mente

Órgão perispiritual utilizado pelo espírito para suas relações com o meio exterior. Divide-se em três setores de ação:

- *Super consciente*: relações com o plano espiritual
- *Consciente*: atividades do momento
- *Sub-consciente*: arquivo de reminiscências, o setor mais movimentado e atuante no homem inferior.

O espírito na sua trajetória foi formando os organismos e os elementos de que carecia para evoluir.

A mente é a área perispiritual na qual o espírito lança suas idéias, pensamentos, ordens, decisões e impulsos do livre arbítrio e da vontade, e por ela recebe tudo quanto lhe vem do corpo físico e do mundo exterior pelos sentidos físicos. É a sede da consciência.

O corpo mental é o corpo mais sutil do perispírito e dele as informações provindas do espírito alcançam diretamente a mente. Assim como o perispírito preside a organização do corpo físico, o corpo mental preside a formação do perispírito.

Sob a orientação da mente, as células compõem os tecidos e os órgãos, que funcionam como um todo indivisível, com auxílio do sistema nervoso e dos hormônios.

A mente é o potencial de inteligência, vida e consciência do próprio espírito encarnado ou desencarnado.

Ela se manifesta através do diencéfalo e é delimitada pelo corpo mental. Sobrepõe-se ao cérebro no centro coronário onde vão ter os impulsos do espírito, estímulos, idéias, pensamentos, decisões e os recebe de volta.

Relação entre a Mente, o Cérebro e a Mediunidade

“ Os espíritos só têm a linguagem do pensamento, não dispõem da linguagem articulada, pelo que só há para eles uma língua.” (Allan Kardec)

O processo básico da comunicação seria o seguinte: o espírito transmite seu pensamento ao médium, ligeiramente desdobrado, este o processa, converte e o retransmite ao encarnado.

Se o espírito manifestante pudesse transmitir seu pensamento diretamente ao ser encarnado com o qual desejasse comunicar-se, não precisaria recorrer a nenhum intermediário e, por conseguinte, nem ao concurso da linguagem humana, utilizando-se diretamente da única linguagem de que dispõe, ou seja, a do pensamento. O problema é que ele não encontra, na grande maioria das pessoas encarnadas, as condições necessárias e suficientes para assim proceder.

Precisa valer-se de alguém que lhe sirva de intermediário e que possa captar o seu pensamento, convertendo-o em palavras escritas ou faladas inteligíveis à pessoa ou às pessoas às quais a mensagem se destina.

A comunicação mediúnica é a resultante de um entendimento telepático, entre o espírito manifestante e o médium, e deste para o destinatário, já convertido no sistema de linguagem articulada, isto é, palavra escrita ou falada.

Não é difícil, portanto, concluir que o ponto crítico da comunicação mediúnica está na conversão do pensamento alheio em linguagem articulada. O processo como um todo, por isso mesmo, está sujeito a algumas complicações significativas, que precisam ser levadas em conta a fim de que possam ser contornadas e superadas para termos uma comunicação confiável. O médium não apenas precisa interpretar corretamente o pensamento do espírito comunicante, como convertê-lo em palavras suas, adequadas e fiéis aos conceitos que recebe.

Se já existe dificuldade em traduzir uma língua ouvida em outra falada, mais será a de falar ou escrever sobre conceitos que não ouvimos nem lemos, mas recebemos por meio da linguagem articulada do pensamento.

Duas condições vitais são, portanto, exigidas do bom médium: sua capacidade de interpretação e a sua capacidade de conversão do pensamento em palavras, especialmente nos fenômenos de psicovidência.

“A capacidade de interpretar é, às vezes, mais valiosa do que a expressão literal do que é percebido na vidência, porque é principalmente pelo simbolismo que os espíritos alcançam nosso entendimento. Usualmente, uma forte impressão ou apreensão intuitiva ajuda o vidente na elaboração de suas descrições. Quando isso não ocorrer, mantenha o cérebro em estado de passividade, de modo calmo e firme, e mentalmente busque o sentido da visão”.

Podem observar que tais visões são de natureza diencefálica, ou seja, o espírito comunicante excita, pela força do seu pensamento, o núcleo cerebral que controla a visão, e não o sistema ocular propriamente dito. Por exemplo, alguns médiuns relatam que apesar de descreverem o espírito eles não os vêem, ou seja, não os contemplam como seres objetivos, diante de seus olhos físicos, mas os têm tão nítidos na mente que são capazes de descrevê-los com minúcias que positivamente os identificam.

O Poder da Mente para a Mediunidade

Comunicar é tornar comum, ou seja, difundir, divulgar, disseminar, transmitir idéias. Reduzido à sua expressão mais simples, o processo poderia ser figurado como um ponto de origem e outro de destinação de idéias, interligados por um sistema qualquer de transmissão. O jargão da moderna eletrônica encontrou a palavra certa para este sistema, chamando-o de canal. De fato, a comunicação flui através de um canal entre a fonte geradora e o seu destinatário.

Dois tipos de canais servem ao processo da comunicação mediúnica: os condutores, localizados no perispírito do médium, e os expressores, que se situam no seu cérebro físico, distribuídos estes últimos pelos diversos segmentos que comandam os sentidos, expressão corporal e facial, gesticulação, fala, habilidades manuais, como escrita, desenho e outras.

São, portanto, os canais condutores que funcionam como elementos de ligação entre o espírito do médium e seu corpo físico, veículos do pensamento gerado pela individualidade espiritual do próprio sensitivo e que também servem a pensamentos alheios.

No fenômeno anímico, que poderíamos comparar a um circuito interno, fechado sobre si mesmo, pensamentos emitidos pela unidade central da individualidade circulam pelos canais perispirituais e vão ao cérebro, onde estimulam os canais expressores que, por sua vez, irão expedir, ou não, os comandos à ação desejada no corpo físico.

Já no fenômeno mediúnico, o sistema é aberto; de um lado, os terminais receptores dos canais condutores colocados à disposição da entidade comunicante, do outro, os terminais do circuito expressor, que converte o conteúdo visual ou auditivo do pensamento.

Na realidade, quem cede os canais condutores é a individualidade espiritual do médium que interrompe, *não o seu pensamento*, mas a expressão deles que, em vez de circular rumo ao cérebro físico, é como que desviada como a corrente de água de um rio, a fim de deixar desocupado o leito para que águas de outra origem possam escoar por ali.

Isto nos proporciona uma visão mais clara da tão discutida concentração que, no fundo, consiste, não propriamente em esvaziar a mente, deixando de pensar, mas em redirecionar o pensamento, de forma a desobstruir o canal condutor a fim de cedê-lo, livre e desembaraçado, ao comunicante.

Quanto melhor for a capacidade do médium em promover essa desobstrução, maior será a facilidade do comunicante em expressar suas características pessoais. O que nos leva a considerar que a chamada passividade do médium é, de fato, uma aptidão em ceder seus canais condutores e expressores, submetendo-se aos comandos que emanam da entidade manifestante e não mais aos seus próprios. Podemos dizer isto de outra maneira: o único comando que a individualidade do médium expede ao seu próprio sistema de comunicação é o de que se ponha à disposição de outrem, obedecidos, obviamente, alguns limites bem definidos.

É como se alguém emprestasse temporariamente a sua casa a outra pessoa. Algumas situações básicas ocorrem:

1 – o inquilino poderá ser acolhido e conviver, harmoniosamente, e por algum tempo, com o proprietário dela, sem nada modificar no seu interior e com total respeito aos hábitos de seu hospedeiro;

2 – o proprietário pode se afastar, a maior ou menor distância, enquanto o novo morador se instala, abrindo para este, espaço e condições para que ele possa imprimir à casa que lhe foi cedida algumas de suas características pessoais, como nova disposição de móveis, quadros e objetos, novos arranjos decorativos e coisas semelhantes;

3 – o proprietário se retira, levando consigo móveis e objetos de uso pessoal, enquanto o inquilino traz seu próprio mobiliário e objetos, arranjando-os ao seu inteiro gosto pessoal e adaptando a moradia aos seus hábitos e preferências.

Em qualquer das situações esboçadas, o visitante que conheça bem o proprietário da casa será capaz de distinguir uma pessoa da outra, ou seja, o inquilino do proprietário, observando atentamente as características de um e de outro e comparando-as, num confronto de marcas pessoais, expressões típicas, opiniões habituais, formação ética e aspectos outros diferenciados.

É conveniente acrescentar que, por mais que o inquilino se caracterize e se identifique com as suas idiossincrasias e preferências, não há como alterar a casa em si mesma, isto é, suas estruturas de sustentação: paredes, teto, piso...

Esta imagem nos ajudará a compreender melhor a maneira pela qual se expressa a comunicação, que fica sempre na dependência do tipo de cessão que o proprietário fez, de sua casa ao inquilino temporário.

Em outras palavras: o estilo e o conteúdo da comunicação dependerão sempre das características pessoais do médium e do tipo de sua mediunidade, o que pode acarretar consideráveis variações entre extremos bastante afastados um do outro, como também depende do grau evolutivo da entidade comunicante, que pode se apresentar como um inquilino correto e educado ou desleixado e rude. Observemos mais de perto as situações:

1- Se o médium oferece condições para um desdobramento mais completo, como no sono fisiológico profundo, caso do morador que se retira com seus móveis e objetos de uso pessoal, o comunicante pode assumir, de tal maneira, o controle dos canais condutores que consegue impor aos canais expressores características pessoais bem marcadas, como mudança de voz, gesticulação, modismos, cacoetes, expressões típicas, opiniões e simbolismos de sua preferência;

2- Se o médium desdobra-se apenas parcialmente, sem desligar-se mais amplamente, e permanece junto ao corpo físico, caso do morador que se afasta, mas deixa seus móveis e utensílios, o comunicante encontra maior limitação e não consegue impor suas características pessoais, exceto umas poucas, dependendo do maior ou menor espaço que a individualidade espiritual do médium lhe tenha concedido;

3- Se o médium não se desdobra e apenas cede parcialmente seus canais condutores, o pensamento do comunicante se transmitirá junto com o do médium, em paralelo, interferindo um no outro;

4- Se o médium não se desdobra e permanece consciente, fisicamente, utilizando-se de seus canais condutores, não consegue cedê-los, nem parcialmente, ao comunicante, este permanece, junto ao médium, ou à distância, expressa seu pensamento, a individualidade espiritual do médium o capta e o manipula nos seus canais condutores, mas a comunicação perde suas características, passando a ser uma expressão do que o médium deseja transmitir e não necessariamente do que o comunicante lhe confia para ser transmitido.

Para melhor entendimento do que vimos expondo, faz-se necessária nítida distinção entre personalidade e individualidade: a **individualidade** é a soma das experiências vividas em todas as nossas existências na carne, enquanto a **personalidade** é manifestação do ser em cada uma dessas vidas.

Se, portanto, a entidade comunicante se acha bastante afastada de sua personalidade da vida física, perde muito das características que teve na Terra e passa a expressar-se mais na condição de individualidade. Em qualquer caso, o importante é que seu pensamento chegue, tanto quanto possível, tal como formulado e emitido, mesmo após ter passado pelos canais condutores do médium. No entanto, qualquer que seja o tipo de mediunidade, sempre se notará algo do médium no produto final, que é a comunicação. É o que se figurou, há pouco, com a imagem da casa que preserva suas estruturas e permanece no seu local com um mínimo de suas características intactas. A mensagem será sempre uma fala ou um texto que passou por aquela casa específica, e não, outra.

Por isso, há sempre uma inequívoca responsabilidade do médium na comunicação. Se for um proprietário zeloso, moralizado e esclarecido, a própria estrutura e ambiente de sua casa criarão certas inibições ao impulso temporário, impedindo que este modifique, a seu talante, as condições que lhe são oferecidas para se manifestar, da mesma forma que o indivíduo moralmente desajustado se sente algo intimidado ou tolhido em presença de alguém em quem reconhece superioridade moral, o comunicante inferiorizado percebe, no bom médium, uma barreira que ele não consegue vencer para se expressar desrespeitosamente, é a autoridade moral.

Fator vital, portanto, a uma boa comunicação, reside nas condições morais do médium. Por isso, é importante que ele esteja sempre vigilante, policiando seus atos e pensamentos, como alguém atento à limpeza e higiene de sua casa. É preciso ser zeloso mesmo quando está só, pois nunca sabe, o médium, a que horas poderá chegar um visitante ou em que momento amigos espirituais precisarão dele para um trabalho, ainda que de mera exemplificação ou participação, que ele pode até desconhecer conscientemente.

A consciência de sua responsabilidade pessoal é essencial ao médium. É certo que isto acarreta certas dificuldades em termos de vivência terrena, mas é condição mesma ao exercício de uma mediunidade confiável.

Vimos, há pouco, como é importante que o pensamento do comunicante chegue ao destinatário da comunicação na maior pureza possível. Médiuns orgulhosos, vaidosos e preconceituosos sempre relutam em ceder seus canais e neles conceder suficiente espaço e liberdade ao comunicante.

Em comunicações nas quais o médium tenha algum interesse pessoal, consciente ou inconsciente, como o de agradar ou desagradar ao destinatário, o conteúdo da comunicação pode sofrer distorções, semelhantes às interferências e à estática, em ondas de rádio e tv.

Medo, orgulho, vaidade e lisonja formam bloqueios e criam obstruções e interferências, não nos canais expressores, mas nos condutores, situados no perispírito, como vimos, sob o comando da individualidade espiritual do médium. Isso quer dizer que interferências modificadoras ou deformantes no conteúdo das comunicações ocorrem numa fase em que elas ainda não se expressaram, encontrando-se a caminho nos canais condutores.

Como sempre, estas observações suscitam novos aspectos que, obviamente, surgem sob forma de perguntas, em nossa mente. Esta, por exemplo: o comunicante usa sua própria linguagem, ou a do médium?

O comunicante não usa a sua nem a linguagem do médium, mas o seu pensamento. Este é que é vestido com o vocabulário com o qual está programado o canal de expressão do médium. É o cérebro que, recebido o pensamento gerado pelo comunicante, incumbem-se de comandar os instrumentos necessários à fala ou à escrita.

Como, então, funciona o fenômeno da xenoglossia, segundo o qual o comunicante parece falar a sua própria língua e não a do médium?

O processo continua sendo o mesmo: a entidade comunicante emite seu pensamento e o envia através dos canais condutores do médium, nos quais pode encontrar matrizes de línguas que o médium tenha falado em outras existências. Isso, contudo, não é indispensável, dado que os elementos básicos que integram o mecanismo da conversão do pensamento puro em palavras estão programados em todos nós. *Como o alfabeto que, na condição de um conjunto de símbolos gráficos, é o mesmo, qualquer que seja a língua que utilize tal sistema.* A linguagem é apenas um processo de arrumação de uns tantos símbolos básicos e comuns a várias línguas. Palavras diferentes descrevem, por exemplo, os mesmos objetos pelo mundo afora. Ou, para usar outra imagem, com as mesmas sete notas fundamentais e seus recursos auxiliares, é possível escrever qualquer melodia, sem recorrer a palavras. Qualquer que seja a língua que fale o compositor ou o virtuoso que a toca, as notas têm sempre o mesmo valor e tonalidade, podendo ser arrumadas e rearrumadas para expressar diferentes pensamentos musicais em diferentes peças, montadas todas com as mesmas sete notas básicas.

Convém enfatizar que não é no cérebro físico que ficam gravadas lembranças de línguas faladas em outras encarnações do médium; o cérebro somente registra o que se aprende durante a existência do corpo físico a que pertence. A linguagem que ali está, com as suas estruturas arquivadas é, como a de um computador, composta de símbolos sonoros e gráficos, cada um com o seu valor próprio. Mas, não é aí que ocorre o processo mesmo da elaboração do pensamento, que vem do espírito, ou seja, da individualidade, através do perispírito pelos canais condutores, por meio dos quais alcança os expressores.

Importante papel cabe, portanto, ao sistema constituído pelos canais expressores, que operam em dois sentidos, de vez que, não apenas recebem, convertem e transmitem comandos vindos do espírito, via perispírito, como recolhem estímulos e impulsos vindos do exterior, pela instrumentação dos sentidos físicos, e que são retransmitidos ao espírito, sempre via perispírito.

O cérebro físico, portanto, funciona basicamente como instrumento da personalidade encarnada, programado com as estruturas de sua linguagem materna, seus hábitos, seus automatismos, suas preferências por este ou aquele tipo de alimento, vestimenta, moradia, etc. isso, porém, não o situa como unidade autônoma, livre dos controles e interferências da individualidade. O mecanismo da intuição é um exemplo ilustrativo dessa dicotomia. *Uma idéia ou pensamento intuitivo tanto pode vir*

das profundezas da própria individualidade encarnada, como da mente de outra entidade espiritual.

Daí porque o conteúdo da intuição parece transcender a capacidade ou o conhecimento da personalidade, o que de fato ocorre, dado que provém de fontes geradoras mais amplas, às quais a personalidade não tem habitualmente acesso fácil.

A Mente como Base de Todos os Fenômenos

Há três etapas distintas na comunicação mediúnic:

- 1ª. – transmissão do pensamento manifestante para o médium;
- 2ª. – recepção desse pensamento e processamento dessa informação na unidade central sensorial do médium, que a converte em imagem, som ou palavra;
- 3ª. – quando o médium emite para o destinatário não mais um pensamento, mas a palavra, escrita ou falada, com a qual procura descrever a imagem ou o som recebido do espírito sob forma de pensamento puro.

O que passa pela mente do médium não é exatamente o que o espírito pensa, não são as memórias que se fundem uma na outra, mas os impulsos do comunicante, para que ele possa ter à sua disposição os comandos psicomotores de que necessita para movimentar os centros adequados no corpo do médium. A entidade desencarnada não manipula, à sua vontade e arbítrio, a memória do médium, que tem a sua inviolabilidade preservada. Ela não coloca ou retira nada de lá. E nem o médium pode invadir ou interferir na mente da entidade que, por seu intermédio, se comunica. Tanto que não lhe é dado conhecer o que o comunicante vai dizer ou fazer a seguir. Isto demonstra que o médium na está participando do processo de elaboração da comunicação, apenas cede o seu instrumento para que ela se veicule.

Em suma, as memórias individuais permanecem autônomas em ambas as entidades: médium e espírito comunicante. Se falta ao manifestante a palavra ou expressão adequada, ele precisa buscá-la no dicionário verbal do médium, mesmo aí, contudo, parece haver uma conduta subliminar entre ambos, sem que um invada a memória alheia. Parece haver um confronto mental no campo do pensamento puro e o que o espírito do médium traduz na expressão que ele usaria para se fazer entendido pelos destinatários da comunicação.

São diferentes, portanto, os circuitos utilizados. É como se, num sofisticado equipamento de som e imagem, fosse cedido apenas o acesso aos dispositivos de comando do toca-discos, por exemplo, e não os circuitos eletrônicos da parte nobre do sistema, por onde circula o material gravado nos cassetes da memória de seu proprietário. Em outras palavras: o manifestante pode tocar o seu disco, mas não tem acesso às gravações que fluem pelos circuitos privativos destinados aos cassetes da memória do médium. Ele movimentar o toca-discos alheio, emprestado, mas utilizando-se de seu próprio sistema interno, também privativo.

Se, por acaso, surge a necessidade de obter uma palavra ou imagem típica, para expressar certos matizes de pensamento, o manifestante faz a consulta como quem opera o terminal de um computador que tenha acesso à memória do seu

instrumento mediúnico, mas não pode simplesmente ir lá remexê-la, em busca da desejada expressão.

Esse fenômeno da autonomia das memórias parece bem evidenciado ainda nos casos de múltipla personalidade ou condomínio espiritual. Cada um que toma posse do corpo, provoca um desligamento dos circuitos do dono do corpo, ligando a sua própria tomada para ativar seus circuitos pessoais. Horas, dias ou anos depois, ao retirar-se, pode deixar seqüelas físicas e até algumas vagas imagens mentais, mas não a lembrança do que disse ou fez enquanto esteve na posse do corpo alheio, pois a instrumentação da memória veio com o invasor e com ele se vai. Basta conferir essa realidade como os vários casos hoje documentados como, para citar apenas um, o de Hawthorth, no livro *The Five of me*, que teve os seus circuitos desligados aos três anos de idade, foi ocupado por quatro entidades diferentes durante quarenta e três anos, e só retomou a posse do seu sistema aos quarenta e seis anos de idade, sem lembrança do que ocorreu nesse ínterim. Fica por responder uma pergunta: onde esteve ele durante todo esse tempo e o que fez? Lamentavelmente, os pesquisadores que cuidam de tais casos não têm a mínima noção da realidade espiritual e, por isto, tantas oportunidades preciosas de estudo são desperdiçadas. É provável que o espírito dono do corpo fique hipnotizado, em estado de torpor, ou que, embora vivendo em paralelo, desligado de seu próprio corpo, ao voltar, de nada se lembre, precisamente porque operou a sua memória perispiritual, nada registrando nos cassetes celulares do cérebro físico. É natural, portanto, que nada encontre ali para orientá-lo, da mesma forma que ocorre ao espírito reencarnado que, na imensa maioria dos casos, esquece totalmente não apenas a existência anterior como o período vivido no espaço entre uma existência e outra.

Enfim, são enigmas da memória que ainda persistem porque persiste a arrogante postura da ciência que se obstina em ignorar a realidade espiritual. Um dia, com menos orgulho e mais humildade intelectual, tais enigmas serão todos decifrados.

Mente Disciplinada e a Pureza Mental

A pureza mental baseia-se na valência moral que o Evangelho propõe de forma universal, sob a regência de Deus. A ciência espiritual de todos os tempos procura educar a alma no que tange à vida que leva na Terra, mostrando, por todos os meios disponíveis, caminhos dignos por excelência. Porém, foi depois do Cristo que as portas de maior entendimento se abriram e a humanidade foi agraciada por torrentes de luz. Foi o maior acervo de qualidades doutrinárias até então surgidas no mundo, por graça de Deus.

A iniciação antiga era para poucos escolhidos e, dentre eles, alguns eram chamados para o ministério do mestrado. Jesus abriu as portas de todos os templos da sabedoria espiritual, pregando na casa da natureza sem as peias das exigências, para quem quisesse ouvir ou tivesse olhos para ver. Eis que chegou a hora de ser colocada a luz em cima da mesa, para que todos sejam clareados por misericórdia do Criador.

Pureza mental é um dos temas do Cristianismo, sem que o cristão se sinta pressionado pelos agentes do Senhor, e resolva, por si mesmo, a reforma interna e externa dos seus hábitos exagerados e vícios perniciosos. Quando conseguirmos um campo mental sem mácula, através do tempo, configurado com o esforço próprio e

coletivo, estaremos dando os primeiros passos nos céus do Cristo. A candidez da mente condiciona a vida para o amor, enriquece as boas maneiras e amplia o valor moral em todas as linhas da vida.

A área da mente é como um lago, e os pensamentos são os habitantes das águas. Existem viventes que purificam o ambiente em que vivem e outros, de natureza inferior, que turvam a atmosfera de que participam. O bom senso cristão nos convida e favorece estímulos para educarmos nossos impulsos e corrigir as idéias incompatíveis com o amor. Cada um de nós tem uma atmosfera, na qual respiramos as vinte e quatro horas do dia e esta pode ser poluída ou pura, de acordo com o estado mental do indivíduo. Pode ser rica de oxigênio ou envenenada de gás carbônico. Pode ser garantida pela vitalidade solar, ou empestada por raios, que vagabundeiam no cosmos. E ainda, o nitrogênio pode ser atraído pela mente equilibrada, entregando-o aos centros de força responsáveis pela redistribuição da química orgânica.

Tudo o que o Mestre Jesus ensinou, a ciência espiritual aprova, dando explicações lógicas e cabíveis orientações. Quem começa a atender ao apelo do Evangelho, harmoniza sua mente com a mente Divina, faz vibrar as notas mentais com orquestração cósmica. E assim, a serenidade desponta como sol na consciência, dando ensejo a outras tantas melodias, que fazem a alma viver na plenitude do amor e da alegria.

O sistema do energismo mental cria condições para a própria vida e alimenta vidas sem conta. Computa as tuas forças com a misericórdia de Deus, trabalha na tua recuperação dentro da recuperação coletiva, e não deixes o desânimo te abater, pois tudo o que fizeres em teu favor ficará escrito no livro da vida, para que algum dia recebas de conformidade com o teu esforço.

Nunca digas que isso ou aquilo é impossível. Em muitos casos, nós mesmos é que criamos dificuldades nos caminhos que percorremos. Se porventura algum companheiro, pela presença ou pela palavra, quiser turvar a tua mente com assuntos indesejados, usa os recursos que já aprendestes na escola espiritualista e procura influenciá-lo com o melhor. Pode ser um doente que, inconscientemente, procura alívio.

Lembra-te da clareza mental e sempre, ao pronunciares as palavras, deixa que elas saiam dos teus lábios carregadas de magnetismo sadio. Ao escreveres, faze o mesmo. Para a concatenação das idéias, não existe outro caminho aconselhado. E, nesse ingente esforço, o esforço de Deus está sempre presente e a vitória pertencerá àquele que trabalhou.

Bibliografia:

Desenvolvimento Mediúnico – *Edgar Armond*
Diversidade dos Carismas II – *Hermínio Miranda*
Horizontes da Mente – *João Nunes Maia (pelo espírito Miramez)*
Psiquismo e Cromoterapia – *Edgard Armond*



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA MEDIUNIDADE

Aula 04

Pensamento, Sintonia e Mediunidade

Conceito de Sintonia

É a harmonização dos pensamentos dos integrantes do grupo direcionados a um objetivo comum de ideal elevado formando assim uma corrente vibratória.

Corrente Vibratória

Chama-se corrente vibratória ao conjunto de forças magnéticas que se forma em dado local, quando pessoas de pensamentos e objetivos idênticos se reúnem e vibram em comum visando a sua realização.

Nessa corrente, além de conjugação de forças mentais, estabelece-se o contato entre as auras, casam-se os fluídos, harmonizam-se as vibrações individuais, ligam-se entre si os elementos psíquicos e forma-se uma estrutura espiritual da qual cada componente é um elo vivo, vibrante, operante, integralizador do conjunto. Um pensamento ou sentimento discordante individual afeta toda a estrutura, dissocia-se, desagrega-se e prejudica o trabalho, assim como o elo quebrado de uma corrente a torna imprestável.

Nas práticas mediúnicas bem organizadas, a essa corrente mediúnica assim estabelecida no plano material, sobrepõe-se uma outra formada no plano invisível pelas entidades que, nesse plano, colaboram ou dirigem, formando, então, momentaneamente, uma estrutura maior, mais resistente, melhor organizada, que representa de fato um poderoso e dinâmico conjunto de força espiritual.

Desse conjunto se beneficiam todos os presentes encarnados e desencarnados e inúmeras realizações do campo espiritual se tornam possíveis, porque dessa forma se possibilita em franca expansão, a manifestação de entidades superiores do plano invisível.

A formação de uma boa corrente magnética é, pois, a condição primária para a realização de todo e qualquer bom trabalho espiritual, qualquer que seja o objetivo da reunião. Oferecendo assim aos espíritos que têm tarefa a cumprir em nosso meio, uma corrente perfeita e tudo que for justo se poderá esperar como resultado.

OBS: A característica de uma corrente perfeita é a serenidade, a calma, a harmonia, a elevação do ambiente que então se forma. O bem estar que todos sentem e a qualidade dos benefícios espirituais que todos recebem.

Ambiente agitado, tumultuoso, é sinônimo de corrente imperfeita, mutilada, não harmonizada nos dois planos, em uma corrente dessa espécie não pode haver manifestação de espíritos de hierarquia elevada, e nada de bom podemos dela receber.

Importante: A corrente formada pelos participantes de uma reunião mediúnica, dando as mãos, é um meio material, que não tem o poder de harmonizar a mente, nem tão pouco o ambiente em que se encontram. A diligência de cada um, em se referindo às reuniões mediúnicas, está, verdadeiramente, na ordem dos pensamentos. Os pensamentos são tudo o que precisamos para manter a harmonia e o progresso.

O ser humano pensa, logo nas primeiras manifestações de entendimento do Espiritismo, encontrar alguma forma material para garantir o bom andamento das reuniões espíritas, no entanto, é preciso que todos saibam que, em se falando de coisas espirituais, a base do equilíbrio se encontra nos pensamentos das criaturas, no modo de viver daqueles que freqüentam as reuniões, enfim na moral sustentadora da paz.

Os médiuns não devem ficar procurando formas materiais que lhes dêem segurança nas comunicações. Essas coisas são invenções de espíritos ainda materializados, que não compreendem as leis espirituais. Nós somente atraímos segundo o que somos. Uma reunião séria, de onde são banidos os sentimentos de orgulho, de egoísmo, de inveja e de ciúme, é bem assistida, sendo que os espíritos de luz têm a satisfação de dar assistência.

Meditação na Prática Mediúnica

O exercício constante da meditação promove eficazmente o aperfeiçoamento mediúnico em linha reta, de forma mais produtiva e equilibrada, sem vacilações, que são decorrentes da falta de hábito de aquietar-se.

O potencial mediúnico capaz de ser alcançado por um médium depende fundamentalmente de quatro fatores, a saber: predisposição orgânica, experiência como médium, conhecimentos e nível moral-consciencial.

É ponto pacífico que as comunicações mediúnicas de qualidade requerem do médium mente tranqüila e emoções harmonizadas, à semelhança de um lago sereno de águas claras e plácidas, a fim de que as imagens nele incidentes possam ser percebidas claramente e transmitidas com fidelidade. Pois bem, essa transparência é a imagem representativa da mente do médium competente e preparado que se utiliza da meditação como técnica capaz de estabelecer controle psíquico e ordem na casa mental, diminuindo os pensamentos quando for preciso apassivar-se, selecionando-os conforme as necessidades ou quebrando a força das idéias dominadoras e excludentes, a fim de que a mente retorne à normal polivalência de interesses. Somente assim, a mediunidade se estrutura adequadamente e se aperfeiçoa. Essa é a verdadeira educação do médium, a que o prepara para o exercício saudável da faculdade.

Já se afirmou que a mente indisciplinada afigura-se um macaco louco que salta de galho em galho, fato que em estado de vigília normal, raramente se percebe. Em verdade, a maioria desses pensamentos está passando por nós, sem ser identificada pela parte da mente que é consciente, deixando marcas emocionais, algumas profundas. É como se estivéssemos sendo trespassados por uma corrente que vasa do inconsciente para fora, provocando reincidentes estados de labilidade, prejudicando o equilíbrio do ser e impedindo a concentração.

O exercício mediúnico exige do médium uma capacidade de diminuir os pensamentos, fazer silêncio interior, manter-se focado no objetivo colimado: o contato com outras mentes e transmissão de suas mensagens, primeiro pensando unidirecionalmente, depois interrompendo os pensamentos próprios para transmitir os do visitante espiritual.

Uma outra questão a levantar no bojo dessa problemática refere-se à energia de cada um desses pensamentos automáticos que vêm do inconsciente. Em alguns, haverá uma força arrebatadora que se faz dominante ainda que velada pela censura da personalidade; são culpas, vivências traumáticas ou carregadas de emoções intensas que redundam em conflitos ou vinculações obsessivas perturbadoras. Esses clichês, de tanta pressão que exercem sobre a mente, funcionam como agentes repulsores, impedindo ou dificultando a assimilação de outros pensamentos, por exemplo, as idéias dos espíritos desencarnados que deveriam ser canalizadas através da mediunidade. Quando isso se dá, a mensagem do espírito se anula ou aparece truncada, resultando em animismo, na sua feição indesejável. A solução para essa deficiência só se consegue com a meditação, exercícios de auto-análise, reflexões sobre os objetivos superiores da vida e o abandono das futilidades alimentadoras do ego.

Concentração

Ao contrário do que muita gente pensa, a concentração não consiste em fixar na mente um pensamento ou imagem, mas precisamente o contrário, ou seja, em esvaziar a mente de pensamentos. O que vale dizer, abrir espaço para que o fenômeno anímico ou mediúnico se produza, sem interferências, sem obstáculos, sem distrações que o inibam. Isto é perfeitamente compreensível. O contexto, o ambiente, o campo de ação da mediunidade é o pensamento. Este conceito é universal e incontestável até mesmo para os chamados fenômenos de efeito físico, pois não há movimento algum de idéias ou de objetos, da vontade, enfim, que não tenha de receber os comandos da mente através do cérebro, a grande central diretora do ser encarnado ou desencarnado. Muitos esquecem, ou não sabem, que o desencarnado também tem seu cérebro no corpo espiritual, isto é, no perispírito.

Como poderia o espírito comunicante movimentar seus recursos através da mente do sensitivo se ela está teimosamente obstruída ou paralisada na fixação de uma idéia ou de uma imagem?

Sabemos todos que não é fácil fazer parar a maquininha de produzir pensamentos como quem desliga os terminais de um computador com o simples apertar de um botão de comando ou apagar a lâmpada pressionando um interruptor. Muitas pessoas dispõem, contudo, dessa interessante faculdade como que inata, espontânea e pronta para utilização. A maioria acaba desistindo de conseguir realizar essa verdadeira proeza. Sem dúvida, porém, é possível despertar e desenvolver a faculdade de controlar o fluxo torrencial e aparentemente inestancável do pensamento.

A famosa concentração não é, pois, exatamente o que pensam muitos que ela seja.

Concentrar-se não é, pois, agarrar-se tenazmente a uma idéia ou imagem, mesmo porque também a imagem é um pensamento visualizado, como que objetivado, ainda que sem a participação dos órgãos normais da visão.

Quando a emissão de pensamentos alheios nos alcança eles se misturam sutilmente aos nossos a ponto de nem sempre conseguirmos distinguir uns dos outros. Sabendo disso é que os espíritos conseguem nos influenciar, seja com pensamentos positivos e construtivos, seja com idéias negativas.

Só com alguma experiência e acurado senso analítico podemos identificar idéias alheias na correnteza normal dos nossos pensamentos.

Vemos, portanto, que se concentrar é estancar a torrente de pensamento próprio, a fim de que o alheio possa ser recebido; é criar espaço para receber idéias alheias, ou claro, nossas próprias, guardadas no inconsciente, onde está a memória de todas as vidas passadas. Se as idéias que o médium acolhe são suas mesmas, o fenômeno é anímico; se forem alheias, ele é mediúnico.

Utilizamos acima a palavra idéias, mas é certo que também poderíamos ter acrescentado imagens, porque não apenas os espíritos manifestantes se utilizam da mente do médium para vestir seus pensamentos com palavras do vocabulário do médium, como podem, também, suscitar imagens e cenas inteiras ou narrativas mais ou menos longas, como se um filme cinematográfico estivesse sendo exibido na intimidade do sensitivo. Nos fenômenos anímicos, pensamentos e imagens são sacados do inconsciente dele.

Em ambas as situações, o consciente do sensitivo tem de estar desocupado, tem de oferecer espaço mental para que os fenômenos ocorram.

O médium precisa aprender a controlar tanto sua atividade consciente quanto a inconsciente.

Passividade Mediúnica

Um momento de meditação nos assegurará de que passividade não é mais do que a resultante do próprio estado de relaxamento. É um estado de expectativa, sem açoitamento, sem ansiedade, sem tensões, embora não seja também uma entrega total, pois o médium disciplinado e bem treinado saberá sempre como exercer certo controle sobre a manifestação, ainda que sem condições para criar bloqueios ou influenciar o pensamento alheio que flui por seu intermédio, a ponto de modificá-lo substancialmente. É certo que as idéias que acolhe de uma entidade manifestante são vestidas com seu vocabulário habitual na língua com a qual ele, médium, esteja familiarizado ou com outra que ele saiba utilizar com proficiência. Nos fenômenos de xenoglossia, o espírito fala por seu intermédio uma língua desconhecida. Em todas essas variedades, contudo, ele funciona como um instrumento passivo, sim, mas não inerte, incapaz de participação consciente e até vigilante, postura que ele costuma manter, em espírito, desdobrado do corpo físico, enquanto a entidade se serve deste para transmitir sua comunicação.

É tão importante para o médium a capacidade de entregar-se passivamente ao trabalho de filtragem de uma personalidade alheia, como a de resistir à manifestação.

A mediunidade deve resultar, sempre, de uma equilibrada interação entre passividade e resistência ou, para dizer de outra maneira, permitir, mas vigiar, coibindo abusos, sempre indesejáveis ou declaradamente perniciosos. Mas não apenas vigiar ou policiar as manifestações, como também não permitir que elas ocorram em qualquer lugar, a qualquer momento e de qualquer maneira. Assim como o médium adequadamente treinado acaba por distinguir, naquilo que fala ou escreve, o que são idéias pessoais suas do que é alheio, também aprende, logo de início ou pouco mais adiante, a regulamentar o exercício de suas faculdades, recusando-se a passar o controle de seus dispositivos de manifestações quando entender que não é oportuno ou aconselhável fazê-lo.

O apóstolo Paulo, a maior autoridade em mediunidade nos remotos tempos do cristianismo primitivo, dizia que o espírito do médium deve estar sujeito ao médium, disciplina mediúnica.

O importante é lembrar, como assinalava Paulo, com outras palavras, que o médium deve saber quando é chegado o momento de oferecer sua passividade e quando deve reagir, com bloqueio da resistência que iniba a manifestação indesejável ou inoportuna.

Em suma: *resistir é tão importante quanto ceder*. Cada uma dessas atitudes tem seu momento certo.

Preparação para o Desenvolvimento Mediúnico

Vejamos de que maneira se processa o desenvolvimento em si mesmo.

Encaremos a primeira fase: *a da adaptação psíquica*.

Posto o médium na corrente magnética, inicia-se imediatamente o trabalho de limpeza espiritual, com a dissolução das placas fluídicas, aderidas ao perispírito e advindas do exterior por afinidade vibratória ou do interior, como resultante de seus próprios pensamentos e sentimentos negativos, bem como com o afastamento das entidades perturbadoras ligadas ao médium e atraídas, sempre por afinidade, por suas condições vibratórias internas.

Tanto essas placas ou manchas como as interferências pessoais de obsessores, davam ao perispírito vibrações impróprias, desordenadas, às vezes muito intensas, outras vezes muito lentas, que se refletiam no sistema nervoso em geral, produzindo alterações psíquicas e orgânicas.

Este trabalho de limpeza é feito pelos assistentes espirituais, que lançam mão dos elementos magnéticos positivos extraídos da própria corrente ou de passes e radiações fluídicas que dirigem sobre o médium.

Em casos graves, de perturbações muito fortes e quando falham seus próprios recursos, os assistentes recorrem a mananciais de forças de planos superiores, por intermédio de entidades de maior hierarquia, às quais mentalmente se dirigem.

Assim se consegue desde os primeiros trabalhos e após sessões continuadas, normalizar a vibração perispiritual, passando então o perispírito, devidamente refeito, a exercer sobre o sistema nervoso e sobre os plexos e glândulas, o domínio normal e as relações pacíficas e regulares que caracterizam o indivíduo psiquicamente equilibrado.

Vejamos agora a segunda fase: *a do desenvolvimento propriamente dito*:

Limpo o perispírito de influências impróprias e negativas e normalizadas as relações entre ele e o aparelho nervoso, o campo mediúnico se apresenta, então, em condições de ser exercitado.

O trabalho, sempre com o auxílio dos elementos já referidos, se resume na intervenção dos agentes espirituais, sobre os órgãos da percepção e de ligação psíquica, principalmente a glândula pineal, para o vegetativo.

Esses órgãos vão sendo então exercitados pelos operadores invisíveis, até que obtenham a vibração especial própria da eclosão da faculdade que se tem em vista desenvolver.

Aos poucos vai o perispírito atingindo esse estado vibratório necessário e aos poucos vão, também, se desenvolvendo e caracterizando as manifestações que produz, até que essa capacidade especial vibratória se consolide, se estabilize, se torne espontânea, elástica e flexível, capaz de ressoar harmonicamente a qualquer nota, vamos dizer assim, da escala vibratória espiritual.

Chegando a este ponto, o médium estará em condições de servir de intermediário a espíritos de qualquer condição e grau de hierarquia; e estará em condições de desempenhar sua tarefa por si mesmo, sem perigo de degeneração, com segurança e pleno conhecimento de causa. Ao que está dito acrescente-se o ensino de Kardec, segundo o qual o médium desenvolvido é aquele que somente recebe inspiração de espíritos superiores. O codificador quer dizer que desenvolvido está o médium quando produz o trabalho que dele se espera, porém, quanto à obediência, à orientação espiritual, somente se submete a protetores e guias de ordem superior.

O desenvolvimento, tanto na primeira como na segunda fase, pode exigir maior ou menor tempo, segundo o estado moral, o devotamento e a fé que o médium demonstrar desde o início; mas depende também, e muito, do ambiente em que o trabalho se realiza, o qual, não sendo plenamente favorável, pode retardar o processo ou degenerar as faculdades incipientes.

Na primeira fase, o mau ambiente, ao invés de limpar, acrescenta elementos contrários ao quadro dos já existentes e atrai novas forças hostis, perturbando ainda mais o médium; e na segunda, pode produzir um desenvolvimento desarmônico, num sentido vicioso e inconveniente, levando à formação de médiuns descontrolados, que jamais atingirão um estado satisfatório de eficiência mediúnica.

Em ambientes favoráveis, desde início cedem também, como já vimos, as perturbações de fundo orgânico porque, removidas as placas do perispírito, automaticamente estarão também removidos seus reflexos nos órgãos físicos correspondentes, já que o corpo físico é um duplicado, uma projeção do perispírito, que é a matriz modeladora.

Desde o início do desenvolvimento, deve o médium estabelecer e conquistar um padrão o mais perfeito possível de conduta moram, por meio de auto-refreamento e de preces, para que suas vibrações internas se apurem, clarificando e purificando a aura mediúnica.

Tal procedimento ajuda poderosamente o desenvolvimento e sem esse processo interno de autopurificação, pela reforma moral, nenhum desenvolvimento normal e perfeito será possível ou terá caráter definitivo.

Conduta do Espírita/Médium

O exercício da mediunidade através da diretriz espírita é ministério de enobrecimento, atividade que envolve responsabilidade e siso.

Não comporta atitudes levianas, nem admite a insensatez nas suas expressões.

Caracteriza-se pela discricção e elevação de conteúdo, a serviço da renovação do próprio médium, quanto das criaturas de ambas as faixas do processo espiritual, fora e dentro da carne.

Compromisso de alta significação é também processo de burilamento do médium, que se deve dedicar com submissão e humildade.

Exige estudo contínuo para melhor aprimoramento da filtragem das mensagens, meditação e introspecção com objetivos de conquistar mais amplos recursos de ordem psíquica e trabalho metódico, através de cujos cometimentos o ritmo de ação propicia mais ampla área de percepção e registro.

Em razão disso, a mediunidade digna jamais se coloca a serviço de puerilidades e fantasias descabidas, fomentando a fascinação e desequilíbrio, provocando impactos e alienando os seus aficionados.

Não se oferece para finalidades condenáveis, nem se torna móvel de excogitações inferiores, nunca favorecendo uns em detrimento de outros.

Corrige a ótica de tua colocação a respeito da mediunidade.

Evita revelações estapafúrdias, que induzem a estados patológicos e conduzem a situações ridículas.

Poupa-te à tarefa das notícias e informações deprimentes, desvelando acontecimentos que te não dizem respeito e apontando entidades infelizes como causa dos transtornos daqueles que te buscam.

Sê comedido no falar, no agir, no auxiliar.

Reconhece a própria insipiência e dependência que te constituem realidade evolutiva, sem procurar parecer missionário, que não és, nem tampouco privilegiado, que sabes estar longe dessa injusta condição em relação aos teus irmãos.

Não uses das tuas faculdades mediúnicas para ampliar o círculo das amizades, senão para o serviço ao próximo, indistintamente.

Deixa-te conduzir pelas correntes superiores do serviço com Jesus e, fiel a ti mesmo, realizarás a tarefa difícil e expurgatória com a qual estás comprometido, em razão do teu passado espiritual deficiente.

Esquivar-se à suposição de que detém responsabilidades ou missões de avultada transcendência, reconhecendo-te humilde portador de tarefas comuns, conquanto graves e importantes como as de qualquer outra pessoa.

O seareiro do Cristo é sempre servo, e servo do amor.

No horário disponível entre as obrigações familiares e o trabalho que lhe garante a subsistência, *vencer os imprevistos que lhe possam impedir o comparecimento às sessões*, tais como visitas inesperadas, fenômenos climatéricos e outros motivos, sustentando lealdade ao próprio dever.

Sem euforia íntima não há exercício mediúnico produtivo. Preparar a própria alma em prece e meditação, antes da atividade mediúnica, evitando, porém, concentrar-se mentalmente para semelhante mister durante as explanações doutrinárias, salvo quando lhe caibam tarefas especiais concomitantes, a fim de que não se prive do ensinamento.

A oração é luz na alma refletindo a Luz Divina.

Controlar as manifestações mediúnicas que veicula, reprimindo, quanto possível, respiração ofegante, gemidos, gritos contorções, batimentos de mãos e pés ou quaisquer gestos violentos.

O mediano será sempre o responsável direto pela mensagem de que se faz portador.

Silenciar qualquer prurido de evidência pessoal na produção desse ou daquele fenômeno.

A espontaneidade é o selo de crédito em nossas comunicações com o Reino do espírito.

Mesmo indiretamente, não retirar proveito material das produções que obtenha.

Não há serviço santificante na mediunidade vinculada a interesses inferiores.

Extinguir obstáculos, preocupações e impressões negativas que se relacionem com o intercâmbio mediúnico, quais sejam, a questão da consciência vigilante ou da inconsciência sonambúlica durante o transe, os temores e as suscetibilidades doentias, guiando-se pela fé raciocinada e pelo devotamento aos semelhantes.

Quem se propõe avançar no bem, deve olvidar toda causa de perturbação.

Ainda quando provenha de círculos bem intencionados, recusar o tóxico da lisonja.

No rastro do orgulho, segue a ruína.

Fugir aos perigos que ameaçam a mediunidade, como sejam as ambições, as ausências de autocrítica, a falta de perseverança no bem e a vaidade com que se julga invulnerável.

O mediano carrega consigo os maiores inimigos de si próprio.

Necessidade do Afastamento dos Vícios – Equilíbrio e Saúde

O apóstolo Paulo, com admirável acuidade psicológica advertiu: "*Não vos deixeis enganar: más conversações corrompem os bons costumes*". Certamente perturbam o sistema emocional, contribuindo para distúrbios variados na organização de quem as cultiva.

Sendo a mente a fonte de onde procedem as más conversações, ela exterioriza, simultaneamente, ondas de animosidade, que desarmonizam os equipamentos sensíveis pelos quais se manifestam.

As altas cargas magnéticas negativas, pelo suceder da ocorrência, desajustam os controles nervosos, gerando distonias da percepção, que passa a identificar somente o lado negativo das pessoas e coisas, com o qual sintoniza.

O vício mental das conversações vulgares, licenciosas, enseja desequilíbrio na área da saúde, produzindo perturbações gástricas e hepáticas, como consequência das tensões e fixações mentais, que facultam a produção irregular de substâncias componentes da digestão

bem como exagerada secreção biliar. Ao mesmo tempo, alteram o humor, favorecendo o pessimismo, o derrotismo e a depressão.

A proposta da terapia do amor estabelece, como ponto de partida, a preservação ético-moral do indivíduo perante si mesmo, com a conseqüente valorização das suas capacidades de discernimento e de ação.

Discernimento sobre o que deve e pode fazer, não se permitindo eleger o que agrada, mas não deve, ou aquilo que deve, porém, não convém executar.

Imediatamente após a descoberta de como proceder, passar à atividade tranqüila, sem os choques da emoção descontrolada.

Posteriormente, examinar os recursos para a preservação da sua realidade, como indivíduo eterno, resguardando o corpo das altas tensões e sensações desgastantes, das emoções violentas, a fim de que o mesmo possa preencher a finalidade da reencarnação do Espírito, para a qual foi elaborado.

Nesse cometimento, são relevantes os cuidados com a conduta mental e moral, poupando-se das descargas contínuas dos desejos infrenes, superando, mesmo que a pouco e pouco, os impulsos inferiores, enquanto disciplina a vontade por meio dos exercícios de paciência e de perseverança.

Descortina-se, então, nessa paisagem terapêutica, o auto-amor profundo, com objetivos amplos de estendê-lo ao próximo através de serviços imediatos, construindo a sociedade saudável e feliz.

Assim, preservar o corpo do uso de alcoólicos e das intoxicações pelo tabaco, *bem como por quaisquer outras drogas alucinógenas*, prolongando-se a existência. Ao mesmo tempo, evitar sobrecarregá-lo de alimentos pesados e gordurosos, de assimilação e digestão difíceis, de modo a facultar-lhe reações automáticas equilibradas.

É claro que a contribuição mental faz-se relevante, por daí procederem as ordens de comando e as diretrizes de comportamento, conseguindo-se a harmonia entre o pensamento e a ação.

Pensar de maneira salutar é compromisso valioso para gerar otimismo e paz, iniciando o programa das ações corretas que dão nascimento aos hábitos responsáveis pela segunda natureza do ser, isto é, uma outra natureza interpenetrada na própria natureza.

Desse modo procedendo, as horas de ação se tornarão agradáveis, sem os excessos do cansaço ou a presença da irritação, e as de repouso se farão assinalar pela tranqüilidade refazente, que recompõe as despesas dos momentos de vigília.

Tudo quanto se tenha que fazer, pensar antes, delineando um programa cuidadoso, no qual o improvisado não tenha lugar, nem tampouco o arrependimento tardio.

Quem se equipa de cuidados, erra menos. Quem estabelece roteiros e segue-os, acerta mais.

Tal programação estatuirá a necessidade de pensar com retidão, mesmo quando as circunstâncias e pessoas sugiram outra forma, imediatista e infeliz, portanto favorecedora da consciência de culpa.

Cultivar a confiança e a alegria no trato com os demais membros da sociedade, iniciando no lar, embora as defecções morais e os embates traiçoeiros do momento, a que todos estão sujeitos.

Irradiar simpatia e esperança, produzindo uma aura de paz que alenta e agrada a todos.

Usar a conversação como elemento catalisador de novas idéias de enobrecimento e de ventura, que estimular a criatividade, a coragem, a perseverança no bem.

Banir, quanto possível, do comportamento, a crítica ácida e destrutiva, os conceitos chulos quão irresponsáveis, as diatribes e os verbetes sarcásticos, que envenenam o coração e

enfermam a alma, transferindo-se pelos condutos do perispírito para o corpo, em delicadas como complexas patologias orgânicas.

Respeitar, e, ao mesmo tempo, conduzir o corpo com moderação em quaisquer eventos, poupando-o aos costumes promíscuos, bem como aos relacionamentos sexuais e afetivos perturbadores, ora muito em voga.

Manter os requisitos da higiene, superando os imperativos da preguiça mental e física, assim criando e preservando os hábitos sadios.

Recorrer á oração, qual sedento no rumo da Fonte Vitalizadora, sustentando o espírito e refrigerando-se na paz.

Meditar em silêncio, a fim de absorver a resposta divina e capacitar-se dos conteúdos da inspiração para alcançar as metas essenciais da existência.

Preservar a paz, mesmo que a alto preço, estimulando-a em todos quantos o cerquem.

A verdadeira saúde não se restringe apenas à harmonia e ao funcionamento dos órgãos, possuindo maior extensão, que abrange a serenidade íntima, o equilíbrio emocional e as aspirações estéticas, artísticas, culturais e religiosas.

Pode-se estar pleno, embora com alguma dificuldade orgânica, que será reparada do interior, mediante a ação mental bem direcionada, para o exterior, o reequilíbrio, a restauração das células e do órgão afetado. Como se encontrar em ordem sem o equilíbrio emocional?

Assim, pensar bem e corretamente, permanece como primeiro item de um bem estruturado programa de saúde, a fim de que as palavras na conversação, não corrompam os costumes, ensejando ações estimulantes e edificadoras para o bem geral.

Bibliografia:

Desenvolvimento Mediúnico – *Edgar Armond*

Mediunidade – *Edgar Armond*

Filosofia da Mediunidade VII – *João Nunes Maia* (pelo espírito Miramez)

Consciência e Mediunidade – *Projeto Manoel Philomeno de Miranda*

Qualidade na Prática Mediúnica – *Projeto Manoel Philomeno de Miranda*

Diversidade dos Carismas I – *Hermínio Miranda*

Conduta Espírita – *Waldo Vieira* (pelo espírito André Luiz)

Auto Descobrimento – *Divaldo P. Franco* (pelo espírito Joana de Angelis)



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 05

Perispírito, Flúidos, Ectoplasma, Glândula Pineal e Mediunidade

Perispírito

Envoltório fluídico, leve, imponderável, vaporoso, com flexibilidade, que serve de intermediário entre o espírito e o corpo carnal, é a sede dos centros de força que transferem energia aos chacras e estes abastecem o corpo físico. O perispírito ou corpo fluídico é um dos produtos mais importantes do fluído cósmico, é a condensação desse fluído ao redor de um foco de inteligência ou alma.

Origem, Natureza e Propriedades

Os espíritos haurem seu perispírito no meio onde se encontrem, este envoltório é formado de flúidos ambientes. Disso resulta que os elementos constitutivos do perispírito devem variar segundo os mundos.

Sendo dado como um mundo muito avançado, comparativamente à Terra, Júpiter, onde a vida corpórea não tem a materialidade da nossa, os envoltórios perispirituais devem ali ser de natureza infinitamente mais quintessenciada do que sobre a Terra. Do mesmo modo que nós não poderíamos existir nesse mundo com nosso corpo carnal, nossos espíritos não poderiam ali penetrar com seu perispírito terrestre. Deixando a Terra, o espírito nela deixa o seu envoltório fluídico, e se reveste de outro apropriado ao mundo onde deve ir.

A natureza do envoltório fluídico está sempre em relação com o grau de adiantamento moral do espírito. Os espíritos inferiores não podem mudá-lo à sua vontade, se transportar de um mundo para o outro.

Alguns há cujo envoltório fluídico, se bem que etéreo e imponderável, com relação a matéria tangível, é ainda muito pesado, se assim se pode exprimir, com relação ao mundo espiritual, para permitir-lhe sair de seu meio. É necessário classificar, nesta categoria, aqueles cujo perispírito é bastante grosseiro para que

o confundam com o seu corpo carnal, e que, por esta razão, se crêem sempre vivos. Estes espíritos, e o número deles é grande, permanecem na superfície da Terra, como os encarnados, crendo sempre vagar em suas ocupações, outros, pouco mais desmaterializados, não são, entretanto, o bastante para se elevarem acima das regiões terrestres.

Os espíritos superiores, ao contrário, podem vir para os mundos inferiores e mesmo neles se encarnarem. Eles retiram dos elementos constitutivos do mundo onde entram, os materiais do envoltório fluídico, ou carnal, apropriado ao meio onde se encontrem. Fazem como o grande senhor que deixa suas belas vestes para se revestir momentaneamente do burel, sem deixar, por isso, de ser grande senhor. Assim é que, espíritos de ordem mais elevada podem se manifestar aos habitantes da Terra, ou se encarnam em missão entre eles. Estes espíritos carregam consigo, não o seu envoltório, mas a lembrança por intuição, das regiões de onde vêm, e que vêm pelo pensamento. São videntes entre cegos.

A camada dos fluídos espirituais que envolvem a Terra pode ser comparada com as camadas inferiores da atmosfera, mais pesados, mais compactados, menos puros do que as camadas superiores. Estes fluídos não são homogêneos, são uma mistura de moléculas de diversas qualidades, entre os quais se encontram, necessariamente, as moléculas elementares que lhes formam a base, mas, mais ou menos alteradas. Os efeitos produzidos por estes fluídos estarão em razão da soma das partes puras que encerram.

Exemplo: o álcool retificado ou misturado, em diferentes proporções, com água ou outras substâncias, seu peso específico aumenta com esta mistura, ao mesmo tempo, que sua força e sua inflamabilidade diminui, se bem que no todo haja álcool puro.

Os espíritos são chamados a viver nesse meio e aí haurem o seu perispírito, mas, segundo o espírito seja mais ou menos depurado, ele mesmo, seu perispírito se forma das partes mais puras, ou as mais grosseiras do fluído próprio do mundo onde se encarna.

O espírito aí produz, sempre por comparação e não por assimilação o efeito de um reativo químico que atrai para si as moléculas que se assemelham à sua natureza.

Disto resulta que a constituição íntima do perispírito não é idêntica entre todos os espíritos, encarnados ou desencarnados, que povoam a Terra ou o espaço circundante. Não ocorre o mesmo com o corpo carnal, que, como isso foi demonstrado, está formado dos mesmos elementos, qualquer que seja a superioridade ou a inferioridade do espírito. Também entre todos, os efeitos produzidos pelo corpo são os mesmos, as necessidades semelhantes, ao passo que diferem em tudo o que é inerente ao perispírito.

OBS disso resulta que o envoltório perispiritual do mesmo espírito se modifica com o progresso deste, a cada encarnação, se bem que encarnado num mesmo meio. Os espíritos superiores se encarnando excepcionalmente, em missão num mundo inferior, têm um perispírito menos grosseiro do que o dos indígenas desse mundo.

O meio está sempre em relação com a natureza dos seres que devem nele viver; os peixes estão na água; os seres terrestres estão no ar; os seres espirituais estão no fluído espiritual ou etéreo, mesmo sobre a Terra.

O fluído etéreo é para as necessidades do espírito o que a atmosfera é para as necessidades dos encarnados. Do mesmo modo que os peixes não podem viver no ar; que os animais terrestres não podem viver numa atmosfera muito rarefeita para seus pulmões, os espíritos inferiores não podem suportar o brilho e a impressão dos fluídos mais etéreos. Não morrem com isso, porque o espírito não morre, mas uma força instintiva os mantém deles distantes como se distancia de um fogo muito ardente ou de uma luz muito ofuscante. Eis porque eles não podem sair do meio apropriados à sua natureza, que se despojem dos instintos materiais que os retêm nos meios materiais; em uma palavra, que se depurem e se transformem moralmente, então gradualmente eles se identificam com um meio mais depurado, que se torna para eles uma falta, uma necessidade.

OBS O perispírito possui, por sua natureza, uma propriedade luminosa que se desenvolve sob o império da atividade e das qualidades da alma. Essas qualidades são para o fluído perispiritual o que a fricção é para o fósforo. O brilho da luz está em razão da pureza do espírito, as menores imperfeições morais a obscurecem e a enfraquecem. A luz que irradia de um espírito é, assim, tanto mais viva quanto este seja avançado. O espírito sendo, de alguma sorte, o seu farol, vê mais ou menos segundo a intensidade da luz que produz, de onde resulta que aqueles que nada produzem estão na obscuridade.

Essa teoria é perfeitamente justa quanto a irradiação do fluído luminoso pelos espíritos superiores, o que é confirmado pela elevação, mas aí não parece estar a causa verdadeira, ou pelo menos única do fenômeno do qual se trata, visto:

- 1^o que todos os espíritos inferiores não estão nas trevas;
- 2^o que o mesmo espírito pode se encontrar alternativamente na luz e na obscuridade;
- 3^o que a luz é um castigo para certos espíritos imperfeitos.

Se a obscuridade na qual estão mergulhados certos espíritos fosse inerente à sua personalidade, ela seria permanente e geral para todos os maus espíritos, o que não é, uma vez que os espíritos, da maior perversidade, vêm perfeitamente, ao passo que outros, que não se pode qualificar de perversos, estão temporariamente mergulhados nas profundas trevas.

Tudo prova que, além da que lhes é própria, os espíritos recebem uma luz exterior que lhes faz falta segundo as circunstâncias, de onde é preciso concluir que essa obscuridade depende de uma causa ou vontade estranha, e que ela constitui uma punição para casos determinados pela soberana justiça.

Assim, tudo se liga, tudo se encadeia no Universo, tudo está submetido à grande e harmoniosa lei da unidade, desde a materialidade mais compacta até a espiritualidade mais pura. A força Divina brilha em todas as partes deste conjunto grandioso.

Necessidade de um Corpo para o Espírito

Sendo o perispírito para o espírito o quanto o corpo é para o homem, este serve de agente ou instrumento de sua atividade, é o intermediário de todas as sensações que o espírito percebe, e através do qual o espírito transmite a sua vontade ao exterior.

Função do Perispírito

Serve de intermediário entre o espírito e o corpo carnal, é a sede dos centros de força que transferem as energias aos chacras e estes abastecem o corpo físico.

Interação entre Espírito, Perispírito e Corpo Físico

É através dos centros de força e dos chacras que o espírito controla o corpo físico, na relação do espírito com o corpo físico os chacras agem como recicladores de energia.

No duplo etérico é que se encontram os chacras. A união da alma, do perispírito e do corpo material constituem o homem. A alma e o perispírito separados do corpo carnal constituem o ser chamado espírito.

A alma é assim um ser simples. O espírito um ser duplo e o homem um ser triplo.

OBS Seria, pois, mais exato reservar a palavra alma para designar o princípio inteligente e a palavra espírito para o ser semimaterial formado desse princípio e do corpo fluídico. Mas como não se pode conceber o princípio inteligente isolado de toda matéria, nem o perispírito sem estar animado pelo princípio inteligente, as palavras alma e espírito são usualmente empregadas indiferentemente uma pela outra.

Duplo Etérico

Duplo etérico é uma formação etérica que é a reprodução do corpo físico e está a ele colado. O duplo é composto de matéria fluídica que vem do corpo físico, que o alimenta.

É um elemento plástico fluídico de ligação entre o perispírito e o corpo físico, mas não com duração permanente, dissolvendo-se com a morte deste último. Sua principal função é transmitir para a tela do cérebro as vibrações das

emoções e dos impulsos que o perispírito recebe do espírito e vice-versa. É condutor e condensador das energias entre o perispírito e o corpo físico, trabalho que se executa através dos chacras que estão localizados no duplo, que são igualmente estações receptoras e transmissoras de energias.

OBS O duplo etérico é também conhecido por corpo energético, não é parte do perispírito, mas um veículo intermediário entre este e o corpo físico. É o principal responsável pela elaboração de ectoplasma e da coordenação de fluídos nervosos dos médiuns de feitos físicos.

Aura

O duplo se projeta para além do corpo e forma uma aura, a *aura etérica* é uma emanção leitosa e de aspecto ovalado. Alguns autores, por considerarem o duplo mais ligado ao corpo físico, designam a aura etérica como a “*aura da saúde*”: um vidente, através de um exame acurado, pode avaliar o estado físico do indivíduo e localizar enfermidades.

A *aura perispiritual ou astral, ou simplesmente aura*, é a projeção do perispírito para além dos limites físicos e se revela como uma espécie de emanção bem mais brilhante e diáfana que a aura etérica. Através dela um médium estabelece o retrato psíquico-espiritual do indivíduo, uma vez que os pensamentos e emoções se refletem na aura, antes de alcançar o corpo físico.

O Perispírito ou Corpo Espiritual

Os materialistas, em sua negação da existência da alma, muitas vezes têm apelado para a dificuldade de conceberem um ser privado de forma. Os próprios espiritualistas não sabem explicar como a alma imaterial, imponderável, poderia presidir e unir-se estreitamente ao corpo material, de natureza essencialmente diferente. Essas dificuldades encontram solução nas experiências do Espiritismo.

Como precedentemente já o dissemos, a alma está, durante a vida material, assim como depois da morte, revestida constantemente de um envoltório fluídico, mais ou menos sutil e etéreo, que Allan Kardec denominou perispírito ou corpo espiritual. Como participa simultaneamente da alma e do corpo material, o perispírito serve de intermediário a ambos: transmite à alma as impressões dos sentidos e comunica ao corpo as vontades do Espírito. No momento da morte, destaca-se da matéria tangível, abandona o corpo às decomposições do túmulo; porém, inseparável da alma, conserva a forma exterior da personalidade desta. O perispírito é, pois, um organismo fluídico; é a forma preexistente e sobrevivente do ser humano, sobre o qual se modela o envoltório carnal, como uma veste dupla e

invisível, constituída de matéria quintessenciada, que atravessa todos os corpos por mais impenetráveis que estes nos pareçam.

A matéria grosseira, incessantemente renovada pela circulação vital, não é a parte estável e permanente do homem. É o perispírito que garante a manutenção da estrutura humana e dos traços fisionômicos, e isto em todas as épocas da vida, desde o nascimento até a morte. Exerce, assim, a ação de uma forma, de um molde contrátil e expansível sobre o qual as moléculas vão incorporar-se.

Esse corpo fluídico não é, entretanto, imutável; depura-se e enobrece-se com a alma; segue-a através das suas inumeráveis encarnações; com ela sobe os degraus da escada hierárquica, torna-se cada vez mais diáfano e brilhante para, em algum dia, resplandecer com essa luz radiante de que falam as Bíblias antigas e os testemunhos da História a respeito de certas aparições. É no cérebro desse corpo espiritual que os conhecimentos se armazenam e se imprimem em linhas fosforescentes, e é sobre essas linhas que, na reencarnação se modela e forma o cérebro da criança. Assim o intelecto e o moral dos espíritos, longe de perderem, capitalizam-se e se acrescem com as existências deste. Daí as aptidões extraordinárias que trazem, ao nascer, certos seres precoces, particularmente favorecidos.

A elevação dos sentimentos, a pureza da vida, os nobres impulsos para o bem e para o ideal, as provações e os sofrimentos pacientemente suportados, depuram pouco a pouco as moléculas perispiríticas, desenvolvem e multiplicam as suas vibrações. Como uma ação química, eles consomem as partículas grosseiras e só deixam subsistir as mais sutis, as mais delicadas.

Por efeito inverso, os apetites materiais, as paixões baixas e vulgares reagem sobre o perispírito e o tornam mais pesado, denso e escuro. A atração dos globos inferiores, como a Terra, exerce-se de modo irresistível sobre esses organismos espirituais, que, em parte, conservam as necessidades do corpo e não podem satisfazê-las. As encarnações dos espíritos que sentem tais necessidades sucedem-se rapidamente, até que o progresso pelo sofrimento venha atenuar suas paixões, subtraí-los às influências terrestres e abrir-lhes o acesso de mundos melhores.

Estreita correlação liga os três elementos constitutivos do ser. Quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais sutil, leve e brilhante é o perispírito, tanto mais isento de paixões e moderado em seus apetites ou desejos é o corpo. A nobreza e a dignidade da alma refletem-se sobre o perispírito, tornando-o mais harmonioso nas formas e mais etéreo; revelam-se até sobre o próprio corpo: *a face então se ilumina com o reflexo de uma chama interior.*

É pelas correntes magnéticas que o perispírito se comunica com a alma. É pelos fluídos nervosos que ele está ligado ao corpo. Esses fluídos, posto que invisíveis, são vínculos poderosos que o prendem à matéria, do nascimento à morte, assim o conservam, até a dissolução do organismo. A agonia representa a soma de esforços realizados pelos perispírito a fim de se desprender dos laços carnis.

O fluído nervoso ou vital, de que o perispírito é a origem, exerce um papel considerável na economia orgânica. Sua existência e seu modo de ação podem explicar bastantes problemas patológicos. Ao mesmo tempo agente de

transmissão das sensações externas e das impressões íntimas, ele é comparável ao fio telegráfico, transmissor do pensamento, e que é percorrido por uma dupla corrente.

A existência do perispírito era conhecida dos antigos. Pelas palavras – Ochéma e Férouer, os filósofos gregos e orientais designavam o invólucro da alma “lúcido, etéreo, aromático”. Segundo os persas, assim que chega a hora da reencarnação, o Férouer atrai e condensa em torno de si as moléculas as matérias que são necessárias à constituição do corpo, e, pela morte deste, as restitui aos elementos que, em outros meios, devem formar novos invólucros carnis. O Cristianismo também conserva vestígios dessa crença. Paulo, em sua primeira epístola aos Coríntios, exprime-se nos seguintes termos:

“O homem está na terra em um corpo animal e ressuscitará com um corpo espiritual. Assim como tem um corpo animal, também possui um corpo espiritual”.

Embora em diversas épocas tenha sido afirmada a existência do perispírito, foi ao Espiritismo que coube determinar o seu papel exato e a sua natureza. Graças às experiências de Crookes e de outros sábios ingleses, sabemos que o perispírito é o instrumento com cujo auxílio se executam todos os fenômenos do Magnetismo e do Espiritismo. Esse organismo espiritual, semelhante ao corpo material, é um verdadeiro reservatório de fluídos, que a alma põe em ação pela sua vontade. É ele que, no sono natural como no sono provocado, se desprende da matéria, transporta-se a distâncias consideráveis e, na escuridão da noite como na claridade do dia, vê, percebe e observa coisas que o corpo não poderia conhecer por si.

O perispírito tem, portanto, sentidos análogos aos do corpo, porém muito mais poderosos e elevados. Ele tudo vê pela luz espiritual, diferente da luz dos astros, e que os sentidos materiais não podem perceber, embora esteja espalhada em todo o Universo.

A permanência do corpo fluídico, antes como depois da morte, explica também o fenômeno das aparições ou materializações de Espíritos. O perispírito, na vida livre do espaço, possui virtualmente todas as forças que constituem o organismo humano, mas nem sempre as põe em ação. Desde que Espírito se acha nas condições requeridas, isto é, desde que pode retirar do médium a matéria fluídica e a força vital necessárias, ele as assimila e reveste, pouco a pouco, as aparências do corpo terrestre. A corrente vital circula, então, e, sob a ação do fluído que recebe, as moléculas físicas coordenam-se segundo o plano do organismo, plano de que o perispírito reproduz os traços principais. Logo que o corpo humano fica reconstituído, o seu organismo entra em funções.

As fotografias e os moldes obtidos em parafina mostram-nos que esse novo corpo é idêntico ao que o Espírito animava na Terra; mas essa vida só pode ser temporária e passageira, porque é anormal, e os elementos que a produzem, após uma curta condensação, voltam às fontes donde foram emanados.

O Perispírito Cura

No processo da encarnação ou reencarnação, a mente espiritual, envolta no seu soma perispirítico reduzido, miniaturizado, atrai magneticamente as substâncias celulares do ovo materno, ao qual se ajusta desde a sua formação, revestindo-se com ele para de imediato começar a imprimir-lhe as suas próprias características individuais, que vão sendo absorvidas pelo novo organismo carnal, à medida que este se desenvolve e se desdobra segundo as leis genésicas naturais.

Intimamente ligada, desse modo, a cada célula física que se forma segundo o molde da célula perispiritual pré-existente a que se acopla, a mente espiritual assume, de maneira mais ou menos consciente com cada caso, mas sempre vigorosamente efetiva o comando da nova personalidade humana, que assim se constitui de espírito, perispirito e corpo material.

Importa aqui considerar que as características modulares que a mente imprime às células físicas que se formam são por ela transmitidas e fixadas através de forças determinadas, que é a energia mental, veiculada pelas ondas eletromagnéticas do pensamento.

Assim, as ondas eletromagnéticas do pensamento, carregadas das ídeo-emoções do Espírito, constituem o que se denomina fluído magnético, que é plasma fluídico vivo, de elevado poder de ação.

Daí em diante, e pela vida toda, refletem-se na mente espiritual todos os fenômenos da experiência humana do ser, cuja quimiossíntese final nela também se realiza. Justo é que nela se reflitam e se imprimam tais resultados, por ser ela mesmo quem comanda o ser, ou, melhor dizendo, por ser ela o próprio ser, que do mais se vale como de instrumentos à sua ação e manifestação, porém não mais do que instrumentos.

É das vibrações da mente espiritual que dependem a harmonia ou a desarmonia orgânicas da personalidade e, portanto, a saúde ou a doença do perispirito e do corpo material.

De acordo com o princípio da repercussão, as células corporais respondem automaticamente às induções hipnóticas espontâneas que lhes são desfechadas pela mente, revigorando-se com elas ou sofrendo-lhes a agressão. Raios mentais desagregadores, de culpabilidade ou remorso, formam zonas mórbidas no cosmo orgânico, impondo distonias às células, que adoecem, provocando a eclosão de males que podem ir desde a toxiquemia até o câncer.

Tanto ou mais do que os prejuízos causados pelos excessos e acidentes físicos, muitas vezes de caráter transitório, as ondas mentais tumultuárias, se insistentemente repetidas, podem provocar lesões de longo curso, a repercutirem, no tempo, até por várias reencarnações recuperadoras.

Ale, disso, na recapitulação natural e iderrogável das experiências do Espírito, quando se trata de ônus cármicos em aberto, eclodem, com freqüência, em determinadas faixas de idade, e em certas circunstâncias engendradas pelos mecanismos da expiação, forças desarmônicas que afligem a mente, desafiando-lhe a capacidade de autocontrole e auto-superação, sob pena de engolfar-se ela em caos de intensidade e duração imprevisíveis.

Não podemos, tão pouco, esquecer os problemas de sintonia, decorrentes da lei universal das afinidades, que obriga os semelhantes a conviverem uns com os outros e a se influenciarem mutuamente. Como a onda

mental opera em regime de circuito, incorpora inelutavelmente todos os princípios ativos que absorve, seja de que natureza for. Assim, tanto acontecem, entre as almas, maravilhosas fecundações de ideais e sentimentos nobres, como terríveis contágios mentais, algumas vezes até de natureza epidêmica, responsáveis por graves manifestações da patologia mento-física.

Tudo depende, por conseguinte, do modo como cada Espírito se conduz, no uso do fluído magnético que maneja. Com ele, pode-se ferir e prejudicar os outros, criar distúrbios e zonas de necrose, soezes encantamentos e fascinações escravizantes. Mas pode também manipular medicações balsâmicas, produzir prodígios de amor fecundo e estabelecer, através da prece e do trabalho benemerente, uma sublime ligação com o Céu.

O Perispírito nas Manifestações Mediúnicas em Geral

É por meio do perispírito que os Espíritos agem sobre a matéria inerte e produzem os diferentes fenômenos das manifestações. Não lhes é obstáculo a sua natureza etérea, porque se sabe que os mais poderosos motores são os fluídos mais rarefeitos e os imponderáveis. Não há, pois que admirar ao vermos Espíritos, com o auxílio dessa alavanca, produzirem certos efeitos físicos, como sejam pancadas e ruídos de toda espécie, elevação de objetos pesados, transporte ou projeção deles no espaço. Para explicar esses fenômenos, não é preciso recorrer ao maravilhoso nem aos efeitos supernaturais.

Os Espíritos, agindo sobre a matéria, podem manifestar-se de muitos modos diferentes: *por efeitos físicos*, como a deslocação de objetos e rumores; *por transmissão de pensamentos*, *pela vista*, *ouvido*, *tato*, *escrita*, *desenho*, *música*, *etc.*; em relações com os homens.

As manifestações dos Espíritos podem ser espontâneas ou provocadas.

As primeiras dão-se inopinadamente, de súbito, e produzem-se muitas vezes em pessoas alheias às idéias espíritas. Em certos casos e, sob o império de determinadas circunstâncias, as manifestações podem ser provocadas pela vontade, sob a influência de pessoas, para aquele fim dotadas de faculdades especiais.

As manifestações espontâneas dão-se em todas as épocas e em todos os países; o meio de provocá-las foi conhecido na antiguidade, mas era privilégio de algumas castas, que o não revelavam senão a raros iniciados, debaixo de condições vigorosas, ocultando-o ao vulgo, a fim de dominá-lo pelo prestígio de um poder oculto. Ele, porém, perpetuou-se através das idades, até aos nossos dias, em alguns indivíduos, embora desvirtuado pela superstição ou de mistura com práticas ridículas de magia, que contribuem para desacreditá-lo. Eram germens lançados cá e acolá.

A providência tinha reservado à nossa época o conhecimento completo e a vulgarização desses fenômenos a fim de separar-lhes a liga impura e fazê-los concorrer para o aperfeiçoamento da humanidade, apta para compreendê-los e para tirar-lhes as conseqüências.

Manifestações Visuais

Por sua natureza, e no estado normal, o perispírito é invisível e por este lado se confunde com uma multidão de fluídos, que sabemos existir, conquanto não possamos vê-los; entretanto pode, como certos fluídos sofrer modificações que o tornem perceptível à vista quer seja por uma espécie de condensação, quer por uma alteração na composição molecular. Pode até adquirir as propriedades de um corpo sólido e tangível, sem deixar a propriedade de voltar instantaneamente ao seu primitivo estado etéreo e invisível. É comparável esse fenômeno ao do vapor, que passa de invisível, tornando-se líquido ou sólido, e vice-versa.

Esses diferentes estados do perispírito são dependentes da vontade do espírito e não de causa física exterior, como acontece com o vapor. Quando um espírito se mostra, é porque colocou o perispírito no estado necessário para tornar-se visível.

A vontade só nem sempre basta, e é preciso, para que o perispírito passe por aquela modificação, um concurso de circunstâncias independentes dele; é mister, além disso, que o espírito tenha permissão de se tornar visível, o que nem sempre lhe é concedido, ou não o é senão em especiais circunstâncias, por motivos que não podemos apreciar.

Outra propriedade do perispírito, que procede da sua natureza etérea, é a penetrabilidade; a matéria não lhe opõe obstáculo e ele a atravessa, como a luz atravessa os corpos transparentes. É por isso que não há fechaduras para os espíritos, que visitam os prisioneiros reclusos em um cárcere, com a mesma facilidade com que se aproximam de quem está no campo a céu aberto.

As manifestações visuais mais comuns dão-se durante o sono, em sonhos; são as visões. As aparições propriamente ditas dão-se no estado de vigília, quando se está no pleno uso da liberdade e das faculdades. Realizam-se geralmente sobre a forma vaporosa e diáfana, na maior parte das vezes vaga e indecisa, não passando de uma nuvem esbranquiçada, cujos contornos se desenham lentamente. Noutros casos, as formas são bem acentuadas, distinguindo-se os mínimos traços do rosto, de modo a se poder fazer, com a maior precisão, uma perfeita descrição. Os gestos e o aspecto são semelhantes ao do espírito, quando encarnado.

Podendo tomar todas as aparências, o espírito apresenta-se sob a que melhor pode torná-lo conhecido se este for o seu desejo; e tanto que, apesar do espírito não conservar as enfermidades corpóreas, apresenta-se aleijado, coxo, ferido, com cicatrizes, se tanto for necessário para provar a sua identidade. O mesmo quanto ao traje; o daqueles, que já nada conservam das misérias da Terra, compõe-se, ordinariamente de uma túnica de longas pregas flutuantes e cabeleira ondulante e graciosa.

Muitas vezes os espíritos se apresentam com os predicados característicos da sua elevação, como auréola e asas, que nos fazem considerá-los como anjos de aspecto luminoso e resplandecente; ao passo que outros se apresentam com os característicos das suas ocupações terrestres: assim o

guerreiro poderá aparecer com a sua armadura, o sábio com os seus livros, o assassino com um punhal, etc.

Os espíritos superiores apresentam figuras belas, nobres e serenas; os mais inferiores alguma coisa de feroz e bestial, e algumas vezes ainda apresentam os sinais dos crimes que cometeram e dos castigos que sofreram. Para eles é castigo o acreditar que aquela aparência é realidade, isto é, que são o que mostram.

O espírito que quer ou pode aparecer, reveste algumas vezes forma ainda mais clara; toma as aparências de um corpo sólido, a ponto de produzir perfeita ilusão, fazendo crer que é um ser corpóreo.

Em alguns casos e em dada circunstância, a tangibilidade pode tornar-se real, isto é: podemos tocar-lhes, apalpar-lhes, sentir a mesma resistência e o mesmo calor, como se fora um corpo vivo, o que não o priva de desfazer-se com a rapidez do relâmpago. Pode, pois acontecer estarmos em presença de um espírito, conversarmos com ele e ficarmos na ilusão de que estamos tratando com um homem.

Qualquer que seja a forma, com que se apresenta um espírito, ainda mesmo a tangível, ele pode por momentos tornar-se visível somente a algumas pessoas.

Em um grupo de homens, pode mostrar-se a muitos ou simplesmente a um; e entre duas pessoas, uma pode vê-lo e tocar-lhe, sem que a outra o veja ou lhe perceba a presença.

O fenômeno da aparição, a um só dentre muitos que se acham juntos, explica-se pela necessidade, para a sua produção, da combinação do fluído perispiritual do espírito com o da pessoa. É preciso, para isso, que haja certa afinidade entre os dois para favorecimento da combinação fluídica.

Se o espírito não encontra aptidão orgânica necessária, o fenômeno da aparição não pode produzir-se; se houver aptidão, é livre de aproveitá-la ou não; donde resulta, se estão juntas duas pessoas dotadas de afinidade, o espírito pode operar a combinação fluídica comum a uma delas somente, a quem deseja mostrar-se, não o fazendo com a outra, que, portanto não o verá. É como se fosse um indivíduo, achando-se diante de dois, que tenha os olhos vendados, só levantasse a venda de um; mas aquém fosse cego, seria inútil tirar-se-lhe a venda, porque nem por isso lhe seria dado a faculdade de ver.

As aparições tangíveis são raríssimas; as vaporosas, porém, são freqüentes, principalmente no momento da morte.

Transfiguração, Invisibilidade.

O perispírito do homem tem as mesmas propriedades que a do espírito. Como já dissemos, não fica encerrado no corpo; irradia-se e forma em torno dele uma atmosfera fluídica. Ora pode acontecer em outros casos e em circunstâncias especiais que lhe sofresse uma transformação análoga a que foi descrita. Nesse caso, a forma material do corpo pode apagar-se sob aquela camada fluídica, se assim nos é permitido dizer, e revestir momentaneamente uma aparência muito

diferente da real, a de uma outra pessoa, ou a do espírito, que combina os seus fluídos com o do indivíduo, ou mesmo dar a uma fisionomia feia um belo e radiante aspecto. Tal é o fenômeno designado pelo nome de *transfiguração*, fenômeno assaz freqüente que se produz principalmente quando determinadas circunstâncias provocam uma expansão mais abundante de fluído.

A transfiguração pode processar-se em condições diversas, segundo o grau de pureza do perispírito, sempre correspondente ao da elevação moral do espírito. Ela pode não passar de uma ligeira modificação da fisionomia, ou chegar a ponto de dar ao perispírito uma aparência luminosa e esplendorosa.

A forma material pode, por conseguinte, desaparecer sob o fluído perispiritual, sem que precise mudar de aspecto, podendo simplesmente envolver o corpo, inerte ou vivo, e torná-lo visível a um ou a muitos, como se fosse uma camada de vapor.

A ignorância das propriedades do fluído perispiritual é o que podem fazer parecerem extraordinários os fenômenos. Aquele fluído é para nós um corpo novo com propriedades também nova, que se não pode estudar pelos processos ordinários da ciência; nem por isso deixam de ser propriedades naturais, não tendo de maravilhoso senão a novidade.

Bicorporeidade

A faculdade emancipadora da alma e seu desprendimento durante a vida, podem dar ensejos a fenômenos análogos aos que apresentam os espíritos desencarnados. Enquanto o corpo dorme, o espírito aparece fora dele, sob a forma vaporosa, quer em sonho, quer em vigília; pode mesmo apresentar-se sob a forma tangível, ou com a perfeita aparência, que muita gente afirma verdadeiramente tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Assim é realmente; mas num daqueles pontos só está o corpo e no outro só o espírito somente. Foi esse fenômeno raríssimo que ensejou ocasião a crença nos homens duplos e a que se tem dado o nome de *bicorporeidade*. Por mais extraordinário que seja, não deixa de pertencer, como tudo, a ordem dos fenômenos naturais, pois que deriva das propriedades do perispírito e de uma lei natural.

Ectoplasma

A palavra ectoplasma (no singular) dá a idéia de que se trata de algo único. Em química, quando se diz cloreto sódio, entende-se exatamente de que composto se trata, sem nenhuma dúvida. No entanto, parece que no caso do ectoplasma, a situação não é bem essa. Há indícios de que ele é, na verdade, um conjunto grande. Seria mais correto dizer-se *os ectoplasmas*. No entanto, manteremos o singular a título de simplificação.

Historicamente o ectoplasma tem sido identificado como algo que é produzido pelo ser humano que, em determinadas condições, pode liberá-lo, produzindo fenômenos diversos, entre esses fenômenos temos a materialização de espíritos.

Todos os estudos feitos, desde o século XIX, sobre as materializações de espíritos e os chamados efeitos físicos demonstraram que esses fenômenos ocorrem somente na presença de pessoas que podem fornecer ectoplasma. Isto leva a óbvia conclusão de que os espíritos não produzem ectoplasma, eles apenas podem manipulá-lo. Uma observação mais cuidadosa leva, inclusive, à conclusão de que esta manipulação somente pode ocorrer com a conivência, consciente ou inconsciente dos encarnados que fornecem o ectoplasma. Se assim não fosse, esses fenômenos ocorreriam com tal freqüência e intensidade, no cotidiano da humanidade, que os desencarnados passariam a participar diretamente do mundo dos encarnados. Deste modo, pode-se deduzir que o ectoplasma é um atributo do corpo físico, *portanto da matéria*, uma vez que o corpo humano é material embora seja controlado pelo espírito nele encarnado.

O que se pode admitir que aconteça é que, os espíritos encarnados, em contato com a matéria (corpo), durante a encarnação, manipulam-na de tal modo a produzirem o que chamamos de ectoplasma. Essa produção se daria de modo inconsciente, desde a concepção até o desencarne.

Se o ectoplasma está relacionado com a matéria que constitui o corpo humano, ele deve existir, também, nos minerais, nas plantas e nos animais em geral.

Esses ectoplasmas não devem ser iguais em termos de complexidade, ao ectoplasma existente nos seres humanos. Esta dedução é fácil de ser feita, uma vez que, ao que se sabe, o ectoplasma não-humano não é suficiente, ou adequado, para a materialização de fenômenos físicos e de materialização. Se fosse, esses fenômenos ocorreriam livremente pela manifestação de espíritos desencarnados. Haveria interferência direta dos desencarnados no mundo dos encarnados, criando uma grande confusão.

Nota: Não se sabe, ainda, como o ectoplasma se produz, isto é, como é o processo no qual ele é produzido. Se ele se produz no corpo de carne é lícito supor que seja o resultado de algum metabolismo. Podem-se tecer, portanto, a partir daí, algumas considerações.

Se admitirmos a existência do ectoplasma dos minerais, vegetais e dos animais, podemos propor a hipótese de que, a nível do ser humano, o que acontece é apenas a manipulação desse ectoplasma ingerido juntamente com os alimentos, ou seja, o ectoplasma humano seria originário dos alimentos que comemos, dos líquidos que bebemos e do ar que respiramos. Não podemos descartar a existência de outros modos desconhecidos de absorvermos ectoplasma.

Da mesma forma como acontece no metabolismo das matérias que ingerimos no corpo de carne, as diversas qualidades de ectoplasma ingerido também deverão sofrer algum tipo de transformação. Poderíamos chamar isso de metabolismo do ectoplasma e que, possivelmente, deve ocorrer paralelamente ao metabolismo dos alimentos.

Neste contexto, somos levados a admitir que o ectoplasma mineral é, em princípio, o mais simples. Nas plantas, que se alimentam principalmente de materiais inorgânicos, ele se apresenta de modo relativamente mais complexo, isso porque ele foi trabalhado por elas a partir do material inicial.

Nos animais que se alimentam de produtos minerais, vegetais e mesmo de outros animais, o ectoplasma deve adquirir uma maior complexidade. Certamente em

função da espécie de vegetal ou animal, haverá qualidades diferentes de ectoplasmas.

Glândula Pineal

É um ponto sensível da intervenção espiritual na vida anímica do homem encarnado, sobretudo no desenvolvimento de suas faculdades psíquicas.

A glândula pineal possui uma aura, uma concreção dourada em torno, que apresenta os sete matizes das cores básicas. Essa aura não existe na criança antes dos sete anos normalmente, nem nas pessoas bastante idosas e nos idiotas, o que prova que essa glândula está ligada à vida mental dos homens. É o órgão principal da espiritualidade e da consciência das coisas, tanto externas como internas.

É a glândula da vida mental. Ela acorda no organismo do homem, na puberdade, as forças criadoras e, em seguida, continua a funcionar, como o mais avançado laboratório de elementos psíquicos da criatura terrestre. O neurologista comum não a conhece bem. O psiquiatra devassar-lhe-á, mais tarde, os segredos. Os psicólogos vulgares ignoram-na. Freud interpretou-lhe o desvio, quando exagerou a influência da libido, no estudo da indisciplina congênita da humanidade. Enquanto no período do desenvolvimento infantil, fase de reajustamento desse centro importante do corpo perispiritual preexistente, a epífise parece constituir o freio às manifestações do sexo. Aos quatorze anos, aproximadamente, de posição estacionária, quanto às suas atribuições essenciais, recomeça a funcionar no homem reencarnado. O que representava controle é fonte criadora e válvula de escapamento. A glândula pineal reajusta-se ao concerto orgânico e reabre seus mundos maravilhosos de sensações e impressões na esfera emocional. Entrega-se a criatura à recapitulação da sexualidade, examina o inventário de suas paixões vividas noutra época, que reaparecem sob fortes impulsos.

Ela preside aos fenômenos nervosos da emotividade, como órgão de elevada expressão no corpo etéreo. Desata, de certo modo, os laços divinos da Natureza, os quais ligam as existências umas às outras, na seqüência de lutas, pelo aprimoramento da alma, e deixa entrever a grandeza das faculdades criadoras de que a criatura se acha investida.

A glândula pineal conserva ascendência em todo o sistema endócrino. Ligada à mente, através de princípios eletromagnéticos do campo vital, que a ciência comum ainda não pode identificar, comanda as forças subconscientes sob a determinação direta da vontade. As redes nervosas constituem-lhe os fios telegráficos para ordens imediatas a todos os departamentos celulares, e sob sua direção efetuam-se os suprimentos de energias psíquicas a todos os armazéns autônomos dos órgãos. Manancial criador dos mais importantes, suas atribuições são extensas e fundamentais. Na qualidade de controladora do mundo emotivo, sua posição na experiência sexual é básica e absoluta. De modo geral, todos nós,

agora ou no pretérito, viciamos esse foco sagrado de forças criadoras, transformando-o num imã relaxado, entre as sensações inferiores de natureza animal. Quantas existências temos despendido na canalização de nossas possibilidades espirituais para os campos mais baixos do prazer materialista? Lamentavelmente divorciados da lei do uso, abraçamos os desregramentos emocionais, e daí, a nossa multimilenária viciação das energias geradoras, carregados de compromissos morais, com todos aqueles a quem ferimos com os nossos desvarios e irreflexões. Do lastimável menosprezo a esse potencial sagrado, decorrem os dolorosos fenômenos da hereditariedade fisiológica, que deveria constituir, invariavelmente, um quadro de aquisições abençoadas e puras. A perversão do nosso plano mental consciente, em qualquer sentido da evolução, determina a perversão de nosso psiquismo inconsciente, encarregado da execução dos desejos e ordenações mais íntimas, na esfera das operações automáticas. A vontade desequilibrada desregula o foco de nossas possibilidades criadoras. Daí procede a necessidade de regras morais para quem, de fato, se interessa pelas aquisições eternas no domínio do Espírito. Renúncia, abnegação, continência sexual e disciplina emotiva não representam meros preceitos de feição religiosa. São providências de teor científico, para enriquecimento efetivo da personalidade. Nunca fugiremos à lei, cujos artigos e parágrafos do Supremo Legislador abrangem o Universo. Ninguém enganará a Natureza. *Centros vitais desequilibrados obrigam a alma à permanência nas situações de desequilíbrio.* Não adianta alcançar a morte física, exibindo gestos e palavras convencionais, se o homem não cogitou do burilamento próprio. A Justiça que rege a Vida Eterna jamais se inclinou. É certo que os sentimentos profundos do extremo instante do Espírito encarnado cooperam decisivamente nas atividades de regeneração além do túmulo, mas não representam a realização precisa.

Segregando unidades-força, a epífise, pode ser comparada a poderosa usina, que deve ser aproveitada e controlada, no serviço de iluminação, refinamento e benefício da personalidade e não relaxada em gasto excessivo do suprimento psíquico, nas emoções de baixa classe. Reconciliar-se no charco das sensações inferiores, à maneira dos suínos, é retê-la nas correntes tóxicas dos desvarios de natureza animal, e, na despesa excessiva de energias sutis, muito dificilmente consegue o homem levantar-se do mergulho terrível nas sombras, mergulho que se prolonga, além da morte corporal. Em vista disso, é indispensável cuidar atentamente da economia de forças, em todo serviço honesto de desenvolvimento das faculdades superiores. Os materialistas da razão pura, senhores de vastos patrimônios intelectuais, perceberam de longe semelhantes realidades e, no sentido de preservar a juventude, a plástica e a eugenia, fomentaram a prática do esporte, em todas as suas modalidades. Contra os perigos possíveis, na excessiva acumulação de forças nervosas, como são chamadas as secreções elétricas da epífise, aconselharam aos moços de todos os países o uso do remo, da bola, do salto, da barra, das corridas a pé. Desse modo, preservavam-se os valores orgânicos, legítimos e normais, para as funções da hereditariedade. A medida, embora satisfaça em parte, é, contudo, incompleta e defeituosa. Incontestavelmente, a ginástica e o exercício controlados são fatores valiosos de saúde; a competição esportiva honesta é fundamento precioso de socialização; no entanto, podem circunscrever-se a meras providências, em

benefício dos ossos, e, por vezes, degeneram-se em elástico das paixões menos dignas. São muito raros ainda, na Terra, os que reconhecem a necessidade de preservação das energias psíquicas para engrandecimento do Espírito eterno. O homem vive esquecido de que Jesus ensinou a virtude como esporte da alma, e nem sempre se recorda de que, no problema do aprimoramento interior, não se trata de retificar a sombra da substância e sim a substância em si mesma.

Bibliografia:

Obras Póstumas – *Allan Kardec*
A Gênese – *Allan Kardec*
O Livro dos Espíritos – *Allan Kardec*
Psiquismo e Cromoterapia – *Edgard Armond*
Depois da Morte – *Léon Denis*
Universo e Vida – *Hernani T. Sant’Anna (pelo espírito Áureo)*
Um Fluido Vital Chamado Ectoplasma – *Matthieu Tubino*



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 06

Mediunidade I

Histórico, Efeitos Físicos e Efeitos Intelectuais

Definição

Toda pessoa que sente a influência dos Espíritos, em qualquer grau de intensidade, é médium. Essa faculdade é inerente ao homem. Por isso mesmo, não constitui privilégio e são raras as pessoas que não a possuem, pelo menos em estado rudimentar. Pode-se dizer que todos são mais ou menos médiuns.

Usualmente, porém, essa qualificação se aplica somente aos que possuem uma faculdade mediúnica bem caracterizada, que se traduz por efeitos patentes de certa intensidade, o que depende de uma organização mais ou menos sensitiva.

Deve-se notar, ainda, que essa faculdade não se revela em todos da mesma maneira. Os médiuns têm, geralmente, aptidão especial para esta ou aquela ordem de fenômenos, o que os divide em tantas variedades quantas são as espécies de manifestações. As principais são: médiuns de efeitos físicos, sensitivos ou impressionáveis, auditivos, falantes, videntes, sonâmbulos, curadores, pneumatógrafos (voz direta), escreventes ou psicógrafos.

Resumo Histórico

A faculdade mediúnica tanto a natural como a de prova, não é fenômeno de nossos dias, destes dias nos quais o Espiritismo encontrou seu clímax, mas sempre existiu, desde quando existe o homem. Sim, porque foi muito por meio dela que os espíritos diretores puderam interferir na evolução do mundo, orientando-o, guiando-o, protegendo-o.

Vindo conviver com os homens ou dando-lhes, pela mediunidade, as inspirações e os ensinamentos necessários, foram sempre eles, esses guias devotados e solícitos, elementos decisivos dessa evolução.

Nas épocas em que a humanidade vivia no regime patriarcal, de clãs ou de tribos, a mediunidade era atribuída a poucos, que exerciam um verdadeiro reinado espiritual sobre os demais.

Passou depois para os círculos fechados dos colégios sacerdotais, criando castas privilegiadas de inspirados e, por fim, foi se difundindo entre o povo, dando nascimento aos videntes, profetas, adivinhos e pitonisas, que passaram por sua vez, a exercer inegável influência nos meios em que atuavam.

Na Índia como na Pérsia, no Egito, Grécia ou Roma, sempre foi utilizada como fonte de poder e de dominação, e tão preciosa, que originou a circunstância de somente ser concedida por meio de iniciação a poucos indivíduos de determinadas seitas e fraternidades. Na China, por exemplo, há 3000 anos a.C., o Mediunismo era praticado: uma prancheta era usada, nas cerimônias mortuárias, para receber as palavras do morto, dirigidas a seus descendentes. O culto dos antepassados é fundamental na China, Japão e outros países orientais.

E ainda hoje verificamos a existência dessas seitas e fraternidades que prometem a iniciação sob as mais rigorosas condições de mistérios e formalismo, se bem que com medíocres resultados, como é natural.

Somente após o advento do Espiritismo, as práticas mediúnicas se popularizaram e foram postas ao alcance de todos sem restrições e sem segredos.

Todos Somos Médiuns

Sendo a mediunidade um sentido natural, é evidente que todos somos médiuns, e o seremos cada vez mais. Por enquanto, esse sentido novo que se manifesta no homem, de forma mais ostensiva de alguns séculos para cá, encontra-se engatinhando-se, apesar de estar se elaborando há milênios. Qual os outros sentidos que foram se formando através das sábias Leis da Natureza, passando por incríveis processos de experimentação, a mediunidade um dia será um sentido tão perfeito quanto o tato e a visão.

Chegará o tempo em que a mediunidade será no homem uma espécie de antena parabólica em constante funcionamento. A telepatia, então, será o meio natural de comunicação entre os homens na Terra e os habitantes de muitas moradas da Casa do Pai.

Porque todos serão médiuns, os médiuns deixarão de ser pessoas diferenciadas pelas faculdades de que sejam portadoras. Assim como, na normalidade, todos enxergam e todos ouvem, todos haverão de comunicar-se uns com os outros, encarnados e desencarnados, sem necessidade de intermediários. Estamos falando de uma época ainda muito distante.

Quando os espíritos, consultados a respeito, afirmam que todos são médiuns, é claro que eles estão se referindo a mediunidade potencial de que todos somos portadores. É como se indagar de um médico se todos os homens têm a capacidade de reprodução...

No entanto, como a mediunidade se manifesta em cada um em determinado “instante evolutivo”, lógico concluir que ela haverá de manifestar-se em futuras existências ou até mesmo em outras dimensões espirituais da Vida, sim, porque existem espíritos nos quais a mediunidade começa a manifestar-se no Plano Espiritual.

Questionar-se-ia se uma pessoa, poderia, digamos, “forçar” o desenvolvimento de sua mediunidade. Respondemos afirmativamente, embora não aconselhemos semelhante medida.

Respondemos afirmativamente, porque a mediunidade é também um dom possível de ser desenvolvido, da mesma forma que alguém se interessando em ser musicista, pode exercitar-se no instrumento de sua predileção. Mas não podemos negar que existe enorme diferença entre o que apresenta aptidão natural para a música e aquele que se esforça para tanto.

A capacidade mediúnica é conquista do espírito, independente de sua vontade, *mas o seu aproveitamento depende da sua condição moral*. Por esse ângulo, a mediunidade para o médium será *causa de progresso espiritual* ou de *carmas negativos para o futuro*.

Tipos de Manifestações Mediúnicas

Manifestações Físicas

Dá-se o nome de manifestações físicas às que se traduzem por efeitos sensíveis, tais como ruídos movimentos e deslocação de corpos sólidos. Umas são espontâneas, isto é, independentes da vontade de quem quer que seja; outras podem ser provocadas. Primeiramente, só falaremos destas últimas.

O efeito mais simples, e um dos primeiros que foram observados consistem no movimento circular impresso a uma mesa. Este efeito igualmente se produz com qualquer outro objeto, mas sendo a mesa o móvel com que, pela sua comodidade, mais se tem procedido a tais experiências, a designação de mesas girantes prevaleceu, para indicar esta espécie de fenômenos.

Quando dizemos que este efeito foi um dos que primeiro se observaram, queremos dizer nos últimos tempos, pois não há dúvida de que todos os gêneros de manifestações eram conhecidos desde os tempos mais longínquos. Visto que são efeitos naturais, necessariamente se produziram em todas as épocas.

Durante algum tempo esse fenômeno entreteve a curiosidade dos salões. Depois, aborreceram-se dele e passaram a cultivar outras distrações, porquanto apenas o consideravam como simples distração. Duas causas contribuíram para que pusessem de parte as mesas girantes.

Pelo que toca à gente frívola, a causa foi a moda, que não lhe permite conservar por dois invernos seguidos o mesmo divertimento, mas que, no entanto, consentiu que em três ou quatro predominasse o de que tratamos, coisa que a tal gente deve ter parecido prodigiosa.

Quanto às pessoas criteriosas e observadoras, o que as fez desprezar as mesas girantes foi que, tendo visto nascer delas algo de sério, destinado a prevalecer, passaram a ocupar-se com as conseqüências a que o fenômeno dava lugar, bem mais importantes em seus resultados.

Deixaram o alfabeto pela ciência, tal o segredo desse aparente abandono com que tanta bulha fazem os motejadores. Como quer que seja, as mesas girantes representarão sempre o ponto de partida da Doutrina Espírita e, por essa razão, algumas explicações lhes devemos, tanto mais que, mostrando os fenômenos na sua maior simplicidade, o estudo das causas que os produzem ficará facilitado e, uma vez firmada, a teoria nos fornecerá a chave para a decifração dos efeitos mais complexos.

Para que o fenômeno se produza, faz-se mister a intervenção de uma ou muitas pessoas dotadas de especial aptidão, que se designam pelo nome de médiuns. O número dos cooperadores em nada influi, a não ser que entre eles se encontrem alguns médiuns ignorados. Quanto aos que não têm mediunidade, a presença desses

nenhum resultado produz, pode mesmo ser mais prejudicial do que útil pela disposição de espírito em que se achem. Sob este aspecto, os médiuns gozam de maior ou menor poder, produzindo, por conseguinte, efeitos mais ou menos pronunciados. Muitas vezes, um poderoso médium produzirá sozinho mais do que vinte outros juntos. Basta-lhe colocar as mãos na mesa para que, no mesmo instante, ela se mova, erga, revire, dê saltos, ou gire com violência.

Nenhum indício há pelo qual se reconheça a existência da faculdade mediúnica. Só a experiência pode revelá-la.

Teoria das Manifestações Físicas

Demonstrada, pelo raciocínio e pelos fatos, a existência dos Espíritos, assim como a possibilidade que têm de atuar sobre a matéria, trata-se agora de saber como se efetua essa ação e como procedem eles para fazer que se movam as mesas e outros corpos inertes.

Desde que se tornaram conhecidas a natureza dos Espíritos, sua forma humana, as propriedades semimateriais do perispírito, a ação mecânica que este pode exercer sobre a matéria; desde que, em casos de aparição, se viram mãos fluídicas e mesmo tangíveis tomar dos objetos e transportá-los, julgou-se, como era natural, que o Espírito se servia muito simplesmente de suas próprias mãos para fazer que a mesa girasse e que à força de braço é que ela se erguia no espaço.

Mas, então, sendo assim, que necessidade havia de médium? Não pode o Espírito atuar só por si? Porque, é evidente que o médium, que as mais das vezes põe as mãos sobre a mesa em sentido contrário ao do seu movimento, ou que mesmo não coloca ali as mãos, não pode secundar o Espírito por meio de uma ação muscular qualquer. Deixemos, porém, que primeiro falem os Espíritos a quem interrogamos sobre esta questão.

As respostas seguintes nos foram dadas pelo Espírito São Luís. Muitos outros, depois, as confirmaram.

- I. Será o fluido universal uma emanção da divindade? *“Não”*.
- II. Será uma criação da divindade? *“Tudo é criado, exceto Deus”*.
- III. O fluido universal será ao mesmo tempo o elemento universal? *“Sim, é o princípio elementar de todas as coisas”*.
- IV. Alguma relação tem ele com o fluido elétrico, cujos efeitos conhecemos? *“É o seu elemento”*.
- V. Em que estado o fluido universal se nos apresenta, na sua maior simplicidade? *“Para o encontrarmos na sua simplicidade absoluta, precisamos ascender aos Espíritos puros. No vosso mundo, ele sempre se acha mais ou menos modificado, para formar a matéria compacta que vos cerca. Entretanto, podeis dizer que o estado em que se encontra mais próximo daquela simplicidade é o do fluido a que chamais fluido magnético animal”*.
- VI. Já disseram que o fluido universal é a fonte da vida. Será ao mesmo tempo a fonte da inteligência? *“Não, esse fluido apenas anima a matéria”*.
- VII. Pois que é desse fluido que se compõe o perispírito, parece que, neste, ele se acha num como estado de condensação, que o aproxima, até certo ponto, da matéria propriamente dita? *“Até certo ponto, como*

dizes, porquanto não tem todas as propriedades da matéria. É mais ou menos condensado, conforme os mundos”.

- VIII. Como pode um Espírito produzir o movimento de um corpo sólido? *“Combinando uma parte do fluido universal com o fluido, próprio àquele efeito, que o médium emite”.*
- IX. Será com os seus próprios membros, de certo modo solidificado, que os Espíritos levantam a mesa? *“Esta resposta ainda não te levará até onde desejas. Quando, sob as vossas mãos, uma mesa se move, o Espírito haure no fluido universal o que é necessário para lhe dar uma vida fictícia. Assim preparada a mesa, o Espírito a atrai e move sob a influência do fluido que de si mesmo desprende, por efeito da sua vontade. Quando quer pôr em movimento uma massa por demais pesada para suas forças, chama em seu auxílio outros Espíritos, cujas condições sejam idênticas às suas. Em virtude da sua natureza etérea, o Espírito, propriamente dito, não pode atuar sobre a matéria grosseira, sem intermediário, isto é, sem o elemento que o liga à matéria. Esse elemento, que constitui o que chamais perispírito, vos faculta a chave de todos os fenômenos espíritas de ordem material. Julgo ter-me explicado muito claramente, para ser compreendido.”*

NOTA. Chamamos a atenção para a seguinte frase, primeira da resposta acima: Esta resposta *AINDA* te não levará até onde desejas. O Espírito compreendera perfeitamente que todas as questões precedentes só haviam sido formuladas para chegarmos a esta última e alude ao nosso pensamento que, com efeito, esperava por outra resposta muito diversa, isto é, pela confirmação da idéia que tínhamos sobre a maneira por que o Espírito obtém o movimento da mesa.

- X. Os Espíritos, que aquele que deseja mover um objeto chama em seu auxílio, são-lhe inferiores? Estão-lhe sob as ordens? *“São-lhe iguais, quase sempre. Muitas vezes acodem espontaneamente”.*
- XI. São aptos, todos os Espíritos, a produzir fenômenos deste gênero? *“Os que produzem efeitos desta espécie são sempre Espíritos inferiores, que ainda se não desprenderam inteiramente de toda a influência material”*
- XII. Compreendemos que os Espíritos superiores não se ocupam com coisas que estão muito abaixo deles. Mas, perguntamos se, uma vez que estão mais desmaterializados, teriam o poder de fazê-lo, dado que o quisessem? *“Os Espíritos superiores têm a força moral, como os outros têm a força física. Quando precisam desta força, servem-se dos que a possuem. Já não se vos disse que eles se servem dos Espíritos inferiores, como vós vos servis dos carregadores?”*

NOTA. Já foi explicado que a densidade do perispírito, se assim se pode dizer, varia de acordo com o estado dos mundos. Parece que também varia, em um mesmo mundo, de indivíduo para indivíduo. Nos Espíritos moralmente adiantados, é mais sutil e se aproxima da dos Espíritos elevados; nos Espíritos inferiores, ao contrário, aproxima-se da matéria e é o que faz que os Espíritos de baixa condição conservem por muito tempo as ilusões da vida

terrestre. Esses pensam e obram como se ainda fossem vivos; experimentam os mesmos desejos e quase que se poderia dizer a mesma sensualidade. Esta grosseria do perispírito, dando-lhe mais afinidade com a matéria, torna os Espíritos inferiores mais aptos às manifestações físicas. Pela mesma razão é que um homem de sociedade, habituado aos trabalhos da inteligência, franzino e delicado de corpo, não pode suspender fardos pesados, como o faz um carregador. Nele, a matéria é, de certa maneira, menos compacta, menos resistentes os órgãos; há menos fluido nervoso. Sendo o perispírito, para o Espírito, o que o corpo é para o homem e como à sua maior densidade corresponde menor inferioridade espiritual, essa densidade substitui no Espírito a força muscular, isto é, dá-lhe, sobre os fluidos necessários às manifestações, um poder maior do que o de que dispõem aqueles cuja natureza é mais etérea. Querendo um Espírito elevado produzir tais efeitos, faz o que entre nós fazem as pessoas delicadas: chama para executá-los um Espírito do ofício.

- XIII. Se compreendemos bem o que disseste, o princípio vital reside no fluido universal; o Espírito tira deste fluido o envoltório semimaterial que constitui o seu perispírito e é ainda por, meio deste fluido que ele atua sobre a matéria inerte. É assim? *“É. Quer dizer: ele empresta à matéria uma espécie de vida factícia; a matéria se anima da vida animal. A mesa, que se move debaixo das vossas mãos, vive como animal; obedece por si mesma ao ser inteligente. Não é este quem a impele, como faz o homem com um fardo. Quando ela se eleva, não é o Espírito quem a levanta, com o esforço do seu braço: é a própria mesa que, animada, obedece à impulsão que lhe dá o Espírito”.*
- XIV. Que papel desempenha o médium nesse fenômeno? *“Já eu disse que o fluido próprio do médium se combina com o fluido universal que o Espírito acumula. É necessária a união desses dois fluidos, isto é, do fluido animalizado e do fluido universal para dar vida à mesa. Mas, nota bem que essa vida é apenas momentânea, que se extingue com a ação e, às vezes, antes que esta termine, logo que a quantidade de fluido deixa de ser bastante para a animar”.*
- XV. Pode o Espírito atuar sem o concurso de um médium? *“Pode atuar à revelia do médium. Quer isto dizer que muitas pessoas, sem que o suspeitem, servem de auxiliares aos Espíritos. Delas haurem os Espíritos, como de uma fonte, o fluido animalizado de que necessitem. Assim é que o concurso de um médium, tal como o entendeis, nem sempre é preciso, o que se verifica Principalmente nos fenômenos espontâneos”.*
- XVI. Animada, atua a mesa com inteligência? Pensa? *“Pensa tanto quanto a bengala com que fazes um sinal inteligente. Mas, a vitalidade de que se acha animada lhe permite obedecer à impulsão de uma inteligência. Fica, pois, sabendo que a mesa que se move não se torna Espírito e que não tem, em si mesma, capacidade de pensar, nem de querer”.*
- XVII. Qual a causa preponderante, na produção desse fenômeno: o Espírito, ou o fluido? *“O Espírito é a causa, o fluido o instrumento, ambos são necessários”.*

XVIII. Que papel, nesse caso, desempenha a vontade do médium? *“O de atrair os Espíritos e secundá-los no impulso que dão ao fluido”.* a) É sempre indispensável a ação da vontade? *“Aumenta a força, mas nem sempre é necessária, pois que o movimento pode produzir-se contra essa vontade, ou a seu malgrado e isso prova haver uma causa independente do médium”.*

NOTA. Nem sempre o contacto das mãos é necessário para que um objeto se mova. As mais das vezes esse contacto só se faz preciso para dar o primeiro impulso; porém, desde que o objeto está animado, pode obedecer à vontade do Espírito, sem contacto material. Depende isto, ou da potencialidade do médium, ou da natureza do Espírito. Nem sempre mesmo é indispensável um primeiro contacto, do que são provas os movimentos e deslocamentos espontâneos, que ninguém cogitou de provocar.

XIX. Por que é que nem toda gente pode produzir o mesmo efeito e não têm todos os médiuns o mesmo poder? *“Isto depende da organização e da maior ou menor facilidade com que se pode operar a combinação dos fluidos”.* *Influi também a maior ou menor simpatia do médium para com os Espíritos que encontram nele a força fluídica necessária. Dá-se com esta força o que se verifica com a dos magnetizadores, que não é igual em todos. A esse respeito, há mesmo pessoas que são de todo refratárias; outras com as quais a combinação só se opera por um esforço de vontade da parte delas; outras, finalmente, com quem a combinação dos fluidos se efetua tão natural e facilmente, que elas nem dão por isso e servem de instrumento a seu mau grado, como atrás dissemos”.*

NOTA. Estes fenômenos têm sem dúvida por princípio o magnetismo, porém, não como geralmente o entendem. A prova está na existência de poderosos magnetizadores que não conseguiram fazer que uma pequenina mesa se movesse e na de pessoas que não logram magnetizar a ninguém, nem mesmo a uma criança, às quais, no entanto, basta que ponham os dedos sobre uma mera pesada, para que esta se agite. Assim, desde que a força mediúnica não guarda proporção com a força magnética, é que outra causa existe.

XX. As pessoas qualificadas de elétricas podem ser consideradas médiuns? *“Essas pessoas tiram de si mesmas o fluido necessário à produção do fenômeno e podem operar sem o concurso de outros Espíritos. Não são, portanto, médiuns, no sentido que se atribui a esta palavra. Mas, também pode dar-se que um Espírito as assista e se aproveite de suas disposições naturais”.*

XXI. O Espírito que atua sobre os corpos sólidos, para movê-los, se coloca na substância mesma dos corpos, ou fora dela? *“Dá-se uma e outra coisa. Já dissemos que a matéria não constitui obstáculos para os Espíritos. Em tudo eles penetram. Uma porção do perispírito se identifica, por assim dizer, com o objeto em que penetra.”*

XXII. Como faz o Espírito para bater? Serve-se de algum objeto material? *“Tanto quanto dos braços para levantar a mesa. Sabes perfeitamente*

que nenhum martelo tem o Espírito à sua disposição. Seu martelo é o fluido que, combinado, ele põe em ação, pela sua vontade, para mover ou bater. Quando move um objeto, a luz vos dá a percepção do movimento; quando bate, o ar vos traz o som”.

- XXIII. Concebemos que seja assim, quando o Espírito bate num corpo duro; mas como pode fazer que se ouçam ruídos, ou sons articulados na massa instável do ar? *“Pois que é possível atuar sobre a matéria, tanto pode ele atuar sobre uma mesa, como sobre o ar. Quanto aos sons articulados, pode imitá-los, como o pode fazer com quaisquer outros ruídos”.*
- XXIV. Dizes que o Espírito não se serve de suas mãos para deslocar a mesa. Entretanto, já se tem visto, em certas manifestações visuais, aparecerem mãos a dedilhar um teclado, a percutir as teclas e a tirar dali sons. Neste caso, o movimento das teclas não será devido, como parece, à pressão dos dedos? E não é também direta e real essa pressão, quando se faz sentir sobre nós, quando as mãos que a exercem deixam marcas na pele? *“Não podeis compreender a natureza dos Espíritos nem a maneira por que atuam, senão mediante comparações, que de uma e outra coisa apenas vos dão idéia incompleta, e errareis sempre que quiserdes assimilar aos vossos os processos de que eles usam. Estes, necessariamente, hão de corresponder à organização que lhes é própria. Já te não disse eu que o fluido do perispírito penetra a matéria e com ela se identifica, que a anima de uma vida fictícia? Pois bem! Quando o Espírito põe os dedos sobre as teclas, realmente os põe e de fato as movimenta. Porém, não é por meio da força muscular que exerce a pressão. Ele as anima, como o faz com a mesa, e as teclas, obedecendo-lhe à vontade, se abaixam e tigem as cordas do piano. Em tudo isto uma coisa ainda se dá, que difícil vos será compreender: é que alguns Espíritos tão pouco adiantados se encontram e, em comparação com os Espíritos elevados, tão materiais se conservam, que guardam as ilusões da vida terrena e julgam obrar como quando tinham o corpo de carne. Não percebem a verdadeira causa dos efeitos que produzem, mais do que um camponês compreende a teoria dos sons que articula. Perguntai-lhes como é que tocam piano e vos responderão que batendo com os dedos nas teclas, porque julgam ser assim que o fazem. O efeito se produz instintivamente neles, sem que saibam como, se bem lhes resulte da ação da vontade. O mesmo ocorre, quando se exprimem por palavras”.*
- XXV. Entre os fenômenos que se apontam como probantes da ação de uma potência oculta, alguns há evidentemente contrários a todas as conhecidas leis da Natureza. Nesses casos, não será legítima a dúvida? *“É que o homem está longe de conhecer todas as leis da Natureza. Se as conhecesse todas, seria Espírito superior. Cada dia que se passa desmente os que, supondo tudo saberem, pretendem impor limites à Natureza, sem que por isso, entretanto, se tornem menos orgulhosos. Desvendando-lhe, incessantemente, novos mistérios, Deus adverte o homem de que deve desconfiar de suas próprias luzes, porquanto dia virá em que a ciência do mais sábio será*

confundida. Não tendes todos os dias, sob os olhos, exemplos de corpos animados de um movimento que domina a força da gravitação? Uma pedra, atirada para o ar, não sobrepuja momentaneamente aquela força? Pobres homens, que vos considerais muito sábios e cuja tola vaidade a todos os momentos está sendo desbancada, ficai sabendo que ainda sois muito pequeninos”.

Estas explicações são claras, categóricas e isentas de ambigüidade. Delas ressalta, como ponto capital, que o fluido universal, onde se contém o princípio da vida, é o agente principal das manifestações, agente que recebe impulsão do Espírito, seja encarnado, seja errante. Condensado, esse fluido constitui o perispírito, ou invólucro semimaterial do Espírito. Encarnado este, o perispírito se acha unido à matéria do corpo; estando o Espírito na erraticidade, ele se encontra livre. Quando o Espírito está encarnado, a substância do perispírito se acha mais ou menos ligada, mais ou menos aderente, se assim nos podemos exprimir.

Em algumas pessoas se verifica, por efeito de suas organizações, uma espécie de emanção desse fluido e é isso, propriamente falando, o que constitui o médium de influências físicas. A emissão do fluido animalizado pode ser mais ou menos abundante, como mais ou menos fácil a sua combinação, donde os médiuns mais ou menos poderosos. Essa emissão, porém, não é permanente, o que explica a intermitência do poder mediúnico.

Façamos uma comparação. Quando se tem vontade de atuar materialmente sobre um ponto colocado a distância, quem quer é o pensamento, mas o pensamento por si só não irá percutir o ponto; é-lhe preciso um intermediário, posto sob a sua direção: uma vara, um projétil, uma corrente de ar, etc.

Notai também que o pensamento não atua diretamente sobre a vara, porquanto, se esta não for tocada, não se moverá. O pensamento, que não é senão o Espírito encarnado está unido ao corpo pelo perispírito e não pode atuar sobre o corpo sem o perispírito, como não o pode sobre a vara sem o corpo. Atua sobre o perispírito, por ser esta a substância com que tem mais afinidade; o perispírito atua sobre os músculos, os músculos tomam a vara e a vara bate no ponto visado. Quando o Espírito não está encarnado, faz-se-lhe mister um auxiliar estranho e este auxiliar é o fluido, mediante o qual torna ele o objeto, sobre quer atuar, apto a lhe obedecer à impulsão da vontade.

Assim, quando um objeto é posto em movimento, levantado ou atirado para o ar, não é que o Espírito o tome, empurre e suspenda, como o faríamos com a mão. O Espírito o satura, por assim dizer, do seu fluido, combinado com o do médium, e o objeto, momentaneamente vivificado desta maneira, obra como o faria um ser vivo, com a diferença apenas de que, não tendo vontade própria, segue o impulso que lhe dá a vontade do Espírito.

Pois que o fluido vital, que o Espírito, de certo modo, emite, dá vida fictícia e momentânea aos corpos inertes; pois que o perispírito não é mais do que esse mesmo fluido vital, segue-se que, quando o Espírito está encarnado, é ele próprio quem dá vida ao seu corpo, por meio do seu perispírito, conservando-se unido a esse corpo, enquanto a organização deste o permite. Quando se retira, o corpo morre. Agora, se, em vez de uma mesa, esculpirmos uma estátua de madeira e sobre ela atuarmos, como sobre a mesa, teremos uma estátua que se moverá, que baterá, que responderá com os seus movimentos e pancadas. Teremos, em suma, uma estátua animada momentaneamente de uma vida artificial. Em lugar de mesas falantes, ter-se-iam estátuas falantes.

Quanta luz esta teoria não projeta sobre uma imensidade de fenômenos até agora sem solução! Quantas alegorias e efeitos misteriosos ela não explica!

Os incrédulos ainda objetam que o fenômeno da suspensão das mesas, sem ponto de apoio, é impossível, por ser contrário à lei de gravitação. Responder-lhes-emos que, em primeiro lugar, a negativa não constitui uma prova; em segundo lugar, que, sendo real o fato, pouco importa contrarie ele todas as leis conhecidas, circunstância que só provaria uma coisa: que ele decorre de uma lei desconhecida e os negadores não podem alimentar a pretensão de conhecerem todas as leis da Natureza.

Acabamos de explicar uma dessas leis, mas isso não é razão para que eles a aceitem, precisamente porque ela nos é revelada por Espíritos que despiram a veste terrena, em vez de o ser por Espíritos que ainda trazem essa veste e têm assento na Academia. De modo que, se o Espírito de Arago, vivo na Terra, houvesse enunciado essa lei, eles a teriam admitido de olhos fechados; mas, desde que vem do Espírito de Arago, morto, e uma utopia. Por que isto? Porque acreditam que, tendo Arago morrido, tudo o que nele havia também morreu.

Quando se produz o vácuo na campânula da máquina pneumática, essa campânula adere com força tal ao seu suporte, que impossível se torna suspendê-la, devido ao peso da coluna de ar que sobre ela faz pressão. Deixe-se entrar o ar e a campânula pode ser levantada com a maior facilidade, porque o ar que lhe fica por baixo contrabalança o ar que, pela parte exterior, a comprime. Contudo, se ninguém lhe tocar, ela permanecerá assente no suporte, por efeito da lei de gravidade. Agora, comprima-se-lhe o ar no interior, dê-se-lhe densidade maior que a do que está por fora, e a campânula se erguerá, apesar da gravidade. Se a corrente de ar for violenta e rápida, a mesma campânula se manterá suspensa no espaço, sem nenhum ponto visível de apoio, à guisa desses bonecos que se fazem rodopiar em cima de um repuxo d'água. Por que então o fluido universal, que é o elemento de toda a Natureza, acumulado em torno da mesa, não poderia ter a propriedade de lhe diminuir ou aumentar o peso específico relativo, como faz o ar com a campânula da máquina pneumática, como faz o gás hidrogênio com os balões, sem que para isso seja necessária a derrogação da lei de gravidade? Conheceis, porventura, todas as propriedades e todo o poder desse fluido? Não. Pois, então, não negueis a realidade de um fato, apenas por não o poderdes explicar.

Manifestações Inteligentes

No que acabamos de ver, nada certamente revela a intervenção de uma potência oculta e os efeitos que passamos em revista poderiam explicar-se perfeitamente pela ação de uma corrente magnética, ou elétrica, ou, ainda, pela de um fluido qualquer. Tal foi, precisamente, a primeira solução dada a tais fenômenos e que, com razão, podia passar por muito lógica. Teria, não há dúvida, prevalecido, se outros fatos não tivessem vindo demonstrá-la insuficiente. Estes fatos são as provas de inteligência que eles deram. Ora, como todo efeito inteligente há de por força derivar de uma causa inteligente, ficou evidenciado que, mesmo admitindo-se, em tais casos, a intervenção da eletricidade, ou de qualquer outro fluido, outra causa a essa se achava associada. Qual era ela? Qual a inteligência? Foi o que o seguimento das observações mostrou.

Para uma manifestação ser inteligente, indispensável não é que seja eloqüente, espirituosa, ou sábia; basta que prove ser um ato livre e voluntário, exprimindo uma intenção, ou respondendo a um pensamento. Decerto, quando uma

ventoinha se move, toda gente sabe que apenas obedece a uma impulsão mecânica: à do vento; mas, se reconhecessem nos seus movimentos sinais de serem eles intencionais, se ela girasse para a direita ou para a esquerda, depressa ou devagar, conforme se ordenas, forçoso seria admitir-se, não que a ventoinha era inteligente, porém, que obedecia a uma inteligência. Isso o que se deu com a mesa.

Vimo-la mover-se, levantar-se, dar pancada, sob a influência de um ou de muitos médiuns. O primeiro efeito inteligente observado foi obedecerem esses movimentos a uma determinação. Assim é que, sem mudar de lugar, a mesa se erguia alternativamente sobre o pé que se lhe indicava; depois, caindo, batia um número determinado de pancadas, respondendo a uma pergunta. Doutras vezes, sem o contacto de pessoa alguma, passeava sozinha pelo aposento, indo para a direita, ou para a esquerda, para diante, ou para trás, executando movimentos diversos, conforme o ordenavam os assistentes. Está bem visto que pomos de parte qualquer suposição de fraude; que admitimos a perfeita lealdade das testemunhas, atestada pela honradez e pelo absoluto desinteresse de todas. Falaremos mais tarde dos embustes contra os quais manda a prudência que se esteja precavido.

Por meio de pancadas e, sobretudo, por meio dos estalidos, de que há pouco tratamos, produzidos no interior da mesa, obtêm-se efeitos ainda mais inteligentes, como sejam: a imitação dos rufos do tambor, da fuzilaria de descarga por fila ou por pelotão; depois, a do ranger da serra, dos golpes de martelo, do ritmo de diferentes árias, etc. Era, como bem se compreende, um vasto campo a ser explorado. Raciocinou-se que, se naquilo havia uma inteligência oculta, forçosamente lhe seria possível responder a perguntas e ela de fato respondeu, por um sim, por um não, dando o número de pancadas que se convencionara para um caso e outro.

Por serem muito insignificantes essas respostas, surgiu a idéia de fazer-se que a mesa indicasse as letras do alfabeto e compusesse assim palavras e frases.

Estes fatos, repetidos à vontade por milhares de pessoas e em todos os países, não podiam deixar dúvida sobre a natureza inteligente das manifestações. Foi então que apareceu um novo sistema, segundo o qual essa inteligência seria a do médium, do interrogante, ou mesmo dos assistentes. A dificuldade estava em explicar como semelhante inteligência podia refletir-se na mesa e se expressar por pancadas. Averiguado que estas não eram dadas pelo médium, deduziu-se que, então, o eram pelo pensamento.

Mas, o pensamento a dar pancadas constituía fenômeno ainda mais prodigioso do que todos os que haviam sido observados. Não tardou que a experiência demonstrasse a inadmissibilidade de tal opinião. Efetivamente, as respostas muito amiúde se achavam em oposição formal às idéias dos assistentes, fora do alcance intelectual do médium e eram até dadas em línguas que este ignorava, ou referia fatos que todos desconheciam. São tão numerosos os exemplos, que quase impossível é não ter sido disso testemunha muitas vezes quem quer que já um pouco se ocupou com as manifestações Espíritas. Citaremos apenas um, que nos foi relatado por uma testemunha ocular.

Num navio da marinha imperial francesa, estacionado nos mares da China, toda a equipagem, desde os marinheiros até o estado-maior, se ocupava em fazer que as mesas falassem.

Tiveram a idéia de evocar o Espírito de um tenente que pertencera à guarnição do mesmo navio e que morrera havia dois anos. O Espírito veio e, depois de várias comunicações que a todos encheram de espanto, disse o que segue, por meio de pancadas: *“Peço-vos instantemente que mandeis pagar ao capitão a soma de...*

(indicava a cifra), que lhe devo e que lamento não ter podido restituir-lhe antes de minha morte.” Ninguém conhecia o fato: o próprio capitão esquecera esse débito, aliás mínimo. Mas, procurando nas suas contas, encontrou uma nota da dívida do tenente, de importância exatamente idêntica à que o Espírito indicara. *Perguntamos*: do pensamento de quem podia essa indicação ser o reflexo?

Aperfeiçoou-se a arte de obter comunicações pelo processo das pancadas alfabéticas, mas o meio continuava a ser muito moroso. Algumas, entretanto, se obtiveram de certa extensão, assim como interessantes revelações sobre o mundo dos Espíritos. Estes indicaram outros meios e a eles se deve o das comunicações escritas.

Receberam-se as primeiras deste gênero, adaptando-se um lápis ao pé de uma mesa leve, colocada sobre uma folha de papel. Posta em movimento pela influência de um médium, a mesa começou a traçar caracteres, depois palavras e frases.

Simplificou-se gradualmente o processo, pelo emprego de mesinhas do tamanho de uma mão, construídas expressamente para isso; em seguida, pelo de cestas, de caixas de papelão e, afinal, pelo de simples pranchetas. A escrita saía tão corrente, tão rápida e tão fácil como com a mão. Porém, reconheceu-se mais tarde que todos aqueles objetos não passavam, em definitiva, de apêndices, de verdadeiras lapiseiras, de que se podia prescindir, segurando o médium, com sua própria mão, o lápis. Forçada a um movimento involuntário, a mão escrevia sob o impulso que lhe imprimia o Espírito e sem o concurso da vontade, nem do pensamento do médium. A partir de então, as comunicações de além-túmulo se tornaram sem limites, como o é a correspondência habitual entre os vivos.

Bibliografia:

Livro dos Médiuns – *Allan Kardec*

Mediunidade – *Edgar Armond*

Somos Todos Médiuns – *Carlos A. Baccelli* (pelo espírito Odilon Fernandes)



ESTUDO DA MEDIUNIDADE

Aula 07

Mediunidade II

Ectoplasma, Mediunidade Curadora e Materialização

Médiuns de Efeitos Físicos

Os médiuns de efeitos físicos são particularmente aptos a produzir fenômenos materiais, como movimentos de corpos inertes, ruídos, etc. Podem ser divididos em *médiuns facultativos* e *médiuns involuntários*.

Médiuns Facultativos

Os médiuns facultativos têm consciência do seu poder e produzem fenômenos espíritos pela própria vontade. Essa faculdade, embora inerente à espécie humana, não se manifesta em todos no mesmo grau. Mas se são poucas as pessoas que não a possuem, ainda mais raras são as que produzem grandes efeitos, como a suspensão de corpos pesados no espaço, o transporte através do ar e sobretudo as aparições.

Os efeitos mais simples são o da rotação de um objeto e o de pancada por meio de movimento desse objeto ou dadas interiormente na sua própria substância. Sem se dar importância capital a esses fenômenos, achamos que não devem ser menosprezados. Podem proporcionar interessantes observações e contribuir para firmar a convicção. Mas convém notar que a faculdade de produzir efeitos materiais, raramente se manifesta entre os que dispõem de meios mais perfeitos de comunicação, como a escrita e a palavra. Geralmente a faculdade diminui num sentido à medida que se desenvolve em outro.

OBS Os espíritos não dão aos fenômenos físicos a mesma importância que lhes atribuímos. Interessam-se mais pelas manifestações inteligentes, destinadas a transmissão de mensagens ou a conversação esclarecedora. Veja-se o caso de Francisco Cândido Xavier, dotado de excelentes

faculdades de efeitos físicos, mas aplicando-se, por instrução de seus guias, especialmente à psicografia. Os fenômenos impressionam e servem muitas vezes para despertar o interesse pela Doutrina, mas o que realmente interessa é esta, **com suas conseqüências morais e espirituais**. Os espíritos superiores chegam a proibir as manifestações físicas em grupos que podem produzir mais no sentido da orientação e do elevamento moral. Assim fizeram na Sociedade Parisiense de Estudos Espíritas.

Médiuns Involuntários ou Naturais

São os que exercem a sua influência sem querer. Não têm nenhuma consciência da sua faculdade e quase sempre o que acontece de anormal ao seu redor não lhes parece estranho. Essas coisas fazem parte da sua própria maneira de ser, precisamente como as pessoas dotadas da segunda vista e que nem o suspeitam.

Essas pessoas são dignas de observação e não devemos descuidar de anotar e estudar os fatos dessa espécie que possam chegar ao nosso conhecimento. Eles surgem em todas as idades e freqüentemente entre crianças muito pequenas.

Esta faculdade não é por si mesma início de estado patológico, pois não é incompatível com a saúde perfeita. Se a pessoa que a possui é doente, isso provém de outra causa. Os meios terapêuticos, aliás, são impotentes para fazê-la desaparecer. Em alguns casos, ela pode aparecer depois de uma certa fraqueza orgânica, mas esta não é jamais a sua causa eficiente. Não seria razoável, portanto, inquietar-se com ela no tocante a saúde. Só haveria inconveniente se a pessoa, tornando-se médium facultativo, a usasse de maneira abusiva, pois, então poderia ocorrer excessiva emissão de fluído vital, determinando o enfraquecimento orgânico.

OBS A razão se revolta à lembrança das torturas morais e físicas a que a Ciência submeteu, algumas vezes, criaturas débeis e delicadas com o fim de evitar que praticassem fraudes. Essas experimentações, na maioria das vezes feitas com más intenções, são sempre prejudiciais aos organismos sensitivos, podendo acarretar graves desordens a sua economia orgânica. Fazer semelhantes provas é jogar com a vida. O observador de boa fé não precisa empregar esses meios. Os que estão familiarizados com esses fenômenos sabem que eles pertencem mais a ordem moral do que a ordem física, e que em vão se buscará a sua solução nas nossas Ciências exatas.

NOTA Os seres invisíveis que revelam sua presença por efeitos físicos são, em geral, Espíritos de uma ordem inferior, que podemos dominar pela ascendência moral. *É essa condição de superioridade que devemos procurar adquirir.*

Tipos de Efeitos Físicos

Os fenômenos físicos mais comuns são: *levitação, transporte, tiptologia, voz direta, escrita direta e materialização.*

Levitação é o fato de pessoas ou objetos serem erguidos ao ar, sem auxílio exterior de caráter material (visível), contrariando assim, aparentemente, as leis da gravidade. Muitas teorias foram usadas para explicar o fenômeno, uma delas a da força psíquica possuída pelo médium, mas, o que realmente se dá é que os espíritos operantes envolvem a pessoa ou coisa a levitar em fluídos pesados, isolando-os assim do ambiente físico sobre o qual se exerce normalmente a lei do peso. Assim isolados, podem então ser, tais pessoas ou objetos, facilmente manejados, em qualquer sentido.

A ação do Espírito sobre o material a levitar se realiza pela utilização de suas próprias mãos, convenientemente materializadas, ou com auxílio de hastes, bastões, espátulas, etc., fluídicas, previamente condensadas, ou ainda, mas isso em casos mais raros, pela força do próprio pensamento, fortemente concentrado. Em todos os casos, porém a ação do operador invisível se dá sempre sobre a substância isoladora, que passa a ser um suporte, uma base de ação.

Nada há de extraordinário em que uma mesa pesada, por exemplo, ou o corpo do médium, sejam levantados do chão e movidos do seu lugar, como comumente acontece em trabalhos desta natureza. Quando esses se realizam com a presença de videntes bem treinados, eles podem perfeitamente constatar o trabalho prévio de isolamento, tanto do médium como dos objetos a levitar.

Os casos mais raros desta modalidade são as levitações plenas do corpo do médium, que pode, durante o transcurso do fenômeno, permanecer às vezes plenamente consciente. Um exemplo clássico desses fenômenos foram as levitações do médium Home que, só na Inglaterra, foi levantado mais de cem vezes, em algumas indo até o teto do aposento, onde permanecia em várias posições e plenamente consciente.

Transporte Consiste no trazimento espontâneo de objetos inexistentes no lugar onde estão os observadores. São quase sempre flores, não raro frutos, confeitos, jóias, etc. Digamos, antes de tudo, que este fenômeno é dos que melhor se prestam à imitação e que, por conseguinte, devemos estar de sobreaviso contra o embuste.

A teoria do fenômeno dos transportes e das manifestações físicas em geral se acha resumida, de maneira notável, na seguinte dissertação feita por um Espírito, cujas comunicações todas trazem o cunho incontestável de profundidade e lógica. Com muitas delas deparará o leitor no curso desta obra. Ele se dá a conhecer pelo nome de **Erasto**, discípulo de São Paulo, e como protetor do médium que lhe serviu de instrumento:

"Quem deseja obter fenômeno desta ordem precisa ter consigo médiuns a que chamarei - sensitivos, isto é, dotados, no mais alto grau, das faculdades mediúnicas de expansão e de penetrabilidade, porque o sistema nervoso facilmente excitável de tais médiuns lhes

permite, por meio de certas vibrações, projetar abundantemente, em torno de si, o fluido animalizado que lhes é próprio”.

"Mas, da produção de tais fenômenos à obtenção dos de transporte há um mundo de perigo, porquanto, neste caso, não só o trabalho do Espírito é mais complexo, mais difícil, como, sobretudo, ele não pode operar, senão por meio de um único aparelho mediúnico, isto é, muitos médiuns não podem concorrer simultaneamente para a produção do mesmo fenômeno. Sucede até que, ao contrário, a presença de algumas pessoas antipáticas ao Espírito que opera lhe obsta radicalmente à operação. A estes motivos a que, como vedes, não falta importância, acrescentemos que os transportes reclamam sempre maior concentração e, ao mesmo tempo, maior difusão de certos fluidos, que não podem ser obtidos senão com médiuns superiormente dotados, com aqueles, numa palavra, cujo aparelho eletromediúnico é o que melhores condições oferece”.

*“Com efeito, é necessário que entre o Espírito e o médium influenciado exista certa afinidade, certa analogia; em suma: certa semelhança capaz de permitir que a parte expansível do fluido perispirítico do encarnado se misture, se una, se combine com o do Espírito que queira fazer um transporte. Deve ser tal esta fusão, que a força resultante dela se torne, por assim dizer, uma: do mesmo modo que, atuando sobre o carvão, uma corrente elétrica produz um só fogo, uma só claridade. Por que essa união, essa fusão, perguntareis? É que, para que estes fenômenos se produzam, necessário se faz que as propriedades essenciais do Espírito motor se aumentem com algumas das do médium; é que o fluido vital, indispensável à produção de todos os fenômenos operador fica obrigado a se impregnar dele. Só então pode, mediante certas propriedades, que desconheceis, do vosso meio ambiente, isolar, **tornar invisíveis** e fazer que se **movam** alguns objetos materiais e mesmo os encarnados”.*

*"Vedes, assim, quantas dificuldades cercam a produção do fenômeno dos transportes. Muito logicamente podeis concluir daí que os fenômenos desta natureza são extremamente raros, como eu disse acima, e com tanto mais razão, quanto os Espíritos muito pouco se prestam a produzi-los, porque isso dá lugar, da parte deles, a um trabalho quase material, o que lhes acarreta aborrecimento e fadiga. Por outro lado, ocorre também que, freqüentemente, não obstante a energia e a vontade que os animem, **o estado do próprio médium lhes opõe intransponível barreira**”.*

"Resumindo: os fenômenos de tangibilidade são freqüentes, mas os de transporte são muito raros, porque muito difíceis de se realizar são as condições em que se produzem. Conseqüentemente, nenhum médium pode dizer: a tal hora, em tal momento, obterei um transporte, visto que muitas vezes o próprio Espírito se vê obstado na execução da sua obra. Devo acrescentar que esses fenômenos são duplamente difíceis em público, porque quase sempre, entre este, se encontram elementos energicamente refratários, que paralisam os esforços do Espírito e, com mais forte razão, a ação do médium. Tende, ao contrário, como certo que, na

intimidade, os ditos fenômenos se produzem quase sempre espontaneamente, as mais das vezes à revelia dos médiuns e sem premeditação, sendo muito raros quando esses se acham prevenidos. Deveis deduzir daí que há motivo de suspeição todas as vezes que um médium se lisonjeia de os obter à vontade, ou, por outra, de dar ordens aos Espíritos, como a servos seus, o que é simplesmente absurdo. Tende ainda como regra geral que os fenômenos espíritas não se produzem para constituir espetáculo e para divertir os curiosos. Se alguns Espíritos se prestam a tais coisas, só pode ser para a produção de fenômenos simples, não para os que, como os de transporte e outros semelhantes, exigem condições excepcionais.

*"Bem sei que ides dizer: é que estes são úteis para convencer os incrédulos. Mas, ficai sabendo, se não houvésseis disposto de outros meios de convicção, não contaríeis hoje a centésima parte dos espíritas que existem. **ERASTO.**"*

O fenômeno de transporte apresenta uma particularidade notável, e é que alguns médiuns só o obtêm em estado sonambúlico, o que facilmente se explica. Há no sonâmbulo um desprendimento natural, uma espécie de isolamento do Espírito e do perispírito, que deve facilitar a combinação dos fluidos necessários.

As perguntas que se seguem foram dirigidas ao Espírito que os operara, mas as respostas se ressentem por vezes da deficiência dos seus conhecimentos. Submetemo-las ao Espírito *Erasto*, muito mais instruído do ponto de vista teórico, e ele as completou, aditando-lhes notas muito judiciosas. Um é o artista, o outro o sábio, constituindo a própria comparação dessas inteligências um estudo instrutivo, porquanto prova que não basta ser Espírito para tudo saber.

1ª Dize-nos, peço, por que os transportes que acabaste de executar só se produzem estando o médium em estado sonambúlico?

"Isto se prende à natureza do médium. Os fatos que produzo, quando o meu está

adormecido, poderia produzi-los igualmente com outro médium em estado de vigília."

2ª Por que fazes demorar tanto a trazida dos objetos e por que é que avivas a cobiça do médium, excitando-lhe o desejo de obter o objeto prometido?

"O tempo me é necessário a preparar os fluidos que servem para o transporte. Quanto à excitação, essa só tem por fim, as mais das vezes, divertir as pessoas presentes e o sonâmbulo."

NOTA DE ERASTO. O Espírito que responde não sabe mais do que isso; não percebe o motivo dessa cobiça, que ele instintivamente aguça, sem lhe compreender o efeito. Julga proporcionar um divertimento, enquanto que, na realidade, provoca, sem o suspeitar, uma emissão maior de fluido. É uma consequência da dificuldade que o fenômeno apresenta, dificuldade sempre maior quando ele não é espontâneo, sobretudo com certos médiuns.

3ª Depende da natureza especial do médium a produção do fenômeno e poderia produzir-se por outros médiuns com mais facilidade e presteza?

"A produção depende da natureza do médium e o fenômeno não se pode produzir, senão por meio de naturezas correspondentes. Pelo que toca à presteza, o hábito que adquirimos, comunicando-nos freqüentemente com o mesmo médium, nos é de grande vantagem."

4ª As pessoas presentes influem alguma coisa no fenômeno?

"Quando há da parte delas incredulidade, oposição, muito nos podem embaraçar.

Preferimos apresentar nossas provas aos crentes e a pessoas versadas no Espiritismo. Não quero, porém, dizer com isso que a má-vontade consiga paralisar-nos inteiramente."

5ª Onde foste buscar as flores e os confeitos que trouxeste para aqui?

6ª E os confeitos? Devem ter feito falta ao respectivo negociante.

"Tomo-os onde me apraz. O negociante nada absolutamente percebeu, porque pus outros no lugar dos que tirei."

7ª Mas, os anéis têm valor. Onde os foste buscar? Não terás com isso causado prejuízo àquele de quem os tiraste?

"Tirei-os de lugares que todos desconhecem e fi-lo por maneira que daí não resultará prejuízo para ninguém."

NOTA DE ERASTO. Creio que o fato foi explicado de modo incompleto, em virtude da deficiência da capacidade do Espírito que respondeu. Sim, de fato, pode resultar prejuízo real; mas, o Espírito não quis passar por haver desviado o que quer que fosse. Um objeto só pode ser substituído por outro objeto idêntico, da mesma forma, do mesmo valor. Conseqüentemente, ***se um Espírito tivesse a faculdade de substituir, por outro objeto igual, um de que se apodera, já não teria razão para se apossar deste, visto que poderia dar o de que se iria servir para substituir o objeto retirado.***

8ª Será possível trazer flores de outro planeta?

"Não; a mim não me é possível."

- (**A Erasto**) Teriam outros Espíritos esse poder?

*"Não, isso **não é possível**, em virtude da diferença dos meios ambientes."*

9ª Poderias trazer-nos flores de outro hemisfério; dos trópicos, por exemplo?

"Desde que seja da Terra, posso."

10ª Poderias fazer que os objetos trazidos nos desaparecessem da vista e levá-los novamente?

"Assim como os trouxe aqui, posso levá-los, à minha vontade."

11ª A produção do fenômeno dos transportes não é de alguma forma penosa, não te causa qualquer embaraço?

"Não nos é penosa em nada, quando temos permissão para operá-los. Poderia ser-nos grandemente penosa, se quiséssemos produzir efeitos para os quais não estivéssemos autorizados."

NOTA DE ERASTO. Ele não quer convir em que isso lhe é penoso, embora o seja realmente, pois que se vê forçado a executar uma operação por assim dizer material.

12ª Quais são as dificuldades que encontras?

"Nenhuma outra, além das más disposições fluídicas, que nos podem ser contrárias."

13ª Como trazes o objeto? Será segurando-o com as mãos?

"Não; envolvo-o em mim mesmo."

NOTA DE ERASTO. A resposta não explica de modo claro a operação. Ele não envolve o objeto com a sua própria personalidade; mas, como o seu fluido pessoal é dilatável, combina uma parte desse fluido com o fluido animalizado do médium e é nesta combinação que oculta e transporta o objeto que escolheu para transportar. Ele, pois, não exprime com justeza o fato, dizendo que envolve em si o objeto.

14ª Trazes com a mesma facilidade um objeto de peso considerável, de 50 quilos por exemplo?

"O peso nada é para nós. Trazemos flores, porque agrada mais do que um volume pesado."

NOTA DE ERASTO. É exato. Pode trazer objetos de cem ou duzentos quilos, por isso que a gravidade, existente para vós, é anulada para os Espíritos. A massa dos fluidos combinados é proporcional à dos objetos. Numa palavra, a força deve estar em proporção com a resistência; donde se segue que, se o Espírito apenas traz uma flor ou um objeto leve, é muitas vezes porque não encontra no médium, ou em si mesmo, os elementos necessários para um esforço mais considerável.

15ª Poder-se-ão imputar aos Espíritos certas desapareições de objetos, cuja causa permanece ignorada?

"Isso se dá com freqüência; com mais freqüência do que supondes; mas isso se pode remediar, pedindo ao Espírito que traga de novo o objeto desaparecido."

NOTA DE ERASTO. É certo. Mas, às vezes, o que é subtraído, muito bem subtraído fica, pois que para muito longe são levados os objetos que desaparecem de uma casa e que o dono não mais consegue achar. Entretanto, como a subtração dos objetos exige quase que as mesmas condições fluídicas que o trazimento deles reclama, ela só se pode dar com o concurso de médiuns dotados de faculdades especiais. Por isso, quando alguma coisa desapareça, é mais provável que o fato seja devido a descuido vosso, do que à ação dos Espíritos.

16ª Serão devidos à ação de certos Espíritos alguns efeitos que se consideram como fenômenos naturais?

"Nos dias que correm, abundam fatos dessa ordem, fatos que não percebeis, porque neles não pensais, mas que, com um pouco de reflexão, se vos tornariam patentes."

NOTA DE ERASTO. Não atribuais aos Espíritos o que é obra do homem; mas, crêde na influência deles, oculta, constante, a criar em torno de vós mil circunstâncias, mil incidentes necessários ao cumprimento dos vossos atos, da vossa existência.

17ª Entre os objetos que os Espíritos costumam trazer, não haverá alguns que eles próprios possam fabricar, isto é. produzidos espontaneamente pelas modificações que os Espíritos possam operar no fluido, ou no elemento universal?
"Por mim, não, que não tenho permissão para isso. Só um Espírito elevado o pode fazer."

18ª Como conseguiste outro dia introduzir aqueles objetos, estando fechado o aposento?
"Fi-los entrar comigo, envoltos, por assim dizer, na minha substância. Nada mais posso dizer, por não ser explicável o fato."

19ª Como fizeste para tornar visíveis estes objetos que, um momento antes, eram invisíveis?
"Tirei a matéria que os envolvia."

NOTA DE ERASTO. O que os envolve não é matéria propriamente dita, mas um fluido tirado, metade, do perispírito do médium e, metade, do Espírito que opera.

20ª (A Erasto) Pode um objeto ser trazido a um lugar inteiramente fechado? Numa palavra: pode o Espírito espiritualizar um objeto material, de maneira que se torne capaz de penetrar a matéria?

"É complexa esta questão. *O Espírito pode tornar invisíveis, porém, não penetráveis, os objetos que ele transporte; não pode quebrar a agregação da matéria, porque seria a destruição do objeto.* Tornando este invisível, o Espírito o pode transportar quando queira e não o libertar senão no momento oportuno, para fazê-lo aparecer. *De modo diverso se passam as coisas, com relação aos que compomos.* Como nestes só introduzimos os elementos da matéria, como esses elementos são essencialmente penetráveis e, ainda, como nós mesmos penetramos e atravessamos os corpos mais condensados, com a mesma facilidade com que os raios solares atravessam uma placa de vidro, podemos perfeitamente

dizer que introduzimos o objeto num lugar que esteja hermeticamente fechado, *mas isso somente neste caso.*

NOTA. Quanto à teoria da formação espontânea dos objetos, veja-se adiante o capítulo intitulado: *Laboratório do mundo invisível.*

O Livro dos Médiuns - CAPÍTULO VIII

DO LABORATÓRIO DO MUNDO INVISÍVEL

128. Foi o Espírito São Luís quem nos deu essa solução, mediante as respostas seguintes:

1ª Citamos um caso de aparição do Espírito de uma pessoa viva. Esse Espírito tinha uma caixa de rapé, do qual tomava pitadas. Experimentava ele a sensação que experimenta um indivíduo que faz o mesmo?

"Não."

2ª Aquela caixa de rapé tinha a forma da de que ele se servia habitualmente e que se achava guardada em sua casa. Que era a dita caixa nas mãos da aparição?

"Uma aparência. Era para que a circunstância fosse notada, como realmente foi, e não

tomassem a aparição por uma alucinação devida ao estado de saúde da vidente. O Espírito

queria que a senhora em questão acreditasse na realidade da sua presença e, para isso,

tomou todas as aparências da realidade."

3ª Dizes que era uma aparência; mas, uma aparência nada tem de real, é como uma ilusão de ótica. Desejámos saber se aquela caixa de rapé era apenas uma imagem sem realidade, ou se nela havia alguma coisa de material?

"Certamente. E com o auxílio deste princípio material que o perispírito toma a aparência de

vestuários semelhantes aos que o Espírito usava quando vivo."

NOTA. É evidente que a palavra aparência deve ser aqui tomada no sentido de aspecto, imitação. A caixa de rapé real não estava lá; a que o Espírito deixava ver era apenas a representação daquela: era, pois, com relação ao original, uma simples aparência, *embora formada de um princípio material.* A experiência ensina que *nem sempre se deve dar significação literal a certas expressões de que usam os Espíritos. Interpretando-as de acordo com as nossas idéias,*

expomo-nos a grandes equívocos. Daí a necessidade de aprofundar-se o sentido de suas palavras, **todas as vezes que apresentem a menor ambigüidade.** É esta uma recomendação que os próprios Espíritos constantemente fazem. Sem a explicação que provocamos, o termo *aparência*, que de contínuo se reproduz nos casos análogos, poderia prestar-se a uma interpretação falsa.

4ª Dar-se-á que a matéria inerte se desdobre? Ou que haja no mundo invisível uma matéria essencial, capaz de tomar a forma dos objetos que vemos? Numa palavra, terão estes um *duplo etéreo* no mundo invisível como os homens são nele representados pelos Espíritos?

"Não é assim que as coisas se passam. Sobre os elementos materiais disseminados por todos os pontos do espaço, na vossa atmosfera, têm os Espíritos um poder que estais longe de suspeitar. Podem, pois, eles concentrar à sua vontade esses elementos e dar-lhes a forma aparente que corresponda à dos objetos materiais."

NOTA. Esta pergunta, como se pode ver, era a tradução do nosso pensamento, isto é, da idéia que formávamos da natureza de tais objetos. Se as respostas, conforme alguns o pretendem, fossem o reflexo do pensamento, houvérámos obtido a confirmação da nossa teoria e não uma teoria contrária.

5ª Formulo novamente a questão, de modo categórico, a fim de evitar todo e qualquer equívoco: São alguma coisa as vestes de que os Espíritos se cobrem?

"Parece-me que a minha resposta precedente resolve a questão. Não sabes que o *próprio perispírito é alguma coisa?*"

6ª Resulta, desta explicação, que os Espíritos fazem passar a matéria etérea pelas transformações que queiram e que, portanto, com relação à caixa de rapé, o Espírito não a encontrou completamente feita, fê-la ele próprio, no momento em que teve necessidade dela, por ato de sua vontade. E, do mesmo modo que a fez, pôde desfazê-la. Outro tanto naturalmente se dá com todos os demais objetos, como vestuários, jóias, etc. Será assim?

"Mas, evidentemente."

7ª A caixa de rapé se tornou tão visível para a senhora de que se trata, que lhe produziu a ilusão de uma tabaqueira material. Teria o Espírito podido torná-la tangível para a mesma senhora?

"Teria."

8ª Tê-la-ia a senhora podido tomar nas mãos, crente de estar segurando uma caixa de rapé verdadeira?

"Sim."

9ª Se a abrisse, teria achado nela rapé? E, se aspirasse esse rapé, ele a faria espirrar?

"Sem dúvida."

10ª Pode então o Espírito dar a um objeto, não só a forma, mas também propriedades especiais?

"Se o quiser. Baseado neste princípio foi que respondi afirmativamente às perguntas anteriores. Tereis provas da poderosa ação que os Espíritos exercem sobre a matéria, ação que estais longe de suspeitar, como eu disse há pouco.

11ª Suponhamos, então, que quisesse fazer uma substância venenosa. Se uma pessoa a ingerisse, ficaria envenenada?

"Teria podido, mas não faria, **por não lhe ser isso permitido.**"

12ª Poderá fazer uma substância salutar e própria para curar uma enfermidade? E já se terá apresentado algum caso destes?

"Já, muitas vezes."

13ª Então, poderia também fazer uma substância alimentar? Suponhamos que tenha feito uma fruta, uma iguaria qualquer: se alguém pudesse comer a fruta ou a iguaria, ficaria saciado?

"Ficaria, sim; mas, não procureis tanto para achar o que é tão fácil de compreender. Um raio de sol basta para tornar perceptíveis aos vossos órgãos grosseiros essas partículas materiais que enchem o espaço onde viveis. Não sabes que o ar contém vapores d'água? Condensa-os e os farás voltar ao estado normal. Priva-as de calor e eis que essas moléculas impalpáveis e invisíveis se tornarão um corpo sólido e bem sólido, e, assim, muitas outras substâncias de que os químicos tirarão maravilhas ainda mais espantosas. Simplesmente, o Espírito dispõe de instrumentos mais perfeitos do que os vossos: a vontade e a permissão de Deus."

NOTA. A questão da saciedade é aqui muito importante. Como pode produzir a saciedade uma substância cuja existência e propriedades são meramente temporárias e, de certo modo, convencionais? O que se dá é que essa substância, pelo seu contacto com o estômago, produz a *sensação* da saciedade, mas não a saciedade que resulta da plenitude. Desde que uma substância dessa natureza pode atuar sobre a economia e modificar um estado mórbido, também pode, perfeitamente, atuar sobre o estômago e produzir a impressão da saciedade. Rogamos, todavia, aos senhores farmacêuticos e inventores de reconstituintes que não se encham de zelos, nem creiam que os Espíritos lhes venham fazer concorrência. Esses casos são raros, excepcionais e nunca dependem da vontade. Doutra modo, toda a gente se alimentaria e curaria a preço baratíssimo.

14ª Os objetos que, pela vontade do Espírito, se tornam tangíveis, poderiam permanecer com esse caráter e tornarem-se de uso?

"Isso poderia dar-se, mas não se faz. **Está fora das leis.**"

15ª Têm todos os Espíritos, no mesmo grau, o poder de produzir objetos tangíveis?

"É fora de dúvida que quanto mais elevado é o Espírito, tanto mais facilmente o consegue.

Porém, ainda **aqui, tudo depende das circunstâncias. Desse poder também podem dispor os Espíritos inferiores."**

16ª O Espírito tem sempre o conhecimento exato do modo por que compõe suas vestes, ou os objetos cuja aparência ele faz visível?

"Não; muitas vezes concorre para a formação de todas essas coisas, praticando um ato instintivo, que ele próprio não compreende, se já não estiver bastante esclarecido para isso."

17ª Uma vez que o Espírito pode extrair do elemento universal os materiais que lhes são necessários à produção de todas essas coisas e dar-lhes uma realidade temporária, com as propriedades que lhes são peculiares, também poderá tirar dali o que for preciso para escrever, possibilidade que nos daria a explicação do fenômeno da escrita direta?

"Até que, afinal, chegaste ao ponto."

NOTA. Era, com efeito, aí que queríamos chegar com todas as nossas questões preliminares. A resposta prova que o Espírito lera o nosso pensamento.

18ª Pois que a matéria de que se serve o Espírito carece de persistência, como é que não desaparecem os traços da escrita direta?

"Não faças jogo de palavras. Primeiramente, não empreguei o termo - nunca. Tratava-se de um objeto material volumoso, ao passo que aqui se trata de sinais que, por ser útil conservá-los, são conservados. O que quis dizer foi que os objetos assim compostos pelos Espíritos não poderiam tornar-se objetos de uso comum por não haver neles, realmente, agregação de matéria, como nos vossos corpos sólidos."

129. A teoria acima se pode resumir desta maneira: o Espírito atua sobre a matéria; da matéria cósmica universal tira os elementos de que necessita para formar, a seu bel-prazer, objetos que tenham a aparência dos diversos corpos existentes na Terra. Pode igualmente, pela ação da sua vontade, operar na matéria elementar uma transformação íntima, que lhe confira determinadas propriedades. Esta faculdade é inerente à natureza do Espírito, que muitas vezes a exerce de modo instintivo, quando necessário, sem disso se aperceber. **Os objetos que o Espírito forma, têm existência temporária, subordinada à sua vontade**, ou a uma necessidade que ele experimenta. Pode fazê-los e desfazê-los livremente. Em certos casos, esses objetos, aos olhos de pessoas vivas, podem apresentar todas as aparências da realidade, isto é, tornarem-se momentaneamente visíveis e até mesmo tangíveis. **Há formação; porém, não criação, atento que do nada o Espírito nada pode tirar.**

130. A existência de uma matéria elementar única está hoje quase geralmente admitida pela Ciência, e os Espíritos, como se acaba de ver, a confirmam. Todos os corpos da Natureza nascem dessa matéria que, pelas transformações por que passa, também produz as diversas propriedades desses mesmos corpos. Daí vem que uma substância salutar pode, por efeito de simples modificação, tornar-se venenosa, fato de que a Química nos oferece numerosos exemplos. Toda gente sabe que, combinadas em certas proporções, duas substâncias inocentes podem dar origem a uma que seja deletéria. Uma parte de oxigênio e duas de hidrogênio, ambos inofensivos, formam a água. Juntai um átomo de oxigênio e tereis um liquido corrosivo. Sem mudança nenhuma das proporções, às vezes, a simples alteração no modo de agregação molecular basta para mudar as propriedades. Assim é que um corpo opaco pode tornar-se transparente e vice-versa. Pois que ao Espírito é possível tão grande ação sobre a matéria elementar, concebe-se que lhe seja dado não só formar substâncias, mas também modificar-lhes as propriedades, fazendo para isto a sua vontade o efeito de reativo.

131. Esta teoria nos fornece a solução de um fato bem conhecido em magnetismo, mas inexplicado até hoje: o da mudança das propriedades da água, por obra da vontade. O Espírito atuante é o do magnetizador, quase sempre assistido por outro Espírito. Ele opera uma transmutação por meio do fluido magnético que, como atrás dissemos, e a substância que mais se aproxima da matéria cósmica, ou elemento universal. Ora, desde que ele pode operar uma modificação nas propriedades da água, pode também produzir um fenômeno análogo com os fluidos do organismo, donde o efeito curativo da ação magnética, convenientemente dirigida.

Sabe-se que papel capital desempenha a vontade em todos os fenômenos do magnetismo. Porém, como se há de explicar a ação material de tão sutil agente? A vontade não é um ser, uma substância qualquer; não é, sequer, uma propriedade da matéria mais etérea que exista. **A vontade é atributo essencial do Espírito**, isto é, do ser pensante. Com o auxílio dessa alavanca, ele atua sobre a matéria elementar e, por uma ação consecutiva, reage sobre seus compostos, cujas propriedades íntimas vêm assim a ficar transformadas.

Tanto quanto do Espírito errante, a vontade é igualmente atributo do Espírito encarnado; daí o poder do magnetizador, poder que se sabe estar na razão direta da força de vontade. Podendo o Espírito encarnado atuar sobre a matéria elementar, pode do mesmo modo mudar-lhe as propriedades, dentro de certos limites. Assim se explica a faculdade de cura pelo contacto e pela imposição das mãos, faculdade que algumas pessoas possuem em grau mais ou menos elevado.

Tiptologia Nesta classe de fenômenos, tomando-se como tipo clássico as mesas falantes, verifica-se que ocorrem casos de levitação parciais, que facilitam as pancadas batidas com os pés da mesa. O emprego dessas mesas, muito usado até há pouco tempo, passou agora de época, sendo usados diferentes tipos de aparelhos mecânicos, entre outros os que consistem em uma prancheta, um mostrador contendo o alfabeto, ou quaisquer outros sinais

convencionados, sobre o qual se move, apontando os sinais gráficos, um ponteiro ultra-sensível, sobre o qual agem os Espíritos comunicantes.

Tiptologia são também os *raps*, pancadas sobre móveis, etc., obtidos pelos Espíritos mediante a condensação de fluídos pesados, que projetam sobre as superfícies visadas. Utilizam-se eles também de suas próprias mãos previamente materializadas, ao nível necessário à produção destes fenômenos.

Os Espíritos produzem esses efeitos, seja para assinalar sua presença e desejo de se comunicarem com alguém, seja para demonstrações em sessões de estudos, seja ainda para satisfazer intuítos malsãos de perturbar os encarnados.

Também deste ramo são os casos que se observam nas sessões de efeitos físicos, quando se desencadeia uma verdadeira tempestade de pancadas e ruídos, não havendo para o caso explicação razoável. Trata-se simplesmente de uma ação preparatória: os Espíritos batem rápida e fortemente para sanear o ambiente de saturação intensa de forças físicas exteriorizadas pelos assistentes e que, quase sempre, prejudicam a manifestação de fenômenos mais elevados desta espécie.

Voz Direta Existe quando os Espíritos comunicantes, ao invés de falarem incorporados em um médium, ou usando de processos telepáticos, fazem-no diretamente, através de um aparelho vocal improvisado no plano invisível.

Modalidades desse fenômeno são assobios, o canto, etc., e para sua produção, em geral, é utilizada pelos Espíritos a matéria plástica fluídica denominada ectoplasma.

Quando a quantidade de fluídos é suficiente, podem falar vários Espíritos ao mesmo tempo e em diversos pontos do aposento no qual se realiza o trabalho e, quando ele escasseia, os Espíritos são obrigados a falar o mais junto possível do médium de efeitos físicos, doador principal de fluídos.

As manifestações de voz direta apresentam duas modalidades que são: fenômenos de classe inferior e fenômenos de classe superior, sendo os primeiros, aqueles que os Espíritos provocam usando fluídos pesados, obtidos no próprio ambiente em que, no momento, atuam e os segundos, aqueles que exigem purificação e filtragem de fluídos, combinações com fluídos mais finos, obtidos do reservatório cósmico e com outros elementos operacionais que, no mais das vezes, não estão ao alcance da maioria dos operadores, exigindo por outro lado médiuns de maior capacidade.

Escrita Direta A *pneumatografia* é a escrita produzida *diretamente* pelo espírito, sem nenhum intermediário. Difere da psicografia porque esta é a transmissão do pensamento do espírito pela mão do médium. O fenômeno da escrita direta é indiscutivelmente um dos mais extraordinários do Espiritismo. Por mais estranho que possa parecer à primeira vista, é hoje um fato averiguado e incontestável. Se a teoria é necessária para se compreender a possibilidade dos fenômenos espíritas em geral, mais ainda se torna neste caso, um dos mais chocantes até agora apresentados, mas que deixa de parecer sobrenatural quando compreendemos o princípio em que se funda.

Sua utilidade prática se limita à comprovação evidente da intervenção de uma potência oculta nas manifestações. Segundo a maior ou menor potência do médium, obtêm-se apenas traços, sinais, letras, palavras, frases ou até mesmo páginas inteiras. Basta geralmente se colocar uma folha de papel dobrado em algum lugar, ou em lugar designado pelo espírito, durante dez minutos, um quarto de hora ou um pouco mais. A prece e o recolhimento são condições essenciais. Eis porque podemos considerar impossível obtê-la em reuniões pouco sérias ou de pessoas que não estejam animadas de sentimentos de simpatia e benevolência.

Materialização Para a produção deste fenômeno, o Espírito operante, tendo conseguido tirar do médium, dos assistentes e do ambiente que lhe é próprio, o volume necessário de fluido pesado, combina-o com fluido mais fino, oriundo do plano espiritual, condensa-o ao ponto que baste para revestir com ele o perispírito do Espírito que vai se manifestar, tornando-o assim visível aos olhos materiais.

Em graus mais elevados, o Espírito materializado se mantém íntegro durante tempo relativamente longo, tornando-se perfeitamente tangível e oferecendo à análise direta do observador todos os fenômenos do metabolismo fisiológico.

Existem também os casos de materializações luminosas em que os fluidos empregados são mais do próprio mundo espiritual.

Vejamos agora como André Luiz descreve uma sessão de materialização que presenciou durante seu aprendizado no espaço:

“A reunião seria iniciada às vinte e uma horas, mas, com antecedência de cinquenta minutos, estávamos ali, na sala íntima, acolhedora e confortável, onde grande número de servidores do nosso plano iam e vinham.”

“Demandamos respeitosos o interior doméstico. Admiradíssimo notei enorme diferenciação ambiente, não havia ali, como em outras reuniões a que assistira, a grande comunidade de sofredores às portas.”

“A residência particular chegava a ser isolada por extenso cordão de trabalhadores de nosso plano, num círculo de vinte metros em derredor. Percebendo-me a estranheza, Alexandre explicou”:

“Aqui é indispensável o máximo cuidado para que os princípios mentais de origem inferior não afetem a saúde física dos colaboradores encarnados, nem a pureza do material indispensável aos processos fenomênicos. Em vista disso torna-se imprescindível insular o núcleo de nossas atividades, defendendo-as contra o acesso de entidades menos dignas, através de fronteiras vibratórias”.

“Todo o perigo desses trabalhos está na ausência de preparo dos nossos amigos da Crosta, que, na maioria das vezes, alegando impositivos científicos, se furtam a comezinhos princípios de elevação moral. Quando não se verifica o devido cuidado por parte deles, o fracasso pode assumir características terríveis, porque os irmãos que estabelecem as fronteiras vibratórias, no exterior do recinto, não podem impedir a entrada dessas entidades inferiores, absolutamente integradas com as suas vítimas terrenas”.

“Há obsidiados que se sentem tão bem na companhia dos perseguidores, que imitam as mães terrestres agarradas aos filhos pequeninos,

penetrando recintos consagrados a certos serviços, com os quais não se compadece ainda o espírito infantil. Quando os amigos menos avisados ingressam na tarefa em tais condições, as ameaças são verdadeiramente inquietantes”.

“Surpreendido, notei o esforço de vinte entidades de nobre hierarquia, que movimentavam o ar ambiente. Em seus gestos rítmicos, semelhavam-se a sacerdotes antigos que estivessem executando operações magnéticas de santificação interior do recinto”.

“Não se trata, esclarece Alexandre, de hierofantes em gestos convencionais. Temos ali esclarecidos cooperadores do serviço, que preparam o ambiente, levando a efeito ionização da atmosfera, combinando recursos para efeitos elétricos e magnéticos”.

“Nos trabalhos deste teor, requisitam-se processos acelerados de materialização e desmaterialização da energia”.

“Não decorrem muitos instantes e alguns trabalhadores da nossa esfera comparecem trazendo pequenos aparelhos que me parecem instrumentos reduzidos, de grande potencial elétrico, em virtude dos raios que movimentavam em todas as direções”.

“Estes amigos, explicou meu generoso instrutor, estão encarregados de operar a condensação do oxigênio em toda casa. O ambiente para a materialização de entidades do nosso plano invisível aos homens requer elevado teor de ozônio e, além disso, é indispensável semelhante operação a fim de que todas as larvas e expressões microscópicas de atividade inferior sejam exterminadas”.

“O ectoplasma ou força nervosa, que será abundantemente extraída do médium, não pode sofrer, sem prejuízos fatais, a intromissão de certos elementos microbianos”.

“Logo depois reparei, surpreendido, o trabalho de várias entidades que chegavam do exterior, trazendo extenso material luminoso”.

“São recursos da Natureza, informou-me o instrutor, que os operários de nosso plano recolhem para o serviço. Trata-se de elementos das plantas e das águas, naturalmente invisíveis aos olhos dos homens, estruturados para reduzido número de vibrações”.

“Não se passaram muitos minutos e a jovem médium, afável e simpática, deu entrada no recinto, acompanhada por diversas entidades, dentre as quais se destacava um amigo de elevada condição, que parecia chefiar o grupo de servidores. Esse exercia considerável controle sobre a moça, que a ele se ligava através de tênues fios de natureza magnética”.

“Alexandre, Verônica (enfermeira) e mais três assistentes diretos de Alencar (orientador do aparelho mediúnico) colocaram as mãos em forma de coroa sobre a fronte da jovem e vi que suas energias reunidas formavam vigoroso fluxo magnético que foi projetado sobre o estômago e o fígado da médium, órgãos esses que acusaram imediatamente novo ritmo de vibração... Em poucos minutos o estômago permanecia inteiramente livre”.

“Agora, exclamou Verônica, preparemos o sistema nervoso para as saídas de força”.

“Reparei a diferenciação dos fluxos magnéticos, diante da nova operação posta em prática”.

“Separaram-se os assistentes de algum modo e, enquanto Alexandre projetava a energia que lhe era peculiar sobre a região do cérebro, Verônica e os companheiros lançavam os recursos que lhe eram próprios sobre o sistema nervoso central, encarregando-se cada um de determinada zona dos nervos cervicais, dorsais, lombares e sacros. As forças projetadas sobre a organização mediúnica efetuavam limpeza eficiente e energética, porquanto via, espantado, os resíduos escuros que lhes eram arrancados dos centros vitais”.

“Prosseguindo o exame do trabalho em curso, reparei que Verônica alçava, agora, a destra sobre a cabeça da jovem, demorando-a no centro da sensibilidade”.

“Nossa irmã Verônica, explicou meu generoso orientador, está aplicando passes magnéticos como serviço de introdução ao desdobramento necessário”.

“Entre os votos de êxito dos companheiros encarnados semi-concientes, a médium foi conduzida ao pequeno gabinete improvisado, fazendo-se em seguida, ligeira oração. Via-se, no entanto, que, como acontecia em outras reuniões, os amigos terrestres emitiam muitas solicitações silenciosas, entrando as vibrações mentais em conflito ativo, deservindo ao invés de auxiliar no trabalho da noite, que requisitava a mais elevada percentagem de harmonia. À claridade fraca e suave da luz vermelha que substituía a forte lâmpada comum, notava-se-lhes as emissões luminosas do pensamento”.

“Diversos servidores espirituais começaram a combinar as radiações magnéticas dos companheiros terrenos, a fim de constituírem material de cooperação, enquanto Calimério, projetando seu sublime potencial de energias sobre a médium, operava-lhe o desdobramento que durou alguns minutos. Verônica e outras amigas amparavam a jovem, parcialmente liberta do veículo físico, mas algo confusa e inquieta, ao lado do corpo, então mergulhado em profundo transe”.

“Em seguida, notei que, sob a ação do nobre orientador da tarefa, exteriorizava-se a força nervosa, à maneira de um fluxo abundante de neblina espessa e leitosa”.

“Fez-se música no ambiente e vi que o irmão Alencar, depois de ligar-se profundamente a organização mediúnica, tomava forma, ali mesmo ao lado da médium, sustentada por Calimério e assistida por numerosos trabalhadores”.

“Aos poucos, valendo-se da força nervosa exteriorizada e de várias matérias fluídicas, extraídas do interior da casa, aliada a recursos da Natureza, Alencar surgiu aos olhos dos encarnados, perfeitamente materializado”.

Mediunidade de Cura

Esse gênero de mediunidade consiste principalmente no dom de curar por simples toques, pelo olhar ou mesmo por um gesto, **sem nenhuma medicação**. Certamente dirão que se trata simplesmente de magnetismo. É evidente que o fluido magnético exerce um grande papel no caso. Mas, quando se examina o fenômeno com o devido cuidado, facilmente se reconhece a presença de mais alguma coisa.

Entre os médiuns curadores a faculdade é espontânea, e, às vezes, a possuem sem jamais terem ouvido falar de magnetismo. *A intervenção de uma potência oculta, que caracteriza a mediunidade, torna-se evidente em certas circunstâncias.*

Quando, no Mundo Maior, o médium prepara um trabalho dessa natureza, o médico espiritual trabalha ao lado dele sem cessar, fazendo com que tudo ocorra de conformidade com o planejamento elaborado, secundando-o em todos os momentos. Ali onde agirá o médium já estará preparado todo o campo material para que a parte espiritual venha cobri-lo com a sua assistência. Ao preparar-se o local, as organizações, as equipes que desenvolverão o trabalho de cirurgia numa casa espírita, sejam num cômodo fechado ou em amplo local aberto, ali se adequam constantemente os específicos espíritos que laboram na *manipulação de medicamentos*. Outros espíritos estarão formando a equipe encarregada de plasmar fluidificamente os instrumentos de que nos valem nesse trabalho de cirurgia espiritual para fazer a desmaterialização das enfermidades, promovendo o processo de regeneração completa das células enfermas. Outros trabalharão o lado espiritual, fazendo com que os fluídos atinjam sua finalidade, para que a pessoa que está sendo cirurgiada obtenha todo o amparo de que necessita. Outras equipes cuidam da vigilância constante visando a não penetração de espíritos obsessores no recinto das cirurgias, impedindo assim que seja conturbado o trabalho.

É, pois, importantíssimo o corpo de médiuns do local, os quais, além de doarem os fluídos para o processamento técnico das cirurgias, também servem como bateria fluídica impeditiva da penetração dos espíritos obsessores, dos perturbadores. Assim *os médiuns, com sua força conjunta*, permitirão a ação da equipe espiritual, quer isolando o ambiente, quer provocando choques anímicos nos irmãos inferiores intrusos, fazendo com que se afastem do local.

OBS Portador que é da energia magnética do fluido de cura, o médium que se coloca como cirurgião tem que estar muito bem preparado. Por exemplo, abster-se do *alimento carnívoro, de bebidas alcoólicas, de sono desvalido*. Deve ter uma alimentação estável e disciplinados períodos de repouso. Para que o trabalho seja bem desenvolvido, deve manter sua energia equilibrada, porque ele será o consertador dos defeitos da máquina da vida.

NOTA As toxinas psíquicas, durante a purificação perispiritual, convergem para os tecidos, órgãos ou regiões do corpo. Esse expurgo deletério, processado do perispírito para carne, produz as manifestações enfermigas de acordo com a maior ou menor resistência biológica do enfermo. Entretanto, os técnicos do Espaço podem acelerar ou reduzir o descenso dos fluidos mórbidos, podendo também transferi-los para serem expurgados na existência seguinte ou então serem absorvidos nos charcos do Além, ***se assim for da conveniência educativa para o espírito em prova***. De qualquer forma, a provação será condicionada ao ensinamento de que “Deus não dá um fardo superior às forças de quem tem de carregá-lo”.

Bibliografia:

O Livro dos Médiuns – *Allan Kardec*

Mediunidade – *Edgard Armond*

Médiuns – *João Nunes Maia* (pelo espírito Miramez)

Materializações Luminosas – *R. A. Ranieri*

Medicina Espiritual – *João de Berbel* (pelo espírito Ismael Alonso)



Foto 4 (primeira posição)

A mão e o pé do espírito **Heleninha**, luvas de parafina feitas em sessão de materialização do grupo **André Luís**, com o concurso da mediunidade de Peixotinho

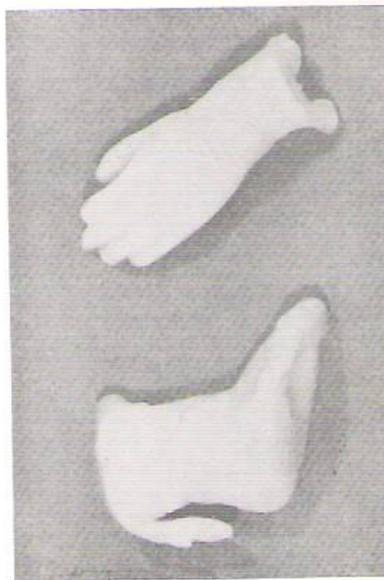


Foto 5 (segunda posição)

A MÃO E O PÉ DO ESPÍRITO **HELENINHA**



Foto 6

AS MÃOS DO ESPÍRITO **JOSE GROSSO** EXPRIMINDO UM GESTO DE FRATERNIDADE (Luvas de parafina)



Foto 7

AS MÃOS DO ESPÍRITO **JOSE GROSSO** (Luvas de parafina)

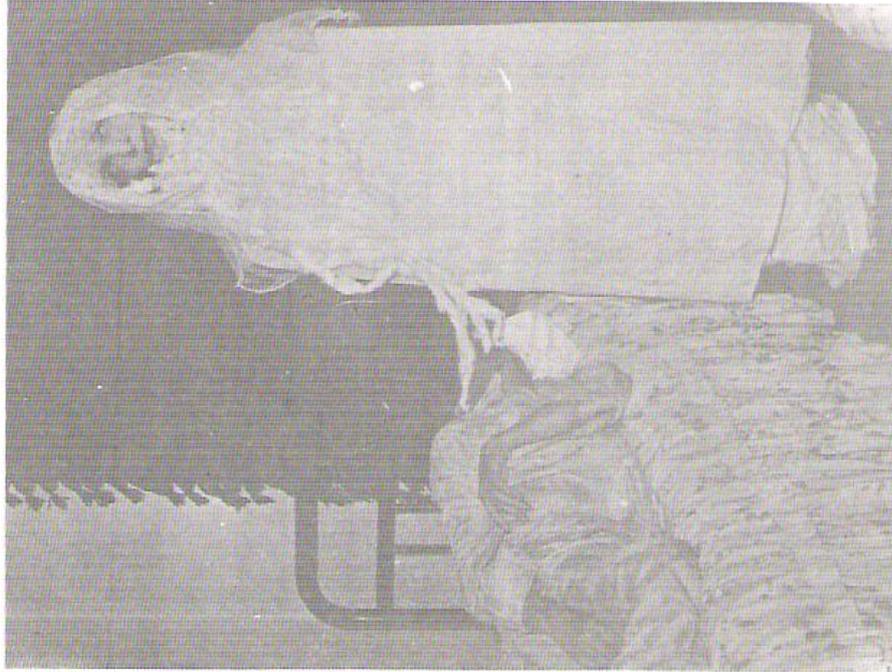


Foto n.º 36 — UMA AMIGA ESPIRITUAL DE FRANCISCO
CÂNDIDO XAVIER

Declara que esta fotografia foi
tinha em remissão de materializações
em massa remissão em Pedro Leopoldo,
do, Minas, pelo Sr. Henrique Lombardi,
Sney, devido de medium o Sr.
Francisco Pixoto Lins, achando-me
presente, assim como diversos
com parceiros que testemunharam
o fenômeno e acompanharam a
remissão em todas as suas fases.

Pedro Leopoldo, 13-12-54
Francisco Candido Xavier



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 08

Mediunidade III

Médiuns Audientes, Videntes, Sonâmbulos, de Pressentimentos, Proféticos e Extáticos

Médiuns Audientes

São os que ouvem a voz dos espíritos. Algumas vezes é uma voz interna que se faz ouvir no foro íntimo, de outras vezes é uma voz externa, clara distinta como de uma pessoa viva. Os médiuns audientes podem assim conversar com os espíritos.

Quando adquirem o hábito de comunicarem-se com certos espíritos, os reconhecem imediatamente pelo timbre da voz.

NOTA O problema da voz dos espíritos, com timbre característico, a ponto de se reconhecer a voz da pessoa falecida há tempos, provoca críticas dos antiespíritas religiosos e científicos, que alegam o desaparecimento dos órgãos vocais no túmulo. Explica-se o caso pelas propriedades do perispírito. Mas é bom lembrar que, nas experiências parapsicológicas de telepatia à distância, o fenômeno se confirma, sem que as objeções acima tenham sido levantadas. A realidade portanto, da voz dos espíritos está hoje cientificamente confirmada.

Esta faculdade é muito agradável, quando o médium só ouve espíritos bons. Não se dá o mesmo quando um espírito mau se apega a ele, fazendo-lhe ouvir a cada minuto as coisas mais desagradáveis e algumas vezes as mais inconvenientes. É necessário, então, tratar de desembaraçar-se.

Quando a audição é de forma interna o espírito que fala transmite a palavra ou o som e as ondas sonoras não atravessam a cortina fluídica de proteção que separa o perispírito, tais impressões não são transmitidas aos

órgãos dos sentidos físicos e, por isso, é que o médium tem a impressão de que ouve dentro do cérebro.

Quando a audição parece ser de forma externa as impressões sonoras são transmitidas através da cortina fluídica, atinge os órgãos dos sentidos e caem no campo da consciência física, afetam os nervos sensoriais da audição, mesmo sem passar pelo tímpano, simplesmente por indução.

Ainda pode suceder que o espírito emissor dos sons ou vozes aja diretamente sobre a atmosfera ambiente, materializando-se, ou melhor, condensando-os mais ou menos intensamente, a ponto de poderem ferir o tímpano do ouvido físico, para provocar uma audição direta e comum.

O mais comum é o primeiro caso, isto é, a permanência dos sons no campo da atividade perispiritual, sem atravessar a cortina fluídica de separação.

O médium auditivo tanto pode captar ondas sonoras provindas de espíritos desencarnados, que deliberadamente as transmitem, como quaisquer rumores, vozes, palavras e até mesmo conversações inteiras, provindas do mundo etéreo, mesmo quando não sejam emitidas deliberadamente para seu conhecimento. Aberto seu campo auditivo para esse mundo referido, o médium poderá captar muitas coisas do que nele se passa, de forma mais ou menos perfeita, segundo sua própria capacidade de audição.

A forma mais comum desta faculdade e a mais simples é a telepática.

O centro de força coronário, em certos casos, atua sobre a glândula pineal, desenvolvendo a vidência e audição mentais.

OBS As projeções mentais superiores são sempre sonoras e luminosas, de modo que podem ser vistas pelos videntes e ouvidas pelos audientes. Ver e ouvir os pensamentos são expressões correntes no plano invisível.

Médiuns Videntes

Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os Espíritos. Alguns gozam dessa faculdade em estado normal, quando perfeitamente acordados, e conservam lembrança precisa do que viram. Outros só a possuem em estado sonambúlico, ou próximo do sonambulismo. Raro é que esta faculdade se mostre permanente; quase sempre é efeito de uma crise passageira. Na categoria dos médiuns videntes se podem incluir todas as pessoas dotadas de dupla vista. A possibilidade de ver em sonho os Espíritos resulta, sem contestação, de uma espécie de mediunidade, mas não constitui, propriamente falando, o que se chama médium vidente.

O médium vidente julga ver com os olhos, como os que são dotados de dupla vista; mas, na realidade, é a alma quem vê e por isso é que eles tanto vêem com os olhos fechados, como com os olhos abertos; donde se conclui que um cego pode ver os Espíritos, do mesmo modo que qualquer outro que tem perfeita a vista. Sobre este último ponto caberia fazer-se interessante estudo, o de saber se a faculdade de que tratamos é mais freqüente nos cegos. Espíritos que na Terra foram cegos nos disseram que, quando vivos, tinham, pela alma, a

percepção de certos objetos e que não se encontravam imersos em negra escuridão.

Cumpra distinguir as aparições acidentais e espontâneas da faculdade propriamente dita de ver os Espíritos. As primeiras são freqüentes, sobre tudo no momento da morte das pessoas que aquele que vê amou ou conheceu e que o vêm prevenir de que já não são deste mundo. Há inúmeros exemplos de fatos deste gênero, sem falar das visões durante o sono. De outras vezes, são, do mesmo modo, parentes, ou amigos que, conquanto mortos há mais ou menos tempo, aparecem, ou para avisar de um perigo, ou para dar um conselho, ou, ainda, para pedir um serviço.

O serviço que o Espírito pode solicitar é, em geral, a execução de uma coisa que lhe não foi possível fazer em vida, ou o auxílio das preces. Estas aparições constituem fatos isolados, que apresentam sempre um caráter individual e pessoal, e não efeito de uma faculdade propriamente dita. A faculdade consiste na possibilidade, senão permanente, pelo menos muito freqüente de ver qualquer Espírito que se apresente, ainda que seja absolutamente estranho ao vidente. A posse desta faculdade é o que constitui, propriamente falando, o médium vidente.

Entre esses médiuns, alguns há que só vêm os Espíritos evocados e cuja descrição podem fazer com exatidão minuciosa. Descrevem-lhes, com as menores particularidades, os gestos, a expressão da fisionomia, os traços do semblante, as vestes e, até, os sentimentos de que parecem animados. Outros há em quem a faculdade da vidência é ainda mais ampla: vêm toda a população espírita ambiente, a se mover em todos os sentidos, cuidando, poder-se-ia dizer, de seus afazeres.

A faculdade de ver os Espíritos pode, sem dúvida, desenvolver-se, mas é uma das de que convém esperar o desenvolvimento natural, sem o provocar, em não se querendo ser joguete da própria imaginação. Quando o germen de uma faculdade existe, ela se manifesta de si mesma. Em princípio, devemos contentar-nos com as que Deus nos outorgou, sem procurarmos o impossível, por isso que, pretendendo ter muito, corremos o risco de perder o que possuímos.

NOTA Esta é uma característica do Espiritismo, para a qual devemos sempre chamar a atenção de adeptos e adversários. *A Doutrina é contrária a todos os meios artificiais do desenvolvimento psíquico, mantendo o mais rigoroso respeito às leis naturais que presidem a esses processos, como a todos os demais da condição humana.*

Quanto aos médiuns videntes, propriamente ditos, ainda são mais raros e há muito que desconfiar dos que se inculcam possuidores dessa faculdade. É prudente não se lhes dar crédito, senão diante de provas positivas.

E fora de dúvida que algumas pessoas podem enganar-se de boa-fé, porém, outras podem também simular esta faculdade por amor-próprio, ou por interesse. Neste caso, é preciso, muito especialmente, levar em conta o caráter, a moralidade e a sinceridade habituais; todavia, nas particularidades, sobretudo, é que se encontram meios de mais segura verificação, porquanto algumas há que não podem deixar suspeita, como, por exemplo, a exatidão no retratar Espíritos que o médium jamais conheceu quando encarnados.

Os médiuns videntes são dotados da faculdade de ver os espíritos, e essa qualidade mediúmica se divide em muitas modalidades. Existe uma escala grandiosa e cada médium se encontra em uma faixa de percepção, dando notícias daquilo que a sua faculdade alcança.

Convém ao médium cristão, em todo o transe de sua vida desligar-se das paixões inferiores, de modo a desprender-se das trevas, aliando-se a luz, pois a vidência, quando não tem alicerce na moral evangélica, é qual uma casa construída na areia, estando sujeita a desmoronar-se a qualquer hora.

O vidente vê os espíritos com os olhos da alma, no entanto, em alguns casos, consegue vê-los também com os olhos do corpo físico. As faculdades são elásticas, e crescem para mostrar as belezas da vida espiritual.

A Doutrina dos Espíritos, codificada por Allan Kardec, veio para mostrar a verdade. Antes dela, quando se via um espírito, este era chamado de fantasma, desmerecendo aquele ser que fazia tanto esforço para ser visível e dar notícia de que ninguém morre, mostrando a continuação da vida depois do túmulo. O Espiritismo, disciplinando esses fenômenos, esclarece que *a comunicação dos espíritos com os homens é lei natural*, e que existe desde quando o espírito recebeu a razão. Isso acontece com todos os povos, até no seio das tribos indígenas. Até mesmo as crianças, algumas delas são dotadas de vidência na sua simplicidade e, por vezes, confundem os desencarnados com os encarnados, vendo-os claramente e chegando a gritar, assustando-se com essas aparições.

O melhor comportamento das pessoas é deixar que a visão ocorra espontaneamente. Nós não aconselhamos que se faça nenhum exercício para tais visões. A violência gera perturbações. Cumpre distinguir o bem do mal e viver no ambiente da ponderação. Mediunidade é um dom inerente ao ser humano, contudo, nem todos a tem aflorada, porque nem todos vêm com a missão de praticá-la. Se ela é forçada, aparecem distúrbios que podem comprometer o sistema nervoso, sem que o comandante do corpo os possa controlar, porque ele mesmo aceitou tais desequilíbrios.

É bom que possamos, antes da vidência dos espíritos, pedir a Deus que nos dê a visão mais profunda dos nossos desequilíbrios, e reunirmos força para corrigi-los, que tenhamos a clarividência do nosso futuro, sabendo que o porvir é o resultado da vida presente, cuidando do plantio de agora. *Para que alimentarmos a vaidade de ver os espíritos se essa visão não nos melhora moralmente?* Devemos intercalar uma coisa com outra, de modo a nos erguer para o alto e para frente.

A vidência e a clarividência são meios que levam a vida a nos mostrar que mudamos sempre de planos e essa mudança requer melhoria moral e os conhecimentos espirituais com que o tempo possa nos dotar, entrando em jogo a nossa vontade. Aquele que quer, sempre avança.

Aos médiuns videntes e clarividentes, nós aconselhamos que não fiquem revelando o que se passa com a sua faculdade. Que sejam parcimoniosos naquilo que vêem. Conversar muito sobre si mesmo, desmerece o que se é.

Não debes ficar invocando espíritos, só para verificar teu estado espiritual. A espontaneidade é ambiente mais seguro para os dons que Deus te deu.

Conduta do Médium Vidente

A vidência nas suas primeiras manifestações agita nosso silêncio. A vontade é de gritar, de falar, de explicar, de fazer com que os outros participem da nossa alegria. Por isso é comum o vidente focar o mundo interno do semelhante, desejando que eles aceitem o que percebemos, sem analisar.

Quando o raciocínio pesa para o lado da negação há o abatimento pela experiência não atingir o êxito pretendido. Esquecendo-se do que afirmou o apóstolo Paulo, *não ser lícita a propagação sem cuidados*.

O médium vidente deve saber quando deve falar. O seu anúncio, em muitos casos, pode causar danos imprevistos, pode desorientar almas fracas, pode perturbar companheiros inexperientes. A ponderação no falar evita muitos dissabores. A vidência é uma força que a disciplina presente transmuta em fonte de paz, mas que sem orientação condigna pode ser fonte de desequilíbrio.

Características da Vidência

A vidência é uma faculdade colocada à disposição dos médiuns, a fim de que estes possam ser úteis à espiritualidade, transmitindo aos encarnados as sensações e as situações ocorrentes no Plano Espiritual, através das imagens captadas.

Trata-se de uma aptidão não muito comum, que pode ser completa ou parcial, existindo entre esses dois extremos uma gama variável de recepções mediúnicas. A vidência completa ou plena é aquela em que o medianeiro, em estado de concentração, pode ter total acesso às percepções enviadas pelos mensageiros espirituais sem interferência, a qualquer momento que desejar. É a mais rara e pode-se afirmar que abrange somente cerca de **um por cento** dos médiuns da Terra. A partir daí, existe a parcial, que atua apenas em determinados momentos, relacionados pelo plano superior para trabalhos específicos, podendo ter menos penetração e nela ocorrer interferências nas comunicações. É a mais sujeita a mistificações, erros e até mesmo ilusões deliberadamente provocadas. Atinge a grande maioria dos médiuns videntes. No entanto, deve-se salientar que a vidência parcial possui uma gradação bastante variada, manifestando-se de maneira ampla em alguns médiuns, ou seja, sem tanta interferência estranha ao trabalho. Cada vidente possui a sua particularidade.

Nas sessões espíritas os médiuns videntes devem ter humildade e transmitir com a maior exatidão possível, sem interesse pessoal, as imagens projetadas pelo plano espiritual. Constituem um grupo importante dos trabalhadores, mas devem ser sempre, também, os mais vigilantes e os mais vigiados. Geralmente, uma visão necessita de confirmação de outro médium para adquirir seu caráter de autenticidade, razão pela qual há sempre dois ou mais receptores da mesma sensação espiritual. O plano maior dificilmente trabalha com um único veículo na mesma reunião.

Há visões espirituais interditas ao encarnado. Pode-se exemplificar com as imagens dos mentores dos planos mais felizes. Dessa forma, a regra é nunca se deixar impressionar pelo médium que diz estar vendo Jesus, por exemplo. O que, às vezes, ocorre é que, pela imensa fé, é permitido que se tenha a sensação, e nada mais, da presença do Divino mestre. Da mesma forma, não se deve crer em psicografias cujos médiuns assinem o nome de Cristo. No atual estágio de evolução do planeta predomina a mediunidade restrita, pois não há mérito suficiente para a percepção das imagens que muitos desejariam ver.

A vidência é veículo a serviço de Deus e a Ele deve ser sempre creditada. Da mesma forma, portanto, que o médium a recebe, pode perdê-la, pela vontade do plano espiritual superior.

NOTA A vidência é utilizada pelo médium. É faculdade mediúnica, da mesma forma que a mediunidade em geral foi e é fruto da vontade de Deus. O médium não dispõe de sua faculdade casualmente dissociada do desejo da espiritualidade maior. Uma vez que queira, o Plano Superior pode cassá-la. Ninguém é vidente por acaso ou porque quer, mas sim porque Deus programou ou permitiu. Nesse sentido, a Ele deve ser a vidência creditada.

É certo que existem espíritos mistificadores, sempre dispostos a satisfazer ao desejo leviano de qualquer colaborador encarnado e passar-lhe falsas imagens. Mas, a vontade do alto é soberana e inatacável, podendo facilmente desvendar o equívoco criado.

Diversas formas de pensamentos podem influir na interpretação das imagens passadas pelos mentores, prejudicando a tarefa, motivando o veículo encarnado a ter sentimentos negativos, manifestados por orgulho, vaidade, amor-próprio, inveja, entre outros.

A região mais utilizada do cérebro humano para as recepções das imagens é o hemisfério direito. A maioria dos espíritos aí concentra a sua magnetização e o envolvimento com o perispírito do médium. Entretanto, toda a cabeça é zona de entrelaçamento fluídico no momento de transmissão da visão espiritual desejada.

A vidência pode ser dividida da seguinte forma:

Vidência Ambiente ou Local

É aquela que se opera no ambiente em que se encontra o médium, atingindo fatos que ali mesmo se desenrolam e pode ser considerada como sendo a faculdade em seus primeiros estágios.

O médium pode ver espíritos presentes, cores, luzes, formas. Pode ver também sinais, quadros e símbolos projetados mentalmente pelos instrutores invisíveis, ou qualquer espírito no seu campo de visão.

Quando o fenômeno ganha, com o desenvolvimento, maior nitidez, poderá ler palavras ou frases inteiras, também projetadas, no momento, pelos espíritos comunicantes.

Nestes casos, nem sempre os símbolos, sinais e letras são claros, apropriados ou significativos, sendo mesmo, às vezes, bem inexpressivos, visto que dependem da capacidade imaginativa, da inteligência ou do poder mental do espírito comunicante.

Vidência no Espaço

É aquela em que o médium vê cenas, quadros, sinais ou símbolos, em pontos distantes do local do trabalho.

Esta visão é obtida comumente por dois modos:

1º Pela formação do tubo astral, que é um processo de polarização de um número de linhas paralelas de átomos astrais, que vão do observador à cena que deve ser vista. Todos os átomos sobre os quais se age ficam, enquanto dura a operação, com seus eixos rigidamente paralelos uns aos outros, de sorte a formar uma espécie de tubo por onde o vidente olha, as imagens assim obtidas são de tamanho reduzido, porém perfeitamente nítidas.

Esta maneira, porém, não é a única, nem mesmo a mais comum, do ponto de vista espírita, pois sucede que, na maioria das vezes, a ligação entre o local da cena distante e aquele no qual se encontra o médium, é feita pelos próprios instrutores invisíveis que, na matéria astral, estabelecem uma linha de partículas fluídicas, formando um fio transmissor de vibrações de extremo a extremo, por meio do qual a vidência então se exerce.

2º Pelo desdobramento, mediante o qual o espírito do médium, abandonando momentaneamente seu corpo físico, ou melhor dizendo, exteriorizando-se, é levado ao local da cena a observar, então diretamente, sendo que, neste caso, a visão é muito mais nítida e completa.

Quando o médium não tem ainda desenvolvida a capacidade de desdobramento, os próprios instrutores o mergulham em sono sonambúlico e, nesse estado, o transportam aos lugares desejados. Nestes casos, o vidente ou narra a cena vista somente após o regresso e o despertar no corpo físico, ou a vai narrando durante o próprio sono sonambúlico, à medida que observa.

Vidência no Tempo

É aquela em que o vidente vê cenas representando fatos a ocorrer ou já ocorridos em outros tempos.

Opera então, em pleno domínio quadrimensional. Ele está no Tempo, que é a sucessão interminável de eventos. Abrem-se aí, para ele, as regiões

pouco determinadas que existem os registros da eternidade, os quais, desfilando à sua frente, dar-lhe-ão como em uma fita cinematográfica, a visão nítida e seqüente de acontecimentos passados e futuros.

NOTA Os fatos relacionados com a vida dos objetos, indivíduos ou das coletividades, gravam-se indelevelmente na luz astral, em registros etéreos e se arquivam em lugares ou repartições apropriadas do Espaço, sob a guarda de entidades responsáveis e, em certos casos, podem ser consultados ou revelados a espíritos interessados na rememoração do passado.

Colocados em um ângulo de tempo, isto é, em um momento, entre dois ciclos de tempo, seu olhar pode abarcar o que já foi e o que ainda vai ser, visto que, o futuro não está preparado, mas sim realizado constantemente no Tempo. As causas, passadas ou presentes, projetam no futuro seus efeitos, aos quais permanecem ligadas, de forma que, colocado o vidente fora dessa linha de ligação entre dois pontos, pode abrangê-los de extremo a extremo.

OBS No primeiro caso, de coisas do passado a visão é rememorativa e no segundo caso, de coisas do futuro é profética.

Há ainda a observar que, neste caso de visão no tempo, tanto pode o médium ser transportado em desdobramento à região ou ponto onde se encontram os clichês astrais, como podem ser estes projetados, pelos espíritos instrutores, no ambiente em que se encontra o médium.

Médiuns Sonâmbulos

Pode considerar-se o sonambulismo uma variedade da faculdade mediúnica, ou, melhor, são duas ordens de fenômenos que freqüentemente se acham reunidos. O sonâmbulo age sob a influência do seu próprio Espírito; é sua alma que, nos momentos de emancipação, vê, ouve e percebe, fora dos limites dos sentidos. O que ele externa tira-o de si mesmo; suas idéias são, em geral, mais justas do que no estado normal, seus conhecimentos mais dilatados, porque tem livre a alma. Numa palavra, ele vive antecipadamente a vida dos Espíritos. O médium, ao contrário, é instrumento de uma inteligência estranha; é passivo e o que diz não vem de si. Em resumo, o sonâmbulo exprime o seu próprio pensamento, enquanto que o médium exprime o de outrem. Mas, o Espírito que se comunica com um médium comum também o pode fazer com um sonâmbulo; dá-se mesmo que, muitas vezes, o estado de emancipação da alma facilita essa comunicação. Muitos sonâmbulos vêem perfeitamente os Espíritos e os descrevem com tanta precisão, como os médiuns videntes. Podem confabular com eles e transmitir seus pensamentos. O que dizem, fora do âmbito de seus conhecimentos pessoais, lhes é com freqüência sugerido por outros Espíritos.

A lucidez sonambúlica é uma faculdade que se radica no organismo e que independe, em absoluto, da elevação, do adiantamento e mesmo do estado moral do indivíduo. Pode, pois, um sonâmbulo ser muito lúcido e ao mesmo tempo

incapaz de resolver certas questões, desde que seu Espírito seja pouco adiantado. O que fala por si próprio pode, portanto, dizer coisas boas ou más, exatas ou falsas, demonstrar mais ou menos delicadeza e escrúpulo nos processos de que use, conforme o grau de elevação, ou de inferioridade do seu próprio Espírito. A assistência então de outro Espírito pode suprir-lhe as deficiências. Mas, um sonâmbulo, tanto como os médiuns, pode ser assistido por um Espírito mentiroso, leviano, ou mesmo mau. Aí, sobretudo, é que as qualidades morais exercem grande influência, para atraírem os bons Espíritos.

O sonambulismo é, na realidade, um conjunto de faculdades que geram o verdadeiro sonâmbulo, e se formos levar o estudo do sonambulismo mais a fundo, notaremos que outros tipos de mediunidade a ele se juntam para maior expressão.

O sonâmbulo em transe afasta-se do seu próprio corpo para comunicar-se mais diretamente com os espíritos desencarnados, podendo transmitir mensagens através do seu corpo em estado de transe. Essa função se opera pelo cordão fluídico, que liga o perispírito ao fardo fisiológico. De certa forma, o sonâmbulo não deixa de ser um intermediário, e como tal transmite para os que o cercam a mensagem ou recados dos espíritos.

Para que se faça uma seleção dos comunicantes que se aproximam do médium por sintonia, o comportamento deve obedecer às instruções de Jesus. Dentro do sonambulismo se vê como que uma escada, uns sonâmbulos encontram-se nos primeiros degraus, outros ao meio da escada e alguns, bem poucos, mais no fim dela, de maneira que se sente mais dificuldade de expressar a verdade por meio da maioria dos intermediários.

Médiuns Extáticos

O êxtase é um sonambulismo mais apurado, a alma do extático é ainda mais independente, ela pode penetrar nos mundos superiores, eles os vê e compreende a felicidade dos que ali habitam, por isso, gostaria de ficar lá. Mas existem mundos inacessíveis aos espíritos que não são bastante depurados.

Resumo Teórico do Sonambulismo, do Êxtase e da Segunda Vista

Os fenômenos do sonambulismo natural se produzem espontaneamente e independem de qualquer causa exterior conhecida. Mas, em certas pessoas dotadas de especial organização, podem ser provocados artificialmente, pela ação do agente magnético.

O estado que se designa pelo nome de *sonambulismo magnético* apenas difere do *sonambulismo natural* em que um é provocado, enquanto o outro é espontâneo.

O sonambulismo natural constitui fato notório, que ninguém mais se lembra de por em dúvida, não obstante o aspecto maravilhoso dos fenômenos a que dá lugar. Por que seria então mais extraordinário ou irracional o sonambulismo magnético? Apenas por produzir-se artificialmente, como tantas

outras coisas? Os charlatões o exploram, dizem. Razão de mais para que não lhes seja deixado nas mãos. Quando a Ciência se houver apropriado dele, muito menos crédito terão os charlatões junto às massas populares. Enquanto isso não se verifica, como o sonambulismo natural ou artificial é um fato, e como contra fatos não há raciocínio possível, vai ele ganhando terreno, apesar da má-vontade de alguns, no seio da própria Ciência, onde penetra por uma imensidade de portinhas, em vez de entrar pela porta larga. Quando lá estiver totalmente, terão que lhe conceder direito de cidade.

Para o Espiritismo, o sonambulismo é mais do que um fenômeno psicológico, é uma luz projetada sobre a psicologia. É aí que se pode estudar a alma, porque é onde esta se mostra a descoberto. Ora, um dos fenômenos que a caracterizam é o da clarividência independente dos órgãos ordinários da vista. Fundam-se os que contestam este fato em que o sonâmbulo nem sempre vê. Será de admirar que difiram os efeitos, quando diferentes são os meios? Será racional que se pretenda obter os mesmos efeitos, quando há e quando não há o instrumento? A alma tem suas propriedades, como os olhos têm as suas. Cumpre julgá-las em si mesmas e não por analogia.

De uma causa única se originam a clarividência do sonâmbulo magnético e a do sonâmbulo natural. É *um atributo da alma*, uma faculdade inerente a todas as partes do ser incorpóreo que existe em nós e cujos limites não são outros senão os assinados à própria alma. O sonâmbulo vê em todos os lugares aonde sua alma possa transportar-se, qualquer que seja a longitude.

No caso de visão à distância, o sonâmbulo não vê as coisas de onde está o seu corpo, como por meio de um telescópio. Vê-as presentes, como se achasse no lugar onde elas existem, porque sua alma, em realidade, lá está. Por isso é que seu corpo fica como que aniquilado e privado de sensação, até que a alma volte a habitá-lo novamente. Essa separação parcial da alma e do corpo constitui um estado anormal, suscetível de duração mais ou menos longa, porém não indefinida. Daí a fadiga que o corpo experimenta após certo tempo, mormente quando aquela se entrega a um trabalho ativo.

A vista da alma ou do Espírito não é circunscrita e não tem sede determinada. Eis por que os sonâmbulos não lhe podem marcar órgão especial. Vêem porque vêem, sem saberem o motivo nem o modo, uma vez que, para eles, na condição de Espíritos, a vista carece de foco próprio. Se reportam ao corpo, esse foco lhes parece estar nos centros onde maior é a atividade vital, principalmente no cérebro, na região do epigastro, ou no órgão que considerem o ponto de ligação *mais forte* entre o Espírito e o corpo.

O poder da lucidez sonambúlica não é ilimitado. O Espírito, mesmo quando completamente livre, tem restringidos seus conhecimentos e faculdades conforme ao grau de perfeição que haja alcançado. Ainda mais restringidos os tem quando ligado à matéria, a cuja influência está sujeito. É o que motiva não ser universal, nem infalível, a clarividência sonambúlica. E tanto menos se pode contar com a sua infalibilidade, quanto mais desviada seja do fim visado pela Natureza e transformada em objeto de curiosidade e de experimentação.

No estado de desprendimento em que fica colocado, o Espírito do sonâmbulo entra em comunicação mais fácil com os outros Espíritos *encarnados*, ou *não encarnados*, comunicação que se estabelece pelo contacto dos fluidos,

que compõem os perispíritos e servem de transmissão ao pensamento, como o fio elétrico. O sonâmbulo não precisa, portanto, que se lhe expressem os pensamentos por meio da palavra articulada. Ele os sente e adivinha. É o que o torna eminentemente impressionável e sujeito às influências da atmosfera moral que o envolva. Essa também a razão por que uma assistência muito numerosa e a presença de curiosos mais ou menos malevolentes lhe prejudicam de modo essencial o desenvolvimento das faculdades que, por assim dizer, se contraem, só se desdobrando com toda a liberdade num meio íntimo ou simpático. *A presença de pessoas mal-intencionadas ou antipáticas lhe produz efeito idêntico ao do contacto da mão no sensitivo.*

O sonâmbulo vê ao mesmo tempo o seu próprio Espírito e o seu corpo, os quais constituem, por assim dizer, dois seres que lhe representam a dupla existência corpórea e espiritual, existências que, entretanto, se confundem, mediante os laços que as unem. Nem sempre o sonâmbulo se apercebe de tal situação e essa dualidade faz que muitas vezes fale de si, como se falasse de outra pessoa. É que ora é o ser corpóreo que fala ao ser espiritual, ora é este que fala àquele.

Em cada uma de suas existências corporais, o Espírito adquire um acréscimo de conhecimentos e de experiência. Esquece-os parcialmente, quando encarnado em matéria por demais grosseira, *porém deles se recorda como Espírito.* Assim é que certos sonâmbulos revelam conhecimentos acima do grau da instrução que possuem e mesmo superiores às suas aparentes capacidades intelectuais. Portanto, da inferioridade intelectual e científica do sonâmbulo, quando desperto, nada se pode inferir com relação aos conhecimentos que porventura revele no estado de lucidez. Conforme as circunstâncias e o fim que se tenha em vista, ele os pode haurir da sua própria experiência, da sua clarividência relativa às coisas presentes, ou dos conselhos que receba de outros Espíritos.

Mas, podendo o seu próprio Espírito ser mais ou menos adiantado, possível lhe é dizer coisas mais ou menos certas.

Pelos fenômenos do sonambulismo, quer natural, quer magnético, a Providência nos dá a prova irrecusável da existência e da independência da alma e nos faz assistir ao sublime espetáculo da sua emancipação. Abre-nos dessa maneira, o livro do nosso destino.

Quando o sonâmbulo descreve o que se passa à distância, é evidente que vê, mas não com os olhos do corpo. Vê-se a si mesmo e se sente transportado ao lugar onde vê o que descreve. Lá se acha, pois, alguma coisa dele e, não podendo essa alguma coisa ser o seu corpo, necessariamente é sua alma, ou Espírito. Enquanto o homem se perde nas sutilezas de uma metafísica abstrata e ininteligível, em busca das causas da nossa existência moral, Deus cotidianamente nos põe sob os olhos e ao alcance da mão os mais simples e patentes meios de estudarmos a psicologia experimental.

O êxtase é o estado em que a independência da alma, com relação ao corpo, se manifesta de modo mais sensível e se torna, de certa forma, palpável.

No sonho e no sonambulismo, o Espírito anda em giro pelos mundos terrestres. No êxtase, penetra em um mundo desconhecido, o dos Espíritos etéreos, com os quais entra em comunicação, sem que, todavia, lhe seja lícito ultrapassar certos limites, porque, *se os transpusesse, totalmente se partiriam os*

laços que o prendem ao corpo. Cerca-o então resplendente e desusado fulgor, inebriam-no harmonias que na Terra se desconhecem, indefinível bem-estar o invade: goza antecipadamente da beatitude celeste e bem se pode dizer que pousa um pé no limiar da eternidade.

No estado de êxtase, o aniquilamento do corpo é quase completo. Fica-lhe somente, pode-se dizer, a vida orgânica. Sente-se que a alma se lhe acha presa unicamente por um fio, que mais um pequenino esforço quebraria sem remissão.

Nesse estado, desaparecem todos os pensamentos terrestres, cedendo lugar ao sentimento apurado, que constitui a essência mesma do nosso ser imaterial. Inteiramente entregue a tão sublime contemplação, o extático encara a vida apenas como paragem momentânea. Considera os bens e os males, as alegrias grosseiras e as misérias deste mundo quais incidentes fúteis de uma viagem.

Dá-se com os extáticos o que se dá com os sonâmbulos: mais ou menos perfeita podem ter a lucidez e o Espírito mais ou menos apto a conhecer e compreender as coisas, conforme seja mais ou menos elevado. Muitas vezes, porém, há neles mais excitação do que verdadeira lucidez, ou melhor, muitas vezes a exaltação lhes prejudica a lucidez. Daí o serem, freqüentemente, suas revelações um misto de verdades e erros, de coisas grandiosas e coisas absurdas, até ridículas. Dessa exaltação, que é sempre uma causa de fraqueza, quando o indivíduo não sabe reprimi-la, Espíritos inferiores costumam aproveitar-se para dominar o extático, tomando, com tal intuito, aos seus olhos, aparências que mais o aferram às idéias que nutre no estado de vigília. Há nisso um escolho, mas nem todos são assim. ***Cabe-nos tudo julgar friamente e pesar-lhes as revelações na balança da razão.***

A emancipação da alma se verifica às vezes no estado de vigília e produz o fenômeno conhecido pelo nome de *segunda vista* ou *dupla vista*, que é a faculdade graças à qual quem a possui vê, ouve e sente *além dos limites dos sentidos humanos*. Percebe o que exista até onde estende a alma a sua ação. Vê, por assim dizer, através da vista ordinária, e como por uma espécie de miragem.

No momento em que o fenômeno da segunda vista se produz, o estado físico do indivíduo se acha sensivelmente modificado. O olhar apresenta alguma coisa de vago. Ele olha sem ver. Toda a sua fisionomia reflete uma como exaltação. Nota-se que os órgãos visuais se conservam alheios ao fenômeno, pelo fato de a visão persistir, mal grado à oclusão dos olhos.

Aos dotados desta faculdade ela se afigura tão natural, como a que todos temos de ver. Consideram-na um atributo de seus próprios seres, que em nada lhes parecem excepcionais. De ordinário, o esquecimento se segue a essa lucidez passageira, cuja lembrança, tornando-se cada vez mais vaga, acaba por desaparecer, como a de um sonho.

O poder da vista dupla varia, indo desde a sensação confusa até a percepção clara e nítida das coisas presentes ou ausentes. Quando rudimentar, confere a certas pessoas o tato, a perspicácia, uma certa segurança nos atos, a que se pode dar o qualificativo de precisão de golpe de vista moral. Um pouco desenvolvida, desperta os pressentimentos. Mais desenvolvida mostra os acontecimentos que deram ou estão para dar-se.

O sonambulismo natural e artificial, o êxtase e a dupla vista são efeitos vários, ou de modalidades diversas, de uma mesma causa. Esses fenômenos, como os sonhos, estão na ordem da Natureza. Tal a razão por que hão existido em todos os tempos. A História mostra que foram sempre conhecidos e até explorados desde a mais remota Antigüidade e neles se nos depara a explicação de uma imensidade de fatos que os preconceitos fizeram fossem tidos por sobrenaturais.

Médiuns Proféticos

Variedade de médiuns inspirados ou de pressentimentos, que recebem, com a permissão de Deus e com maior precisão que os médiuns de pressentimentos, a revelação de ocorrências futuras de interesse geral, que estão encarregados de ***transmitir aos outros para fins instrutivos***.

Esses médiuns fazem parte do quadro dos inspirados e de pressentimentos. Porque são proféticos, eles aparecem no mundo para dar conhecimento das coisas que haverão de vir, muitas delas para preparar as almas, como foi no caso de Isaías, João Batista e muitos outros profetas verdadeiros que se encontravam nas páginas da Bíblia. No entanto, existem os falsos profetas, cujo interesse é o dinheiro ou a posição desses, porém, o tempo se encarrega, dando-lhes o que eles merecem.

Previsões

No que tange às previsões, estas são terreno muito difícil de se aclimatar, no ambiente do mundo moderno. Elas são variáveis e ver o futuro é, pois, para os espíritos altamente elevados, como no caso dos profetas do passado. Assim mesmo, se havia naquela época quinhentos profetas, dez por cento falavam coisas certas. O resto se fazia profeta para aparecer no meio dos tais, como se fora um deles.

No meio da mediunidade ainda continua essa vaidade que o tempo, e somente o tempo, vai consertando, porque a Doutrina Espírita continua fornecendo dados de educação e entendimento para os novos profetas, que queiram se arvorar em adivinhadores modernos.

A vaidade, o orgulho e o egoísmo, inspiram os médiuns para usarem a faculdade em proveito próprio, alimentando esses monstros, de modo que eles acabam devorando os que os alimentam.

Não levam a nada, nos dias que correm, as profecias, as previsões. O que acrescentam no teu bem-estar a não ser te trazer o medo do futuro, do modo que se encontra a humanidade supersensível? Nos tempos ido, poderia ter algum valor para a educação pelo medo. Hoje não!

Esquece previsões e profecias, trabalha alegre em nome de Deus, ajudando na harmonia da vida, de maneira que a mente humana tenha essa harmonia e que ela se manifestem toda a tua vida, integrando-se na vida maior com a sua mensagem.

Parece negativismo, mas não é, é a verdade. Observa milhares e milhares de médiuns, mesmo no Brasil, considerado Pátria do Evangelho, onde os espíritos lutam para transmitir por esses sensitivos um mínimo da sua fala, e às vezes não o conseguem. ***Ninguém pode realizar algo na vida sem o preparo, e o mundo espiritual, sabendo desta verdade, espalha escolas por toda parte, a fim de instruir e educar esses médiuns para o serviço do Cristo. Mas, por enquanto o orgulho e o egoísmo fazem barreiras no sentido de que a luz espere disposição dos candidatos à mediunidade para transmitir-lhes as claridades.***

Ninguém pode dizer que não encontrou a luz, porque a Doutrina Espírita fornece essa luz pelas letras das obras da codificação, que estão fartas na pátria que lhes deu berço fecundo: o Brasil. Não precisas querer ser o maior dentre os outros companheiros. ***Faze a parte que o dever te mostra, que o mais virá por acréscimo de misericórdia.***

Lembra-te do que Jesus falou aos seus discípulos, quando cada um queria ser maior do que o outro, e isso basta para que tomes novos rumos de entendimento. As coisas que a mente divina achar que devem se tornar conhecidas, elas aparecem de diversas formas, e não é necessário ser espírita para revelá-las, porque tudo o que existe na vida já se encontra integrado na natureza, irradiando o que a muitos é dado perceber.

Forçar os espíritos sobre as coisas do futuro é afinizar com a mistificação.

Médiuns de Pressentimentos

O pressentimento é uma intuição vaga das coisas futuras. Algumas pessoas têm essa faculdade mais ou menos desenvolvida. Pode ser devida a uma espécie de dupla vista, que lhes permite entrever as conseqüências das coisas atuais e a filiação dos acontecimentos. Mas, muitas vezes, também é resultado de comunicações ocultas e, sobretudo neste caso, é que se pode dar aos que dela são dotados o nome de *médiuns de pressentimentos*, que constituem uma variedade dos *médiuns inspirados*.

NOTA Precogição ou percepção do futuro, trata-se de uma visão espiritual do encadeamento dos acontecimentos ou dos fatos, a partir do presente, que apesar disso, não se processa fatalmente, pois a cadeia dos fatos decorre sempre, no plano humano, das decisões do livre-arbítrio.

Os médiuns de pressentimentos tornam-se uma variedade dos médiuns inspirados, de forma que surgem na mente do medianeiro fatos que devem acontecer. É preciso que se saiba que todos os homens e a própria Terra tem seus clichês de acontecimentos, mas que são mutáveis. Nem tudo está na ordem dos acontecimentos, compete-nos um estudo mais profundo no sentido de conhecermos as leis que regem todas as coisas.

Quando a alma reencarna, seu mapa de possíveis acontecimentos é formado pela sua posição espiritual, pelas suas dívidas do passado, pelos seus

processos de despertar. No entanto, esses acontecimentos podem ser mudados pela sua disposição. Há videntes e clarividentes que não pertencem ao espiritismo, e que vêem o passado, o presente e o futuro e nem sempre acontece o que é previsto para o futuro, devido as mudanças.

É por isso que O Livro dos Médiuns diz que o pressentimento é uma vaga intuição das coisas futuras. *Vaga, porque a lei é maleável.* Desde quando há mudanças de comportamento dos homens, tudo em derredor muda, *refletindo-se no exterior o que ocorre no interior.*

Se tiveres de passar algo que pela lei, visa reconciliar-te com alguém que foi ferido pela tua invigilância, e fazes isso imediatamente, aquele clichê logo se desfaz, não tendo mais necessidade de sofrerdes o corretivo das tuas inconseqüências. No entanto, se o companheiro reforça o erro, ele passará a sofrer mais intensamente.

Os pressentimentos são nascidos dos médiuns inspirados e intuitivos, que podem retroagir voltando ao passado e viajando para o futuro. Os médiuns desta linha de faculdade que se cuidem, por todos os meios possíveis, preparando-se moralmente, e mesmo no saber, a fim de se tornarem instrumentos mais ou menos puros, na visão, regressão e avanço no tempo, encontrando mais certeza nas suas faculdades espirituais.

Existem muitas comunicações dos espíritos que passam sempre por pressentimentos. É preciso muito cuidado para o devido **discernimento**. *O que interessa nos dias que corre, é a mediunidade que faz circular com mais freqüência o amor, a caridade, o perdão, a educação dos homens e o interesse para a sabedoria espiritual.* Os benfeitores espirituais estão empenhados em educar a humanidade, para que ela possa amar a Deus em todas as coisas, aí se encontram todas as leis e todas as profecias.

Não vemos o que o apóstolo Paulo fala sobre a caridade? Podemos deixar tudo passar, mas a caridade que nasce do amor é tudo para todos. *A vida reta, o pensar reto, o falar reto e o viver reto, limpam todos os clichês inferiores que influenciam nossa vida para os acontecimentos, no sentido de nos educar para o futuro.*

Arreponder-se, acompanhando o arrependimento a ação no bem, é o amor limpando a mente de todos os ofendidos por nós.

Bibliografia:

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec

O Livro dos Espíritos – Allan Kardec

Mediunidade – Edgard Armond

Médiuns – João Nunes Maia (pelo espírito Miramez)

Filosofia da Mediunidade III, IV e VIII – João Nunes Maia (pelo espírito

Miramez)

Conversando Sobre Mediunidade – Abel Glasser (pelo espírito Caibar

Schutel)



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 09

Mediunidade IV Psicofonia e Psicografia

Médiuns Falantes ou Psicofônicos

Os médiuns audientes, que apenas transmitem o que ouvem, não são propriamente médiuns falantes. Estes, na maioria das vezes, não ouvem nada. Ao servir-se deles, os Espíritos agem sobre os órgãos vocais, como agem sobre as mãos nos médiuns escreventes. O Espírito se serve para a comunicação dos órgãos mais flexíveis que encontra no médium. De um empresta as mãos, de outro as cordas vocais e de um terceiro os ouvidos. O médium falante, em geral, se exprime sem ter consciência do que diz, e quase sempre tratando de assuntos estranhos às suas preocupações habituais, fora de seus conhecimentos e mesmo do alcance de sua inteligência.

Embora esteja perfeitamente desperto e em condições normais, raramente se lembra do que disse. Numa palavra, a voz do médium é apenas um instrumento de que o Espírito se serve e com o qual outra pessoa pode conversar com este, como o faz no caso de médium audiente.

Mas nem sempre a passividade do médium falante é assim completa. Há os que têm intuição do que estão dizendo, no momento em que pronunciam as palavras.

Os médiuns falantes, chamados entre nós médiuns de incorporação, dividem-se assim nas duas classes bem conhecidas: *médiuns conscientes e médiuns inconscientes*. Aos conscientes é que Kardec dava, acertadamente, a designação de intuitivos. Aliás, essa divisão existe em todas as modalidades mediúnicas.

Os médiuns podem ser conscientes, semiconscientes e inconscientes.

Sobre cem médiuns observados, *provavelmente oitenta serão de incorporação*, representando esta modalidade, uma grande maioria. É de crer,

portanto, que essa forma, do ponto de vista qualitativo (aspecto espiritual), seja, de um certo modo, inferior à lucidez. Por outro lado, entretanto, devido à sua generalização, compreende-se que, no momento, é a mais útil e a mais acessível.

Desses oitenta citados, cinqüenta serão provavelmente conscientes, vinte e oito semiconscientes e os dois restantes inconscientes. Esta forma inconsciente que é, portanto, a menos corrente, quase sempre apresenta dois aspectos que denominamos *transe sonambúlico e transe letárgico*.

Processo do Acoplamento Mediúnico

A ligação do Espírito manifestante com o médium se dá por uma espécie de acoplamento dos respectivos perispíritos na faixa da aura, onde, em parte, se interpenetram. Daí a impropriedade do termo incorporação. O Espírito desencarnado não entra, com o seu perispírito, no corpo do médium após desalojar o deste. **Não é preciso isso e nem possível.** Kardec adverte que o manifestante não se substitui ao espírito do médium. O que ocorre, portanto, é a ligação entre ambos pelos terminais do perispírito de cada um, como o plug de eletricidade se liga numa tomada. É por esse acoplamento que o médium cede espaço para que o manifestante tenha acesso aos seus comandos mentais (cerebrais) e, dessa forma, possa movimentar-lhe os instrumentos necessários à fala, ao gesto, à expressão de suas emoções e idéias.

A incorporação é tanto mais perfeita quanto maior espaço é cedido pelo astral do médium ao afastar-se do seu corpo físico, deixando lugar para a cúpula com o corpo astral do comunicador. Este, o espírito comunicante, deverá também sofrer um processo semelhante ao desdobramento astral para permitir que sua cúpula e corpo astral possam justapor-se ao espaço livre deixado pelo médium.

A superposição do corpo astral do espírito ao restante do equipamento mediúnico implica na justaposição do cérebro astral da entidade comunicadora ao cérebro fisiológico do médium. Embora grande parte da consciência do médium tenha se deslocado juntamente com sua contraparte astral, ele ainda mantém o controle da situação, graças à sua ligação com o corpo físico através do cordão prateado. **Por isso, o médium nunca está inteiramente inconsciente durante o processo da incorporação deste tipo.** As idéias que lhe afluem ao cérebro por indução do cérebro da entidade podem, no momento, parecer-lhe idéias próprias. Mas, passado o transe, quase sempre ele se esquece exatamente do que acudiu à mente na ocasião.

A entidade comunicante aproxima-se do aparelho mediúnico e as duas auras, a dele e a do instrumento, se unem e, então, a entidade passa a comandar os centros nervosos do aparelho. Esse controle é exercido, obviamente, através do cérebro físico do médium, *via perispírito*, já que o espírito manifestante não pode comandar diretamente um corpo que não é o seu.

O que acontece, portanto, é que o espírito do médium cede o controle parcial do corpo, ao qual está ligado e pelo qual é responsável, ao comunicante que, através do seu próprio perispírito, assume tais controles, enquanto o perispírito do médium se coloca ao lado.

O perispírito do médium não perde sua autonomia nem sua autoridade e soberania sobre o corpo emprestado à outra individualidade que o manipula. O corpo é de sua inteira responsabilidade e somente através de seu perispírito pode a entidade desencarnada atuar sobre o mesmo. O espírito do médium empresta sua aparelhagem física, mas continua dono dela, vigilante, de olho o tempo todo para certificar-se de que nada lhe aconteça. Tanto é assim que, se julgar necessário, poderá interromper a comunicação a qualquer momento. Não há, a rigor, mediunidade totalmente inconsciente. O espírito está sempre consciente e atento. A diferença está em que a consciência não se expressa pelo cérebro físico (que *naquele momento, está sendo manipulado por uma mente estranha*), mas sim no perispírito do médium, usualmente desdobrado e presente, à curta distância. Por isso se torna difícil ao médium registrar a comunicação transmitida por intermédio do seu cérebro físico, mas gerada por outra mente que não a sua. Ao retornar ao corpo, ele encontra vagas impressões do que por ali fluiu, vindo da mente do espírito comunicante.

Coisa semelhante acontece com o sonho, do qual nem sempre podemos nos lembrar, porque as atividades desenvolvidas pelo sonhador não ficaram registradas no cérebro físico, e sim na sua contraparte espiritual. Isso não quer dizer que a pessoa ficou inconsciente enquanto sonhava. Apenas não guardou a lembrança do que aconteceu e pensou.

Psicofonia Consciente

Na psicofonia consciente embora senhoreando as forças do médium o hóspede enfermo do plano espiritual permanece controlado pelo médium, que a ele se imanta pela corrente nervosa, através da qual estará informado de todas as palavras que ele mentalize e pretenda dizer. Efetivamente apossa-se ele temporariamente do órgão vocal do sensitivo, apropriando-se de seu mundo sensório, conseguindo enxergar, ouvir e raciocinar com algum equilíbrio, por intermédio das energias do médium, mas é ele quem comanda as rédeas da própria vontade, agindo qual se fosse enfermeiro concordando com os caprichos de um doente, no objetivo de auxiliá-lo. Esse capricho, porém, deve ser limitado porque consciente de todas as intenções do companheiro infeliz a quem empresta seu carro físico, o medianeiro reserva-se o direito de corrigi-lo em qualquer inconveniência.

Pela corrente nervosa, conhecer-lhe-á as palavras na formação, apreciando-as previamente, de vez que os impulsos mentais dele lhe percutem sobre o pensamento como verdadeiras marteladas. Pode assim, frustrar-lhe qualquer abuso, fiscalizando-lhe o propósito e as intenções, porque se trata de uma entidade que lhe é inferior, pela perturbação e pelo sofrimento em que se encontra, e a cujo nível não deve arremessar-se, se quiser ser-lhe útil.

O espírito em turvação é um alienado mental, requisitando auxílio. Nas sessões de caridade, o primeiro socorrista é o médium que o recebe mas, *se esse socorrista cai no padrão vibratório do necessitado que lhe roga serviço, há pouca esperança no amparo eficiente*. O médium, quando integrado nas

responsabilidades que esposa, tem o dever de colaborar na preservação da ordem e da respeitabilidade na obra de assistência aos desencarnados permitindo-lhes a livre manifestação apenas até o ponto em que essa manifestação não colida com a harmonia necessária ao conjunto e com a dignidade imprescindível ao recinto. Nesses trabalhos o médium nunca se manterá a longa distância do corpo sempre que o esforço se refira a entidades em desajuste. Com um demente em casa o afastamento é perigoso, mas se nosso lar está custodiado por amigos cômicos de si, podemos excursionar até muito longe, porquanto o nosso domicílio estará guardado com segurança. No concurso dos irmãos desequilibrados, nossa presença é imperativo dos mais lógicos.

É a mesma mediunidade erroneamente denominada intuitiva. O espírito comunicante aproxima-se do médium, não mantém contato perispiritual e, telepaticamente, transmite as idéias que deseja anunciar. O médium, telepaticamente as recebe e com suas palavras, fraseado, ademanos e estilo próprio, fazem a transmissão com maior ou menor fidelidade e clareza.

Após a transmissão da idéia original, o espírito não pode influir na retransmissão, porque não pode agir sobre o médium senão pelo pensamento.

Esta é a mediunidade dos tribunos, dos pregadores, dos catedráticos e, na forma escrita, dos escritores e poetas. A mediunidade, enfim, daqueles que manifestam inspiração momentânea.

É muito comum tacharem de mistificação uma comunicação qualquer, porque o médium empregou palavras suas, termos que constantemente usa e, às vezes, de forma sistemática e invariável. Mas já dissemos que as palavras, o modo de coordená-las, o estilo, devem ser seus mesmos. Nem há nada que estranhar, neste caso, porque qualquer um de nós também se acostuma a falar de um certo modo, repetir certas palavras ou frases, fazer certos gestos. Há professores que abrem e encerram suas aulas sempre de determinada maneira e usando sistematicamente as mesmas frases.

Pregadores e tribunos que fazem sempre os mesmos gestos, usam das mesmas figuras, analogias e exemplos.

Semelhantemente, há espíritos que iniciam e encerram suas comunicações sempre do mesmo modo, saudando no início e no final, nos mesmos termos, sem que isso, vem a servir, aliás, justamente para identificá-los.

Outra coisa que criticam, é o emprego pelo médium de termos chãos, muitas vezes inadequados, e erros de pronúncia e de concordância, etc. Isso tudo é muito natural, porque nem todos os médiuns desta classe são cultos, havendo uma grande maioria que é inculta.

Neste caso, como falar corretamente, se quem fala é o médium e não o espírito? Ao espírito pertencem somente as idéias, e não as palavras.

E isto ainda somente quanto à forma, porque, quanto ao fundo, à essência, ao substrato, pode suceder que o médium, recebendo uma idéia elevada, transcendente, para transmitir, não a compreenda bem, não penetre bem em seu verdadeiro sentido e venha a deturpá-la, como também, no seu vocabulário acanhado e restrito não encontre palavras para expressá-la, ou ainda, mesmo vencendo todas essas dificuldades, venha a fracassar no delinear os limites, o alcance, o significado profundo da idéia, do que resultará expressá-la de forma rudimentar ou insuficiente.

E se o médium for culto, pode também suceder que a falha seja do espírito comunicante, se este for atrasado, ignorante, inculto, como poderá transmitir coisas elevadas, requintadas?

Nessa classe de mediunidade, é sempre preferível, todavia, que o médium seja culto, porque só assim terá mais facilidade e eficiência para traduzir, através de entendimento amplo e um vocabulário rico, as idéias transmitidas telepaticamente pelo espírito, já que a forma de transmissão telepática é essencialmente sintética e muitas vezes alegórica.

Vejam os que Kardec diz sobre esse particular: *“Quando encontramos em um médium o cérebro povoado de conhecimentos adquiridos na sua vida atual, e o seu espírito rico de conhecimentos latentes, obtidos em vidas anteriores, de natureza a nos facilitar as comunicações, dele de preferência nos servimos, porque com ele o fenômeno de comunicação se torna muito mais fácil do que com o médium de inteligência limitada e de escassos conhecimentos anteriormente adquiridos”.*

A repressão do animismo dificultará grandemente as tarefas mediúnicas e por isso não deve ser feita. O mediunismo não dispensa a colaboração do médium, o qual jamais deve ser um simples autômato, um robô.

Os guias espirituais têm alto interesse em desenvolver as qualidades morais dos médiuns, dos quais se servem e esse trabalho, na maioria das vezes, é ainda mais importante que o próprio exercício da mediunidade. O esforço contínuo para o cumprimento dos deveres morais é sempre o que mais esperam dos médiuns dos quais se servem.

Como os médiuns devem caminhar com seus próprios pés e progredir sempre, os guias estão sempre a lhes oferecer oportunidades de produzir coisas próprias, mostrar o que valem, por isso, *os médiuns devem se esforçar constantemente em melhorarem seu padrão de conhecimentos, sua cultura doutrinária e suas qualidades morais, para que o que produzam mereçam endosso dos guias.*

Assim, constantemente encorajados e postos a prova, os médiuns acabam por esposar pessoalmente, em público, tudo quanto assimilaram dos seus respectivos guias, identificando-se com eles. Desta forma, aos poucos os mentores vão aumentando o crédito de confiança que depositam nos intérpretes e lhes oferecendo campo de trabalho cada vez mais amplo e importante. Isto é o que faz o progresso mediúnico individual.

A mediunidade não se desenvolve unicamente à hora do trabalho, está sempre presente para ser utilizada e as responsabilidades das tarefas obrigam o médium a estar sempre em comunhão com o messianismo do Cristo, exemplificando sacrifício e renúncia. Somente assim haverá bons resultados e os guias poderão endossar os trabalhos dos medianeiros.

Muitas vezes, a tarefa dos médiuns é preparada previamente, durante o dia do trabalho, nos encontros pessoais, nas leituras, nas meditações e até mesmo nas vicissitudes. Tudo serve pra organização do tema da noite, entretanto, quando o médium tem cultura e é flexível ao recebimento telepático, esse trabalho preparatório pode ser dispensado. Nestes casos, os mentores transmitem o que querem, no próprio momento da comunicação, tendo em vista, é claro, a natureza e a capacidade de compreensão do auditório. Melhor médium é o que recebe com

mais facilidade as idéias do guia e as interpreta pessoalmente com mais fidelidade e perfeição.

Como se vê, do que fica dito, tanto o médium como o espírito, nestes casos de mediunidade consciente, cada um faz o que pode, cumpre o seu dever nos limites de suas possibilidades individuais, *mas o que importa, sobretudo, é que se a idéia central transmitida pelo espírito não foi modificada, deturpada, a comunicação é autêntica e perfeitamente aceitável.*

Psicofonia Semi-Consciente

Nesta modalidade, havendo entre médium e o espírito comunicante, a indispensável afinidade fluídica (equilíbrio vibratório) o espírito comunicante entra em contato com o perispírito do médium e, por intermédio deste atua então sobre o corpo físico, ficando os órgãos vocais do médium sob controle do espírito comunicante, e isso sucede sem que, como também na modalidade anterior, o espírito do médium seja afastado do corpo ou perca ele a consciência própria, o conhecimento do que se passa em torno. O médium fica em semitranse, semi adormecido, sujeito a influência do espírito comunicante e impossibilitado de furtar-se a ela, salvo se reagir deliberadamente.

Obtido este estado, o espírito comunicante, apesar de não ter domínio completo sobre o médium, pode transmitir mais livre e desembaraçadamente suas idéias que ficam, é claro, dependendo da maior ou menor perfeição do instrumento usado (*educação mediúnica*) e maior ou menor fidelidade de interpretação (*capacidade intelectual do médium*).

Nesta forma de manifestação são ainda possíveis, se bem que em muito menor escala, as interferências sub-conscientes, mormente no que respeita a repetição de palavras, frases e gestos, mas quanto ao estilo, esse já passa a ser do espírito comunicante e já vem mesmo também a servir para sua identidade pessoal.

Psicofonia Inconsciente ou Sonambúlica

A psicofonia, no caso do sonâmbulo perfeito, se processa sem necessidade de ligação da corrente nervosa do cérebro mediúnico à mente do hóspede que o ocupa. A espontaneidade do médium é tamanha na cessão dos seus recursos às entidades necessitadas de socorro e de carinho, que não tem qualquer dificuldade para desligar-se de maneira automática do campo sensório, perdendo provisoriamente o contato com os centros motores da vida cerebral. Sua posição medianímica é de extrema facilidade, por isso mesmo, revela-se o comunicante mais seguro de si, na exteriorização da própria personalidade. Isso, porém, não indica que o mediano deva estar ausente ou irresponsável, junto do corpo que lhe pertence, age na condição de mãe generosa, auxiliando o sofredor que por ele se exprime qual se fora frágil protegido de sua bondade. O espírito comunicante permanece, assim, agressivo tanto quanto é, mas vê-se controlado

em suas menores expressões, porque a mente superior subordina as que se lhe situam à retaguarda nos domínios do espírito. É por essa razão que o espírito experimenta com rigor domínio afetuoso do medianeiro que lhe dispensa amparo assistencial. Impelido a obedecer-lhe recebe-lhe as energias mentais constringentes que o obrigam a sustentar-se em respeitosa atitude, não obstante revoltado como se encontra.

NOTA O sonambulismo puro, quando em mãos desavisadas pode produzir belos fenômenos, mas é bem menos útil na construção espiritual do bem. *A psicofonia inconsciente, naqueles que não possuem méritos morais suficientes à própria defesa pode levar à possessão, sempre nociva, e que, por isso, apenas se evidencia integral nos obsessos que se renderam às forças vampirizantes.*

Esta última modalidade, como já dissemos, deve ser desdobrada em transe sonambúlico e transe letárgico. O que a caracteriza é o fato do espírito do médium exteriorizar-se do corpo físico temporariamente, passando então este, mais ou menos inteiramente, a disposição e o controle para o espírito comunicante.

Como facilmente se compreende, somente neste caso é que se dá, realmente a incorporação e é esta forma que maiores garantias oferece de fidelidade e segurança na comunicação porque o espírito transmite suas idéias e pensamentos diretamente, usando de suas próprias palavras, sem necessidade de intermédio intelectual que, quase sempre, altera e deturpa as idéias transmitidas telepaticamente.

O transe é sonambúlico quando o espírito comunicante fala e tem liberdade ambulatória, podendo tomar objetos, levantar-se, sentar-se, locomover-se de um lugar para outro.

É transe letárgico quando, ao contrário, o espírito fala mas o corpo do médium permanece imóvel, com ou sem rigidez.

Nesta forma de mediunidade inconsciente, o médium está muito mais à vontade para enfrentar o rigor da crítica ou da observação porque em nada intervindo e de nada sendo sabedor no momento, a manifestação é integral do espírito comunicante, conforme a maior ou menor perfeição e extensão da faculdade, pode ainda o espírito comunicante assumir o aspecto físico, o mesmo tom de voz, as mesmas maneiras e revelar outros detalhes da personalidade que encarnou em vidas anteriores, sob a qual, no momento se manifesta.

Quem promove o afastamento do espírito do médium é o espírito comunicante, utilizando o processo magnético e o afastamento tanto mais suave e regular será, quanto mais afins e equilibradas sejam as vibrações de ambos.

Em grande número de casos de exteriorização, o médium enquanto fora do corpo físico, permanece consciente do que se passa nesse outro plano, porém de nada se lembra quando regressa ao corpo carnal.

Quando os fluidos do espírito comunicante são mais apurados que os do médium, é necessário que aquele baixe a vibração dos seus, condensando-os. Em todos os casos de fluidos pesados, inferiores, haverá sempre sobressalto, mais ou menos

violentos, para o corpo físico do médium no momento do transe, ***com reflexos secundários nos seus órgãos psíquicos, após a sensação deste.***

Nestes casos de incorporação inconsciente, quando o indivíduo for mediunicamente bem educado e satisfatoriamente desenvolvida a sua faculdade, durante o transe tanto pode ele permanecer ao lado do corpo físico, como mero assistente, como afastar-se temporariamente com emprego do seu tempo em alguma recreação ou trabalho útil.

Nos casos em que é deficiente ou viciosa a educação mediúnica, não há esta liberdade e segurança, o médium não se afasta, dificulta o desligamento e quase sempre intervém na comunicação, criando embaraços ao espírito comunicante, sendo algumas vezes necessário adormecê-lo com passes e afastá-lo para longe, afim de que a tarefa do espírito comunicante possa ser levada a termo.

Médiuns Escreventes ou Psicógrafos

De todos os meios de comunicação, a escrita manual é o mais simples, mais cômodo e, sobretudo, mais completo. Para ele devem tender todos os esforços, porquanto permite se estabeleçam, com os Espíritos, relações tão continuadas e regulares, como as que existem entre nós. Com tanto mais afinco deve ser empregado, quanto é por ele que os Espíritos revelam melhor sua natureza e o grau do seu aperfeiçoamento, ou da sua inferioridade. Pela facilidade que encontram em exprimir-se por esse meio, eles nos revelam seus mais íntimos pensamentos e nos facultam julgá-los e apreciar-lhes o valor. Para o médium, a faculdade de escrever é, além disso, a mais suscetível de desenvolver-se pelo exercício.

Médiuns mecânicos

Quem examinar certos efeitos que se produzem nos movimentos da mesa, da cesta, ou da prancheta que escreve não poderá duvidar de uma ação diretamente exercida pelo Espírito sobre esses objetos. A cesta se agita por vezes com tanta violência, que escapa das mãos do médium e não raro se dirige a certas pessoas da assistência para nelas bater. Outras vezes, seus movimentos dão mostra de um sentimento afetuoso. O mesmo ocorre quando o lápis está colocado na mão do médium; freqüentemente é atirado longe com força, ou, então, a mão, bem como a cesta, se agitam convulsivamente e batem na mesa de modo colérico, ainda quando o médium está possuído da maior calma e se admira de não ser senhor de si. Digamos, de passagem, que tais efeitos demonstram sempre a presença de Espíritos imperfeitos; os Espíritos superiores são constantemente calmos, dignos e benévolos; se não são escutados convenientemente, retiram-se e outros lhes tomam o lugar. Pode, pois, o Espírito exprimir diretamente suas idéias, quer movimentando um objeto a que a mão do médium serve de simples ponto de apoio, quer acionando a própria mão.

Quando atua diretamente sobre a mão, o Espírito lhe dá uma impulsão de todo independente da vontade deste último. Ela se move sem interrupção e sem embargo do médium, enquanto o Espírito tem alguma coisa que dizer, e pára, assim ele acaba.

Nesta circunstância, o que caracteriza o fenômeno é que o médium não tem a menor consciência do que escreve. Quando se dá, no caso, a inconsciência absoluta; têm-se os médiuns chamados *passivos* ou *mecânicos*. É preciosa esta faculdade, por não permitir dúvida alguma sobre a independência do pensamento daquele que escreve.

Médiuns Semimecânicos

No médium puramente mecânico, o movimento da mão independe da vontade; no médium intuitivo, o movimento é voluntário e facultativo. O médium semimecânicos participa de ambos esses gêneros. Sente que à sua mão uma impulsão é dada, mau grado seu, mas, ao mesmo tempo, tem consciência do que escreve, à medida que as palavras se formam. No primeiro o pensamento vem depois do ato da escrita; no segundo, precede-o; no terceiro, acompanha-o. *Estes últimos médiuns são os mais numerosos.*

Médiuns Inspirados

Todo aquele que, tanto no estado normal, como no de êxtase, recebe, pelo pensamento, comunicações estranhas às suas idéias preconcebidas, pode ser incluído na categoria dos médiuns inspirados. Estes, como se vê, formam uma variedade da mediunidade intuitiva, com a diferença de que a intervenção de uma força oculta é aí muito menos sensível, por isso que, ao inspirado, ainda é mais difícil distinguir o pensamento próprio do que lhe é sugerido. A espontaneidade é o que, sobretudo, caracteriza o pensamento deste último gênero. A inspiração nos vem dos Espíritos que nos influenciam para o bem, ou para o mal, porém, procede, principalmente, dos que querem o nosso bem e cujos conselhos muito amiúde cometemos o erro de não seguir.

Ela se aplica, em todas as circunstâncias da vida, às resoluções que devemos tomar. Sob esse aspecto, pode dizer-se que todos são médiuns, porquanto não há quem não tenha seus Espíritos protetores e familiares, a se esforçarem por sugerir aos protegidos salutaras idéias. Se todos estivessem bem compenetrados desta verdade, ninguém deixaria de recorrer com freqüência à inspiração do seu anjo de guarda, nos momentos em que se não sabe o que dizer, ou fazer. Que cada um, pois, o invoque com *fervor e confiança*, em caso de necessidade, e muito freqüentemente se admirará das idéias que lhe surgem como por encanto, quer se trate de uma resolução a tomar, quer de alguma coisa a compor. Se nenhuma idéia surge, é que é preciso esperar. A prova de que a idéia que sobrevém é estranha à pessoa de quem se trate esta, é que se tal idéia lhe existira na mente, essa pessoa seria senhora de, a qualquer momento, utilizá-la e não haveria razão para que ela se não manifestasse à vontade. Quem não é

cego nada mais precisa fazer do que abrir os olhos, para ver quando quiser. Do mesmo modo, aquele que possui idéias próprias tem-nas sempre à disposição. Se elas não lhes vêm quando quer, é que está obrigado a buscá-las algures, que não no seu íntimo.

Também se podem incluir nesta categoria as pessoas que, sem serem dotadas de inteligência fora do comum e sem saírem do estado normal, têm relâmpagos de uma lucidez intelectual que lhes dá momentaneamente desabitual facilidade de concepção e de elocução e, em certos casos, o pressentimento de coisas futuras. Nesses momentos, que com acerto se chamam de inspiração, as idéias abundam, sob um impulso involuntário e quase febril. Parece que uma inteligência superior nos vem ajudar e que o nosso espírito se desembaraçou de um fardo.

Os homens de gênio, de todas as espécies, artistas, sábios, literatos, são sem dúvida Espíritos adiantados, capazes de compreender por si mesmos e de conceber grandes coisas. Ora, precisamente porque os julgam capazes, é que os Espíritos, quando querem executar certos trabalhos, lhes sugerem as idéias necessárias e assim é que eles, as mais das vezes, são *médiuns sem o saberem*. Têm, no entanto, vaga intuição de uma assistência estranha, visto que todo aquele que apela para a inspiração, mais não faz do que uma evocação. Se não esperasse ser atendido, por que exclamaria, tão freqüentemente: meu bom gênio, vem em meu auxílio?

As respostas seguintes confirmam esta asserção:

a) Qual a causa primária da inspiração?

"O Espírito que se comunica pelo pensamento".

b) A revelação das grandes coisas não é que constitui o objeto único da inspiração?

"Não, a inspiração se verifica, muitas vezes, com relação às mais comuns circunstâncias da vida. Por exemplo, queres ir a alguma parte: uma voz secreta te diz que não o faças, porque correrás perigo; ou, então, te diz que faças uma coisa em que não pensavas. É a inspiração. Poucas pessoas há que não tenham sido mais ou menos inspiradas em certos momentos."

c) Um autor, um pintor, um músico, por exemplo, poderiam, nos momentos de inspiração, ser considerados médiuns?

"Sim, porquanto, nesses momentos, a alma se lhes torna mais livre e como que despreendida da matéria; recobra uma parte das suas faculdades de Espírito e recebe mais facilmente as comunicações dos outros Espíritos que a inspiram".

O médium completamente mecânico não tem consciência daquilo que escreve. O espírito domina sua mão, como se fosse um instrumento passivo sob a direção da sua mente, e escreve sem interferência.

Não é comum este tipo de mediunidade; são raros os médiuns mecânicos. Porém, os espíritos têm mais facilidade de por meio desses médiuns, escrever em muitas línguas, quando queiram demonstrar a existência das comunicações dos espíritos

com os homens. Na época da codificação, eles tinham de aparecer, constatando, assim, a realidade do espírito, para o Codificador e para os seus coadjuvantes, indispensáveis na formação da doutrina.

Nesta mediunidade, não se pode determinar, como em outras modalidades de mediunidade, o tipo de espíritos que possam comunicar. A afinidade é uma lei de justiça. O tipo de vida que leva o mediano, é que determina os espíritos comunicantes. O aparelho mediúnico deve aprimorar-se moralmente, atraindo, assim, benfeitores espirituais elevados, compatíveis com o seu ambiente de vida.

No entanto, Deus é tão bom que de vez em quando permite que espíritos de alta estirpe falem através de médiuns desequilibrados, mostrando-se em Sua misericórdia, e induzindo em quem ouve, vida nova, de fraternidade e de amor. Permite, também, que espíritos inferiores, que vivem irradiando paixões terrenas, comuniquem-se com médiuns de alta moral, pra experimentá-los, quebrando algo de vaidade e mesmo de orgulho que ainda reste nos seus sentimentos.

Não existe mediunidade infalível nas hostes da Terra, a não ser, a do maior médium de todos os tempos, que apareceu no mundo: Nosso Senhor Jesus Cristo. Convém saber que a mediunidade se encontra ainda nos seus primórdios, com grandes esperanças para o futuro, onde ela irá servir de canal para muitas revelações, eliminando os motivos de dúvidas da existência do espírito e das suas comunicações com os homens.

O médium, na atualidade, sofre um desgaste enorme, dado o ambiente mais ou menos carregado de fluidos inferiores, o que não ajuda na purificação dos seus pensamentos e, muito pior, nas palavras, criando assim formas de pensamentos capazes de atuar em outras mentes, corrompendo o bom andamento do trabalho no amor e na caridade, principalmente do médium mecânico, que é de efeitos físicos, e que atua à base de energias ectoplásmicas, que fluem dele e do espírito comunicante para se dar o fenômeno. Esta faculdade é para comprovar a identidade daquele que comunica, entretanto, é preciso saber se todos que presenciaram tais ou quais fenômenos se convenceram da realidade deles. Nós dizemos que não. Poucos foram os convencidos.

Vamos nos lembrar de Jesus, quando disse: “Bem aventurados aqueles que não viram e creram”. Para crer definitivamente é necessário o fator maturidade. Só ela confere ao espírito o selo da verdade, tranquilizando a consciência na certeza de que a vida continua, na reencarnação e na comunicação da alma depois da sua partida.

Contudo, acima de tudo temos de ser obedientes à lei natural da vida, que nos espera pelo tempo necessário para o nosso despertar, conhecendo a verdade.

O médium, que é realmente médium, e já é convencido das suas faculdades, sejam elas quais forem, não exige que apareçam faculdades espetaculares, servindo como instrumento dos espíritos. A mais simples mediunidade ele agradece, e sabe entregar aos benfeitores com fé e humildade o seu canal, por onde devem passar as mensagens que educam e elevam.

Já o médium semimecânico é muito comum. O espírito usa um pouco de ectoplasma, mistura seu fluido com o do mediano, resultando em energia ectoplasmática, capaz de mover a mão do médium para a escrita.

O médium é mais ou menos consciente do que escreve, ao contrário do médium mecânico que, de certa forma, não participa dos pensamentos do espírito escrevente, somente tendo notícia depois que passa a ler a mensagem.

A mediunidade se alastra no mundo todo, e cada vez mais os povos se interessam pelas coisas do espírito. Podes constatar o que falamos, nos países mais adiantados intelectualmente, e mesmo pela ciência e, mais bem posto, pelos bens terrenos, pois, o interesse das criaturas entra pelas portas mais rudimentares, quais sejam: a quiromancia, horóscopo, adivinhações, profecias, e mesmo curas espetaculares. Alguns povos tidos como mais adiantados, enveredam pelas comunicações de espíritos movidos pelas paixões inferiores e não alcançam os altos ensinamentos de Jesus. Quando falam n'Ele, não saem da letra que mata, esquecendo-se do espírito que vivifica.

Ao Brasil está reservada a tarefa de acordá-los para o verdadeiro evangelho, em espírito e verdade. A mediunidade inconsciente, como a mecânica, tende a desaparecer e da depuração de todas as outras surgir, com amplitude, **a da intuição**. O médium consciente, mas puro, sabedor do seu dever, e servindo de instrumento ao seu espírito protetor, que fala por seu intermédio sem interrupção, entrega seus canais mediúnicos para que a mensagem passe para os homens.

Os médiuns semimecânicos são um caminho para o que estamos falando, no entanto, para que isso aconteça, necessário se faz que o medianoiro tenha conhecimento da verdade, que tenha relacionamento com as leis naturais, compreendendo a linguagem delas e despertando igualmente seus valores internos. Está havendo uma transição nas faculdades para o aprimoramento das mesmas. Há muitos espíritas que não gostam do progresso e até mesmo escrevem contra ele, no entanto, Deus não deixa por isso de acionar constantemente as mudanças em todos os departamentos da vida. *Ficar no começo e não querer avançar é sofrimento.*

A Doutrina Espírita por si mesma é progressista, capaz de revelar constantemente certos aspectos de muitas leis, que se escondem, esperando a maturidade das almas. Não se ensina à criança o que só se deve falar aos adultos. A esses conservadores o tempo se encarrega das mudanças de suas roupagens, e é certo que nos seus retornos à Terra, quantas vezes forem necessárias eles mudarão de opiniões. A verdade estabelecida por Deus é imutável. Os homens passam, ela se mantém vigorosa. O espiritismo, de seu surgimento até agora, sofreu inúmeras mudanças. *E esse trabalhos, esse avanço é sempre para melhor.* Quantos livros não se editam mais e que, quando são editados, já não despertam interesse? O espírito busca sempre o melhor. Ele sabe escolher pela vontade de Deus.

O Espiritismo veio mesmo para a grande multidão que evolui na Terra, e para tanto, ele opera educando e instruindo as criaturas, sem os entraves tão comuns e os rígidos preceitos. Ele é o amor em larga escala, andando no carro da caridade. É o Cristo voltando para ficar com todos, até a completa liberdade.

A codificação tornar-se-á uma grande ajuda para o médium no seu aprimoramento espiritual, levando-o para uma vida reta, na vibração do amor que nunca falha.

Médiuns Pintores ou Desenhistas

Os que pintam ou desenham sob a influência dos Espíritos. Falamos dos que obtêm trabalhos sérios, visto não se poder dar esse nome a certos médiuns que Espíritos zombeteiros levam a fazer coisas grotescas, que desabonariam o mais atrasado estudante.

Os Espíritos levianos se comprazem em imitar. Na época em que apareceram os notáveis desenhos de Júpiter, surgiu grande número de pretensos médiuns desenhistas, que Espíritos levianos induziram a fazer as coisas mais ridículas. Um deles, entre outros, querendo eclipsar os desenhos de Júpiter, ao menos nas dimensões, quando não fosse na qualidade, fez que um médium desenhasse um monumento que ocupava muitas folhas de papel para chegar à altura de dois andares. Muitos outros se divertiram fazendo que os médiuns pintassem supostos retratos, que eram verdadeiras caricaturas. (*Revue Spirite*, Agosto de 1858.)

Bibliografia:

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec

Nos Domínios da Mediunidade – Francisco c. Xavier (pelo espírito André Luiz)

Mediunidade – Edgard Armond

Filosofia da Mediunidade IV – João Nunes Maia (pelo espírito Miramez)



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 10

Mediunidade V

Clarividência, Clariaudiência, Bicorporeidade, Transfiguração e
Psicometria

Clarividência e Clariaudiência

A própria palavra clarividência significa visão clara.

Clarividência é faculdade da alma, seu portador em estado sonambúlico, de transe ou mesmo de vigília, obtém imagens e percebe acontecimentos a longa distância, isto é, através de obstáculos ou corpos opacos, a visão ocorre como se o indivíduo estivesse presente no local.

Os percentuais de captação da clarividência variam, a pontencialidade de um sensitivo não se iguala a de outro. Alguns podem, também ver os espíritos. Entretanto, é preciso que fique bem claro: essas entidades serão alcançadas pela visão de um portador de faculdade anímica, não necessitando do concurso energético do espírito desencarnado, o que normalmente ocorre com a visão mediúnica.

NOTA O termo vidência tem sido utilizado indiscriminadamente por quase todos para designar tanto a faculdade mediúnica de ver os espíritos, quanto, erroneamente a faculdade de clarividência.

Clarividência seria a faculdade extra-sensorial, percepção extra-sensorial de objetos ou acontecimentos.

Vidência seria a faculdade caracterizada pela visão que o médium vidente tem de seres desencarnados ou de coisas pós-tumulares, com a participação de desencarnados no processo.

OBS Quanto à utilização de bolas de cristal, baralhos, jogos de búzios, espelhos, xícaras de café, etc, não deixarão seus manipuladores de serem considerados sensitivos ou médiuns, uma vez que se valem dessas referências exclusivamente para a necessária concentração. Kardec ao referir-se às proezas de um homem que falava sobre a vida do consulente através da leitura de um copo vazio, sustido na concha da mão, afirmou com humor: *“É como dissemos, que a faculdade é inerente ao indivíduo e não ao copo”*.

Psicometria

Não passa de uma das modalidades da clarividência, nesta modalidade a conexão entre o sensitivo e a pessoa ou meio se estabelece através de um objeto que possui uma influência real nele impregnada, que consiste na propriedade da matéria inanimada de receber e reter, potencialmente, toda espécie de vibrações e emanções físicas, psíquicas e vitais.

A influência pessoal registrada pelos objetos não exerce, realmente, outro papel que o de estabelecer a relação com a pessoa ou meio distantes, que se tenha em vista psicometrar. Essa influência fornece uma pista ao psicômetra e lhe permite segui-la.

Encontramos no médium de psicometria a individualidade que consegue desarticular, de maneira automática, a força nervosa de certos núcleos, como, por exemplo, os da visão e da audição, transferindo-lhes a potencialidade para as próprias oscilações mentais.

Efetuada a transposição, temos a idéia de que o medianeiro possui olhos e ouvidos a distância do envoltório denso, crescendo muitas vezes, a circunstância de que tal sensitivo, por autodecisão, não apenas desassocia os agentes psíquicos dos núcleos aludidos, mas também opera o desdobramento do corpo perispiritual, em processo rápido, acompanhando o mapa que se lhe traça às ações no espaço e no tempo, com o que obtém, sem maiores embaraços, o montante de impressões e informações para os fins que se tenha em vista.

O processo pelo qual é possível, ao psicômetra, entrar em relação com os fatos remotos ou próximos, pode ser explicado de duas maneiras principais, a saber:

a) Uma parte dos fatos e impressões, é retirada da própria aura do objeto;

b) Outra parte é recolhida da subconsciência do seu possuidor mediante relação telepática que o objeto psicometrado estabelece com o médium.

OBS Não tem importância que o possuidor esteja encarnado ou desencarnado. O psicômetra recolherá do seu subconsciente, esteja ele onde estiver, as impressões e sentimentos com que gravou, no objeto, a própria vida.

No livro nos Domínios da Mediunidade, no estudo da psicometria, temos o episódio de uma jovem que, há cerca de 300 anos, acompanha um espelho a ela ofertado por um rapaz no ano de 1700.

A narrativa é de André Luiz, quando em visita a um museu:

“Ao lado de extensa galeria, dois cavalheiros e três damas admiravam singular espelho, junto do qual se mantinha uma jovem desencarnada com expressão de grande tristeza. Uma das senhoras teve palavras elogiosas para a beleza da moldura, e a moça, na feição de sentinela irritada, aproximou-se tateando-lhe os ombros”.

Acrescenta André Luiz que, à medida que os visitantes encarnados se retiravam para outra dependência do museu, a moça, que não percebia a presença dos três desencarnados, mostrou-se contente com a solidão e passou a contemplar o espelho, sob estranha fascinação.

Com a mente cristalizada naquele objeto, nele polarizou todos os seus sonhos de moça, esperando, tristemente, que da França regressasse o jovem que se foi. Gravou no espelho a própria vida.

E enquanto pensar no espelho, como síntese de suas esperanças, junto a ele permanecerá. Exemplo típico de fixação mental.

OBS Relativamente a pessoas o fenômeno é o mesmo. Apegando-nos, egoisticamente e desvairadamente, aos que nos são caros ao coração, corremos o risco de a eles nos imantarmos e sobre eles exercermos cruel escravização.

Transfiguração

O perispírito do homem tem as mesmas propriedades que as do espírito. Como já dissemos, não fica encerrado no corpo; irradia-se e forma em torno dele uma atmosfera fluídica. Ora pode acontecer em outros casos e em circunstâncias especiais que lhe sofresse uma transformação análoga a que foi descrita. Nesse caso, a forma material do corpo pode apagar-se sob aquela camada fluídica, se assim nos é permitido dizer, e revestir momentaneamente uma aparência muito diferente da real, a de uma outra pessoa, ou a do espírito, que combina os seus fluídos com o do indivíduo, ou mesmo dar a uma fisionomia feia um belo e radiante aspecto. Tal é o fenômeno designado pelo nome de *transfiguração*, fenômeno assaz freqüente que se produz principalmente quando determinadas circunstâncias provocam uma expansão mais abundante de fluído.

A transfiguração pode processar-se em condições diversas, segundo o grau de pureza do perispírito, sempre correspondente ao da elevação moral do espírito. Ela pode não passar de uma ligeira modificação da fisionomia, ou chegar a ponto de dar ao perispírito uma aparência luminosa e esplendorosa.

A forma material pode, por conseguinte, desaparecer sob o fluído perispiritual, sem que precise mudar de aspecto, podendo simplesmente envolver o corpo, inerte ou vivo, e torná-lo visível a um ou a muitos, como se fosse uma camada de vapor.

A ignorância das propriedades do fluído perispiritual é o que pode fazer parecer extraordinários os fenômenos. Aquele fluído é para nós um corpo novo com propriedades também novas, que se não pode estudar pelos processos ordinários da ciência; nem por isso deixam de ser propriedades naturais, não tendo de maravilhoso senão a novidade.

Bicorporeidade

A faculdade emancipadora da alma e seu desprendimento durante a vida, podem dar ensejos a fenômenos análogos aos que apresentam os espíritos desencarnados. Enquanto o corpo dorme, o espírito aparece fora dele, sob a forma vaporosa, quer em sonho, quer em vigília; pode o mesmo apresentar-se sob a forma tangível, ou com a perfeita aparência, que muita gente afirma verdadeiramente tê-lo visto ao mesmo tempo em dois pontos diversos. Assim é realmente; mas num daqueles pontos só está o corpo e no outro só o espírito. Foi esse fenômeno raríssimo que ensejou ocasião à crença nos homens duplos e a que se tem dado o nome de *bicorporeidade*. Por mais extraordinário que seja, não deixa de pertencer, como tudo, a ordem dos fenômenos naturais, pois que deriva das propriedades do perispírito e de uma lei natural.

Bibliografia:

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec
Casos de Clarividência – Helena Maurício Carneiro Carvalho
Enigmas da Psicometria – Ernesto Bozzano
Mecanismos da Mediunidade - Francisco C. Xavier (pelo espírito André Luiz)
Estudando a Mediunidade – Martins Peralva



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 11

Mediunidade VI Intuição e Doutrinação

Intuição

No esforço da evolução, o homem veio do instinto, adquiriu mais tarde a razão, e caminha agora para a intuição, que, todavia, apenas se vislumbra no horizonte.

No momento que vivemos, em sentido geral, é de pleno domínio da razão, em que as forças intelectivas preponderam, porém alguns homens há, mais evoluídos, que já se governam, mais ou menos conscientemente, pelo uso desta faculdade mais perfeita.

No estudo da intuição, não cabe lugar para os termos correntes tão apreciados de consciência, sub-consciência e inconsciência, no sentido restritivo que lhes dá, porque as realizações espirituais verdadeiras não dividem a mente, mas ao contrário, a unificam, a dilatam, para integrá-las na mente universal.

A intuição é a percepção da verdade universal, total, e qualquer vislumbre que dela se tenha é uma partícula dessa verdade inteiriça, muito embora quando manifestada em relação a um caso particular ou isolado.

A verdade total tem poder e autoridade em si mesma, e não comporta restrições de qualquer natureza, por isso o homem de intuição não discute nem analisa suas manifestações, mas, simplesmente, obedece.

A obediência às manifestações da intuição é uma das condições fundamentais do desenvolvimento e ampliação dessa faculdade no indivíduo.

Um conhecimento mental pode ser adquirido pelo estudo, pela aplicação, pelo raciocínio, pela observação, pela experimentação. A intuição, porém, não depende de nada disso: é unicamente um conhecimento infuso, ou melhor, é um discernimento espontâneo de uma verdade pacífica e única.

As mulheres, em geral são mais intuitivas que os homens, porque se deixam governar mais pelo sentimento que pela razão e a intuição não é um

produto da razão, é uma percepção que se tem em certos momentos e circunstâncias, de determinado assunto, ou determinada situação, e quanto mais aflitiva ou imperiosa e urgente for a situação, mais alto e rápido falará a intuição, apontando o verdadeiro caminho ou a verdadeira solução.

Mas o que é intuição e donde vem ela?

Já o dissemos: é uma voz interior que fala e que deve ser obedecida sem vacilações. É um sentimento íntimo que temos a respeito de certa coisa ou assunto, é verdade cósmica, Divina, existente em nosso Eu, em forma potencial, porque Deus é a verdade única e eterna e Ele está derramado em toda a criação universal, da qual somos uma partícula viva, operante e sensível.

A intuição é a nossa ligação direta e original com o Deus potencial, interior, assim como a razão é a nossa ligação com o mundo.

O homem é um ser limitado pelos seus corpos orgânicos e fluídicos, mas o ponto que não atinge com o braço, atinge-o com a inteligência e onde a inteligência não alcança, alcança a intuição.

O conhecimento vindo pelo intelecto nos faz conhecer o mundo ambiente, ao passo que a intuição nos dá o discernimento das coisas Divinas. O primeiro se estriba na razão que mediu, pesou, dividiu, analisou, concluiu. *O segundo, porém, se apóia na fé, porque somente crê e confia.*

A razão é metódica, mecânica, limitada, mas a intuição é intrínseca, ilimitada, independente, acima de qualquer lei, pleniciente.

O campo da razão vai até onde a inteligência alcança, mas o da intuição não tem limites, porque é o campo da consciência universal.

Por isso, às vezes a razão diz sim, quando a intuição diz não. Quando uma fala **prudência**, a outra ordena **confiança**. Uma diz: **raciocina primeiro**, mas a outra determina: **crê e segue**.

Uma é sombra sempre vacilante, outra é luz sempre clara, uma duvida e se nega, outra confia e se entrega.

Uma se exerce no campo da mente limitada, outra na esfera do espírito livre, que não obedece a convenções, preconceitos ou leis humanas.

Porque a razão é a lei, ao passo que a intuição, em certo sentido, é a graça.

O apóstolo Paulo sempre se referia a homens que vivem debaixo da lei e realizam atos de acordo com a lei, mas apontava sempre como verdadeiro o caminho da graça, mediante o qual se deve ser honesto, não por haver leis contra a desonestidade. Virtuosos, não por haver leis contra a licença. Verdadeiros, não por haver leis contra a mentira, mas porque a graça eleva o sentimento e o purifica acima mesmo da lei, porque há um plano de vida espiritual não afetado pela lei, um reino acima da lei onde só imperam predicados do espírito emancipado do erro.

O homem funciona em três planos, a saber: *o físico, o mental e o espiritual*, que correspondem respectivamente, *ao instinto, à razão e a intuição*. Mas as verdades totais, essenciais, Divinas, só são percebidas pelo homem de intuição.

O homem do futuro, isto é, o homem renovado, que venceu a si mesmo, vencendo a dominação da matéria grosseira, será um homem de intuição.

Quando a intuição fala, ela não se limita somente ao aspecto local ou parcial dos problemas, mas abraça o que está atrás e na frente, atinge o aspecto total, segundo a projeção do indivíduo no campo geral de sua evolução.

É difícil localizarmos, no corpo físico, a região ou o órgão por intermédio do qual se exerce a intuição. O órgão do intelecto é o cérebro e podemos dizer que a razão tem sede nesse órgão. Mas quanto a intuição, a não ser que se exerça pelas glândulas pineal e pituitária, talvez sua sede seja no cerebelo, órgão sensório supra-normal, que no futuro tende a desenvolver-se.

Amor, fé e intuição, eis, pois as características sublimadas do homem espiritual.

O homem de intuição resolve seus problemas com elementos que obtém do plano divino, ao passo que o da razão os resolve segundo os recursos da própria inteligência humana, ligada as coisas do mundo.

Tanto mais o homem fecha seus ouvidos às vozes do mundo material, tanto mais se abre no seu interior a voz sublime dessa faculdade preciosa do espírito. Tanto mais o espírito se revela a si mesmo e se integra no Cosmo, tanto mais se une a Deus.

Diz Aléxis Carrel, um dos mais acatados expoentes da ciência oficial, a respeito desta maravilhosa faculdade: *“É evidente que as grandes descobertas científicas não são unicamente obras da inteligência. Os sábios de gênio, além do dom de observar e de compreender, possuem outras qualidades, como a intuição e a imaginação criadora. Por meio da intuição, aprendem o que os outros homens não vêem, percebem a relação entre fenômenos aparentemente isolados, sentem inconscientemente a presença do tesouro ignorado. Todos os grandes homens são dotados do poder intuitivo. Sabem sem raciocínio e sem análise o que lhes importa saber”*.

“As descobertas da intuição devem ser sempre desenvolvidas pela lógica. Tanto na vida corrente como na ciência, a intuição é um meio de adquirir conhecimentos de grande poder, mas perigosos. Por vezes, é difícil distingui-la da ilusão. Aqueles que só por ela se deixam guiar estão expostos ao erro. Mas aos grandes homens ou aos simples, de coração puro, pode ela conduzir aos mais elevados cumes da vida mental ou espiritual”.

Das faculdades mediúnicas, é a mais elevada e a mais perfeita, porque põe o indivíduo não mais e somente em contato com coisas e seres do mundo espiritual, mas direta e superiormente, com a essência divina das realidades.

A mediunidade intuitiva é a mais comum entre os homens, sendo generalizada nos seios dos povos de todas as nações. Entretanto, existe uma escala muito grande de mediunidade intuitiva, desde os primeiros rudimentos de transmissão das idéias para os encarnados, até a mais alta mediunidade de falar e mesmo de escrever.

Um tribuno bem sintonizado com os espíritos superiores transmite maravilhas, a que até nós, dos planos espirituais, assistimos estudando a riqueza de nuances e o desenrolar das idéias da entidade comunicante à receptora. O médium intuitivo, que conhece e reconhece o valor da sua postura ante o benfeitor espiritual, consegue uma simbiose enriquecida no amor, de modo a beneficiar a muitos que ouvem os conceitos luminosos, filhos dos dois que se dispuseram a servir em nome do Cristo.

A intuição é um dom universal, com poderes elásticos, funcionando na ciência, na religião, na filosofia e em tantas outras atividades da alma, como protetora, educadora e instrutora de todos os que são partícipes da verdade.

A intuição é dom de todas as criaturas, porém, na sua pureza lírica somente se expressará no futuro, quando os seres humanos alcançarem a pureza de pensamentos, como dizia Buda: reto pensamento, reta vigilância, reta alegria, reto prazer, reto amor, reta caridade, reto saber, reta palavra, etc. Eis aí o ambiente para reta intuição: mediunidade sublimada, consciente daquilo que se passa por seu intermédio.

É bom que identifiquemos que as emissões de pensamentos existem em muitas faixas. As dimensões são variáveis, de acordo com a elevação do que comunica e do que recebe as idéias. A razão do médium intuitivo tem de ser apurada, vigiando e orando para reconhecer quem é quem, qual a qualidade do emissor, e o que o receptor tem de fazer a mais, no sentido de alcançar a companhia de benfeitores espirituais elevados. **Esse é um trabalho individual.**

Essa mediunidade quase nada prova que o mediano está recebendo mensagens do além. **Isto não importa, já passamos a época das provas.** Desde quando as mensagens educam e instruem a humanidade, o seu maior valor consiste nisto, em fazer crescer nos humanos o amor e a caridade bem orientada.

Mas quem recebe os pensamentos, tem consciência desta verdade, por conhecer seus próprios pensamentos e sua índole, e isto basta para que se considere um instrumento dos espíritos em favor do bem.

A luz pode passar por vários canais, desde que ela clareie, é isso que importa para o soerguimento do planeta. O pensamento espiritual está descendo para encontrar o pensamento humano, fundir-se um no outro, de maneira que Jesus apareça no centro, purificando a própria vida e ajudando a libertar todo seu rebanho.

A mediunidade tem a sua ascensão, como todas as coisas e, na subida, cresce a comunicação mais perfeita com os espíritos. O médium tem seus caminhos delineados e o sistema que lhe serve de canais vai se elevando, o que agora é mediunidade, no amanhã se transformará em intuição. É, pois, o médium consciente da sua missão, educando-se de modo a aproveitar as lições que passam por seu intermédio, aproveitando-as, sem a mescla dos seus arranhões e daí prossegue crescendo, buscando ficar como se encontram os espíritos superiores, em grandes tarefas no universo, a serviço de Deus.

Os médiuns da Terra se encontram em muitas ilusões, porque deixam passar, pelos seus canais mediúnicos, suas inferioridades, até mesmo suas paixões. **Em muitos momentos, é somente o raciocínio que fala mais alto.**

Tenha cuidado com os enganos, no exercício da mediunidade, não alimente suas próprias idéias, no lugar em que poderão fluir os pensamentos dos espíritos superiores, lugar sagrado em que eles fazem o serviço do Cristo em nome de Deus. As aparências costumam despertar a fé em muitos, contudo é uma fé fraca, sem obras, que logo desaparece.

Cuida da sua própria tarefa espiritual, à qual se ligou por compromissos, não desdenhando as possibilidades desta realização. Convide a sua honestidade para agir com você e seja sincero nos seus trabalhos mediâmicos, pois,

conforme a posição tomada, encontrará companhias sintonizadas, esperando no mundo da verdade, ajudando-o a servir.

Deixe a indução plasmar na sua consciência o certo, para que o erro se desfaça e em seu lugar, seja feito o convite para a luz da educação e as clarezas do amor e do saber. ***O médium que não se educa não passa do mesmo homem de ontem***, do bruto que não respeitava as leis, por desconhecê-las, não passa de um cego que erra sempre os caminhos, aquele que menospreza a instrução, dificilmente se educa, por desconhecer muitos pontos de apoio no serviço do auto-aprimoramento.

Avance e sirva, eduque e instrua, ampare e converta, trabalhe e oferte paz. Experimentando esses avanços, compreenderá que a fé é instrumento de ação em todos os campos da existência, de modo que crescerá com o tempo e entrará na plenitude da mediunidade do Pai, no respeito pleno das suas leis.

Os médiuns devem se esforçar no campo da mediunidade, que é a lavoura onde foi chamado a servir. Cruzar os braços significa sofrimento, e se já conhece um pouco da verdade, que se faça com que ela o torne livre, para a sua própria felicidade. Agora ele é um candidato a médium, amanhã, instrumento da intuição e onde será somente um médium bom, mesmo assim, deve dar graças a deus e glórias a Jesus.

Doutrinação

Num grupo mediúnico, chama-se doutrinador a pessoa que se incumbem de dialogar com os companheiros desencarnados necessitados de ajuda e esclarecimento. Qualquer bom dicionário leigo dirá que doutrinador é instruir em uma doutrina, ou, simplesmente, ensinar. E aqui já começamos a esbarrar nas dificuldades que a palavra doutrinador nos oferece, no contexto da prática mediúnica.

Em primeiro lugar porque o espírito que comparece para debater conosco os seus problemas e aflições, não está em condições, logo aos primeiros contatos, de receber instruções doutrinárias, ou seja, da Doutrina Espírita, que professamos, e com a qual pretendemos ajudá-lo. Ele não vem disposto a ouvir uma pregação, nem disposto ao aprendizado, como ouvinte paciente ante um guru evoluído. Muitas vezes ele está perfeitamente familiarizado com inúmeros pontos importantes da Doutrina Espírita. Sabe que é um espírito sobrevivente, conhece suas responsabilidades perante as leis universais, admite, ante evidências que lhe são mais do que óbvias, os mecanismos da reencarnação, reconhece até mesmo a existência de deus. Quanto a comunicabilidade entre encarnados e desencarnados, ele nem discute, pois está justamente produzindo uma demonstração prática do fenômeno, e seria infantilidade de sua parte tentar ignorar a realidade.

Portanto, o companheiro encarnado, com quem estabelece o diálogo, não tem muito a ensinar-lhe, em termos gerais de doutrina.

Por outro lado, o chamado doutrinador não é sumo-sacerdote de um culto ou de uma seita, que se coloque na posição de mestre, a ditar normas de ação e a pregar, presunçosamente, um estágio ideal de moral, que nem ele

próprio conseguiu alcançar. A despeito disso, ele precisa estar preparado para exercer, no momento oportuno, a autoridade necessária, que toda pessoa incumbida de uma tarefa, por mais modesta, deve ter. Não se esquecer, porém, de que, no grupo mediúnico, ele é apenas um dos componentes, um trabalhador e não um mestre.

Sua formação doutrinária é de extrema importância. Não poderá jamais fazer um bom trabalho, sem conhecimento íntimo dos postulados da Doutrina Espírita. Entre os espíritos que lhe são trazidos para atendimento, há argumentadores prestigiosamente inteligentes, bem preparados e experimentados em diferentes técnicas de debate, dotados de excelente dialética. Isto não significa que todo doutrinador tem de ser um gênio, de enorme capacidade intelectual e de impecável formação filosófica. A conversa com os espíritos desajustados não deve ser um frio debate acadêmico. Se o dirigente encarnado dos trabalhos está bem familiarizado com as obras fundamentais do Espiritismo, ele encontrará sempre o que dizer ao manifestante, ainda que não esteja no mesmo nível intelectual dele. O confronto aqui não é o de inteligências, nem de culturas, é de corações, de sentimentos. O conhecimento doutrinário torna-se importante como base de sustentação. O doutrinador precisa estar convencido de que a Doutrina espírita dispõe de todos os informes de que ele necessita para cuidar dos manifestantes em desequilíbrio, mas isso não é tudo, porque ele pode ser um bom conhecedor dos princípios teóricos do Espiritismo e ser completamente desinteressado do aspecto evangélico, ou ainda, conhecer a doutrina e recitar prontamente qualquer versículo evangélico, ***mas não apoiar o seu conhecimento na emoção e no legítimo desejo de servir e ajudar.***

Os espíritos em estado de perturbação, que são trazidos às sessões mediúnicas, não estão, logo de início, em condições psicológicas adequadas à pregação doutrinária, como já dissemos. Necessitam aflitivamente de primeiros socorros, de quem os ouça com paciência e tolerância. A doutrinação virá no momento oportuno, antes que o doutrinador possa dedicar-se a este aspecto específico, ele deve estar preparado para discutir o problema pessoal do espírito, a fim de obter dele a informação de que necessita. É nesse momento que ele precisa se utilizar de seus conhecimentos gerais, intercalando aqui e ali um pensamento evangélico que se adapte às condições desenvolvidas no diálogo.

Isto nos leva a outro aspecto importante: o ***status moral*** do doutrinador. Sua ***autoridade moral*** é importante, por certo, mas qual de nós, encarnados, ainda em lutas homéricas contra imperfeições milenares, pode arrogar-se uma atitude de superioridade moral sobre os companheiros mais desarvorados das sombras? Ainda temos mazelas e ainda erramos gravemente. O espírito que debate conosco sabe de nossas inúmeras fraquezas, tanto quanto nós, e até mais do que nós, às vezes, por serem, freqüentemente, companheiros de antigas encarnações, em que fomos, talvez, comparsas de desacertos hediondos. Ele nos vigia, observa-nos, analisa-nos e estuda-nos, de uma posição vantajosa para ele: na invisibilidade. Tem condições de aferir nossa personalidade e nossos propósitos, pela maneira como agimos em nosso relacionamento com os semelhantes. Percebe mais as nossas intenções, a intensidade e a sinceridade do nosso sentimento, do que o mero som das palavras que pronunciamos. Se

estivermos recitando lindos textos evangélicos, sem sustentação na afeição legítima, ele o saberá também.

Muitas vezes, refere-se desabridamente a uma ou outra fraqueza íntima nossa, como, por exemplo: *“Você não tem força para deixar o vício de fumar, como quer me obrigar a deixar de perseguir aquele que me prejudicou?”*

Ou então, nos lembra uma situação irregular em que nos encontramos, ou um erro mais grave cometido no passado recente, ou crimes que praticamos em vidas pregressas. Tudo serve. É preciso que o doutrinador esteja preparado para estas situações. Não adianta exhibir virtudes que não possui ainda. Deve lembrar-se, porém, de que somos julgados e avaliados, não pelos resultados que obtemos, mas pelo esforço que realizamos para alcançá-los. Não é preciso ser santo, para doutrinador. Aqueles que já se purificaram a esse ponto, dedicam-se a tarefas mais complexas, de maior responsabilidade, compatíveis com o adiantamento espiritual que já alcançaram.

Por outro lado, *não podemos esperar a perfeição para ajudar o irmão que sofre*. É exatamente porque ainda somos tão imperfeitos quanto ele, que estamos em condições de servi-lo mais de perto. Muitos são desafetos antigos, que ainda não nos perdoaram. É aqui que vemos a validade da palavra sábia do Cristo: *“Reconcilia-te com o teu adversário, enquanto estás a caminho com ele”*.

Não podemos impor ao companheiro infeliz uma superioridade moral inexistente. O doutrinador é também um ser falível e consciente das suas imperfeições, mas isto não pode e não deve inibi-lo para a tarefa. É preciso levar em conta, ainda, que muitos companheiros espirituais desarvorados, que nos conheceram em passado tenebroso, vêem em nós mais aqueles que fomos do que o que somos hoje, ou pretendemos ser. Se tivermos paciência e tolerância, o manifestante acabará por admitir que, mesmo que ainda não tenhamos alcançado os estágios superiores da evolução, nossa boa intenção é legítima, *o esforço que desenvolvemos é digno, e nos respeitarão por isso*.

O doutrinador precisa, ainda, ser uma criatura de fé viva, positiva, inabalável. Ele não pode dar aquilo que não tem. Se me perguntassem qual o elemento mais importante na estrutura da personalidade do doutrinador, eu não saberia dizer, mas ficaria indeciso entre a fé e o amor, sobre o qual ainda falaremos adiante. Que tipo de fé? A fé espírita, tal como a conceituou Kardec: ***sincera, convicta, lógica, plenamente suportada pela razão, mas sem se deixar contaminar pela frieza hierática do racionalismo estéril e vazio***.

Façamos uma pausa na exposição, para um exame da fé, que tanto nos interessa, neste, como em tantos outros contextos.

Quero falar aqui daquela fé sobre a qual Paulo escreveu seu belíssimo poema, no capítulo 11 da Epístola aos Hebreus: *“A fé, disse ele, é a garantia do que se espera; a prova das realidades invisíveis. Pela fé, sabemos que o universo foi criado pela palavra de Deus, de maneira que o que se vê resultasse daquilo que não se vê”*.

Em Paulo, a fé era o suporte das realidades que o conhecimento ainda não atingira; em Kardec é a certeza daquilo que o conhecimento, afinal alcançado, confirmou no coração do homem.

Compreensão, tolerância e amor fraterno não esgotam o rol das aptidões que devem integrar a personalidade do doutrinador. Nem pretendemos

esgotá-lo aqui, ou afirmar que somente pode investir-se na função de doutrinador aquele que possuir cumulativamente todas essas virtudes. Não estamos ainda nesse estado evolutivo.

Prossigamos, no entanto, ainda no exame dos componentes morais e psicológicos da personalidade de um bom doutrinador.

Se não dispuser de um mínimo de aptidões, o candidato a tal função deve procurar desenvolvê-las, ou assumir outra tarefa, para a qual seus recursos pessoais sejam mais adequados. Uma dessas virtudes é a paciência. Não pode ele, sem prejuízo sério para o seu trabalho, atirar-se sofregamente ao interrogatório do espírito manifestante. Tem que ouvir, aturar desaforos e impropérios, agressões verbais e impertinências. Tem que aguardar o momento de falar. Para isso, necessita de outra qualidade pessoal, não particularmente rara, mas que precisa ser cultivada, quando não despertada: **a sensibilidade**, que o levará a sentir pacientemente o terreno estranho, difícil e desconhecido em que pisa, as reações do espírito, procurando localizar os pontos em que o manifestante, por sua vez, seja mais sensível e acessível. Isto se faz com uma qualidade pessoal chamada tato, segundo a qual, vamos, pela observação cuidadosa, serena, nos informando de determinada situação ou acontecimento, até que estejamos seguros de poder tomar uma posição ou uma decisão sobre o assunto.

A paciência, a sensibilidade e o tato nos facultam as informações que buscamos, mas não disparam, por si mesmos, os mecanismos da ação, ou seja, não nos indicam a providência a tomar, nem nos sustentam no que fizermos. Para isso, se pede outra disposição que poderíamos chamar de **energia**, que deve ser controlada e oportuna. A de chegar-se a um ponto, na doutrinação, em que se torna imperiosa a tomada de uma atitude firme, enérgica, que não pode ser contundente, nem agressiva. É a hora da energia, e o momento tem que ser o certo. Nem antes, nem depois da oportunidade. O doutrinador deve estar em permanente estado de vigilância, na mais ampla acepção do termo. Vigilância quanto aos seus próprios pensamentos e sentimentos, quanto às suas suposições e intuições, quanto ao que se contém nas entrelinhas do que diz o manifestante, quanto ao que ocorre a sua volta, como os demais componentes do grupo, quanto a sua própria conduta, não apenas durante o trabalho mediúnico, propriamente dito, mas no seu proceder diário. Convém repetir: não precisa ser um santo, e não o será mesmo. Vigilância e boa intenção não são santidade. O doutrinador precisa servir em estado de alerta constante.

Uma questão cabe introduzir aqui: convém que ele disponha de alguma forma de mediunidade ostensiva? Em Espiritismo, não há posições dogmáticas. Mas algumas formas de mediunidade são desejáveis, colocaria em primeiro lugar a intuitiva, através da qual o doutrinador possa receber as inspirações de seus amigos espirituais, responsáveis pelo trabalho e desenvolvê-las junto ao manifestante, com seus próprios recursos e suas próprias palavras.

Em segundo lugar, poria a vidência, que certamente auxiliará na visão de cenas e quadros, ou da aparência pessoal do espírito manifestante e de seus eventuais companheiros. Será também útil dispor da faculdade de clariaudiência, e, neste caso, ouviria diretamente as instruções e recados do mundo espiritual, que fossem do interesse para o seu trabalho. Isto, porém, não o coloca

inteiramente a salvo de alguma palavra, soprada desavisadamente, que o leve a falsos caminhos.

Creio poder afirmar que não seria desejável qualquer forma de mediunidade que colocasse o dirigente, ou o doutrinador, em estado de inconsciência. Ele precisa manter-se lúcido, durante todo o período do trabalho.

Suponho que, por isso, a faculdade mais comumente encontrada num doutrinador é, precisamente, a intuição. Se ele procura sintonizar-se com o mundo espiritual, esta via de comunicação bastará ao seu trabalho. Por ela, seus companheiros mais esclarecidos se comunicarão, com eficiência e oportunidade, para a ajuda de que ele não pode prescindir. De uma vez por todas, tiremos de nossa cabeça que o bom doutrinador pode dispensar a colaboração dos espíritos superiores. Mais de uma vaidade tem sido explodida por causa disso, e não poucas obsessões pertinazes tem resultado dessa ingênua e perigosa imaturidade. Já fazemos muito quando não atrapalhamos os dedicados companheiros da espiritualidade maior. Se manifestamos a tola pretensão de dispensar-lhes a ajuda, eles se afastarão, com tristeza, é certo, mas com serenidade e sem remorsos, de vez que jamais impõem a sua presença, nem a sua vontade. Não há bom doutrinador sem a colaboração e o apoio dos espíritos mais esclarecidos. E, em breve, não haverá nem mau, porque o pretensioso ficará literalmente aniquilado pela obsessão ou pela fascinação de espíritos ardilosos, que se apresentam com nomes pomposos e se arvoram, por sua vez, em doutrinadores do doutrinador, pregando estranhas e confusas idéias.

Com isto, chegamos à outra faculdade necessária ao doutrinador: a **humildade**. Ele vai precisar dela, com freqüência impressionante. A princípio para aceitar as ironias, agressões e impertinências dos pobres irmãos atormentados. Depois, se e quando conseguir convencer, o companheiro, de seus enganos e de seus erros, para não assumir a atitude do vencedor que pisa na garganta do vencido, para mostrar o seu poder e confirmar a sua vaidade e seu orgulho. É a partir do momento em que o turbulento manifestante de há pouco se converte em verdadeiro trapo humano, arrependido e em prantos, que o doutrinador deve mostrar toda a sua compaixão humilde e o seu respeito pela dor alheia, tem, ainda, que ser humilde no aprendizado. Cada manifestação traz a sua lição, a sua informação, a sua surpresa. Em um trabalho mediúnico, estamos sempre aprendendo e ***nunca sabemos o suficiente***.

A humildade é necessária, também, quando não conseguimos convencer o companheiro infeliz. Precisamos estar preparados para a derrota, em muitos casos. Nada de pretensões tolas de que o trabalho foi cem por cento positivo. Claro que positivo, em sentido genérico, ele sempre o é. Mesmo naquele que não conseguimos demover de seus propósitos, se tivermos tido habilidade e tato, teremos realizado, no seu coração, a sementeira da verdade. Um dia, não importa quando, ele vai lembrar-se do que lhe dissemos e conferi-lo com a realidade. Não contemos, porém, com o êxito total da conversão imediata e definitiva, de todos os espíritos que nos são trazidos. Muitos daqueles dramas, que se desenrolam diante de nós, arrastam-se há séculos. Não se ajustam em minutos de conversa. Humildade, pois, para aceitar estes casos e continuar lutando. Não somos super homens, nem semideuses.

Humildade, ainda, quando precisarmos reconhecer o potencial intelectual do irmão espiritual com o qual nos defrontamos. E isso é muito freqüente. Não quer dizer que nos devamos curvar servilmente diante dele, rendendo homenagens à sua inteligência e ao seu conhecimento, que dizer que precisamos admitir, às vezes, que não estamos em condições de superá-lo naquilo que constitui o seu ponto forte. Nem é essa a técnica recomendada. Suponhamos que compareça, para conversar conosco, um espírito de elevada cultura, que lecionou em faculdades, ocupou assentos em academia, recebeu, enfim, as honrarias que tantos buscam, em vez da paz interior. Não é no terreno dele que nos vamos medir, não é discutindo filosofia, com ele, que vamos convencê-lo de seus enganos. Nesse campo, ele dispõe de mais recursos do que nós. E foi justamente no debate inútil e vão filosofar que arruinaram a sua vida espiritual. Ele precisa de atenção, fraternidade, respeito e sinceridade, não de debates estéreis, nos quais facilmente nos vencerá, para consolidar a sua vaidade lamentável. Um pouco de humildade, da nossa parte, o levará a respeitar-nos também, enquanto a exibição inútil, de precários conhecimentos filosóficos, e de medíocre cultura intelectual, só poderá estimular nele o desprezo por nós e pela nossa posição. Nada, pois, de aparentar o que ainda não somos. *E, mesmo que o fôssemos, a humildade, ainda assim seria indicada.*

Lembremos ainda uma qualidade: **o destemor**. Já disse alhures que, em trabalho mediúnic, temos que ser destemidos, sem sermos temerários. Coragem não é o mesmo que imprudência.

O destemor é de extrema utilidade nas tarefas de doutrinação. Fustigados pela interferência dos grupos mediúnicos em seus tenebrosos afazeres, os espíritos violentos comparecerão possuídos de irritação, rancor e ódio. Manifestam-se aos berros, dão murros na mesa, ameaçam céus e terras, procuram intimidar e propõe-se a vigiar-nos implacavelmente, a atacar nossos pontos fracos ou fazer um cerco imperioso em torno de nossa família, provocar acidentes, doenças, perturbações. O arsenal de ameaças é vasto e eles manipulam, com extrema sagacidade, as armas da pressão. Se nos deixarmos impressionar pelas verdadeiras cenas que fazem, estaremos realmente perdidos, porque nos colocaremos na faixa vibratória desejada por eles. Os bem feitos espirituais sempre nos advertem, de maneira tranqüila e segura para não termos temores infundados, sofreremos apenas aquilo que está nos nossos compromissos espirituais, e não em decorrência do trabalho de obsessão.

É verdadeiro, isso. Seria injusto, por parte das leis supremas, que, evidentemente, governam o Universo, se a paga da dedicação ao irmão que sofre resultasse em sofrimento indevido e em punição imerecida. Estariam subvertidos todos os princípios da Justiça Divina, se assim fosse. É até possível que uma ou outra, das ameaças esbravejadas contra nós, se cumpra, ou seja, aconteça acidentalmente, como doença inesperada em um de nós, ou em membro da nossa família. Estejamos certos de que, na seção seguinte virá de novo o irmão infeliz, para se vangloriar: “eu não disse?”

Não tema, siga em frente. O trabalho está sob a proteção de forças positivas e abençoadas. Isto, porém, não significa que deveremos e poderemos deixar cair às guardas. ***A proteção existe, mas não para dar cobertura à imprudência, a irresponsabilidade.***

Não custa, pois, anotar mais uma das aptidões necessárias ao bom desempenho do trabalho mediúnico em geral, e do doutrinador, em particular: **a prudência.**

Se, porém, um acontecimento desagradável realmente acontecer conosco, ou com alguém da nossa convivência, nitidamente ligado ao trabalho mediúnico, nem assim devemos nos desesperar e intimidar: estejamos certos de que estava já nos nossos compromissos e os recursos socorristas virão, sem dúvida alguma.

A longa digressão acerca das aptidões, desejáveis a um doutrinador não deve necessariamente desencorajar aquele que pretende se preparar para a tarefa. Ele precisa saber que o trabalho é árduo, os riscos são muitos, as qualificações são, idealmente, rigorosas e numerosas, e nenhuma projeção especial o espera. Ao contrário, *quanto mais apagado o seu trabalho, mais eficaz e produtivo.* Difícilmente um doutrinador reunirá tantos e tão grandes atributos pessoais. Procuramos, aqui, traçar um perfil ideal e, como todo ideal, difícil, senão impossível de ser atingido. Que isso não desencoraje ninguém a responsabilidade do trabalho. Os espíritos amigos saberão dosar as tarefas, segundo as forças e as possibilidades de cada grupo.

Por outro lado, o doutrinador é, usualmente, o pára-raios predileto do grupo, porque os espíritos atribulados, trazidos ao diálogo, com ele se entendem e se desentendem. É nele que identificam a origem de seus problemas. É ele, usualmente, o organizador ou responsável pelo grupo, bem como seu porta-voz junto ao mundo espiritual.

Em suma, o doutrinador não pode deixar de dispor de cinco qualidades, ou aptidões básicas:

- **Formação doutrinária muito sólida, com apoio insubstituível nos livros da Codificação Kardequiana.**
- **Familiaridade com o Evangelho de Jesus.**
- **Autoridade moral.**
- **Fé.**
- **Amor.**

As demais são desejáveis, importantes também, mas não tão críticas:

- ***Paciência***
- ***Sensibilidade***
- ***Tato***
- ***Energia***
- ***Vigilância***
- ***Humildade***
- ***Destemor***

- **Prudência.**

Esclarecer, em reunião de desobsessão é clarear o raciocínio, é levar uma entidade desencarnada, através de uma série de reflexões, a entender determinado problema que ela traz consigo e que não consegue resolver, ou fazê-la compreender que as suas atitudes representam um problema para terceiros, com agravantes para ela mesma. É levá-la a modificar conceitos errôneos, distorcidos e cristalizados, por meio de uma lógica clara, concisa, com base na Doutrina Espírita e, sobretudo, permeada de amor.

Essa é uma das mais belas tarefas na reunião de desobsessão e que requer muita prudência, discernimento e diplomacia. Que requer, principalmente, o ascendente moral daquele que fala sobre aquele que houve, que está sendo atendido. Esse ascendente moral faz com que as explicações dadas levem o cunho da serenidade, da energia equilibrada e da veracidade.

As palavras são como setas arremessadas, que poderão ser danosas ou benéficas, dependendo do sentimento de quem as projeta. As primeiras ferem, causam distúrbios, destroem e podem acordar sentimentos de revide, com igual teor vibratório. As segundas, vibrando na luz do amor, penetram na alma como bênçãos gratificantes, produzindo reflexos de claridade que se identificarão com o emissor.

Em quaisquer casos, é preciso compreender que é quase impossível a uma pessoa mudar de procedimento, sem que seja levada a conhecer as causas que deram origem aos seus problemas. Razão porque, em grande número de comunicações, o doutrinador, sentindo que há esta necessidade, deve aplicar as técnicas de regressão de memória no comunicante. Esta técnica consiste em levá-lo a recordar-se de fatos do seu passado, de sua última ou anterior reencarnação, despertando lembranças que jazem adormecidas. Nessas ocasiões, os trabalhadores da espiritualidade agem, seja acordando as reminiscências nos painéis da mente, seja formando quadros fluídicos com as cenas que evidenciem a sua própria responsabilidade perante os fatos em que se proclamava inocente e vítima.

De outras vezes, a lógica e clareza dos argumentos, aliadas à compreensão e ao amor, são o suficiente para convencer as entidades.

Para sentir aquilo que diz, é essencial ao doutrinador uma vivência que se enquadre nos princípios que procura transmitir. Assim sua vida diária deve ser pautada, o mais possível, dentro dos ensinamentos evangélicos e doutrinários.

A essa altura, muitos dirão, algo inquietos:

- Mas é muito difícil ser doutrinador...

É verdade! É sim.

Bibliografia:

Mediunidade – Edgard Armond
Filosofia da Mediunidade – João N. Maia (pelo espírito Miramez)
Diálogo com as Sombras – Hermínio C. Miranda
Plenitude Mediúnica – João N. Maia (pelo espírito Miramez)
Obsessão/Desobsessão – Sueli Caldas Schubert



ESTUDO SISTEMATIZADO DA DOCTRINA ESPÍRITA

MEDIUNIDADE

Aula 12

Animismo, Mistificação e Mediunidade

Animismo

Ocorre quando o médium, sem nenhuma idéia preconcebida de mistificação, recolhe impressões do pretérito e as transmite, como se por ele um espírito estivesse comunicando.

Já o processo mediúnico é aquele em que o médium é apenas um veículo a receber e transmitir as idéias de outro espírito.

A cristalização da nossa mente, hoje, em determinadas situações, pode motivar, no futuro, a manifestação de fenômenos anímicos, do mesmo modo que tal cristalização ou fixação, se realizada no passado, se exterioriza no presente.

Muitas vezes, portanto, aquilo que se assemelha a um transe mediúnico, com todas as aparências de que há a interferência de um espírito, nada mais é do que o médium, *naturalmente o médium desajustado*, revivendo cenas e acontecimentos recolhidos do seu próprio mundo subconscional, fenômeno esse motivado pelo contato magnético, pela aproximação de entidades que lhe partilharam as remotas experiências.

No fenômeno anímico o médium se expressa como se ali estivesse, realmente, um espírito a se comunicar.

O médium nessas condições deve ser tratado com a mesma atenção que ministramos aos sofredores que se comunicam.

Por isso, a direção de trabalhos mediúnicos pede, sem nenhuma dúvida, muito amor, compreensão e paciência, virtudes que, somadas, dão como resultados aquilo que os instrutores classificam como tato fraterno, a fim de que não sejam prejudicados os que em tais condições se encontram.

Se o dirigente de sessões mediúnicas não é portador de sincera bondade, acreditamos que pouco ou nenhum benefício receberá o médium no agrupamento.

O médium inclinado ao animismo é um vaso defeituoso, que pode ser consertado e restituído ao serviço, pela compreensão do dirigente, ou destruído, pela sua incompreensão.

As primeiras comunicações, via de regra, pela própria Lei de afinidade que leva o novel medianeiro a relacionar-se apenas com os Espíritos que lhe são afins, podem trazer um cunho aparentemente pessoal, impregnadas de pensamentos que podem ser confundidos com os do médium, porque o Espírito comunicante é igual ao próprio médium.

Não é, porém, animismo.

É clima mental identificado entre medianeiro e visitante.

O orientador do desenvolvimento, ante essas ocorrências, permitirá que o entrelaçamento prossiga normal e irá observando que, no decorrer dos meses, a diferenciação começa a se estabelecer, à medida que os Espíritos variam.

Crescendo espiritualmente e tornando maleável o seu clima mental, os Mensageiros Celestes irão pondo em contato com o medianeiro outros irmãos do caminho que poderão, ajustados ao médium, servir-se do mesmo para externar-se.

Dar muita ênfase à tese anímica é atrofiar serviços.

Contudo, quando o médium se revela improdutivo, quando as suas mensagens não saem do intercâmbio elementar, permanecendo com sua faculdade estacionária ou embrionária sem possibilitar uma amplitude de ação assistencial, deverá ele se convidado, com muito tato psicológico, a dedicar-se mais a outras nobilitantes tarefas que já terá iniciado como parte do seu programa de desenvolvimento.

Alguns fatores são estimuladores do animismo, tais como:

- O cultivo de idéias desordenadas, as aspirações mal contidas, desequilibram, promovendo falsas informações;
- Os desbordos da imaginação geram impressões, produzem idéias que fazem supor procederem de intercâmbio mediúnico;
- Além desses, a inspiração de Entidades levianas cooperam com a eficiência para os exageros, as distonias.

Alguns cuidados favorecem a diminuição gradual do animismo:

- Indispensável muito cuidado, exame contínuo dos problemas íntimos e acendrado zelo pelas letras espíritas, a fim de discernir com acerto e atuar com segurança.
- Nem tudo que ocorre na esfera mental significa fenômeno mediúnico.
- Se não deves rechar em excesso o animismo, não convém descurar cuidados.
- Problemas intrincados da personalidade surgem como expressões mediúnicas a cada instante e se exteriorizam, produzindo lamentáveis desequilíbrios.

- Distonias psíquicas exalam miasmas morbíficos que produzem imagens perturbadoras no campo mental e se externam em descontrole.
- Estuda e estuda-te.
- Evita a frivolidade e arma-te de siso, no mister relevante da mediunidade.
- Cada ser vincula-se a um programa redentor, graças às causas a que se imana pelo impositivo da reencarnação. Interferências espirituais sucedem, sim, mas, não amiúde como pretendem a leviandade e a insensatez dos que se comprazem em transferir responsabilidades.
- Revisa opiniões, conotações, exames e resguarda-te na discricção.

Mediunidade é patrimônio inestimável, faculdade delicada pela qual ocorrem fenômenos sutis, expressivos e vigorosos e só procedem do Alto quando em clima de alta responsabilidade.

Nesse sentido, não descuides das ocorrências provindas de interferências anímicas, dos desejos fortemente acalentados, das impressões indesejáveis e desconexas que ressumam, engendrando comunicações inexatas.

Acalma a mente e harmoniza o mundo interior.

O bom médium, portanto, é aquele que transmite tão fielmente quanto possível o pensamento do comunicante, interferindo o mínimo que possa no que este tem a dizer.

Reiteramos que não há fenômeno mediúnico sem participação anímica. O cuidado que se torna necessário ter na dinâmica do fenômeno não é colocar o médium sob suspeita de animismo, como se o animismo fosse um estigma, e, sim, ajudá-lo a ser um instrumento fiel, traduzindo em palavras adequadas o pensamento que lhe está sendo transmitido sem palavras pelos espíritos comunicantes.

Certamente ocorrem manifestações de animismo puro, ou seja, comunicações e fenômenos produzidos pelo espírito do médium sem nenhum componente espiritual estranho, sem a participação de outro espírito, encarnando ou desencarnado. Nem isso, porém, constitui motivo para condenação sumária ao médium e, sim, objeto de exame e análise competente e serena, com a finalidade de apurar o sentido do fenômeno, seu porquê, suas causas e conseqüências.

Suponhamos, por exemplo, que ante determinada manifestação espiritual em certo médium de um grupo, outro médium do mesmo grupo mergulhe, de repente, em processo espontâneo de regressão de memória. Pode ocorrer que ele passe a viver, em todas a sua intensidade e realismo, sua própria personalidade de anterior existência. Apresentará, sob tais circunstâncias, todas as características de uma manifestação mediúnica espírita, como se ali estivesse um espírito desencarnado. Vamos lembrar, novamente, o ensinamento de Erasto e Timóteo: *“Alma do médium pode comunicar-se como a de qualquer outro”*. E isto é válido para a psicografia e para a psicofonia ou até mesmo para fenômenos de efeitos físicos. Não nos cansamos de repetir que tais fenômenos não invalidam a realidade da comunicação espírita e, sim, a complementam e ajudam a entendê-la melhor.

A fim de que possamos estudar o mundo espiritual, adverte Delanne, precisamos de um instrumento, um intermediário entre as duas faces da vida, o médium.

“Como possui uma alma e um corpo”, prossegue o eminente continuador de Kardec, “ele tem acesso, por uma, à vida do espaço e, pelo outro, se prende à Terra, podendo servir de intérprete entre os dois mundos.”

Não deixa, portanto, de ser um espírito somente porque está encarnado. Os fenômenos que produzir, como espírito, são também dignos de exame e não, de condenação sumária. Algumas perguntas podem ser formuladas para servir de orientação a essa análise. São realmente fenômenos anímicos? Ou interferências pessoais do médium nas comunicações, no processo mesmo de as vestir com palavras, como dizem os espíritos? Por que estariam sendo produzidos? E como? Com que finalidade? Como poderemos ajudá-lo a interferir o mínimo possível a fim de que as comunicações traduzam com fidelidade o pensamento dos espíritos?

Mistificação

O exercício da mediunidade correta impõe disciplinas que não podem ser desconsideradas, seriedade e honradez que lhe conferem firmeza de propósitos com elevada qualidade para o ministério.

Porque independente dos requisitos morais do intermediário, esta há de elevar-se espiritualmente, a fim de atrair as entidades respeitáveis que o podem promover, auxiliando-o na execução do delicado programa a que se deve ajustar.

Pelo fato de radicar-se no organismo, o seu uso há que ser controlado e posto em regime de regularidade, *evitando-se o abuso da função*, que lhe desgasta as forças mantenedoras, como a ausência da ação, que lhe obstrui mais amplas aptidões que somente se desenvolvem através de equilibrada aplicação.

Face a sintonia psíquica responsável pela atração daqueles que se comunicam, a questão da moralidade do médium é de relevante importância, preponderando, inclusive, sobre os requisitos culturais, porquanto estes últimos podem constituir-lhe uma provação, jamais um impedimento, enquanto a primeira favorece a união com os espíritos de igual nível evolutivo.

Embora os cuidados que o exercício da mediunidade exige, nenhum sensitivo está isento de ser veículo de burla, de mistificação. Esta pode, portanto, ter várias procedências:

a) dos espíritos que se comunicam, denunciando a sua inferioridade e demonstrando falhas no comportamento do mediano, que lhes ensejou a farsa; às vezes, apesar das qualidades morais relevantes do médium, este pode ser vítima de embuste, que é permitido pelos seus instrutores desencarnados com o fim de pôr-lhe à prova a humildade, a vigilância e o equilíbrio;

b) involuntariamente, quando o próprio espírito do médium não logra ser um fiel intérprete da mensagem, por encontrar-se em aturdimento, com estafa, desgaste e desajustado emocionalmente;

c) inconscientemente, em razão da liberação dos arquivos da memória, animismo, ou por captação telepática direta ou indireta;

d) por fim, quando se sentindo sem a presença dos comunicantes e sem valor moral para explicar a ocorrência, apela para a mistificação consciente e infeliz, derrapando no gravame moral significativo.

Eis porque o médium se deve preservar dos abusos, não exorbitando das energias que lhe permitem a ação da faculdade, porquanto esta, à semelhança de outra qualquer, sofre as alternativas do cansaço e do repouso, da boa ou má utilização.

A prática mediúnica impõe, como condições ético-morais, o idealismo e a dedicação desinteressada de quaisquer recompensas, pois que o mercantilismo e a simonia transformam-na em campo de exploração pernicioso. ***Não se beneficiando com as retribuições que são encaminhadas aos médiuns, os espíritos nobres os deixam à própria sorte, sendo assim substituídos pelos interesseiros e vãos, que passam ao comércio das forças psíquicas em processo de vampirismo cruel, terminando por apropriar-se da casa mental do irresponsável, em conúbio danoso.*** Outras vezes, sentindo-se obrigado a atender o consulente que lhe compra o horário, o sensitivo assume a responsabilidade da mensagem, mistificando em consciência, na crença de que ao outro está enganando, sem dar-se conta das conseqüências funestas que o gesto lhe acarreta e que se apresentarão no momento próprio.

A venda, porém, da mediunidade, não se dá, exclusivamente, mediante a moeda do contato, mas, também através dos presentes de alto preço, da bajulação chula, do destaque vão com que se busca distinguir os médiuns, exaltando-lhes o orgulho e a vacuidade.

É austera e irretocável a recomendação de Jesus quanto ao “**dar de graça o que de graça se recebe**”, valorizando-se o conteúdo da concessão superior, honrando-a com carinho e respeito, em razão da sua procedência, quanto do seu destino.

A mistificação mediúnica de qualquer natureza tem muito a ver com o caráter moral do médium, que, consciente ou não, é responsável pelas ocorrências normais e paranormais da sua existência.

A mediunidade é para ser exercida com responsabilidade e pureza de sentimentos, não se lhe permitindo macular com as enganosas paixões inferiores da condição humana das criaturas.

Com a sua vulgarização e a multiplicação dos médiuns, estes, desejando valorizar-se e dar brilho especial às suas faculdades, apelam para superstições e exotismos do agrado das pessoas frívolas e ignorantes, que os incorporam às suas ações, caindo, desse modo, em mistificações da forma, através dos processos escusos com os quais visam impressionar os incautos.

A prática mediúnica dispensa todo e qualquer rito, indumentária, práxis, condição por estribar-se em valores metafísicos que as formas exteriores não podem alcançar.

O mau uso da faculdade mediúnica pode entorpecê-la e até mesmo fazê-la desaparecer, tornando-se, para o seu portador, um verdadeiro prejuízo, uma rude provação.

Algumas vezes, como advertência, interrompe-se-lhe o fluxo medianímico, e os espíritos superiores, por afeição ao médium, permitem que ele o perceba, afim de mais adestrar-se, buscando descobrir a falha que propiciou a suspensão e restaurando o equilíbrio; outras vezes, é-lhe concedida com o objetivo de facultar-lhe algum repouso e refazimento.

A mistificação é um dos graves escolhos à mediunidade, todavia, fácil de se evitar, como de se identificar.

A convivência com o médium dará ao observador a dimensão dos seus valores morais, e será por estes que se poderá medir a qualidade e as resistências mediúnicas do mesmo, a possibilidade dele ser vítima ou responsável por mistificações.

As mistificações existem em obediência à lei dos afins. Somente são enganados aqueles que procuram no Espiritismo o que não se deve perguntar. Para tanto, deve-se estudar, para conhecer a missão dessa Doutrina.

Logo que fazes uma pergunta que não deve ser feita, vem um Espírito para responder, na mesma qualidade da indagação. Os sentimentos do que interroga fazem aparecer Espíritos do mesmo nível espiritual. Se as perguntas têm o cunho da futilidade, por lei não podem os anjos responder a esse assunto e, sim, um Espírito que gosta de futilidades. Os pensamentos atraem entidades compatíveis com a sua vibração. Se queres ter respostas sérias, fazes perguntas sérias.

Os espíritos sem interesse pela verdade se aproximam do encarnado com as mesmas idéias. Isso para eles constitui uma festa: ***mentir para quem se encanta com suas mentiras***. Se tens tendência para a imoralidade, se as ilusões te atraem, se as paixões mundanas são teu pasto diário, como é que terás dos espíritos respostas sérias? Aprimora cada vez mais tua moral, para que neste esforço todos os dias possas ser assistido pelos benfeitores da humanidade, correspondendo à justiça.

Os espíritos superiores têm a missão de instruir e educar a humanidade, e não de ensinar aos cegos para cada vez mais ficarem mais cegos. Quem quiser ganhar dinheiro, trabalhe e não procure coisas fáceis nesse assunto. Os espíritos elevados não atendem às suas paixões inferiores, mas procuram educar. ***Quem não deseja educar-se, não pode contar com espíritos elevados junto de si***.

A pessoa que é enganada só o é por trazer dentro de si a mistificação. Podes examinar teus sentimentos, que encontrarás essa verdade. O papel dos servidores de Jesus não consiste em revelar coisas deste mundo a que estás preso pela inferioridade, onde podes aumentar a usura, a vaidade, o orgulho e o egoísmo. Se teimas neste assunto, terás respostas, mas dos espíritos do mesmo nível. Se pensas que os espíritos são substitutos dos adivinhos e dos feiticeiros, serás enganado por eles, que se encontram proporcionalmente na sua

mesma faixa de vida. Deus coloca espíritos de alto valor espiritual em toda parte, mas para estimular o bem e a verdade, não para que venham a ser escravos das tuas paixões desenfreadas.

Os espíritos levianos não encontram nos homens de moral cristã o ambiente para mentir, nem podem falar por médiuns sinceros e moralistas. Moralista, no sentido que falamos, é o que vive a moral cristã, que usa dos seus dons espirituais para ajudar com honestidade e, acima de tudo, dando de graça o que de graça recebeu, não comercializando seus valores da mediunidade. O mistificador, certamente que encontra ao seu lado, acompanhando-o, espíritos do mesmo nível, charlatões por natureza. O que esperar deles? Somente decepções, que o envergonham.

Sê honesto nas tuas andanças, nos teus exercícios mediúnicos, que Deus está vendo tudo e tudo está sendo anotado, para o teu bem estar.

Médium! Vê no Espiritismo a tua salvação, onde encontrarás recursos para entender o teu dever e te livrares das mistificações de espíritos que somente te desejam o mal. Comunga com as entidades do amor, que serás um dos que amam, vendo e sentindo Deus mais de perto. Se fechares os olhos à verdade, certo é que as mistificações comandarão tua mente.

Tão variada é a classe das entidades mistificadoras desencarnadas, que chega a haver confusão com a das entidades obsessoras, tornando-se difícil, em determinados casos, separar uma da outra. Procuremos tratar aqui de uma modalidade de mistificadores que poderá também ser considerada especialidade de obsessores, visto que participa de uns e de outros.

Mistificar é, na palavra dos dicionários, o ato de enganar, iludir, lograr, abusar da credulidade de alguém, engodar, valendo-se de ardis e subterfúgios, malícia e mesmo maldade. Existem os mistificadores inofensivos, brincalhões apenas, que levam o tempo alegremente, se bem que também levianamente, cujas ociosidades e futilidades só a si mesmos prejudicam, e que todos consideram irresponsáveis quais crianças travessas, e a quem ninguém levará a sério. Na Terra como no Espaço, eles proliferam, sem realmente prejudicar senão a si próprios. Existem os hipócritas, perigosos, portanto, que sabem enganar porque se rodeiam de falsa seriedade, a qual mantêm apoiados em certa firmeza de lógica, e a quem somente observadores muito prudentes saberão descobrir. Na Terra como no Espaço, proliferam também esses, quer encarnados, como homens, quer como espíritos já desencarnados, causando no seio das duas sociedades sérios desequilíbrios e danos vultosos, não raro desorganizando a vida e os feitos dos incautos que se deixam embair pelas suas atitudes dúbias. Dentro do Espiritismo, costumam estes, os desencarnados, causar sérios prejuízos aos médiuns orgulhosos e insubmissos à disciplina em geral, que a boa prática da Doutrina recomenda, e também entre diretores de organizações espíritas pouco competentes, moral e intelectualmente, para o importante mister. Suas atitudes mistificadoras, porém, serão facilmente observadas e desmascaradas por um adepto prudente, bom conhecedor do terreno prático da Doutrina, como da sua filosofia, e, acima de tudo, por alguém, que, portador de qualidades morais elevadas, se haja tornado bem inspirado e assistido pelos planos superiores do invisível, pois de tudo isso mesmo nos adverte o estudo da

Doutrina Espírita. Muito conhecidas são ambas as classes de mistificadores para que nos ocupemos a repetir o que todo aprendiz do Espiritismo conhece.

Há, todavia, ainda uma terceira classe, a mais impressionante, a mais perturbadora, perigosa e difícil de ser combatida, porque geralmente ignorada sua existência pelos próprios adeptos do Espiritismo, e a qual age de preferência nas próprias paisagens invisíveis, em torno de entidades desencarnadas não devidamente moralizadas, mas também podendo interferir na vida dos encarnados, prejudicando-os e até os levando aos estados alucinatórios ou mesmo ao estado de obsessão, pelo simples prazer de praticar o mal, divertindo-se.

Tais entidades são perversas, enquanto que as simplesmente mistificadoras nem sempre se apresentam verdadeiramente malvadas. Obtêm aquelas resultados satisfatórios, na torpe tarefa de perseguição e engodo, contra pessoas que, com a devida confiança, não exerçam a oração e a vigilância mental de cada dia, como defesa contra males psíquicos, as quais atraem para seus detestáveis agrupamentos espirituais desencarnados frágeis, revoltados, descrentes ou levianos, que a tempo não se harmonizaram com o dever, o que lhes evitaria tais situações após o decesso corporal.

Geralmente, esses a quem aqui denominamos mistificadores-obsessores não foram inimigos das suas vítimas através das existências, nem mesmo as conheceram anteriormente, às mais das vezes. Se exercem a perseguição e o assédio, alcançando funestos êxitos, será porque encontram campo aberto para suas operações nos sentimentos bastardos das mesmas, afinidades morais e mentais de má categoria, naqueles a quem se agarram, tornando-se, então, para estes, tais acontecimentos, o prêmio-castigo da sua incúria na prática de ações reformadoras, ou da má vontade em se voltarem para os aspectos superiores da vida. A encarnados e desencarnados que lhes ofereçam, pois, afinidades, essas desagradáveis criaturas invisíveis freqüentemente desgraçam, impelindo-as a desastrosas ações, até mesmo nos setores da decência dos costumes, cujas conseqüências, sempre lamentáveis, requererão, daqueles que se deixarem embair por suas artimanhas, longos períodos de sofrimento e reparações inapeláveis, muitas vezes através de reencarnações amargosas.

Importante *De maneira geral, pode-se afirmar que os espíritos similares se atraem, e que raramente os espíritos das pléiades elevadas se comunicam por maus condutores, quando podem dispor de bons aparelhos mediúnicos, de bons médiuns, numa palavra.*

Os médiuns levianos, pouco sérios, chamam, pois, os espíritos da mesma natureza. É por isso que as comunicações se caracterizam pela banalidade, a frivolidade, as idéias truncadas e quase sempre muito heterodoxas, falando-se espiriticamente. *Certamente eles podem dizer e dizem, às vezes, boas coisas, mas é precisamente nesse caso que é preciso submetê-las a um exame severo e escrupuloso. Porque, no meio das boas coisas, certos espíritos hipócritas, insinuam com habilidade e calculada perfídia fatos imaginados,*

asserções mentirosas, com o fim de enganar os ouvintes de boa fé. Deve-se, então, eliminar sem piedade toda palavra e toda frase equívoca, conservando no ditado somente o que a lógica aprova ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações dessa natureza só são perigosas para os espíritas que agem isolados, os grupos recentes ou pouco esclarecidos, porque, nas reuniões de adeptos mais adiantados e experientes, é inútil a gralha se adornar com penas de pavão, pois será sempre impiedosamente descoberta.

Se é desagradável ser enganado, pior ainda é ser mistificado. Aliás, é esse um inconveniente de que mais facilmente podemos nos preservar. Os meios de desmanchar as armadilhas dos espíritos mistificadores foram expostos nas instruções precedentes e, por isso, diremos pouco a respeito. Eis as respostas dadas pelos espíritos sobre o assunto:

1. As mistificações são um dos escolhos mais desagradáveis da prática espírita. Haverá um meio de evitá-las?

- Parece que podeis encontrar a resposta revendo o que já vos foi ensinado. Sim, é claro, há para isso um meio muito simples, que é o de não pedir ao Espiritismo nada mais do que ele pode e deve dar-vos: ***seu objetivo é o aperfeiçoamento moral da humanidade.*** Desde que não vos afasteis disso, jamais sereis mistificados, ***pois não há duas maneiras de se compreender a verdadeira moral, mas somente aquela que todo homem de bom senso pode admitir.***

Os espíritos vêm instruir-vos e guiar-vos na rota do bem e não nas das honrarias e da fortuna ou para atender às vossas pequeninas paixões. Se jamais lhe pedísseis futilidades ou o que seja além de suas atribuições, ninguém daria acesso aos espíritos mistificadores. ***Do que se conclui que só é mistificado aquele que o merece.***

Os espíritos não estão incumbidos de vos instruir nas coisas deste mundo, mas de vos guiar com segurança naquilo que vos possa ser útil para o outro. Quando vos falam das coisas daqui é por considerarem isso necessário, mas não porque o pedis. ***Se quiserdes ver nos espíritos os substitutos dos adivinhos e feiticeiros, então sereis mistificados.***

Se bastasse aos homens dirigir-se aos espíritos para tudo saberem perderiam o livre arbítrio e sairiam dos designios traçados por Deus para a humanidade. O homem deve agir por si mesmo. Deus não envia os espíritos para lhe aplainarem a rota da vida material, mas para lhe prepararem a do futuro.

Mas há pessoas que nada pedem e são indignamente logradas por espíritos que se manifestam espontaneamente, sem que os evoquem.

Se nada pedem, aceitam o que dizem, o que dá na mesma. Se recebessem com reserva e desconfiança tudo o que se afasta do objetivo essencial do Espiritismo, os espíritos levianos não as enganariam tão facilmente.

2. Por que Deus permite que pessoas sinceras, que aceitam de boa fé o Espiritismo, sejam mistificadas? Isso não poderia acarretar o inconveniente de lhes abalar a crença?

- Se isso lhes abalasse a crença, seria por não terem a fé bastante sólida. As pessoas que abandonassem o Espiritismo por um simples desapontamento provariam não o haver compreendido, não se terem apegado ao seu aspecto sério. Deus permite as mistificações para provar a perseverança dos verdadeiros adeptos e punir os que fazem do Espiritismo um simples meio de divertimento. (O Espírito de Verdade)

Observação: A malandragem dos espíritos mistificadores ultrapassa, às vezes, tudo que se possa imaginar. A arte com que assestam as suas baterias e tramam os meios de persuadir seria digno de atenção, caso se limitassem a brincadeiras inocentes. Mas as mistificações podem ter conseqüências desagradáveis pra os que não se privam. Somos muito felizes por termos podido abrir os olhos a tempo a muitas pessoas que nos pediram conselhos, livrando-as de situações ridículas e comprometedoras.

Entre os meios empregados por esses espíritos, devemos colocar em primeiro lugar, como os mais freqüentes, os que excitam a cupidez, como a revelação de pretensos tesouros ocultos, o anúncio de heranças e de outras fontes de riqueza. Devem também considerar-se desde logo suspeitas as predições com épocas marcadas e todas as indicações precisas referentes a interesses materiais. Ter toda cautela com as providências prescritas ou aconselhadas pelos espíritos, quando os fins não forem claramente razoáveis.

Jamais se deixar ofuscar pelos nomes usados pelos espíritos para darem validade às suas palavras. Desconfiar das teorias e sistemas científicos ousados. Enfim, desconfiar de tudo o que se afaste do objetivo moral das manifestações.

Abusos da Mediunidade

Na primeira ordem dos abusos que devemos assinalar cumpre colocar as fraudes, as simulações.

As fraudes ou são conscientes e volitivas, ou inconscientes. Neste último caso são provocadas quer pela ação de espíritos malfazejos, quer por sugestões sobre os médiuns exercidas pelos experimentadores e assistentes.

As fraudes provêm ora de falsos médiuns, ora de médiuns verdadeiros, mas pérfidos, que têm feito de sua faculdade uma fonte de proventos materiais. Desconhecendo a nobreza e a importância de sua missão, por natureza preciosa, eles a transformam num meio de exploração e não trepidam, quando falha o fenômeno, em o simular com artifícios.

Os falsos médiuns se encontram um pouco por toda parte. Uns não passam de péssimos farsistas que se divertem à custa do vulgacho e a si mesmos

se traem cedo ou tarde. Outros há, industriais, hábeis, para os quais o Espiritismo é apenas uma mercancia; esforçam-se por imitar as manifestações, tendo em mira o lucro a auferir. Muitos têm sido desmascarados em plena sessão; alguns já foram colhidos nas malhas de ruidosos processos, nessa ordem de fatos, têm sido presenciadas as mais audaciosas falcatruas. Certos indivíduos, abusando da boa fé dos que os consultam, não têm hesitado em profanar os mais sagrados sentimentos e tornar suspeitas uma ciência e doutrinas que podem ser um meio de regeneração. Na maioria das vezes, são destituídos do sentimento de sua responsabilidade; mas na vida de além túmulo bem desagradáveis surpresas lhes estão reservadas.

É incalculável o prejuízo por esses espertalhões causados à verdade. Com seus artifícios têm afastado muitos pensadores do estudo sério do espiritismo. ***Por isso é dever de todo homem de bem desmascará-los, expô-los à merecida execração.*** O desprezo neste mundo, o remorso e a vergonha no outro, eis o que os espera. Porque, nós o sabemos, tudo se paga: o mal recai sempre sobre aquele que o pratica.

Não há coisa mais vil, mais desprezível, que bater moeda sobre as dores alheias, simular, a troco de dinheiro, os amigos, os entes caros que choramos, fazer da própria morte uma especulação desbriada, um objetivo de falsificação.

O Espiritismo não pode ser responsabilizado por tais manejos. O abuso ou imitação de uma coisa nada pode fazer prejudicar contra a própria coisa. Não vemos freqüentemente imitados os fenômenos de Física pelos prestidigitadores? E que prova isso contra a verdadeira Ciência? Nada. O investigador inteligente deve estar precavido e fazer constante uso de sua razão. Se há alguns laboratórios em que, a pretexto de manifestações, se pratica um odioso tráfico, numerosos círculos existem, compostos de pessoas cujo caráter, posição e honorabilidade constitui outras tantas garantias de sinceridade, inacessíveis em tais condições a qualquer suspeita de charlatanismo.

Tem-se dado o fato, observemos, de certos médiuns, dotados de notáveis faculdades não terem vacilado em misturar, nas sessões que realizam, as simulações com os fatos reais, visando aumentar os proventos ou a fama que desfrutam.

Perguntarão talvez por que anuem os desencarnados a prestar o seu concurso a indivíduos de tal sorte indignos. A resposta é fácil. Esses espíritos, em seu vivo desejo de se manifestarem aos que na Terra amaram, encontrando em tais médiuns os elementos necessários para se materializarem, tornando-se visíveis, e, assim, demonstrarem a própria sobrevivência, não hesitam em utilizar os meios que se lhes oferecem, não obstante a indignidade dos intermediários.

Há, dissemos, fraudes inconscientes, que se explicam pela sugestão. Os médiuns são extremamente sensíveis à ação sugestiva, tanto dos vivos como dos desencarnados. O estado de espírito das pessoas que tomam parte nas experiências reage sobre eles e exerce uma influência que os médiuns não distinguem, mas que é às vezes considerável.

Médiuns perfeitamente honestos e desinteressados confessam que são impelidos à fraude, em certos meios, por uma força oculta. Na maior parte, resistem a tais sugestões, prefeririam renunciar ao exercício de suas faculdades a

se deixarem arrastar por esse resvaladouro. Alguns cedem a essas influências; e um momento de fraqueza bastará para levantar dúvidas sobre todas as experiências em que houverem figurado.

Certas fraudes, verificadas com diversos médiuns, podem ser atribuídas a sugestões exteriores, quer humanas, quer espíritas. Às vezes coincidem e se combinam as duas influências. Os céticos mal intencionados são secundados por auxiliares do além. E então o poder sugestivo será tanto mais irresistível quanto mais impressionável for o médium e estiver mais profundamente imerso no transe e insuficientemente protegido. Vê-se a que perigos está este exposto; em certas sessões, mal constituídas, mal dirigidas, pode tornar-se vítima das forças exteriores combinadas. Acontece que o médium, principalmente o médium escrevente, se sugestiona a si mesmo e, num impulso automático, escreve comunicações que abusivamente atribui a espíritos desencarnados, essa auto-sugestão é uma espécie de indução do ego normal ao ego subconsciente, que não é um ser distinto, como vimos precedentemente, mas uma modalidade mais extensa da personalidade. Nesse caso, com a mais perfeita boa fé, o médium responde a suas próprias perguntas; exterioriza seus pensamentos ocultos, seus próprios raciocínios, os produtos de uma vida psíquica mais intensa e profunda.

Reflexo Condicionado

Entendendo que toda mente vibra na onda de estímulos e pensamentos em que se identifica, facilmente perceberemos que cada espírito gera em si mesmo inimaginável potencial de forças mento-eletromagnéticas, exteriorizando nessa corrente psíquica os recursos e valores que acumula em si próprio.

Daí nasce a importância da reflexão em todos os setores da vida.

É que, gerando força criativa incessante em nós, assimilamos, por impulso espontâneo, as correntes mentais que se harmonizarem com o nosso tipo de onda, impondo às mentes simpáticas o fruto de nossas elucubrações e delas recolhendo o que lhes seja característico, em ação que independe da distância espacial, sempre que a simpatia esteja estabelecida e, com mais objetividade e eficiência, quando o serviço de troca mental se evidencie assegurado conscientemente.

Vale a pena recordar o conhecimento dos reflexos condicionados, em evolução na escola instituída por Pavlov.

Esse campo de experiências traz a estudo os reflexos congênitos ou incondicionados, quais os chamados protetores, alimentares, posturais e sexuais, detentores de vias nervosas próprias, como que hauridos da espécie, seguros e estáveis, sem necessidade do córtex, e os reflexos adquiridos ou condicionados, que não surgem espontaneamente, mas sim conquistados pelo indivíduo, no curso da existência.

Os reflexos adquiridos ou condicionados, que se utilizam da intervenção necessária do córtex cerebral, desenvolvem-se sobre os reflexos preexistentes, à maneira de construções emocionais, por vezes instáveis, e sobre os alicerces das vias nervosas, que pertencem aos seguros reflexos congênitos ou absolutos. Lembremo-nos de que Pavlov, em uma de suas experiências separou alguns cães do convívio materno, desde o nascimento, sujeitando-os ao aleitamento artificial. Como é lógico, revelaram naturalmente os reflexos congênitos, quais o patelar e o córneo-palpebral, mas, quando lhes foi mostrada a carne, tanto aos olhos quanto ao olfato, não segregaram saliva, não obstante à frente do alimento tradicional da espécie, demonstrando a esperada secreção apenas quando a carne lhe foi colocada na boca.

Desde então, os animais se habituaram a formar a mencionada secreção, sempre que o referido alimento lhes fosse apresentado à vista ou ao olfato.

Observemos que o estímulo provocou um reflexo condicionado, como que em regime de enxertia sobre o reflexo congênito desencadeado pelo alimento introduzido na boca.

Os princípios de reflexão podem ser aplicados aos reflexos psíquicos.

Compreenderemos, desse modo, que o ato de alimentar-se é um hábito estratificado na personalidade do cão, em processo evolucionista, através de reencarnações múltiplas, e que o ato de preferir carne, mesmo em se tratando de alimento ancestral da espécie a que se entrosa, é um hábito que ele adquire, formando impressões novas sobre um campo de sensações já consolidadas.

Recorremos à imagem simplesmente para salientar que os nossos reflexos psíquicos condicionados se revestem de suma importância em nossas ligações mentais diversas.

Esses reflexos são, todos eles, presididos e orientados pela indução.

Nos cães de Pavlov a que nos reportamos, a faculdade de comer representa atitudes espontâneas, como aquisição mental automática, mas o interesse pela carne a que foram habituados define uma atitude excitante, compelindo-lhes a mente a exteriorizar uma onda característica que age como pensamento fragmentário, em torno deles, a reagir neles próprios, notadamente sobre as células gustativas. Do mesmo modo, variados estímulos aparecem nos animais aludidos, segundo o desdobramento das impressões que lhes atingem o acanhado mundo sensorio, acentuando-lhes a experiência.

Podemos, assim, apreciar a riqueza dos reflexos condicionados, pelos quais se expande a vida mental do espírito humano, em que a razão, por luz do discernimento, lhe faculta o privilégio da escolha.

É nesses reflexos condicionados da atividade psíquica que principiam para o homem de pensamentos elementares os processos inconscientes da conjugação mediúnica, porquanto, emitindo a onda das idéias que lhe são próprias, ao redor dos temas que lhe sejam afins, exterioriza na direção dos outros as imagens e estímulos que acalenta consigo, recebendo, depois, sobre si mesmo os princípios mentais que exteriorizou, enriquecidos de outros agentes que se lhes sintonizam com as criações mentais.

Temos plenamente evidenciada a auto-sugestão, encorajando essa ou aquela ligação, esse ou aquele hábito, demonstrando a necessidade de auto

policiamento em todos os interesses de nossa vida mental, porquanto conquistada a razão, com a prerrogativa da escolha de nossos objetivos, todo o alvo de nossa atenção se converte em fator indutivo, compelindo-nos a emitir os valores do pensamento contínuo na direção em que se nos fixe a idéia, direção essa na qual encontramos os princípios combináveis com os nossos, razão por que, automaticamente, estamos ligados em espírito com todos os encarnados ou desencarnados que pensam como pensamos, tão mais estreitamente quão mais estreita a distância entre nós e eles, isto é, quanto mais intimamente estejamos comungando a atmosfera mental uns dos outros, independentemente de fatores espaciais.

Uma conversação, essa ou aquela leitura, a contemplação de um quadro, a idéia voltada para certo assunto, um espetáculo, uma visita efetuada ou recebida, um conselho ou uma opinião representam agentes de indução, que variam segundo a natureza que lhes é característica, com resultados tanto mais amplos quanto maior se nos faça a fixação mental ao redor deles.

A liberdade de escolha, na pauta das Leis Divinas, é clara e incontestável nos processos da consciência.

Ainda mesmo em regime de prisão absoluta, do ponto de vista físico, o homem, no pensamento, é livre para eleger o bem ou o mal para as rotas do espírito.

O discernimento dever ser, assim, usado por nós outros à feição de leme que a razão não pode esquecer, de vez que se a vida física está cercada de correntes eletrônicas por todos os lados, a vida espiritual, da mesma sorte, jaz imersa em largo oceano de correntes mentais e, dentro delas, é imprescindível saibamos procurar a companhia dos espíritos nobres, capazes de auxiliar a nossa sustentação no bem, para que o bem, como aplicação das Leis de Deus, nos eleve à vida superior.

Reflexo Condicionado e Mediunidade

Em toda a parte, desde os amuletos das tribos mergulhadas em profunda ignorância até os cânticos sublimados dos santuários religiosos dos tempos modernos, vemos o reflexo condicionado, facilitando a exteriorização de recursos da mente, para o intercâmbio com o plano espiritual.

Talismãs e altares, vestes e paramentos, símbolos e imagens, vasos e perfumes, não passam de petrechos destinados a incentivar a produção de ondas mentais, nesse ou naquele sentido, atraindo forças do mesmo tipo que as arremessadas pelo operador dessa ou daquela cerimônia mágica ou religiosa e pelas assembléias que os acompanham, visando certos fins.

E compreendendo-se que os semelhantes se atraem, o bruxo que se vale da mandrágora para endereçar vibrações deprimentes a certa pessoa, a esta procura induzir à emissão de energias do mesmo naipe com que, à base de terror, assimila correntes mentais inferiores, prejudicando a si mesma, *sempre que não possua a integridade da consciência tranqüila*. O sacerdote de classe elevada,

toda vez que aproveita os elementos de sua fé para consolar um espírito desesperado, está impelindo-o à produção de raios mentais enobrecidos, com os quais forma o clima adequado à recepção do auxílio da Esfera Superior. O médico que encoraja o paciente, usando autoridade e doçura, inclina-o a gerar, em favor de si mesmo, oscilações mentais restaurativas, pelas quais se relaciona com os poderes curativos estuantes em todos os escaninhos da Natureza. O professor, estimulando o discípulo a dominar o aprendizado dessa ou daquela expressão, impulsiona-o a condicionar os elementos do próprio espírito, ajustando-lhe a onda mental para incorporar a carga de conhecimento de que necessita.

Bibliografia:

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec
Estudando a Mediunidade – Martins Peralva
Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacinto
Qualidade na Prática Mediúnica – Projeto Manoel Philomeno de Miranda
Diversidade dos Carismas I – Hermínio Miranda
Médiuns e mediunidades – Divaldo Franco (*pelo espírito Viana de Carvalho*)
Filosofia da Mediunidade VIII – João Nunes Maia (*pelo espírito Miramez*)
Devassando o Invisível – Ivone A. Pereira
Mecanismos da Mediunidade – Francisco C. Xavier (*pelo espírito André Luiz*)



ESTUDO DA MEDIUNIDADE

MEDIUNIDADE

Aula 13

Obsessão

Pululam em torno da Terra os maus Espíritos, em conseqüência da inferioridade moral de seus habitantes. A ação malfazeja desses Espíritos é parte integrante dos flagelos com que a Humanidade se vê a braços dados neste mundo. A obsessão, que é um dos efeitos de semelhante ação, como as enfermidades e todas as atribulações da vida, deve, pois, ser considerada como provação ou expiação e aceita com esse caráter.

Obsessão

Obsessão é a ação persistente que um espírito enfermo, infeliz ou mau exerce sobre uma pessoa.

Apresenta caracteres muito diversos, desde a simples influência moral, sem perceptíveis sinais exteriores, até a perturbação completa do organismo e das faculdades mentais.

A síndrome obsessiva pode ser diagnosticada desde que o mundo é mundo. Nos mais diferentes registros históricos encontramos personagens em situações que revelam desajustes psíquicos com fundo obsessional.

OBS A morte não nos livra de nossos inimigos, os espíritos vingativos perseguem, freqüentemente, com ódio, além do túmulo, aqueles dos quais tem rancor.

Causas da Obsessão

São variáveis e podem ser:

- Vingança de um indivíduo de quem guarda rancor de outras existências;
- Apenas o desejo de fazer o mal;
- Prazer em atormentar e vexar, a impaciência que a vítima demonstra o estimula;
- Vampirismo, a aproximação ocorre por maus hábitos e vibrações afins.

Invigilância

A invigilância é o modo de viver descuidado, no qual não prestamos atenção no que pensamos e fazemos, de modo a permitir certas inclinações crescerem a vontade, sem exame crítico. Segundo Emmanuel e Scheila, pela mão de Francisco Xavier, a obsessão torna-se um perigo provável sempre que permitamos que se torne um hábito:

1. A cabeça e as mãos desocupadas;
2. A palavra irreverente;
3. A boca maledicente;
4. A conversa inútil e fútil, prolongada;
5. A atitude hipócrita;
6. O gesto impaciente;
7. A inclinação pessimista;
8. A conduta agressiva;
9. O apego demasiado a coisas e a pessoas;
10. O comodismo exagerado;
11. A solidariedade ausente;
12. Tomar os outros por ingratos ou maus;
13. Considerar o nosso trabalho excessivo;

14. O desejo de apreço e reconhecimento;
15. O impulso de exigir mais dos outros do que de nós mesmos;
16. Fugir para o álcool ou drogas.

OBS Convém ressaltar que um minuto ou um instante de medo, revolta, impaciência, etc., não significa necessariamente que a pessoa esteja obsedada. Mas, sim, que uma ocasião destas poderá ser utilizada pelo obsessivo como ensejo que ele aguarda para insuflar na vítima as suas idéias conturbadas. Desde que estes estados de invigilância passem a ser constantes, repetindo-se e tornando-se uma atitude habitual, aí obviamente estará configurada a predisposição para o processo obsessivo.

Instalação da Obsessão

Agora mais do que um perigo, a obsessão já estará em desenvolvimento quando:

1. Surgirem idéias fixas e torturantes que interrompem o curso dos pensamentos próprios, difíceis de afastar da mente.
2. Sentir a vontade dominada por outra vontade, estranha e invisível.
3. Experimentar inquietação crescente sem causa aparente.
4. Forem excitados desejos fortes além do normal.
5. Emergir em impulsos adormecidos, mais ou menos inconscientes.
6. Aparecerem disposições agressivas contra alguém, sem motivo aparente.

Regra Geral

“As causas da obsessão variam, de acordo com o caráter do espírito” (Allan Kardec).

OBS Baseados nisso temos uma quantidade enorme de fatores, condições e características que a patologia envolve.

Como Funciona

Podemos ter inimigos entre os encarnados e os desencarnados. Os inimigos do mundo invisível manifestam seu ódio pelas obsessões, em seus vários níveis.

O elo que possibilita a integração das intenções comuns é a correspondência vibratória, em um o apelo, o desejo, a vontade. No outro, a resposta, a concessão, o interesse respondido.

Sabemos que no campo moral, no passado escabroso e na sintonia mental, residem as condições propícias para o desenvolvimento das obsessões, *ela não é uma ação externa ou uma única via, mas uma mão dupla de dependência e reciprocidade.*

OBS Paixões significam apego excessivo a pessoas, objetos, instituições e causas. São aberrações mentais e sentimentais, levam à guerra e ao crime. O sujeito apaixonado por uma mulher, pelo poder, pelo ouro, pela bebida, pelo jogo, etc., é capaz de tudo para satisfazer-se. Uma paixão por pessoa ou objeto pode estabelecer uma fixação mental capaz de prender o espírito até por séculos numa posição de desequilíbrio em que seu pensamento revolteia continuamente em torno dela ou dele. Nada mais lhe interessa, passa o tempo, o mundo transforma-se e ele com a mente ocupada pela idéia fixa referente ao passado distante. A renovação é a própria essência da vida, do espírito, que é forçado a viver no meio de suas criações.

Os vícios como o alcoolismo e a droga, aberrações sexuais e jogo, não diferem muito dos estados passionais. E, afinal, o crime comumente liga-se a tudo isso. É o prejuízo deliberado ao próximo, que procurará vingar-se, criando a cadeia do mal.

Importante

Comumente, o móvel da obsessão é o violento desejo de vingança por antigos malefícios sofridos: ***a vítima passa a verdugo.***

Sintonia

“Espíritos desencarnados e encarnados de condição enfermiça sintonizam-se uns com os outros, criando prejuízos e perturbações naqueles que lhe sofrem a influência vampirizadora, lembrando vegetais nobres que parasitas arrasam, depois de aniquilar-lhes as resistências.” *(André Luís)*

OBS O que faz o desencarnado obsedar é a aceitação do encarnado por ter a *consciência pesada*. **Escolher a nossa companhia espiritual é de nossa exclusiva responsabilidade.**

Muitos de nós ouvimos a palavra do Cristo e tivemos a oportunidade de optar entre a luz e a sombra. Mas, aturdidos e ensandecidos, preferimos *Mamon e Cezar*.

Características

São diversas, apresentadas como simples influência de ordem moral, indo até a completa perturbação do organismo e das faculdades mentais.

OBS O corpo físico pode ser lesado pela longa permanência dos obsessores ou pela transmissão das lesões que eles conduzem no perispírito, em virtude da íntima sintonia com o paciente. Sugestões de estarem doentes, de morrer em breve são vulgares.

Os espíritos interferem também no sonho, para o bem e para o mal. Instrutores ensinam e amigos advertem. Ao lado disso, inúmeros pesadelos são produzidos pelos discípulos da sombra. Alguém sonha que teve uma entrevista desagradável com um morto a quem ofendera certa feita. Acorda suando frio e tremendo, o coração disparado. Passado o susto atribui sorridente o fato a um jantar indigesto. Na realidade, houve um acerto de contas no baixo mundo espiritual, para onde o sonhador foi atraído e encontrou o outro. Alguém sonha com cenas terrificantes, das quais quer fugir sem conseguir. Lá esteve ele, realmente, sofrendo em espírito uma experiência penosa.

Concluindo, nem tudo quanto pensamos, dizemos ou fazemos, pertence inteiramente a nossa individualidade, o que, contudo, não retira a responsabilidade envolvida, porque temos a liberdade suficiente para opor a vontade ao que nos parece errado.

Tipos de Obsessão

- Obsessão simples;
- fascinação;
- subjugação ou possessão.

Obsessão Simples

É a ação quase permanente de um espírito estranho, que leva a pessoa por uma necessidade, de agir desta ou daquela maneira.

Fascinação

É uma espécie de ilusão produzida, ora pela ação de um espírito estranho, ora por seus raciocínios caprichosos e esta ilusão produz um logro sobre a moral, falseia o julgamento e leva a tomar o mal pelo bem.

Subjugação

Um espírito não pode substituir aquele que está encarnado porque o espírito e o corpo estão ligados até o tempo marcado para o término da existência material.

Na possessão a alma se encontra na dependência absoluta de um outro espírito imperfeito, sendo que essa dominação não se faz jamais sem a participação daquele que a suporta, seja por fraqueza ou desejo.

Na subjugação o cobrador pode imantar-se à vítima em violenta vampirização de forças de tal modo pertinaz que se justapõe à massa física, numa quase simbiose parasitária, que se instala da seguinte forma:

No homem, inicialmente o hóspede espiritual, movido pela morbidez do ódio ou do amor insano, ou por outros sentimentos, envolve a casa mental do futuro parceiro, a quem se encontra vinculado por compromissos infelizes de outras vidas, o que lhe confere receptividade por parte deste, mediante a consciência da culpa, o arrependimento desequilibrante, a afinidade em gostos e aspirações, por ser endividado, enviando-lhe mensagens persistentes, em contínuas tentativas telepáticas, até que sejam captadas as primeiras induções, que abrirão o campo a incursões mais ousadas e vigorosas.

A idéia esporádica, mas persistente, vai se fixando no receptor que de início não se dá conta, especialmente se possui predisposição para a morbidez; se dotado de imaturidade psíquica; quando se compraz por cultivar pensamentos pessimistas, derrotistas e viciosos, passando à aceitação e ampliação do pensamento negativo que lhe chega. Nessa fase já instalado o clima da obsessão que, não encontrando resistência, se expande, porque o invasor vai-se impondo à vítima que o recebe com certa satisfação, convivendo com a onda mental dominadora. Ao longo do tempo, o obsedado se aliena dos demais objetivos da vida, permanecendo em fixação interior do pensamento que o constringe, cedendo-lhe a área da razão, do discernimento e deixando-se desvitalizar. Quando se infiltram as forças do hóspede, na seiva psíquica do anfitrião, o desencarnado igualmente cai na armadilha que preparou, porque passa a viver as sensações e as emoções, experimentando os conflitos do seu subjugado, estabelecendo-se uma interdependência entre as duas Entidades. Nesse estágio, raramente fica a ligação apenas no campo psíquico, porque o invasor

assenhoreia-se das forças físicas do paciente, através do perispírito, humanizando-se outra vez, isto é, voltando a vivenciar as conjunturas da realidade carnal. O hospedeiro deperece, enquanto o hóspede se abastece, facultando a instalação de doenças no corpo somático ou a piora delas, caso já se encontre enfermo. A simbiose se transforma, também, numa obsessão física, porque o desencarnado adere à câmara orgânica, explorando-lhe a vitalidade e acoplando-se aos fulcros perispirituais da criatura encarnada em doloroso e destruidor conúbio. O afastamento, puro e simples, do agente obsessivo, normalmente produz a desencarnação do paciente que lhe sofre a falta e, porque desfalcado de energias mantenedoras da vida fisiológica, rompem-se-lhe os laços que atam o espírito à matéria, advindo a morte desta. Por sua vez, o indigitado obsessor tomba, carregado do tônus vital que foi usurpado, em um processo parecido a nova desencarnação que o bloqueia temporariamente ou o leva a uma hibernação transitória.

Todo aquele que defrauda a Lei, sofre as conseqüências do ato arbitrário, que, por sua vez, se converte em automático agente punitivo, levando o infrator ao reajuste.

Obsessão nos Médiuns

Kardec distinguia três categorias no processo obsessivo. Obsessão simples, fascinação e subjugação, termos clássicos que designam graus de intensidade da atuação e domínio, com particular referência aos médiuns em treinamento, como segue:

♦ ***A obsessão simples*** é a fase mais leve. O espírito intromete-se nas atividades mediúnicas e impede que outros se comuniquem. Qualquer médium poderá ser enganado por um espírito leviano e até o Chico diz ter sido mais de uma vez.

A obsessão reside na impossibilidade em afastar o desocupado teimoso. Aí o médium sabe que se acha sob tal império e não há dissimulação: o obsessor age abertamente e só consegue atrapalhar.

♦ ***A fascinação*** é muito mais séria. O médium acredita piamente no obsessor e zanga-se se lhe disserem que está sendo enganado. Acha-se cego e aceita tudo como obra excelente. Mesmo pessoas cultas caem sob esse tipo de obsessão e não percebem o ridículo de certas atitudes. Na obsessão simples o espírito é um importuno que cansa pela tenacidade, já na fascinação, é um ardiloso hipócrita que se torna perigoso inimigo, tudo faz para isolar seu instrumento, afastando-o dos que lhe poderiam esclarecer a situação.

♦ **A subjugação** é a possessão das escrituras. Caracteriza-se pelo domínio completo do pensamento e da vontade da vítima, que age sob comando de outro. Muitas vezes, o obsedado é forçado a tomar resoluções absurdas, comprometedoras e até contrária aos seus legítimos interesses. Outras vezes, exibe comportamento estranho, realizando atos ridículos e mesmo perigosos.

OBS Comumente, é difícil manejar para tratamento fascinados e possessos. Os primeiros acreditam que não precisam de nada, conforme lhes sopra o sócio invisível. Os segundos ora caem e machucam-se, ora dormem horas e não podem sair, no dia de comparecer ao centro. Nas duas categorias há muitos os chamados loucos.

A obsessão pode ainda apresentar aspectos físicos no sentido fenomênico. Há pessoas, médiuns de efeitos físicos, em cujo redor se ouvem ruídos e pancadas, por vezes, originam fortes distúrbios no ambiente, como roupas rasgadas, queda de objetos, pedradas, tapas, lâmpadas que se acendem, etc. Tudo cessa depois de esclarecida a bulhenta entidade.

Como identificar o Espírito comunicante?

Os comunicantes definem-se pela linguagem e pelo comportamento. Os bons espíritos falam o suficiente e dizem muito, seus conceitos são claros e nunca ofendem o amor, a caridade, a humildade, a Deus e a Jesus. Não constroem ninguém, nada impõem, são calmos e benevolentes.

O sujeito brusco, exigente, falador, que gosta de elogiar e que não admite dúvidas de ninguém, pouco interessado no bem, que evita mencionar Deus e Jesus, é um perigo a observar.

Reconhece-se a Obsessão pelos Caracteres Seguintes:

- ***Insistência de um Espírito em comunicar-se, queira ou não o médium, pela escrita, pela audição, pela tipologia, etc., opondo-se a que outros espíritos o façam.***
- Ilusão que, não obstante a inteligência do médium, o impede de reconhecer a falsidade e o ridículo das comunicações recebidas.
- Crença na infalibilidade e na identidade absoluta dos Espíritos que se comunicam e que, sob nomes respeitáveis e venerados, dizem falsidades ou absurdos.

- Aceitação pelo médium dos elogios que lhe fazem os Espíritos que se comunicam por seu intermédio.
- Disposição para se afastar das pessoas que podem esclarecê-lo
- Levar a mal a crítica das comunicações que recebe.
- Necessidade incessante e inoportuna de escrever.
- Qualquer forma de constrangimento físico, dominando-lhe a vontade e forçando-o a agir ou falar sem querer.
- Ruídos e transtornos contínuos em redor do médium, causados por ele ou tendo-o por alvo.

Detalhamento dos Tipos de Obsessão

1. Atração por Sintonia com o Plano Inferior

Toda vez que o encarnado se deixa dominar por pensamentos viciados e sentimentos inferiores, a lei de afinidade moral faz com que se estabeleça íntimo relacionamento com entidades dotadas de idênticos padrões vibratório. Sucede que em inúmeros espíritos dedicam-se a manutenção e propagação do mau, não perdendo oportunidade de influenciar os que se harmonizam com eles. Além disso, outro motivo importante é o vampirismo, a operação consiste em absorver forças do hospedeiro terreno. Desse contato resulta que as inclinações e impulsos do encarnado são multiplicadas, mantendo-se ele indefinidamente nas baixas esferas evolutivas.

2. Influência Recíproca de Encarnados e Desencarnados Perturbados

É o que denominamos obsessão bidirecional, isto é, troca de pensamentos, sentimentos e emoções transviados e desordenados, entre encarnados e desencarnados afins. Vibrações de ódio, ressentimento, mágoa, desânimo, maledicência, etc., unem os espíritos de ambos os planos. Não há intenção maléfica, pois, os desencarnados são geralmente parentes e amigos cuja consciência está embotada e que pertence ao mesmo nível mental.

OBS Na contaminação fluídica os espíritos, embora desconhecidos, unem-se aos encarnados pela afinidade ou por ligações cármicas inaparentes. Em tais circunstâncias, considera-se uma obsessão passiva, visto que a entidade não empreende nenhuma ação hostil por vontade própria contra o seu hóspede, prejudica-o passando fluidos deletérios, pastosos e escuros, por osmose.

3. Sugestão Hipnótica Durante o Sono

Nesta variedade, o indivíduo, durante o dia, parece ativo e normal, mas tem a vontade dominada pelas sugestões feitas pelo obsessor durante o sono.

Este aproveita as horas livres para exercer sua nefasta influência, considerando a estreita sintonia entre ambos. Durante o dia, as sugestões emergem do consciente sob a forma de impulsos e pensamentos que o obsedado obedece como se fossem seus. O indivíduo é um autômato crendo ser independente.

Vejam a senhora que se indispôs com o marido por questões secundárias, durante a noite entretém-se no umbral com os seus “amigos”, que a aconselham constantemente a abandonar “aquele miserável indigno de suas atenções”. Cada dia está menos disposta a tolerar as pequenas coisas que lhe desagradam. E o cavalheiro disposto a alta reforma que a noite recebe sugestões menos dignas no sentido de certas inclinações suas, durante o dia encontra grandes dificuldades em manter a conduta dentro dos padrões da dignidade cristã. Só a vontade firme pode superar essa atuação disfarçada.

OBS Até ações físicas e desastres são produzidas por este mecanismo.

Exemplo Em Devassando o Invisível, Ivone Pereira, relata curiosa experiência pessoal nesse sentido. Estava em visita a um grupo de espíritos voltados ao mal dos semelhantes, num botequim, em companhia de um guardião elevado. Um desses seres, desagradando-se dela, começou a repetir: “*estás com o braço quebrado*”, “*será atropelada amanhã*”, “*olha o teu braço, quebrou-se*”. E dona Ivone começou a sentir fortes dores no braço (fluídico) que parecia realmente fraturado. Foi preciso que o guardião intervisse.

Agora vejam, se o sujeito comum, sem guardião especial, recebe tais ordens, no dia seguinte acordará predisposto a sofrer o acidente, pois elas estarão agindo no inconsciente. *Escapará se cortar a sintonia ou se a lei protegê-lo.*

4. Dominação Telepática

Fenômenos telepáticos estão envolvidos na obsessão de maneira muito geral. Aqui, porém, faz-se referência mais específica à ação telepática de encarnados e desencarnados sobre um outro, quando está em sintonia vibratória com eles. Ele recebe pensamentos, emoções e sensações, padecendo não raro terríveis angústias sem compreender o que se passa. Acontece nos lares, nos escritórios, etc, onde antigos inimigos se reencontram mantendo as aversões e fugindo ao reajuste, envolvendo ódios e vinganças. Basta que o indivíduo emita silenciosas vibrações na direção do outro que se relaciona com ele, pensando e sentindo contra ele. Chega ao ponto de a vítima ver imagens alucinatórias ligadas ao emissor, mesmo vindas de longe. A esposa pode se ver cercada pela imagem

da amante do marido, se não despoluiu a mente expulsando a hostilidade e a mágoa, o marido é que está sob dominação telepática, mas a esposa deixa-se atingir pelo pensamento inferior. Só a elevação do padrão vibratório cortaria a ligação com a mente perniciosa, mediante o perdão e a fraternidade operante.

5. Influência Sutil

Temos aqui uma maneira discreta e imanifesta de minar as energias de um encarnado. O malfeitor, às vezes há bastante tempo, observa a futura vítima aguardando um momento favorável para aproximar-se e influí-la prejudicialmente. Não quer ser acintoso e percebido. Fá-lo quando a invigilância momentânea abre uma entrada nas defesas pessoais. Sem causa aparente, o sujeito começa a experimentar depressão mental e dificuldades súbitas: não consegue ficar alegre, está tristonho e cheio de apreensões, enche-se de irritação surda e pensamentos deprimentes, não pode ler assuntos edificantes, nem orar, julga-se vítima, etc. Daí podem surgir desavenças, fracassos e aborrecimentos variados. Tudo passa em seguida, deixando o indivíduo a lastimar-se por suas atitudes “*incompreensíveis*”... Quando começar a ficar azedo sem motivo patente, cuidado com a obsessão sutil, momentânea.

6. Mediunidade Perturbada

Na obsessão, sempre é possível invocar a mediunidade, mas aqui ela é específica. Como apreciamos antes, os espíritos imperfeitos “abrem” o canal mediúnic. O aparecimento da mediunidade costuma-se acompanhar de muitas perturbações que permanecerão se não houver medidas adequadas ao desenvolvimento, é preciso disciplinar a mediunidade para que produza trabalho benéfico. Dada a condição inferior da Terra os médiuns incipientes têm sempre espíritos sofrendores inconscientes ou vingativos, aderentes ao seu campo magnético. Assim, mediunidade iniciante e obsessão andam unidas pelo menos durante certo tempo e até a vida toda. Além disso, o médium poderá ser iludido ou seduzido, de modo persistente, pelo espírito “superior” que se diz seu “guia”, pelo que, a obsessão pode tornar-se um obstáculo ao exercício produtivo da mediunidade.

7. Imantação pela Cumplicidade ou Convivência

Erros e crimes cometidos em conjunto unem os espíritos na cadeia do mau (causa e efeito). Quando um dos sócios delibera melhorar-se e reencarna para cumprir o programa de provas e provações necessárias a isso, ou outro ou outros, discordando, entram a perseguí-lo para que não se libertem e ascenda. Querem mantê-lo tão inferior e infeliz quanto eles próprios são. Paixões intensas fazem o mesmo, encadeando espíritos perturbados, se um volta à carne, o outro procura aderir a ele e prejudicá-lo seja como for.

8. Vingança

O desforço pessoal, “fazer justiça pela própria mão”, é grande causa de obsessão e da pior espécie. Aquele que foi vítima aparentemente frágil e indefesa, uma vez posto em liberdade pela morte do corpo físico, na maioria dos casos empreende severa perseguição contra o antigo carrasco. Pode durar mais de uma vida, criando uma cadeia de erros. O próprio “justiceiro” sofre muito com a situação e o encarnçamento contra seu inimigo não lhe traz a alegria que esperava colher.

9. Obsessão Entre Vivos

Comumente, pessoas ligadas por sentimentos enfermiços ou necessidades neuróticas, criam laços de dependência que chegam a uma como perseguição de outro. Mães super solícitas, dominadas pelo impulso de domínio, tanto andam atrás de um filho que este acaba não raro quase manietado, de cinco em cinco minutos chamam-no para saber se está tudo bem. Pessoas dominadoras e pessoas morbidamente dependentes mantêm relações que não diferem daquelas existentes entre obsessores e obsedado, o ciúme compulsivo não foge disso e assim por diante.

10. Obsessão Coletiva

Talvez hoje não haja casos manifestos de uma turba de entidades voltadas ao mal cair sobre uma pequena comunidade, levando seus membros a cometer desatinos, mas já houve vários exemplos no passado. Citam-se os convulsionários dos antigos conventos europeus, freiras e frades que caíam de repente em contorções, aos grupos. Aqui no Brasil, houve um caso típico em Pedra Bonita-MG, entre 1836/1838. Um homem obsedado pregava que havia um reino encantado que, banhado o solo com sangue humano, seria desencantado e ofereceria grandes riquezas. Conseguiu atrair ao local cerca de trezentas pessoas falando-lhes, em tom místico, dos tesouros. A ignorância e a cobiça fizeram o resto, o relator do episódio esclarece que o chefe disso pudera “mergulhar aquela multidão numa espécie de delírio ou embriaguez continuada”, isto é, na obsessão. As pessoas ofereciam os próprios filhos para o sacrifício e algumas suicidavam-se, tendo como resultado a morte de 53 pessoas em dois dias e meio. Um dos seduzidos conseguiu escapar e avisou pessoas da redondeza que, indignadas, puseram fim à loucura coletiva pelas armas, salvando ainda uma porção de coitados.

11. Auto-Obsessão

O homem não raramente é obsessor de si mesmo.

Alguns estados doentios e certas aberrações que se lançam à conta de uma causa oculta, derivam do espírito do próprio indivíduo.

Tais pessoas estão ao nosso redor. São doentes da alma. Percorrem os consultórios médicos em busca do diagnóstico impossível para a medicina terrena. São obsessores de si mesmos, vivendo um passado do qual não conseguem fugir. No porão de suas recordações estão vivos os fantasmas de suas vítimas, ou se reencontram com os a quem se acumpliciaram e que, quase sempre, os requisitam para a manutenção do conúbio degradante de outrora.

Um médico espírita disse, certa vez, que é incalculável o número de pessoas que comparecem aos consultórios, queixando-se dos mais diversos males, para os quais não existem medicamentos eficazes, e que são tipicamente portadores de auto-obsessão. São cultivadores de moléstias fantasmas. Vivem voltados para si mesmos, preocupando-se em excesso com a própria saúde, ou se descuidando dela, descobrindo sintomas, dramatizando as ocorrências mais corriqueiras do dia-a-dia, sofrendo por antecipação situações que jamais chegarão a se realizar, flagelando-se com o ciúme, a inveja, o egoísmo, o orgulho, o despotismo e transformando-se em doentes imaginários, vítimas de si próprios, atormentados por si mesmos.

Esse estado mental abre campo para os desencarnados menos felizes, que dele se aproveitam para se aproximarem, instalando-se, aí sim, o desequilíbrio por obsessão.

Cura

O passe, a prece e a desobsessão por doutrinação verbal, isoladamente ou em conjunto, são os meios terapêuticos mais usados em nossas instituições espíritas.

Muitas pessoas acreditam ser os trabalhos desobsessivos pela Codificação Kardequiana mais fracos que aqueles efetuados por outros processos. Fica patenteado com essa assertiva o desconhecimento absoluto do que seja realmente desobsessão. Pensam que o trabalho é forte quando os médiuns se deixam jogar ao solo, contorcendo-se e portando-se desatinadamente. Quanto maior a gritaria, a balbúrdia, mais forte consideram a sessão. E, conseqüentemente crêem que os resultados são mais produtivos.

Meditando sobre o assunto, não é difícil verificar-se a fragilidade de tais argumentos. ***O que se vê em sessões desse tipo são médiuns sem nenhuma educação mediúnica, sem disciplina e, sobretudo, sem estudo, a servirem de instrumento a manifestações de teor primitivo.*** É inegável que esses trabalhos podem apresentar benefícios na faixa de entendimento em que se situam, inclusive despertando consciências para as verdades da vida além da vida. Mas, afirmar-se que os labores da desobsessão nos moldes kardecistas são mais fracos e ineficientes, carece de qualquer fundamento. Esquecem ou não sabem tais críticos que todo trabalho espírita é essencialmente de renovação interior, visando à cura da alma, não a formulas imediatistas que adiam a solução final. ***O Espiritismo, indo além dos efeitos, remonta às causas do problema, às suas***

origens, para, no seu cerne, laborar profundamente, corrigindo, medicando e combatendo o mal pela raiz.

Infere-se, pois, que o labor desobsessivo à luz da Terceira Revelação tem por escopo a cura das almas, o reajuste dos seres comprometidos e endividados que se deixam enredar nas malhas da obsessão, e não somente afastar os parceiros, adiando o entendimento e perdão.

Para atingir esse objetivo, não há necessidade de espetáculos, de demonstrações barulhentas, há sim necessidade da diretriz abençoada da Codificação Kardequiana.

Obsessão: é fenômeno de sombra.

Desobsessão: é fenômeno de luz.

OBS A cura das obsessões requer muita paciência, perseverança e devotamento, ela exige também tato e habilidade para conduzir ao bem os espíritos perversos, endurecidos e astuciosos, porque há rebeldes em último grau. A maldade não é o estado permanente dos homens, se deve a uma imperfeição momentânea, o homem mal conhecerá um dia seus erros. ***Não devemos usar violência ou ameaça, com isso não obteremos nada, seja qual for o caráter do espírito. Toda influência está na ascendência moral.***

Risco

A obsessão prolongada pode causar desordens físicas e requer muitas vezes um tratamento simultâneo, seja magnético ou médico, para restabelecer o organismo. *A causa estando destruída resta combater os efeitos.*

Agravante

As imperfeições morais do obsidiado freqüentemente são um obstáculo a sua libertação. Por isso há uma grande necessidade do paciente fazer uma reforma íntima, melhorando suas vibrações, corrigindo suas atitudes.

OBS Todos os seres humanos, explica André Luiz, tem um desejo central ou tema básico em torno do qual giram os interesses mais íntimos e que se manifesta pelo grande número de pensamentos formados do assunto envolvido no tema central. Tais idéias, que são expelidas pelo cérebro, constituem uma espécie de reflexo da personalidade e por meio delas os espíritos interessados logo diagnosticam o traço dominante do caráter de qualquer indivíduo: se for

ambicioso, usurário, dado ao álcool, maledicente, jogador, cruel, sátiro, etc. Sabedores disso eles podem ampliar a natureza pessoal de alguém emitindo pensamentos do mesmo tipo, os quais vão nutrir os já existentes em torno do sujeito. Deste modo, os impulsos que comandam certas práticas sofrem acentuado incremento na freqüência e na intensidade. O que atrai os obsessores é o reflexo peculiar a cada pessoa, mas antes esta já estava perturbada por suas próprias criações mentais. Daí, um impulso sexual, uma violenta cobiça ou uma propensão para a bebida serão acentuados até o abuso ou mesmo o crime.

O que está em jogo resume-se nos quatro **PP**: *posses, prestígio, poder e prazer*, que englobam todas as ambições e desejos humanos. Por exemplo, o que é o jogo senão o desejo de vencer o próximo e a busca de emoções intensas? Logo, desejo de poder e prazer, mesmo furtando, lançando a família na miséria e até arriscando a pele. Não será a mesma coisa fornicar com a mulher alheia (conquista e gozo)? Porque correr de carro a centenas de quilômetros por hora e aleijar-se? Juntar muito dinheiro? E por aí vai.

O vampirismo é outro elemento ou motivo agravante. Os desencarnados desequilibrados extraem forças dos encarnados, revitalizando seus perispíritos e minando as energias destes. Absorvem o que André Luiz denomina larvas, isto é, corpúsculos magnéticos que pupulam, como bactérias, nos órgãos perturbados em suas funções e que são gerados pelas mentes enfermiças.

Diz Allan Kardec

*“Por **sua vontade** pode sempre o homem sacudir o jugo dos espíritos imperfeitos, porque em virtude de seu **livre arbítrio**, há a **escolha entre o bem e o mal**. Se o constrangimento chegar ao ponto de paralisar a vontade e se a fascinação é tão grande, então a vontade de uma terceira pessoa pode substituí-la.”*

Mensagem Final

Saber apenas, não representa recurso de imunização, se aquele que conhece não se resolve por aplicar, na vivência, as informações que possui.

Bibliografia:

- O Evangelho Segundo o Espiritismo – *Allan Kardec*
- O Livro dos Espíritos- *Allan Kardec*
- O Livro dos Médiuns – *Allan Kardec*

A Gênese – Allan Kardec
Obsessão/Desobsessão – Suely Caldas Schubert
Nos Bastidores da Obsessão – Divaldo Franco (pelo espírito Manoel P. Miranda).
Nos Painéis da Obsessão – Divaldo Franco (pelo espírito Manoel P. Miranda).



ESTUDO DA MEDIUNIDADE

MEDIUNIDADE

Aula 14

Influência Moral do Médium

O LIVRO DOS MÉDIUNS - CAPÍTULO XX

Da Influência Moral do Médium

Questões diversas - Dissertação de um Espírito sobre a influência moral.

226.

1ª *O desenvolvimento da mediunidade guarda relação com o desenvolvimento moral dos médiuns?*

"Não; a faculdade propriamente dita se radica no organismo; independe do moral. O mesmo, porém, não se dá com o seu uso, que pode ser bom, ou mau, conforme as qualidades do médium".

2ª *Sempre se há dito que a mediunidade é um dom de Deus, uma graça, um favor. Por que, então, não constitui privilégio dos homens de bem e por que se vêem pessoas indignas que a possuem no mais alto grau e que dela usam mal?*

"Todas as faculdades são favores pelos quais deve a criatura render graças a Deus, pois que homens são privados delas. Poderias igualmente perguntar por que concede Deus vista magnífica a malfeitores, destreza a gatunos, eloquência aos que dela se servem para dizer coisas nocivas. O mesmo se dá com a mediunidade. Se há pessoas indignas que a possuem, é que disso precisam mais do que as outras, para se melhorarem. Pensas que Deus recusa meios de salvação aos culpados? Ao contrário, multiplica-os no caminho que eles percorrem; *põe-nos nas mãos deles*. Cabe-lhes aproveitá-los. Judas, o traidor, não

fez milagres e não curou doentes, como apóstolo? Deus permitiu que ele tivesse esse dom, para mais odiosa tornar aos seus próprios olhos a traição que praticou”.

3ª Os médiuns, que fazem mau uso das suas faculdades, que não se servem delas para o bem, ou que não as aproveitam para se instruírem, sofrerão as conseqüências dessa falta?

"Se delas fizerem mau uso, serão punidos duplamente, porque têm um meio a mais de se esclarecerem e o não aproveitam. **Aquele que vê claro e tropeça é mais censurável do que o cego que cai no fosso.**"

4ª Há médiuns aos quais, espontaneamente e quase constantemente, são dadas comunicações sobre o mesmo assunto, sobre certas questões morais, por exemplo, sobre determinados defeitos. Terá isso algum fim?

"Tem, e esse fim é esclarecê-lo sobre o assunto freqüentemente repetido, ou corrigi-los de certos defeitos. Por isso é que a uns falarão continuamente do orgulho, a outros, da caridade. E que só a saciedade lhes poderá abrir, afinal, os olhos. Não há médium que faça mau uso da sua faculdade, por ambição ou interesse, ou que a comprometa por causa de um defeito capital, como o orgulho, o egoísmo, a leviandade, etc., e que, de tempos a tempos, não receba admoestações dos Espíritos. O pior é que as mais das vezes eles não as tomam como dirigidas a si próprios."

NOTA É freqüente usarem os Espíritos de circunlóquios em suas lições, dando as de modo indireto para não tirarem o mérito àquele que as sabe aproveitar e aplicar. Porém, tais são a cegueira e o orgulho de algumas pessoas, que elas não se reconhecem no quadro que se lhes põe diante dos olhos. Ainda mais: se o Espírito lhes dá a entender que é delas que se trata, zangam-se e o qualificam de mentiroso, ou malicioso. Só isto basta para provar que o Espírito tem razão.

5ª Nas lições ditadas, de modo geral, ao médium, sem aplicação pessoal, não figura ele como instrumento passivo, para instrução de outrem?

"Muitas vezes, os avisos e conselhos não lhe são dirigidos pessoalmente, mas a outros a quem não nos podemos dirigir, senão por intermédio dele, que, entretanto, deve tomar a parte que lhe caiba em tais avisos e conselhos, se não o cega o amor próprio”.

"Não creias que a faculdade mediúnica seja dada somente para correção de uma, ou duas pessoas, não. O objetivo é mais alto: trata-se da Humanidade. **Um médium é um instrumento pouquíssimo importante, como indivíduo.** Por isso é que, quando damos instruções que devem aproveitar à generalidade dos homens, nos servimos dos que oferecem as facilidades necessárias. Tenha-se, porém, como certo que tempo virá em que os bons médiuns serão muito comuns, de sorte que os bons Espíritos não precisarão servir-se de instrumentos maus”.

6ª *Visto que as qualidades morais do médium afastam os Espíritos imperfeitos, como é que um médium dotado de boas qualidades transmite respostas falsas, ou grosseiras?*

"Conheces, porventura, todos os escaninhos da alma humana? Demais, pode a criatura ser leviana e frívola, sem que seja viciosa. Também isso se dá, porque, às vezes, ele necessita de uma lição, a fim de manter-se em guarda".

7ª *Por que permitem os Espíritos superiores que pessoas dotadas de grande poder, como médiuns, e que muito de bom poderiam fazer, sejam instrumentos do erro?*

"Os Espíritos de que falas procuram influenciá-las; mas, quando essas pessoas consentem em serem arrastados para mau caminho, eles as deixam ir. Daí o servirem-se delas com repugnância, visto que *a verdade não pode ser interpretada pela mentira*".

8ª *Será absolutamente impossível se obtenham boas comunicações por um médium imperfeito?*

"Um médium imperfeito pode algumas vezes obter boas coisas, porque, se dispõe de uma bela faculdade, não é raro que os bons Espíritos se sirvam dele, à falta de outro, em circunstâncias especiais; porém, isso só acontece momentaneamente, porquanto, desde que os Espíritos encontrem um que mais lhes convenha, dão preferência a este".

NOTA Deve-se observar que, quando os bons Espíritos vêem que um médium deixa de ser bem assistido e se torna, pelas suas imperfeições, presa dos Espíritos enganadores, quase sempre fazem surgir circunstâncias que lhes desvendam os defeitos e o afastam das pessoas sérias e bem intencionadas, cuja boa-fé poderia ser ilaqueada.

Neste caso, quaisquer que sejam as faculdades que possua, seu afastamento não é de causar saudades.

9ª *Qual o médium que se poderia qualificar de perfeito?*

"Perfeito, ah! Bem sabes que a perfeição não existe na Terra, sem o que não estaríeis nela. Dize, portanto, bom médium e já é muito, por isso que eles são raros. Médium perfeito seria aquele contra o qual os maus Espíritos jamais ousassem, uma tentativa de enganá-lo. O melhor é aquele que, simpatizando somente com os bons Espíritos, tem sido o menos enganado."

10ª *Se ele só com os bons Espíritos simpatiza, como permitem estes que seja enganado?*

"Os bons Espíritos permitem, às vezes, que isso aconteça com os melhores médiuns, para lhes exercitar a ponderação e para lhes ensinar a discernir o verdadeiro do falso. Depois, por muito bom que seja, um médium jamais é tão perfeito, que não possa ser atacado por algum lado fraco. Isto lhe deve servir de lição. As falsas comunicações, que de tempos a tempos ele recebe, são avisos para que não se considere infalível e não se ensoberbeça. Porque, o médium que receba as coisas mais notáveis não tem que se gloriar disso, como

não o tem o tocador de realejo que obtém belas árias movendo a manivela do seu instrumento."

11ª *Quais as condições necessárias para que a palavra dos Espíritos superiores nos chegue isenta de qualquer alteração?*

"Querer o bem; **repulsar o egoísmo e o orgulho**. Ambas essas coisas são necessárias".

12ª *Uma vez que a palavra dos Espíritos superiores não nos chega pura, senão em condições difíceis de se encontrarem preenchidas, esse fato não constitui um obstáculo à propagação da verdade?*

"Não, porque a luz sempre chega ao que a deseja receber. Todo aquele que queira esclarecer-se deve fugir às trevas e as trevas se encontram na impureza do coração".

"Os Espíritos, que considerais como personificações do bem, não atendem de boa vontade ao apelo dos que trazem o coração manchado pelo orgulho, pela cupidez e pela falta de caridade.

"Expurguem-se, pois, os que desejam esclarecer-se, de toda a vaidade humana e humilhem a sua inteligência ante o infinito poder do Criador. Esta a melhor prova que poderão dar da sinceridade do desejo que os anima. É uma condição a que todos podem satisfazer".

227. Se o médium, do ponto de vista da execução, não passa de um instrumento, exerce, todavia, influência muito grande, sob o aspecto moral. Pois que, para se comunicar, o Espírito desencarnado se identifica com o Espírito do médium, esta identificação não se pode verificar, senão havendo, entre um e outro, simpatia e, se assim é lícito dizer-se, afinidade. A alma exerce sobre o Espírito livre uma espécie de atração, ou de repulsão, conforme o grau da semelhança existente entre eles. Ora, os bons têm afinidade com os bons e os maus com os maus, donde se segue que as qualidades morais do médium exercem influência capital sobre a natureza dos Espíritos que por ele se comunicam. Se o médium é vicioso, em torno dele se vêm grupar os Espíritos inferiores, sempre prontos a tomar o lugar aos bons Espíritos evocados. As qualidades que, de preferência, atraem os bons Espíritos são: a bondade, a benevolência, a simplicidade do coração, o amor do próximo, o desprendimento das coisas materiais. Os defeitos que os afastam são: o orgulho, o egoísmo, a inveja, o ciúme, o ódio, a cupidez, a sensualidade e todas as paixões que escravizam o homem à matéria.

228. Todas as imperfeições morais são outras tantas portas abertas ao acesso dos maus Espíritos. A que, porém, eles exploram com mais habilidade é o **orgulho**, porque é a que a criatura menos confessa a si mesma. O orgulho tem perdido muitos médiuns dotados das mais belas faculdades e que, se não fora essa imperfeição, teriam podido tornar-se instrumentos notáveis e muito úteis, ao passo que, presas de Espíritos mentirosos, suas faculdades, depois de se haverem pervertido, aniquilaram-se e mais de um se viu humilhado por amaríssimas decepções.

O orgulho, nos médiuns, traduz-se por sinais inequívocos, a cujo respeito tanto mais necessário é se insista, quanto constitui uma das causas mais fortes de suspeição, no tocante à veracidade de suas comunicações. Começa por uma confiança cega nessas mesmas comunicações e na infalibilidade do Espírito que lhas dá. Daí um certo desdém por tudo o que não venha deles: é que julgam ter o privilégio da verdade.

NOTA: Numerosos exemplos dessa fascinação podem ser observados entre nós com o aparecimento de médiuns que se arrogam missões renovadoras, servindo de instrumento a espíritos mistificadores, lançando mensagens e livros que confundem o público e até mesmo atirando-se à crítica leviana da Codificação. Os principiantes devem ler com a maior atenção este capítulo, que lhes servirá de escudo contra os embustes dessa espécie, permitindo-lhes perceber facilmente as características aqui indicadas, nos casos concretos com que se defrontem.

O prestígio dos grandes nomes, com que se adornam os Espíritos tidos por seus protetores, os deslumbra e, como neles o amor próprio sofreria, se houvessem de confessar que são ludibriados, repelem todo e qualquer conselho; evitam-nos mesmo, afastando-se de seus amigos e de quem quer que lhes possa abrir os olhos. Se condescendem em escutá-los, nenhum apreço lhes dão às opiniões, porquanto duvidar do Espírito que os assiste fora quase uma profanação. Aborrecem-se com a menor contradita, com uma simples observação crítica e vão às vezes ao ponto de tomar ódio às próprias pessoas que lhes têm prestado serviço. Por favorecerem a esse insulamento a que os arrastam os Espíritos que não querem contraditores, esses mesmos Espíritos se comprazem em lhes conservar as ilusões, para o que os fazem considerar coisas sublimes as mais popudas absurdidades.

Assim: *confiança absoluta na superioridade do que obtém, desprezo pelo que deles não venha, irrefletida importância dada aos grandes nomes, recusa de todo conselho, suspeição sobre qualquer crítica, afastamento dos que podem emitir opiniões desinteressadas, crédito em suas aptidões, apesar de inexperientes: **tais as características dos médiuns orgulhosos.***

NOTA: O estudante deve gravar bem as características deste quadro, que destacamos graficamente por sua importância. Em geral, os médiuns orgulhosos e, portanto, **sujeitos a obsessões**, estão nele inteiramente retratados. Alguns apresentam pequenas variantes, como o fato de fingir que aceitam as críticas, o que facilmente se percebe que é apenas um artifício.

Devemos também convir em que, muitas vezes, o orgulho é despertado no médium pelos que o cercam. Se ele tem faculdades um pouco transcendentais, é procurado e gabado e entra a julgar-se indispensável. Logo toma ares de importância e desdém, quando presta a alguém o seu concurso.

229. A par disto, ponhamos em evidência o quadro do médium verdadeiramente bom, daquele em que se pode confiar. Supor-lhe-emos, antes de tudo, uma grandíssima facilidade de execução, que permita se comuniquem

livremente os Espíritos, sem encontrarem qualquer obstáculo material. Isto posto, o que mais importa considerar é de que natureza são os espíritos que habitualmente o assistem, para o que não nos devemos ater aos nomes, porém, à linguagem. Jamais deverá ele perder de vista que a simpatia, que lhe dispensam os bons Espíritos, estará na razão direta de seus esforços por afastar os maus. Persuadido de que a sua faculdade é um dom que só lhe foi outorgado para o bem, de nenhum modo procura prevalecer-se dela, nem apresentá-la como demonstração de mérito seu. Aceita as boas comunicações, que lhe são transmitidas, como uma graça, de que lhe cumpre tornar-se cada vez mais digno, pela sua bondade, pela sua benevolência e pela sua modéstia. O primeiro se orgulha de suas relações com os Espíritos superiores; este outro se humilha, por se considerar sempre abaixo desse favor.

230. A seguinte instrução deu-no-la, sobre o assunto, um Espírito de quem temos inserido muitas comunicações:

"Já o dissemos: os médiuns, apenas como tais, só secundária influência exercem nas comunicações dos Espíritos; o papel deles é o de uma máquina elétrica, que transmite os despachos telegráficos, de um ponto da Terra a outro ponto distante. Assim, quando queremos ditar uma comunicação, agimos sobre o médium, como o empregado do telégrafo sobre o aparelho, isto é, do mesmo modo que o tique-taque do telégrafo traça, a milhares de léguas, sobre uma tira de papel, os sinais reprodutores do despacho, também nós comunicamos, por meio do aparelho mediúnico, através das distâncias incomensuráveis que separam o mundo visível do mundo invisível, o mundo imaterial do mundo carnal, o que vos queremos ensinar. Mas, assim como as influências atmosféricas atuam, perturbando, muitas vezes, as transmissões do telégrafo elétrico, igualmente a influência moral do médium atua e perturba, às vezes, a transmissão dos nossos despachos de além-túmulo, porque somos obrigados a fazê-los passar por um meio que lhes é contrário. Entretanto, essa influência, amiúde, se anula, pela nossa energia e vontade, e nenhum ato perturbador se manifesta. Com efeito, os ditados de alto alcance filosófico, as comunicações de perfeita moralidade são transmitidas algumas vezes por médiuns impróprios a esses ensinamentos superiores; enquanto que, por outro lado, comunicações pouco edificantes chegam também, às vezes, por médiuns que se envergonham de lhes haverem servido de condutores".

"Em tese geral, pode afirmar-se que os Espíritos atraem Espíritos que lhes são similares e que raramente os Espíritos das plêiades elevadas se comunicam por aparelhos maus condutores, quando têm à mão bons aparelhos mediúnicos, bons médiuns, numa palavra".

"Os médiuns levianos e pouco sérios atraem, pois, Espíritos da mesma natureza; por isso é que suas comunicações se mostram cheias de banalidades, frivolidades, idéias truncadas e, não raro, muito heterodoxas, espiriticamente falando. Certamente, podem eles dizer, e às vezes dizem, coisas aproveitáveis; mas, nesse caso, principalmente, é que um exame severo e escrupuloso se faz necessário, porquanto, de envolta com essas coisas aproveitáveis, Espíritos hipócritas insinuam, com habilidade e preconcebida perfídia, fatos de pura invencionice, asserções mentirosas, a fim de iludir a boa-fé dos que lhes

dispensam atenção. Devem riscar-se, então, sem piedade, toda palavra, toda frase equivocada e só conservar do ditado o que a lógica possa aceitar, ou o que a Doutrina já ensinou. As comunicações desta natureza só são de temer para os espíritas que trabalham isolados, para os grupos novos, ou pouco esclarecidos, visto que, nas reuniões onde os adeptos estão adiantados e já adquiriram experiência, a gralha perde o seu tempo a se adornar com as penas do pavão: acaba sempre desmascarada“.

"Não falarei dos médiuns que se comprazem em solicitar e receber comunicações obscenas. Deixemos se deleitem na companhia dos Espíritos cínicos. Aliás, os autores das comunicações desta ordem buscam, por si mesmos, a solidão e o isolamento; porquanto só desprezo e nojo poderão causar entre os membros dos grupos filosóficos e sérios. Onde, porém, a influência moral do médium se faz realmente sentir, é quando ele substitui, pelas que lhe são pessoais, as idéias que os Espíritos se esforçam por lhe sugerir e também quando tira da sua imaginação teorias fantásticas que, de boa-fé, julga resultarem de uma comunicação intuitiva. É de apostar-se então mil contra um que isso não passa de reflexo do próprio Espírito do médium. Dá-se mesmo o fato curioso de mover-se a mão do médium, quase mecanicamente às vezes, impelida por um Espírito secundário e zombeteiro. É essa a pedra de toque contra a qual vêm quebrar-se as imaginações ardentes, por isso que, arrebatados pelo ímpeto de suas próprias idéias, pelas lantejoulas de seus conhecimentos literários, os médiuns desconhecem o ditado modesto de um Espírito criterioso e, abandonando a presa pela sombra, o substituem por uma paráfrase empolada. Contra este escolho terrível vêm igualmente chocar-se as personalidades ambiciosas que, em falta das comunicações que os bons Espíritos lhes recusam, apresentam suas próprias obras como sendo desses Espíritos. Daí a necessidade de serem, os diretores dos grupos espíritas, dotados de fino tato, de rara sagacidade, para discernir as comunicações autênticas das que não o são e para não ferir os que se iludem a si mesmos “““.

"Na dúvida, abstém-te, diz um dos vossos velhos provérbios. Não admitais, portanto, senão o que seja, aos vossos olhos, de manifesta evidência. *Desde que uma opinião nova venha a ser expendida, por pouco que vos pareça duvidosa, fazei-a passar pelo crisol da razão e da lógica e rejeitai desassombradamente o que a razão e o bom senso reprovarem. **Melhor é repelir dez verdades do que admitir uma única falsidade, uma só teoria errônea.*** Efetivamente, sobre essa teoria poderíeis edificar um sistema completo, que desmoronaria ao primeiro sopro da verdade, como um monumento edificado sobre areia movediça, ao passo que, se rejeitardes hoje algumas verdades, porque não vos são demonstradas clara e logicamente, mais tarde um fato brutal, ou uma demonstração irrefutável virá afirmar-vos a sua autenticidade”.

"Lembra-vos, no entanto, ó espíritas! De que, para Deus e para os bons Espíritos, só há um impossível: a injustiça e a iniquidade”.

"O Espiritismo já está bastante espalhado entre os homens e já moralizou suficientemente os adeptos sinceros da sua santa doutrina, para que os Espíritos já não se vejam constringidos a usar de maus instrumentos, de médiuns imperfeitos. Se, pois, agora, um médium, qualquer que ele seja, se tornar objeto de legítima suspeição, pelo seu proceder, pelos seus costumes, pelo seu orgulho,

pela sua falta de amor e de caridade, repeli, repeli suas comunicações, porquanto aí estará uma serpente oculta entre as ervas. E esta a conclusão a que chego sobre a influência moral dos médiuns”.(ERASTO)

Moralizar-se

Para se ficar livre dos maus espíritos, é preciso ajudá-los a se tornarem bons. No clima de amor e carinho, não há ignorância que não se desfaça com benevolência. A educação se impõe pelo clima de paz de que é constituída.

Qual a finalidade da vida? É a felicidade espiritual, é buscar o amor perfeito. Quem não gosta de ser amado? Até os animais, e podemos ir mais longe: as plantas e mesmo a matéria que é chamada inerte é beneficiada com o amor. Quando amada, notar-se-á na sua intimidade um clima, um movimento que antes não tinha, razão porque falamos que a matéria, junto com o ser humano se intelectualiza, como uma espécie de fermentação espiritual, em busca de algo, que por agora não podes saber.

O amor tem passagem livre entre todas as coisas, e tudo se alegra com ele. Por isso falamos sempre que deves e devemos amar a Deus em todas as coisas, porque se amas uma pedra, aquele amor se reflete no Criador. Sempre escrevemos e por vezes falamos que, para livrar-se dos maus, necessário se faz ser bom. Trabalha no íntimo, modificando o modo de pensar, falar e viver, que a sintonia com o indesejado desaparecerá e te tornarás livre das influências das sombras.

No entanto, para te livrares dos espíritos ligados às paixões inferiores, não basta somente livrar-se destes sentimentos negativos. Podes fazê-lo, exercitando a caridade para com eles, conversando com esses irmãos, induzindo-os para o bem, tirando-os desta faixa.

O conserto somente individual dá uma aparência de egoísmo, porém a caridade nos inspira a trabalhar para ajudar os outros a serem libertados das sombras, como também o foste. Este é o gesto de amor que se desfaz em luz. *Geralmente a intenção dos obsediados é somente livrar-se dos espíritos que os acompanham, esquecendo-se de que deles se acham interligados por atração que a vida exerce nesta faixa.* Quantos encarnados se encontram torturando os espíritos desencarnados pelos pensamentos? Depois reclamam que estão sendo perseguidos pelo invisível, querendo por todos os modos se livrem deles, esquecendo-se do que estão fazendo para prendê-los junto a si!

É certo que deves moralizar-te, mas não podes esquecer de cooperar com aqueles que ainda não compreendem o modo de libertar-se, por desconhecerem a verdade. Há vários meios de seres ajudado e de ajudar-te: **o melhor é pela caridade**, aquela feita por amor, que

esparge luz por onde passa, sempre doando sem nenhuma exigência. O médium não pode esquecer-se do exercício da caridade onde quer que esteja. Até sozinho, no seu leito de descanso, poderá fazer caridade, usando a oração com humildade e fé, pedindo para os que sofrem e estão torturados pela consciência, porque por esse caminho os benfeitores aparecerão com o socorro, fazendo ambiente para o arrependimento, porta pela qual começam a adentrar o amor e o perdão.

O progresso é lei comum em toda parte, mas podemos apressá-lo com conselhos aos que sofrem. Deves aconselhar aos espíritos ignorantes que te acompanham, dando exemplo de amor e de perdão, mas não somente isso; conversar com eles, pelo pensamento, no exercício da prece e, por intermédio, caso aconteça, da psicofonia, desejando-lhes somente o bem, com palavras que não lhes levem dúvidas. Induzindo-os ao arrependimento, mostrando que o mal não compensa, mas somente o bem, tranquilizar-se-á a tua consciência e terás asserenado o coração. Mediunidade é aprimoramento, é alegria pura, é tranqüilidade onde quer que seja, é consciência na imortalidade, é preparo para a volta serena para a verdadeira vida no além.

A sensatez são raios de amor, e é caridade; por conseguinte, é dada à tolerância para com os ofensores que ignoram a verdade.

Médium! Procurai os caminhos de Jesus, que neste roteiro serás iluminado pelos teus esforços no bem.

NOTA: Os benfeitores espirituais têm de testar os encarnados mais elevados para lhes dar maiores tarefas nesta ou noutra vida. ***A programação reencarnatória tem modificações constantes, devido ao proceder de cada um.***

Muitos médiuns moralizados pensam que já alcançaram a meta programada. Como se enganam! Se temos diversos dons a serem despertados, temos muitos defeitos a serem corrigidos, e os benfeitores conhecem seus tutelados e como estimulá-los no aprendizado, em busca de si mesmos.

Quantos médiuns bem moralizados há que caem no fanatismo, nada produzindo de bom! O tempo passa e eles continuam envolvidos nas suas próprias ilusões, sem tirarem a casca da vaidade e do orgulho, evitando os que viajam nos carros das paixões inferiores, temendo se contaminarem, fugindo dos problemas sem buscar solução para os mesmos.

O médium que acredita que já está salvo porque não faz o mal, se esquece de fazer o bem e fica sem rumo. Precisa, por vezes, da visita da dor e dos problemas, para se assegurar no equilíbrio.

Bibliografia:

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec

Filosofia da Mediunidade **IV** e **VI** – João N. Maia (*pelo espírito Miramez*)



ESTUDO DA MEDIUNIDADE

MEDIUNIDADE

Aula 15

O Médiun Ante a Mediunidade – Posturas e Conseqüências

Compromisso

A mediunidade é uma faculdade inerente ao homem e deve ser exercida com objetivos elevados. O seu uso determina-lhe a destinação ao bem, com renúncia e desinteresse pessoal do médium, ou se transforma em motivo de preocupação, sofrimento e perturbação para ele mesmo e aqueles que o cercam quando praticada de forma leviana.

Os médiuns devem exercê-la com devotamento e modéstia, objetivando a divulgação da verdade.

Não se trata de compromisso vulgar para exibicionismo barato ou promoção pessoal, porém, através do intercâmbio com os espíritos nobres, serem as criaturas arrancadas do lamaçal dos vícios, ao invés de se tornarem campo para as paixões vis.

Posta, a mediunidade, a serviço das idéias enobrecidas, é alavanca para o progresso e apoio para todas as aspirações do bom, do belo, do eterno.

A mediunidade é um compromisso grave para o indivíduo, que responderá à consciência pelo uso que lhe conferir, como sucede em relação às faculdades morais que o credenciam à felicidade ou à desdita, como decorrência da aplicação dos seus valores.

Despida de atavios e de crendices, a faculdade mediúnica propicia imensa área de serviço iluminativo, conclamando pessoas sérias e interessadas à conscientização dos objetivos da vida.

O exercício consciente e cuidadoso, enobrecido e dirigido para o bem, proporciona ao médium os tesouros da alegria interior que decorrem da convivência salutar com os seus Guias espirituais interessados no seu progresso e realização.

Da mesma forma, experimenta crescer o círculo da afetividade além das fronteiras físicas, pelo fato de os espíritos que com ele se comunicam envolverem-no em carinhosa proteção, aumentando o número de entidades que se lhe tornam simpáticas e agradecidas pelo ministério desenvolvido.

Como deve proceder o médium que se reconhece detentor de compromisso mediúnico para utilizar corretamente as suas forças medianímicas?

Nesse campo impõe-se-lhe um cuidadoso estudo da própria personalidade, a fim de identificar as deficiências morais e corrigi-las, equilibrar as oscilações da emotividade, policiando o temperamento. Outrossim, o exercício das atitudes comedidas se lhe faz imprescindível para os resultados superiores que persegue na vivência das funções paranormais.

Além do dever imediato de **moralizar-se** para assumir o controle das suas forças medianímicas, **o sensitivo deve instruir-se nos postulados espíritas, a fim de conhecer as ocorrências que lhe dizem respeito, adestrar-se na convivência dos espíritos, saber conhecê-los, identificar as leis dos fluidos, selecionar os seus dos pensamentos que lhe são inspirados, discernir quando a mensagem procede de si mesmo e quando flui através dele, provinda de outras mentes. Igualmente cabe-lhe conhecer as revelações sobre o mundo espiritual, despido do fantástico e do sobrenatural, do qual a vida na Terra é símile imperfeito, preparando-se, outrossim, para enfrentar as vicissitudes e vadear-lhes as águas, quando ocorrer a desencarnação.**

A mediunidade não tem qualquer implicação com religião, conduta, filosofia, crença. A direção que se lhe dá é que a torna portadora de bênçãos ou desditas para o seu responsável.

Com a Doutrina Espírita, porém, aprende-se a transformá-la em verdadeira ponte de luz, que faculta o acesso às regiões felizes onde vivem os bem-aventurados pelas conquistas vitoriosamente empreendidas.

Embora vivendo no turbilhão da vida hodierna, o médium não pode prescindir do hábito da oração, aliás, **ninguém consegue planar acima das vicissitudes infelizes sem o benefício da prece**, que luariza a alma por dentro, acalmando-se e inspirando-a, ao mesmo tempo favorecendo-a com as forças para os vôos decisivos, na conquista dos altos píncaros.

Paralelamente, a vida interior de reflexões favorece o registro das mensagens que lhe são transmitidas, fazendo com que aprenda o silêncio íntimo com que se capacita para a empresa.

Por que razão a maioria dos médiuns são, de preferência, utilizados por entidades tão doentes quanto eles?

Mediunidade é compromisso com a consciência sedenta de recomposição do passado. É meio de servir com segurança e desprendimento por ensinar trabalho a outrem por intermédio de alguém.

Talvez não sejas um grande médium, conhecido e disputado pela louvação dos homens; no entanto, procura constituir-se obreiro do amor, que não é ignorado pelos infelizes, podendo ser identificado pelos sofredores da erraticidade.

Em síntese, qual o conceito chave para dignificação do compromisso mediúnico?

A mediunidade, para ser dignificada, necessita das luzes da consciência enobrecida.

Quanto maior o discernimento da consciência tanto mais amplas serão as possibilidades do intercâmbio mediúnico.

Conduta

Qual o verdadeiro sentido da realização mediúnica?

Se te candidatas à mediunidade, no serviço com Jesus, renuncia a quaisquer glórias ou aos enganosos florilégios da existência, porque jornadares pela senda dos espinhos, pés sangrando e mãos feridas, coração azorragado, sem ouvidos que entendam os teus apelos mudos.

Solidão e abandono muitas vezes para que o exercício do dever enflorça o amor no teu coração em favor dos abandonados e solitários.

Apostolado de silêncio, culto do dever, auto conhecimento, eis o caminho da glória mediúnica.

E como entender o serviço mediúnico, criando-se predisposições íntimas favoráveis ao êxito na sua realização?

Mediunidade não é apenas campo experimental com laboratório de fórmulas mágicas. É solo de serviço edificante tendo por base de trabalho o sacrifício e a renúncia pessoal. Médiuns prodígios sempre os houve na humanidade.

Também passaram inúteis como aves de bela plumagem que o tempo destruiu e desconsiderou.

Com o Espiritismo, que fez renascer o Cristianismo puro, somos informados da mediunidade, serviço santificante, e com essa bênção descobrimos a honra de ajudar.

Não te empolgues apenas com as notícias dos mundos felizes.

Há muita dor em volta de ti, e até atingires as esferas sublimes há muito que fazer.

Almas doentes em ambos os planos enxameiam em volta da mediunidade.

Dedicando-se à seara mediúnica não esqueças de que todos os começos são difíceis e de que a visão colorida e bela somente surge em toda a sua grandeza aos olhos que se acostumaram às paisagens aflitivas onde o sofrimento fez morada.

Para que os mentores espirituais possam utilizar-se mais firmemente faz-se necessário conhecer tua capacidade de serviço em favor dos semelhantes.

Antes de pretenderes ser instrumento dos desencarnados, acostuma-se a ser portador da luz clara da esperança onde estejas e com quem estejas.

Que procedimentos e atitudes adotará o médium para conquistar a segurança nas passividades?

Equilíbrio: sem uma perfeita harmonia entre a mente e as emoções, dificilmente conseguem, os filtros psíquicos, coar a mensagem que provém do Mundo Maior.

Conduta: não fundamentada a vida com conduta de austeridades morais, só mui raramente logra, o intermediário dos espíritos, uma sintonia com os mentores elevados.

Concentração: após aprender a técnica de isolar-se do mundo externo para ouvir interiormente, e sentir a mensagem que flui através das suas faculdades mediúnicas, poderá conseguir, o trabalhador, registrá-la com fidelidade.

Oração: não exercitando o cultivo da prece como clima de serenidade interior, ser-lhe-á difícil abandonar o círculo vicioso das comunicações vulgares, para ascender e alcançar uma perfeita identificação com os instrutores da Vida Melhor.

Disposição: não se afeiçoando à valorização do serviço em plena sintonia com ideal espírita, compreensivamente, torna-se improvável a colheita de resultados satisfatórios no intercâmbio mediúnico.

Humildade: escasseando o autoconhecimento, bem poucas possibilidades o médium disporá para uma completa assimilação da mensagem espiritual, porquanto, nos temperamentos **rebeldes e irascíveis**, a supremacia da vontade do próprio instrumento anula a interferência das mentes nobres desencarnadas.

Amor: não estando o espírito encarnado aclimatado à compreensão dos deveres fraternos em nome do amor que edifica, torna-se, invariavelmente, medianeiro de entidades perniciosas com as quais se compraz.

Os médiuns principiantes, que providências adotarão para disciplinar as suas forças medianímicas?

O aprendiz da mediunidade deve ser dócil à voz e ao comando dos espíritos superiores, através de cuja docilidade consegue vencer-se, corrigindo os desvios da vontade viciada, adaptando os seus desejos e aspirações aos interesses relevantes que promovem a criatura humana, domiciliada ou não no plano físico, meta precípua do compromisso socorrista a que candidata à mediunidade.

O estudo renova os clichês mentais ensejando visão feliz dos quadros da existência que se assinala de esperança e otimismo.

A boa leitura propõe a empatia; ao mesmo tempo colore e ilumina as torpes situações com lúculas de amanheceres felizes. Faculta a reflexão, donde se recolhem proficientes resultados e estímulos radiosos para o tentame feliz da consciência.

O exercício do bem promove o espírito, dilatando-lhe a compreensão em torno da divina justiça a revelar-se nas soberanas leis que alcançam todos

aqueles que as ludibriaram, convocando cada um ao justo refazimento em ocasião própria.

Se sois candidato ao labor enobrecido da mediunidade e desejais servir com abnegação, fazei da prece uma ação constante e do trabalho edificante a vossa oração libertadora.

Cultivai a brandura, por cujo cometimento conseguireis gerar simpatias em torno dos vossos passos.

Evitai tanto o desalento quanto a presunção, que são inimigos lúridos, a corroerem o metal da alma, desarticulando as engrenagens psíquicas imprescindíveis ao labor a que desejais ser fiel.

Aproveitai sempre de qualquer circunstância ou comentário o lado melhor, a parte boa, de modo a aprenderdes a filtrar os valores bons, mesmo quando ocultos ou mesclados na ganga das paixões dissolventes.

Aprendeí o comedimento, selecionando o que podeis e deveis dizer.

Que outros atributos caracterizam o bom médium?

Bom médium é aquele que tem consciência das suas responsabilidades e dos seus limites, tudo fazendo por burilar-se à luz do pensamento cristão, agindo na ação da caridade incessante, com que bem se arma para vencer as próprias imperfeições.

A humanidade sempre exibiu pessoas superdotadas em todos os campos, as quais, por presunçosas e precipitadas, sem disciplina nem respeito aos próprios e aos alheios valores, quantas vezes não se atiraram a fundos abismos, donde não conseguiram erguer-se?

Por isso que a mediunidade, para o desempenho da relevante tarefa espírita, requer homens que se desejem educar no bem, disciplinar-se e oferecer-se, no anonimato, se possível, ou discretamente, quando as oportunidades assim o exigirem, ao trabalho do amor e da iluminação da Terra. Para tanto, o estudo consciente e sistemático, o trabalho metódico na vida social cumprindo com seus deveres, sem transformar-se em parasitas a pretexto da missão que devem desempenhar, como nos serviços espirituais com pontualidade e assiduidade, o cultivo da oração e da vigilância, a para da prática da caridade no seu sentido elevado, constituem os antídotos à obsessão, ao desequilíbrio, em prol da própria paz e da felicidade entre todos.

Nunca será demais que os médiuns se voltem para a reflexão, o silêncio interior e o mergulho mental nas lições do Evangelho em que haurirão inspiração e resistência para as contínuas lutas contra o mal que, afinal, reina dentro de todos nós.

Conhecer-lhe os recursos, cada dia descobrindo novas sutilezas e novas possibilidades, e fazer-se médium do bem em todo lugar são medidas providenciais para o bom uso da faculdade, com excelentes resultados para si próprio e para a sociedade.

Dúvida

Observam-se médiuns com permanentes dúvidas quanto à autenticidade das comunicações, mesmo quando estas ocorrem por seu intermédio. Como superá-las?

Insistindo no exercício da educação mediúnica.

Sempre usamos uma imagem um tanto grotesca. Quando se vai ao dentista, a primeira frase que ele pronuncia é: - Abra a boca. Se nós dissermos: - Não vou abrir. Nada poderá ser feito.

Na prática mediúnica a primeira atitude do sensitivo é abrir a boca, da alma, e ficar aguardando a idéia para exteriorizá-la.

A tarefa do doutrinador, que conhece a pessoa, é a de examinar o que o médium está falando. Daí, a necessidade do relacionamento antecipado para aquilatar a qualidade do comunicado.

Segundo Allan Kardec, no fenômeno mediúnico há nuances de natureza anímica, porque é da personalidade. Se o espírito dá um recado, o médium transmite-o da forma como entendeu, por uma razão a considerar: o pensamento do comunicante possui uma linguagem universal, portanto, a interpretação é feita pelo intermediário.

O médium não é uma máquina gravadora. Se alguém, no final dos trabalhos nos perguntar como foi a prática mediúnica de hoje, vamos contar conforme a entendemos. Vai ser autêntico porque retrata o espírito do trabalho de intercâmbio espiritual e será também um fenômeno pessoal, porque as idéias são vestidas com as palavras do narrador.

Ninguém pode esperar, durante a prática mediúnica, que se comunique um espírito falando grego ou turco imediatamente. Ele tem que usar o médium. Se o sensitivo não teve nenhuma encarnação na Grécia ou na Turquia não poderá falar o idioma desses países, simplesmente, porque não possui matrizes sedimentadas no seu perispírito para que se dê o fenômeno de xenoglossia.

Um exemplo: sou um indivíduo analfabeto e digo a duas pessoas: -Dê este recado a beltrano. Uma de média cultura e outra lúcida. Pergunta-se: -Quem dará melhor o recado? A que tiver melhor capacidade intelectual, é o lógico. Assim é na questão da mediunidade: os médiuns mais bem dotados possuem uma capacidade maior de transmitir o pensamento das entidades comunicantes.

É preciso adicionar-se aí, o fator filtragem, que é fruto de um trabalho de educação mediúnica, a longo curso, no qual se incluem a sintonia e o exercício.

Crítica

Os espiritistas devem receber a crítica dos campos de opinião contrária, com o máximo de serenidade moral, reconhecendo-lhe a utilidade essencial.

Essas críticas se apresentam, quase sempre, com finalidade preciosa, qual a de selecionar, naturalmente, as contribuições da propaganda doutrinária, afastando os elementos perturbadores e confusos, e valorizando a cooperação legítima e sincera, porque todo ataque à verdade pura serve apenas para destacar e exaltar essa mesma verdade.

Idolatria

A obsessão entra pelos caminhos dos elogios, artimanha dos espíritos cuja identidade é duvidosa. Quando alguém se serve deste gesto, tem cuidado; é melhor não dares muita atenção, não se sentires envaidecido com os elogios exagerados, pois eles têm força do desequilíbrio quando acham guarida nos sentimentos. Eis o momento do obsessor emprestar a túnica de falso profeta, e o próprio médium sentir-se crescido na ilusão de ser o que não é.

Aos médiuns, é bom que reconheçam que basta simplesmente serem o que são, e mais nada. Para que vantagens ilusórias, para que querer ser o que nunca foram? Isso traz transtorno na operação medianímica, e mesclagem de teorias inconvenientes, capazes de levar à derrota.

E é muito pior o louvor em boca própria. Quantos médiuns encontramos que sentem prazer em anunciar alguns resultados do seu ministério mediúnico! Isso não lhes pertence. Quantas mãos não operaram nesta realização? Por que anunciar só o seu nome? O espírita deve fazer com uma mão, sem que a outra saiba.

Faze silêncio quando fizeres o bem; faze silêncio se tens algumas virtudes; faze silêncio na caridade que porventura praticas. Somente um precisa saber da tua vida de virtudes, e não é preciso falar aos Seus ouvidos, pois Ele é onisciente. Toda inferioridade tem o impulso negativo de dizer o que fez de bom, mas esquece completamente de falar dos desacertos. O enaltecimento é perigoso para os médiuns em trabalho, ele desperta no coração a idéia de superioridade e de orgulho, emaranhado de forças negativas que podem levar à decadência.

Ainda, o mais perigoso é certos médiuns se diminuírem demais às vistas dos outros, buscando ser exaltados, provocando com isso elogios mais tocantes.

Outros sentem o prazer na divulgação do seu nome e das entidades que se comunicam por eles, os benfeitores se entristecem com esse procedimento, sabendo os espíritos superiores que são simples operários dentro da grande vinha do Divino, como filhos da Grande Luz.

Se queres ser apologista de alguém, que sejas de Deus, pelas Suas obras eternas. Queres exaltar a alguém, exalta a Deus como Criador de todas as coisas. Tudo o que puderes falar sobre o Senhor ainda será pouco, porque Ele é muito mais do que pensas e sentes. Ama-o em todas as coisas, que esse amor se converterá em paz para a tua consciência.

O médium com Jesus não precisa de elogios pelas pequenas coisas que realiza. Que continue a fazê-las, que Deus sabe das suas intenções. Por que precisar dos aplausos dos homens, e mesmo dos espíritos? Cumpre o teu dever dentro da sinceridade, do amor e da caridade, reúne os teus valores em favor dos outros e esquece os elogios, pois eles são entraves para a tua vida. Lembra-te dos grandes homens, que nunca precisaram de encômio dos outros pra as suas realizações. **Corta de vez a vaidade e não entres na influência do orgulho.** Sê surdo ao egoísmo, que a tua vida será libertada das influências das sombras. Quando voltares ao mundo dos espíritos, sentir-se-á feliz por teres cumprido os teus deveres, pela vida afora.

O Espiritismo surgiu no mundo para nos mostrar os caminhos que deveremos seguir com mais amplitude no bem, para nos despertar para as verdades que a vida nos confere, a fim de nos tornar livres.

Quem deseja se elevar perante a humanidade, quem procura elogios no mundo e se esforça para tal, esse enfraquece suas forças ante a paternidade. Não precisas de louvor; vive o bem em teu próprio benefício, que Deus já sabe antes de tu sentires. Ele é o poder único em todo o Universo, e distribui para todos os valores da tua vida.

Pra que exaltação de coisas simples, se é teu dever realizá-las?

A verdade vibra, a mentira cansa.

A verdade é vida, a mentira é a morte.

Perigos do Espiritismo

Querendo certos experimentadores do Espiritismo, com o intuito de verificação, fixar as condições de produção dos fenômenos, acumular os obstáculos e as exigências, nenhum resultado satisfatório obtiveram, e, desde então, tornaram-se hostis a essa ordem de fatos.

Devemos lembrar que as manifestações dos espíritos não poderiam ser assemelhadas às experiências de Física e de Química.

Ainda assim, estão estas submetidas a regras fixas, fora das quais todo resultado é impossível. Nas comunicações espíritas, achamo-nos diante não mais de forças cegas, porém de seres inteligentes, dotados de vontade e de liberdade, que, não raro, lêem em nós, discernem nossas intenções malévolas e, se são de ordem elevada, cuidam pouco de se prestarem às nossas fantasias.

O estudo do mundo invisível exige muita prudência e perseverança. Somente ao fim de muitos anos de reflexão e de observação é que se adquire o

conhecimento da vida, é que se aprende a julgar os homens, a discernir o seu caráter, a resguarda-se dos embustes de que está semeado o mundo. Mais difícil ainda de obter é o conhecimento da Humanidade invisível que nos cerca e paira acima de nós. O espírito desencarnado acha-se, além da morte, tal como ele próprio se fez durante sua estada neste mundo. Nem melhor nem pior. Para domar uma paixão, corrigir uma falta, atenuar um vício é, algumas vezes, necessária mais de uma existência. Daí resulta que, na multidão dos espíritos, os caracteres sérios e refletidos estão, como na Terra, em minoria, e os espíritos levianos, amantes de coisas pueris e vãs, formam numerosas legiões. O mundo invisível é, pois em mais vasta escala, a reprodução do mundo terrestre. Lá, como aqui, a verdade e a Ciência não são partilha de todos. A superioridade intelectual e moral só se obtém por um trabalho lento e contínuo, pela acumulação de progressos realizado no curso de longa série de séculos.

Sabemos, entretanto, que esse mundo oculto reage constantemente sobre o mundo corpóreo. Os mortos influenciam os vivos, os guiam e inspiram à vontade. Os espíritos atraem-se em razão de suas afinidades. Os que despiram as vestes carnis assistem os que ainda estão com elas. Estimulam-nos no caminho do bem; porém mais vezes ainda, nos impelem ao do mal.

Os espíritos superiores só se manifestam nos casos em que sua presença é útil e pode facilitar o nosso melhoramento. Fogem das reuniões bulhentas e só se dirigem a homens animados de intenções puras. Pouco lhes convém as nossas regiões obscuras. Desde que podem, voltam para os meios menos carregados de fluidos grosseiros, mas, apesar da distância, não cessam de velar pelos seus protegidos.

Os espíritos inferiores, incapazes de aspirações elevadas, comprazem-se em nossa atmosfera. Mesclam-se em nossa vida e, preocupados unicamente com o que cativava seu pensamento durante a existência corpórea, participam dos prazeres e trabalhos daqueles a quem se sentem unidos por analogias de caráter ou de hábitos. Algumas vezes mesmo, dominam e subjagam as pessoas fracas que não sabem resistir às suas influências. Em certos casos, seu império torna-se tal que podem impelir suas vítimas ao crime e à loucura. É nesses casos de obsessão e possessão, mais comuns do que se pensa, que encontramos a explicação de numerosos fatos relatados pela História.

Há perigo para quem se entrega sem reservas às experimentações espíritas. O homem de coração reto, de razão esclarecida e madura, pode daí recolher consolações inefáveis e preciosos ensinamentos. Mas aquele que só fosse inspirado pelo interesse material ou que só visse nesses fatos um divertimento frívolo tornar-se-ia fatalmente o objeto de uma infinidade de mistificações, juguete de espíritos pérfidos que, lisonjeando suas inclinações, seduzindo-o por brilhantes promessas, captariam sua confiança, para, depois, acabrunhá-lo com decepções e zombarias.

É, portanto, necessária uma grande prudência pra se entrar em relação com o mundo invisível. O bem e o mal, a verdade e o erro nele se misturam, e, pra distinguí-los, cumpre passar todas as revelações, todos os ensinamentos pelo crivo de um julgamento severo. Nesse terreno ninguém deve aventurar-se senão passo a passo, tendo nas mãos o facho da razão. Para expelir as más influências, para afastar a horda dos espíritos levianos ou maléficos, basta tornar-se senhor de si

mesmo, jamais abdicar o direito de verificação e de exame; é bastante procurar, acima de tudo os meios de se aperfeiçoar no conhecimento das leis superiores e na prática das virtudes. **Aquele cuja vida for reta, e que procure a verdade com o coração sincero, nenhum perigo tem a temer. Os espíritos de luz distinguem, vêem suas intenções, e assistem-no.** Os espíritos enganadores e mentirosos afastam-se do justo, como um exército diante de uma cidadela bem defendida. Os obsessores atacam de preferência os homens levianos que descuram das questões morais e que em tudo procuram o prazer ou o interesse.

Laços cuja origem remonta às existências anteriores unem quase sempre os obsidiados aos seus perseguidores invisíveis. A morte não apaga as nossas faltas nem nos livra dos inimigos. Nossas iniquidades recaem, através dos séculos, sobre nós mesmos, e aqueles que as sofreram perseguem-nos, às vezes, com seu ódio e vingança, de além túmulo. **Assim o permite a justiça soberana.** Tudo se resgata, tudo se expia. O que, nos casos de obsessão e de possessão, parece anormal, iníquo muitas vezes não é senão a consequência das espoliações e das infâmias praticadas no obscuro passado.

Bibliografia:

Qualidade na Prática Mediúnica – Projeto Manuel P. de Miranda
O Consolador – Francisco C. Xavier *(pelo espírito Emmanuel)*
Filosofia da Mediunidade V – João Nunes Maia *(pelo espírito Miramez)*
Depois da Morte – Leon Denis.



ESTUDO DA MEDIUNIDADE

MEDIUNIDADE

Aula 16

Educação Mediúnica

“Para conhecer as coisas do mundo visível e descobrir os segredos da Natureza material, outorgou Deus ao homem a vista corpórea, os sentidos e instrumentos especiais, com o telescópio ele mergulha o olhar nas profundezas do espaço, e, com o microscópio, descobriu o mundo infinitamente pequeno. Para penetrar no mundo invisível, deu-lhe a mediunidade”. (Allan Kardec)

Educação e Mediunidade

Nada verdadeiramente importante se adquire sem trabalho. Uma lenta e laboriosa iniciação se impõe aos que buscam os bens superiores. Como todas as coisas, a formação e o exercício da mediunidade encontram dificuldades, bastantes vezes já assinaladas; convém insistirmos nisso, a fim de prevenir os médiuns contra as falsas interpretações, contra as causas de erro e de desânimo.

Desde que, por um trabalho preparatório, as faculdades do médium adquirem certa flexibilidade, os resultados que se começam a obter são quase sempre devidos às relações estabelecidas com os elementos inferiores do mundo invisível.

Uma multidão de espíritos nos cerca, sempre ávidos de se comunicarem com os homens. Essa multidão é sobretudo composta de almas pouco adiantadas, de espíritos levianos, algumas vezes maus, que a densidade de seus próprios fluidos conserva presos à Terra. As inteligências elevadas, animadas de nobres aspirações, revestidas de fluidos sutis, não permanecem escravizadas à nossa atmosfera depois da separação carnal: remontam mais alto, a regiões que o seu grau de adiantamento lhes indica. Daí baixam muitas vezes, é certo, para

velar pelos seres que lhes são caros; imiscuem-se conosco, mas unicamente para um fim útil e em casos importantes. Donde resulta que os principiantes quase nunca obtêm senão comunicações sem valor, respostas triviais, às vezes inconvenientes, que os impacientam e desanimam. Noutros casos o médium inexperto recebe ditados subscritos por nomes célebres revelações apócrifas que lhe captam a confiança e o enchem de entusiasmo. O inspirador invisível, conhecendo-lhe os lados vulneráveis, lisonjeia-lhe o amor próprio e as opiniões, superexcita-lhe a vaidade, cumulando-o de elogios e prometendo-lhe maravilhas. Pouco a pouco o vai desviando de qualquer outra influência, de todo exame esclarecido e o leva a se insular em seus trabalhos. É o começo de uma obsessão, de um domínio exclusivista, que pode conduzir o médium a deploráveis resultados.

Esses perigos foram, desde os primórdios do Espiritismo, assinalados por Allan Kardec; **todos os dias**, estamos ainda vendo médiuns deixarem-se levar pelas sugestões de espíritos embusteiros e serem vítimas de mistificações que os tornam ridículos e vêm a recair sobre a causa que eles julgam servir.

Muitas decepções e dissabores seriam evitados se compreendesse que a mediunidade percorre fases sucessivas, e que, no período inicial de desenvolvimento, o médium é sobretudo assistido por espíritos de ordem inferior, cujos fluidos, ainda impregnados de matéria, se adaptam melhor aos seus e são apropriados a esse trabalho de bosquejo, mais ou menos prolongado, a que toda faculdade está sujeita.

Só mais tarde, quando a faculdade mediúnica, suficientemente desenvolvida, adquiriu a necessária maleabilidade, e se tornou dúctil o instrumento, é que os espíritos elevados podem intervir e utilizá-la para um fim moral e intelectual.

O período de exercício, de trabalho preparatório, tão fértil muitas vezes em manifestações grosseiras e mistificações, é, pois, uma fase normal de desenvolvimento da mediunidade; é uma escola em que a nossa paciência e discernimento se exercitam, em que aprendemos a nos familiarizar com o modo de agir dos habitantes do Além.

Nessa fase de prova e de estudo elementar, deve sempre o médium estar de sobreaviso e nunca se afastar de uma prudente reserva. Cumpre-lhe evitar cuidadosamente as questões ociosas ou interesseiras, os gracejos, tudo em suma que reveste caráter frívolo e atrai os espíritos levianos.

É preciso não se deixar esmorecer pela mediocridade dos primeiros resultados, pela abstenção e aparente indiferença dos nossos amigos do espaço. Médiuns principiantes ficai certos de que alguém vela por vós e de que a vossa perseverança é posta à prova. Quando houverdes chegado ao ponto requerido, influências mais altas baixarão a vós e hão de continuar a vossa educação psíquica.

Não procureis na mediunidade um objetivo de mera curiosidade ou de simples diversão; considerai-a de preferência um dom do Deu, uma coisa sagrada, que deveis utilizar com respeito, para o bem de vossos semelhantes. Elevai o pensamento às almas generosas que trabalham no progresso da Humanidade; elas virão a vós e vos hão de amparar e proteger. Graças a elas, as dificuldades do começo, as inevitáveis decepções que experimentareis não terão

desagradáveis conseqüências; servirão para vos esclarecer a razão e vos desenvolver as forças fluídicas.

A boa mediunidade se forma lentamente, no estudo calmo, silencioso, recolhido, longe dos prazeres mundanos e do tumulto das paixões. Depois de um período de preparação e expectativa, o médium colhe o fruto de seus perseverantes esforços; recebe dos espíritos elevados a consagração de suas faculdades, amadurecidas no santuário de sua alma, ao abrigo das sugestões do orgulho. Guarda-se em seu coração a pureza de ato e de intenção, virá, com a assistência de seus guias, a se tornar cooperador utilíssimo na obra de regeneração que eles vêm realizando.

Terminada a primeira fase de desenvolvimento de suas faculdades, o importante pra o médium é obter a proteção de um espírito bom, adiantado, que o guie, inspire e preserve de qualquer perigo. Na maior parte das vezes é um parente, um amigo desaparecido que desempenha ao pé dele essas funções. Um pai, uma mãe, uma esposa, um filho, se adquiriram a experiência e o adiantamento necessários, podem-nos dirigir no delicado exercício da mediunidade. Mas o seu poder é proporcionado ao grau de elevação a que chegaram, e nem sempre a sua ternura e solicitude bastam para nos defender das investidas dos espíritos inferiores.

Dignos de louvor são os médiuns que, por seu desinteresse e fé profunda, têm sabido atrair, como uma espécie de aliados, os espíritos de escol, e participar de sua missão. Para fazer baixar das excelsas regiões esses espíritos, para os decidir a mergulhar em nossa espessa atmosfera, é preciso oferecer-lhes aptidões, notáveis qualidades.

Seu ardente desejo de trabalhar na regeneração do gênero humano torna, entretanto, essa intervenção muito menos rara do que se poderia imaginar. Centenas de espíritos superiores pairam acima de nós e dirigem o movimento espiritualista, inspirando os médiuns, projetando sobre os homens de ação as vibrações de sua vontade, a fulguração do seu próprio gênio. Pelo lápis, pelos lábios dos médiuns, os espíritos guias ditam instruções, fazem ouvir exortações; e não obstante as imperfeições do meio e as obscuridades que lhes amortecem e velam as irradiações do pensamento, é sempre um penetrante enlevo, um gozo d'alma, um gratíssimo conforto saborear a beleza de seus pensamentos escritos, escutar as inflexões de sua palavra, que nos vem como longínquo e mavioso eco das regiões celestes.

A descida ao nosso mundo terrestre é um ato de abnegação e um motivo de sofrimento para o espírito elevado. Nunca seriam demasiados a nossa admiração e reconhecimento à generosidade dessas almas, que não recuam diante do contato dos fluidos grosseiros, à semelhança dessas nobres damas, delicadas, sensitivas, que, ao impulso da caridade, penetram em lugares repugnantes, para levar socorros e consolações.

Quantas vezes, em sessões de estudo, temos ouvido dizerem os nossos guias: *“Quando, do seio dos Espaços, vimos até vós, tudo se restringe, se amesquinha e se vai pouco a pouco retraindo. Lê, nas alturas, possuímos meios de ação que nem podeis compreender; esses meios se enfraquecem logo que entramos em relação com o ambiente humano”.*

Tanto que um desses grandes espíritos baixa ao nosso nível e se demora em nossas obscuras regiões, logo o invade uma impressão de tristeza; ele sente como que uma depressão, uma diminuição de seus poderes e percepções. Só por um constante exercício da vontade, com o auxílio das forças magnéticas hauridas no Espaço, é que se habitua ao nosso mundo e nele cumpre as missões de que é encarregado.

Porque, na obra providencial, tudo se acha regulado para o ensino gradual e o progresso da Humanidade. Os espíritos missionários e instrutores vêm revelar, por meio das faculdades mediúnicas, as verdades que o nosso grau de evolução nos permite apreender e compreender. Desenvolvem, na esfera humana, as elevadas e puras concepções da divindade e nos vão, passo a passo, conduzindo a uma compreensão mais vasta do objetivo da existência. Não se deve esperar de tais espíritos as provas banais, os testemunhos de identidade que tantos experimentadores exigem; mas de nossos colóquios com eles se exala uma impressão de grandeza, de elevação moral, uma irradiação de pureza, de caridade.

Os espíritos superiores lêem o que em nosso íntimo se passa, conhecem as nossas intenções e dão muito pouco apreço às nossas fantasias e caprichos. Para atender aos nossos chamados e prestar-nos assistência, exigem de nossa parte uma vontade firme e perseverante, uma fé elevada, um veemente desejo de nos tornarmos úteis. Reunidas essas condições, aproximam-se de nós; começa então, muitas vezes sem o sabermos, um demorado trabalho de adaptação dos seus fluidos aos nossos. São as preliminares forças de toda relação consciente. À medida que se estabelece a harmonia das vibrações, a comunicação se acentua sob formas apropriadas às aptidões do sensitivo: audição, visão, escrita, incorporação.

Os espíritos superiores, indiferentes às satisfações de opiniões materiais e interesseiras, comprazem-se ao pé dos homens que procuram no estudo um meio de aperfeiçoamento. A pureza de nossos sentimentos lhes facilita a ação e aumenta a influência.

Outros espíritos de menor categoria, por um impulso de dedicação, ligam-se a nós e nos acompanham até ao termo de nossa peregrinação terrestre. São os espíritos familiares ou protetores. Cada pessoa tem o seu, eles nos guiam, em meio das provações, com uma paciência e uma bondade admiráveis, sem jamais se cansarem. Os médiuns devem recorrer à proteção desses amigos invisíveis, quase sempre membros adiantados de nossa família espiritual, com quem outrora vivemos neste mundo. Aceitaram a missão, tantas vezes ingrata, de velar por nós; através de nossas alegrias e aflições, de nossas quedas e reabilitações, nos encaminham para uma vida melhor, em que nos acharemos de novo reunidos para uma mesma tarefa, identificados em um mesmo amor.

Em todo ser humano existem rudimentos de mediunidade, faculdades em gérmen, que se podem desenvolver pelo exercício. Para o maior número, um longo trabalho perseverante é necessário. Em alguns, essas faculdades se revelam desde a infância, e sem esforço vêm a atingir, com os anos, um alto grau de perfeição. Representam em tal caso o resultado das aquisições anteriores, o fruto dos labores efetuados na Terra ou no Espaço, fruto que conosco, ao renascer, trazemos.

À humanidade seria facultado um poderoso elemento de renovação, se todos compreendessem que há, acima de nós, um inesgotável manancial de energia, de vida espiritual, que se pode atingir por gradativo adestramento, por constante orientação do pensamento e da vontade no sentido de assimilar as suas ondas e radiações, e com o seu auxílio desenvolver as faculdades que em nós jazem latentes.

A aquisição dessas forças nos abroquela contra o mal, nos coloca acima dos conflitos materiais e nos torna mais firmes no cumprimento do dever. Nenhum dentre os bens terrenos é comparável à posse desses dons. Sublimados a seu mais alto grau, fazem os grandes missionários, os renovadores, os grandes inspirados.

Como podemos adquirir esses poderes, essas faculdades superiores? Descerrando nossa alma, pela vontade e pela prece, às influências do Alto. Do mesmo modo que abrimos as portas da nossa casa, para que nela penetrem os raios de Sol, assim também por nossos impulsos e aspirações podemos franquear aos eflúvios celestes o nosso ego interior.

É aí que se manifesta a ação benéfica e salutar da prece. Pela prece humilde, breve, fervorosa, a alma se dilata e dá acesso às irradiações do divino foco. A prece, para ser eficaz, não deve ser uma recitação banal, uma fórmula decorada, senão antes uma solicitação do coração, um ato da vontade, que atrai o fluido universal, as vibrações do dinamismo divino. Ou deve ainda a alma projetar-se, exteriorizar-se por um vigoroso surto e, consoante o impulso adquirido, entrar em comunicação com os mundos etéreos.

Assim, a prece rasga uma vereda fluídica pela qual sobem as almas humanas e baixam as almas superiores, de tal modo que uma íntima comunhão se estabeleça entre umas e outras, e o espírito do homem seja iluminado e fortalecido pelas centelhas e energias despendidas das celestiais esferas.

Em Espiritismo, a questão de educação e adestramento dos médiuns é capital; os bons médiuns são raros, diz-se muitas vezes, e a ciência do invisível, privada de meios de ação, só com muita lentidão vem a progredir.

Quantas faculdades preciosas, todavia, não se perdem, à mingua de atenção e de cultura! Quantas mediunidades malbaratadas em frívolas experiências, ou que, utilizadas ao sabor do capricho, não atraem mais que perniciosas influências e só maus frutos produzem! Quantos médiuns inconscientes de seu ministério e do valor do dom que lhes é outorgado, deixam inutilizadas forças capazes de contribuir para a obra de renovação!

A mediunidade é uma delicada flor que, para desabrochar, necessita de acuradas precauções e assíduos cuidados. Exige o método, a paciência, as altas aspirações, os sentimentos nobres, e, sobretudo, a terna solicitude do bom espírito que a envolve em seu amor, em seus fluidos vivificantes. Quase sempre, porém, querem fazê-la produzir frutos prematuros, e desde logo se estiola e fana ao contato dos espíritos atrasados.

Na antiguidade, os jovens sensitivos que revelavam aptidões especiais eram retirados do mundo, segregados de toda influência degradante, em lugares consagrados ao culto, rodeados de tudo o que lhe pudesse elevar o sentido do belo. Tais eram as vestais, as druidesas, as sibilas, etc.

O mesmo acontecia nas escolas de profetas e videntes da Judéia, situadas longe do ruído das cidades. No silêncio do deserto, na paz dos alterosos cimos, melhor podiam os iniciados atrair as influências superiores e interrogar o invisível. Graças a essa educação, obtinham-se resultados que a nós nos surpreendem.

Tais processos são hoje inaplicados. As exigências sociais nem sempre permitem ao médium dedicar-se, como conviria, ao cultivo de suas faculdades. Sua atenção é distraída pelas mil necessidades da vida de família, suas aspirações estorvadas pelo contato da sociedade mais ou menos corrompida ou frívola.

Muitas vezes é ele chamado a exercer suas aptidões em círculos impregnados de fluidos impuros, de inarmônicas vibrações, que reagem sobre o seu organismo tão impressionável e lhe produzem desordens e perturbações.

É preciso que, ao menos, o médium, compenetrado da utilidade e grandeza de sua função, se aplique a aumentar seus conhecimentos e procure espiritualizar-se o mais possível, que se reserve horas de recolhimento e tente então, pela visão interior, alçar-se até às coisas divinas, à eterna e perfeita beleza. Quanto mais desenvolvidas forem nele, o saber, a inteligência, a moralidade, mais apto se tornará para servir de intermediário às grandes almas do Espaço.

O importante para o médium é assegurar-se uma proteção eficaz. O auxílio do Alto é sempre proporcionado ao fim que nos propomos, aos esforços que empregamos para o merecer. Somos auxiliados, amparados, conforme a importância das missões que nos incubem, tendo-se em vista o interesse geral. Essas missões são acompanhadas de provas, de dificuldades inevitáveis, mas sempre reguladas conforme as nossas forças e aptidões.

Desempenhadas com dedicação, com abnegação, as nossas tarefas nos elevam na hierarquia das almas. Negligenciadas, esquecidas, não realizadas, nos fazem retroceder a escala de progresso. Todas acarretam responsabilidades. Desde o pai de família que incute em seus filhinhos as noções elementares do bem, o preceptor da mocidade, o escritor moralista, até o orador que procura arrebatá-los às culminâncias do pensamento, cada um tem sua missão a preencher.

Não há mais nobre, mais elevado cargo que ser chamado a propagar, sob a inspiração das potências invisíveis, a verdade pelo mundo, a fazer ouvir aos homens o atenuado eco dos divinos convites, incitando-os à luz e à perfeição. Tal é o papel da alta mediunidade.

Falamos de responsabilidade. É necessário insistir sobre esse ponto. Muitos médiuns procuram, no exercício de suas faculdades, satisfações de amor próprio ou de interesse. Descuram de fazer intervir em sua obra esse sentimento grave, refletido, quase religioso, ***que é uma das condições de êxito.*** Esquecem muitas vezes que a mediunidade é um dos meios de ação por que se executa o plano divino, e que ele não tem o direito de utilizá-la ao sabor de sua fantasia.

Enquanto se não tiverem compenetrado os médiuns da importância de sua função e da extensão de seus deveres, haverá no exercício de suas faculdade uma fonte de abusos e de males. Os dons psíquicos, desviados de seu eminente

objetivo, utilizados para fins de interesses medíocres, pessoais, e fúteis, reverterem contra os seus possuidores, atraindo-lhes, em lugar dos espíritos tutelares, as potências malfazejas do Além.

Fora das condições de elevação de pensamento, de moralidade e desinteresse, a mediunidade constitui-se um perigo; ao passo que tendo por fim firme propósito no bem, por suas aspirações ao ideal divino, o médium se impregna de fluidos purificados; uma atmosfera protetora se forma em torno dele, o envolve, o preserva dos erros e das ciladas do invisível.

E se, por sua fé e comprovado zelo, pela pureza d'alma em que nenhum cálculo interesseiro se insinue, obtém ele a assistência de um desses espíritos de luz, depositários dos segredos do Espaço, que pairam acima de nós e projetam sobre a nossa fraqueza as suas irradiações; se esse espírito se constitui seu protetor, seu guia, seu amigo, graças a ele sentirá o médium uma força desconhecida penetrar-lhe todo o ser, uma chama-lhe iluminar a fronte. Todos quantos tomarem parte em seus trabalhos, e colherem os seus resultados, sentirão reanimar-se-lhes o coração e a inteligência às fulgurações dessa alma superior; um sopro de vida lhes transportará o pensamento às regiões sublimes do Infinito.

Identificados pelo sensitivo os sintomas que lhe caracterizam a faculdade mediúnica, a ele cumpre o dever de educá-la.

Somente o médium é capaz de qualificar-se nessa condição.

Nenhum sinal externo pode chamar a atenção do observador, a fim de apontar as pessoas que sejam possuidoras de mediunidade.

Não obstante originária no espírito, exteriorizando-se através do organismo físico, não apresenta síndromes externas, e, mesmo quando algumas destas possam tipificar-lhe a presença, tal conclusão jamais será infalível.

Deste modo, à pessoa sensata e lúcida cumpre o mister de observar a procedência das sensações e percepções que, amiúde, lhe chamam a atenção, por não obedecerem a um curso normal, habitual.

A mediunidade, propiciando a interferência dos desencarnados na vida humana, a princípio gera estados peculiares na área da emotividade como nos estados fisiológicos. Porque mais facilmente se registram as presenças de seres negativos ou perniciosos, a irradiação das suas energias produz esses estados anômalos, desagradáveis, que podem ser confundidos com problemas patológicos outros.

O sensitivo, porém, é sempre chamado à observância dessas manifestações, por surgirem em momentos menos próprios ou aparentemente sem causas desencadeadoras.

Constatados que esses distúrbios, como também as ocorrências de estesia íntima, não procedem da emotividade ampliada e jubilosa, de sucesso normal, a educação das forças mediúnicas faz-se inadiável.

Quando se trata de fenômenos do campo auditivo, visual ou de movimentos físicos, mais claramente se descobre o fator mediúnico na condição de causa geradora dos mesmos.

O exercício correto da mediunidade nenhum perigo oferece a quem quer que seja.

Essa educação tem por objeto atender a faculdade que desabrocha, a fim de que venha a produzir os resultados superiores a que se destina.

Não existem regras fixas nem programas simples para uma orientação de resultados rápidos.

O ***estudo da própria faculdade*** com o ***competente conhecimento do espiritismo*** são as bases essenciais e indispensáveis para uma orientação segura e sem qualquer prejuízo.

O exercício metódico da faculdade em desdobramento especializado é o passo seguinte, proporcionador do equilíbrio que faculta mais amplas incursões na experiência transcendental.

Cada dia, o médium defrontará sensações novas e viverá emoções que lhe cabe anotar, de modo a treinar o controle pessoal, estabelecendo a linha demarcatória entre a sua e as personalidades que o utilizam psiquicamente.

A atividade na área da caridade ilumina-o e a oração fortalece-o, resguardando-o das influências prejudiciais, que pululam em toda parte, por serem resultado da conduta moral dos homens em estado de desencarnados.

O cultivo do silêncio interior e do recolhimento favorece a educação mediúcnica, por aguçar as percepções parafísicas, ensejando mais amplas possibilidades de intercâmbio espiritual.

Contudo, a sucessão do tempo é que adestrará o médium para bem servir, equipando-o com os recursos hábeis para tornar-se um bom e dúctil instrumento, usado pelos bons espíritos, que dele se acercam e se interessam por conduzi-lo no cumprimento dos deveres a que se vincula.

Em todo e qualquer fenômeno mediúcnico, o intercâmbio dá-se através do perispírito do encarnado, que favorece a imantação psíquica do agente, nele plasmando as suas características, que facultarão a perfeita identificação, culminando, às vezes, em admiráveis fenômenos de transfiguração.

A Lei dos Fluidos, isto é, a identificação fluídica entre o médium e o espírito, constitui fator relevante para uma comunicação harmônica, pois que, se os mesmos são contrários ou se exteriorizam em faixas vibratórias diversas, ***muito dificilmente se podem esperar resultados positivos.***

A meta da caridade, em sua essência, deve constituir o campo de trabalho do médium, no qual se burila e aprimora, iluminando consciências e socorrendo os que sofrem, em um como no outro lado da vida, carentes e ansiosos por alento, paz e libertação.

A educação mediúcnica é para toda a existência, pois que, à medida que o médium se torna mais hábil e aprimorado, melhores requisitos são colocados para a realização do ministério abraçado.

A mediunidade, portanto, para desdobrar-se, necessita da anuência do seu portador, exceto nos casos de obsessão, quando irrompe mediante a violência da agressão dos adversários do sensitivo que, desta forma, se desvelam, requerendo atendimento e compreensão.

Não sendo irreprensível médium nenhum, a vigilância há de constituir-lhe norma de segurança, reconhecendo, na sua fragilidade, a força para o sucesso da empresa espiritual.

À semelhança de enxada benéfica, **quanto mais o médium trabalha, mais aguça a percepção**, qual aquela que, mas cavando, mantém a lâmina sempre afiada e útil.

O candidato, pois, à mediunidade, que sente os seus primeiros sinais, educando-se e educando-a, capacita-se para ser obreiro do mundo melhor de amanhã, vivendo-o desde agora numa estrutura paranormal e abençoada.

Requisitos para Iniciação Mediúnica

A mediunidade, como mandato de serviço cristão que nos é outorgado pela Espiritualidade Superior, a fim de ser fielmente desempenhada convida-nos a:

- **Renovação do clima espiritual de nosso lar**, sob as luzes do Evangelho redivivo, porque o lar é a usina maior das energias de que somos carentes para o nosso trânsito terreno e é onde compensamos as nossas vibrações psíquicas em reajuste;
- **Rompimento com o egoísmo**, compelindo-nos a interessar-nos pelo próximo, auxiliando-o nos seus lances expiatórios, probatórios ou missionários, até o limite extremo de nossa capacidade de servir;
- **Revisão e reconstrução dos hábitos**, permutando os hábitos viciosos por virtudes legitimamente cristãs que são as únicas que sobreviverão eternamente e que nos abrirão as portas de Planos mais elevados que os atuais;
- **Aniquilamento do orgulho**, levando-nos a viver em circunstâncias e agrupamentos humanos que nos permitirão o exercício da humildade legítima, entrosando-nos em trabalhos de equipe com esquecimento de nós mesmos;
- **Morte do individualismo**, encerrando em definitivo os programas exclusivamente pessoais que por longo tempo temos organizado como os nossos objetivos de vida.

Para alcançar estes cinco objetivos fundamentais e elementares, a recomendação dos nossos Mentores a todos os que se inscrevem para o desenvolvimento de seu sentido mediúnico é a instalação de:

- **Culto do Evangelho no lar;**
- **Culto da assistência;**
- **Reforma íntima;**
- **Frequência do Templo Espírita cristão;**
- **Estudos coletivos da Doutrina Espírita.**

Esses exercícios iniciais, por urgentes na economia de nosso aprimoramento, **não podem aguardar um dia mais oportuno, uma ocasião**

especial, um ambiente propício. Eles são imediatos e, por isso, **alicerce** onde se edificará a mediunidade enobrecida em Jesus.

Não deverão ser transferidos para amanhã.

Devem ser iniciados ainda hoje.

Eclosão da Mediunidade

Qual a procedência, a origem da mediunidade?

No complexo mecanismo da consciência humana, a paranormalidade desabrocha, alargando horizontes da percepção em torno das realidades profundas do ser e da vida.

A mediunidade, que vige latente no organismo humano, aprimora-se com o contributo da consciência de responsabilidade e mediante a atenção que o exercício da sua função bem direcionada lhe conceda.

Faculdade da consciência superior ou espírito imortal reveste-se dos órgãos físicos que lhe exteriorizam os fenômenos no mundo das manifestações concretas.

O afloramento da mediunidade tem época para acontecer?

Espontânea, surge em qualquer idade, posição social, denominações religiosas ou ceticismo no qual se encontre o indivíduo.

Normalmente chama a atenção pelos fenômenos insólitos de que se faz portadora, produzindo efeitos físicos e intelectuais, bem como manifestações na área visual, auditiva, apresentando-se com gama variada conforme as diversas expressões intelectuais, materiais e subjetivas que se exteriorizam no dia-a-dia de todos os seres humanos.

De que modo a faculdade se manifesta?

Explodindo com relativa violência em determinados indivíduos, graças a cuja manifestação surgem perturbações de várias ordens, noutros aparece sutilmente, favorecendo a penetração em mais amplas faixas vibratórias, aquelas de onde se procede antes do corpo e para cujo círculo se retorna depois do desgaste carnal.

Que outras características podem ser identificadas no afloramento mediúnico?

A princípio, surge como sensações estranhas de presenças psíquicas ou físicas algo perturbadoras, gerando medo ou ansiedade, inquietação ou incerteza.

Em alguns momentos, turba-se a lucidez, para, noutros, abrirem-se brechas luminosas na mente, apercebendo-se de um outro tipo mais sutil de realidade.

Como deve proceder o médium nessa fase de registros de presença de seres desencarnados?

Silencia a inquietação e penetra-te através da meditação.

Ora, de início, e ausculta a consciência.

Procura desdobrar a percepção psíquica sem qualquer receio e ouvirás palavras acalentadoras, e verás pessoas queridas acercando-se de ti.

Os sintomas desagradáveis que acompanham o desabrochar da mediunidade são gerados pela faculdade?

Às vezes, quando do aparecimento da mediunidade, surgem distúrbios vários, sejam na área orgânica através de desequilíbrios e doenças, ou mediante inquietações emocionais e psiquiátricas, por debilidade da sua constituição fisiopsicológica.

Não é a mediunidade que gera o distúrbio no organismo, mas a ação fluídica dos espíritos que favorece a distonia ou não, de acordo com a qualidade de que esta se reveste.

Por outro lado, quando a ação espiritual é salutar, uma aura de paz e de bem estar envolve o medianeiro, auxiliando-o na preservação das forças que o nutrem e sustentam durante a existência física.

A mediunidade, em si mesma, não é boa nem é má, antes, apresenta-se em caráter de neutralidade, ensejando ao homem utilizá-la conforme lhe aprouver, desse uso derivando os resultados que acompanharão o medianeiro até o momento final da sua etapa evolutiva no corpo.

Por que motivos o afloramento da mediunidade surge, em grande número dos casos, sob ações obsessivas?

Como se pode avaliar, o período inicial de educação mediúnica sempre se dá sob ações tormentosas. **O médium é espírito endividado**, em si mesmo, com vasta cópia de compromissos a resgatar, quanto a desdobrar, trazendo matrizes que facultam o acoplamento de mentes perniciosas do além túmulo, que o impelem ao trabalho de auto burilamento, quanto ao exercício da caridade, da paciência e do amor para com os mesmos. Além disso, em considerando os seus débitos, vincula-se aos cobradores que o não querem perder de vista, sitiando-lhe a casa mental, afligindo-o com o recurso de um campo precioso e vasto, qual é a percepção mediúnica, tentando impedir-lhe o crescimento espiritual, mediante o qual lograria libertar-se do jugo infeliz. Criam armadilhas, situações difíceis, cercam-no de incompreensões, porque vivem em diferente faixa vibratória, peculiar, diversa aos que não possuem disposições medianímicas.

É um calvário abençoado, a fase inicial do exercício e desdobramento da mediunidade. Outrossim, este é o meio de ampliar, desenvolver o treinamento do sensitivo, que aprende a discernir o tom psíquico dos que o acompanham, em espírito, tomando conhecimento das leis dos fluidos e armando-se de resistência

para combater as más inclinações que são os ímãs a atrair os que se encontram em estado de erraticidade inferior.

Preparação

Existe alguma técnica especial de preparação para os médiuns psicofônicos e os doutrinadores?

Os mentores espirituais generalizam para todos os componentes da equipe mediúnica o mesmo comportamento preparatório, pois os deveres são os mesmos, embora as funções sejam diferentes.

Na questão do médium, em particular, convém promover à véspera do intercâmbio espiritual um estado psíquico favorável, fazendo uma higienização mental compatível para que os mentores comecem a prepará-lo para a reunião do dia seguinte. Não se pode imaginar seja o fenômeno de incorporação um acontecimento fortuito, a não ser aquele originário do desequilíbrio.

O médium disciplinado pode ser considerado um telefone bem guardado. Alguém querendo telefonar, dirige-se ao aparelho e pede licença, com ética, para utilizá-lo. A mediunidade pode ser considerada uma aparelhagem telefônica sumamente útil: deve ser, portanto, preservada.

As entidades espirituais somente utilizam a nossa faculdade se a facultarmos, isto é, se formos disciplinados mentalmente. Podem perturbar-nos, usando outras pessoas, através de mecanismos que fogem à nossa participação.

***Por exemplo:** estamos em casa sentindo um grande bem estar, surge uma idéia má e reagimos, aparece uma sugestão negativa e refutamos o pensamento; no entanto, nem sempre conseguimos evitar que venha uma pessoa inesperadamente e nos provoque, desajustando-nos psicologicamente. Reagimos com mais facilidade ao que não vemos do que àquilo que está diante dos nossos olhos.*

Desta forma, o médium deve preparar-se desde a véspera, colocando-se à disposição dos bons espíritos.

Existem comunicações que, para serem realizadas, requerem um acoplamento perispírito-a-perispírito feito vinte e quatro horas antes da prática mediúnica. Nos livros de André Luiz e nos de Manoel Philomeno de Miranda todo este mecanismo está explicado com minúcias acerca do que os médiuns sentem. Os médiuns seguros já despertam com o psiquismo predisposto para o que vai acontecer na reunião mediúnica. Mais ou menos telementalizados, torna-se mais fácil a comunicação.

Como ocorrem as preparações no mundo espiritual para as comunicações mediúnicas, por psicofonia, de entidades muito infelizes: suicidas, assassinados, acidentados, obsessores e outros profundamente sofredores?

Os espíritos são unânimes em afirmar que, em razão da carga fluídica muito densa que os constitui ou nas quais se movimentam essas entidades, normalmente os médiuns, quando em estado de desdobramento pelo sono natural, são levados à regiões em que as mesmas se encontra, quando começa a estabelecer-se a sintonia entre ambos: *o desencarnando e o encarnado que lhe será o instrumento psicofônico*. Esse trabalho de identificação fluídica pode dar-se à véspera da reunião mediúnica específica ou mesmo até **48 horas antes**.

Isso, porém, não afeta a conduta moral, emocional e física do medianeiro, e se tal ocorresse, lhe seria uma dolorosa perturbação.

Os médiuns disciplinados dão-se conta da interferência delicada nos painéis da aparelhagem sutil de que são portadores e, desde esse momento, contribuem em favor desses enfermos espirituais, absorvendo e eliminando as energias deletérias, que serão transformadas durante a terapia a que serão submetidos na reunião programada.

É provável que nem todos os médiuns o percebam, tal a sutileza do fenômeno e a sua propriedade. Não obstante, à medida que se lhe apura a sensibilidade, passa a perceber o intercâmbio suave, sentindo-se honrado pela oportunidade de auxiliar o próximo em sofrimento.

Não é de estranhar-se a ocorrência, quando todos sabemos das interferências constantes dos espíritos em nossos pensamentos, palavras e atos, conforme a questão nº 459, de O Livro dos Espíritos, de Allan Kardec.

Quais os fatores que concorrem para que os participantes da prática mediúnica durmam no transcorrer dos trabalhos de intercâmbio espiritual e como evitar que isso aconteça?

O espírito Joanna de Angelis recomenda que o freqüentador repouse algumas horas antes de vir à reunião, a fim de adquirir uma predisposição favorável, desde que a indisposição física ou psíquica perturba o trabalho dos demais.

O problema todo se encontra vinculado ao campo mental do indivíduo. Os espíritos sintonizam, através de onda específica, ligando psiquicamente os colaboradores uns aos outros. Se este aqui dorme e mais adiante outro se encontra sonolento, os pensamentos se desencontram e cai a corrente vibratória. Faltam estímulos psíquicos aos médiuns para a comunicação e muitas deixam de acontecer. ***Quem participa de reunião mediúnica tem que criar o hábito de se preparar convenientemente.***

Existe a possibilidade de o indivíduo isolar-se, ligando-se diretamente aos instrutores espirituais. Quando isso acontece, o medianeiro torna-se um instrumento maleável nas mãos desses benfeitores e não sofre a deficiência do meio.

Existem casos em que os integrantes sonolentos são envolvidos pelos bons espíritos em fluidos benéficos para que não seja perturbada a ordem dos trabalhos de atendimento às entidades sofredoras.

*São circunstâncias graves, as que levam ao sono, provocadas ou intensificadas pela indução hipnótica de espíritos obsessores para que as pessoas fiquem anuladas. **Pode-se observar com facilidade que tão logo termina a***

prática mediúnica não mais se nota qualquer vestígio de indisposição na pessoa sonolenta.

Os fatores principais causadores destas indisposições, são: ***o cansaço natural e a hipnose obsessiva.***

A sugestão para contornar esta situação anômala resume-se em: repousar depois das atividades cotidianas, proceder a uma leitura edificante e adotar um estado íntimo de oração, que é diferente do balbuciar de palavras, impedindo-se assim, a influência dos hipnotizadores inferiores através de uma defesa consistente contra as ondas vibratórias negativas por eles arremessadas.

Na vida moderna nem sempre é possível arranjar-se tempo para uma preparação mental cuidadosa. Neste caso, o que se pode fazer? Deve-se continuar freqüentando a reunião mesmo sabendo que pode prejudicar, de alguma forma, a harmonia da equipe mediúnica?

Existe uma disciplina que pode compensar esta dificuldade: o participante da prática mediúnica comparecer amiúde às reuniões doutrinárias para estabelecer um vínculo, que, de certa forma, representa uma preparação.

Pode-se também adquirir o hábito de deitar-se mais cedo na véspera da prática mediúnica. Neste caso os mentores espirituais aproveitam a ocasião para uma preparação no mundo espiritual, a fim de que, no dia seguinte, o médium apresente-se maleável para atender as entidades programadas. Os instrutores desdobram o medianeiro e acoplam nele o espírito necessitado das terapias que serão utilizadas durante a doutrinação. ***No dia seguinte, o médium acorda sentindo mal estar, que somente desaparece depois da prática mediúnica.***

Aqueles que não tenham tempo, no dia da reunião mediúnica, para a preparação necessária, deitem-se mais cedo, leiam uma página edificante refletindo sobre o seu conteúdo, tenham uma noite tranqüila, façam uma assepsia mental cuidadosa, predispondo-se para a atividade do dia imediato. Enfim, façam um pré-operatório, porque em decorrência da correria da vida atual a condição física ideal é muito difícil de ser conseguida.

Exercício Mediúnico

O médium de transe consciente pode fazer uma avaliação do seu desenvolvimento mediúnico? De que forma?

Através da facilidade com que as comunicações se dão.

A questão da consciência na mediunidade sempre foi um grande tabu pelos conflitos que engendra na personalidade do médium.

Por exemplo: estamos todos na reunião mediúnica, em estado de calma, de relax. De repente, em nosso campo mental, irrompe uma volúpia de bem estar ou de ira. Trata-se da aproximação de um espírito. Não existe razão para o médium começar a fazer disto um motivo de conflitos: -Será que sou eu? Será que está no meu inconsciente?

No início do desenvolvimento da faculdade, é possível que sejam conflitos arquivados no inconsciente, mas somente chegaremos ao estado mediúnico passando pelo de natureza anímica.

O médium consciente, portanto, pode avaliar o fenômeno pela facilidade com que se vão dando as comunicações. O estado de lucidez, a claridade mental, não importa.

O que se deve observar é a forma lúcida, rápida e escorreita com que o fenômeno da psicofonia ocorre.

Como na arte de falar, a pessoa fala escolhendo as palavras, formando as frases, errando as conjugações verbais, a harmonia do conjunto. Depois, vai aprimorando-se, e em breve fala corretamente sem raciocinar.

No fenômeno mediúnico dá-se a mesma ocorrência. O médium pode, dessa forma, avaliar o seu progresso, o seu estágio de desenvolvimento ou o seu atraso pela facilidade, pela normalidade ou pela dificuldade com que as manifestações se dão.

No entanto, ninguém suponha que qualquer comunicação seja sempre cem por cento do espírito comunicante. Mesmo nos fenômenos de efeitos físicos, que independem do contributo intelectual do médium, o ectoplasma, a radiação, é do mediano. O espírito pode materializar-se e trazer as feições do sensitivo, porque o perispírito do encarnado nem sempre deixa de influenciar.

Para ter-se uma boa idéia a respeito, tente-se assinar um cheque segurando a mão de uma pessoa que não sabe escrever, e veja-se como sairá a letra: nunca se consegue uma igual à que está no arquivo. Ou, então, com a mão envolvida por uma luva muito grossa, de boxeador, por exemplo, tente-se escrever para verificar a dificuldade que se encontra. Todavia, com o treinamento, através da técnica da repetição, é possível conseguir-se traços de razoável aceitação.

Pelo exposto, o médium não se deve preocupar. Deixando que o fenômeno flua com naturalidade, em breve já não será participante, porque o desfecho vai-se tornando tão veloz que o sensitivo não pensa para dizer. Em vez disso, ouve o que está dizendo, deixa de ser agente para ser espectador, até o momento em que a consciência se apaga.

Considerem-se três pessoas de nível cultural diferente, para darem uma mesma mensagem: cada uma delas transmitirá de acordo com o seu grau de entendimento. Uma dirá o que não entendeu direito (não tem hábito de dar recado); a outra traduzirá: -Ele disse mais ou menos assim. Repetindo a mensagem conforme compreendeu; mas a terceira, mais treinada, passará facilmente o conteúdo conforme o recebeu. Então, temos nestes três casos, o médium de transe consciente, semiconsciente e inconsciente.

Quando um médium interrompe o exercício mediúnico por muito tempo, como deve proceder para retornar às suas atividades de intercâmbio espiritual?

Pelo começo.

Quando nos encontramos em qualquer atividade que interrompemos e desejamos retornar, deveremos submeter-nos a uma nova disciplina, a um novo exercício, porque durante esse período ficamos com as nossas possibilidades e reflexos muito prejudicados. Na mediunidade, porque faltou o exercício, deveremos voltar a fazer parte de um grupo, para sintonizar com todos os

membros, após o que voltaremos às atividades mediúnicas na condição de principiantes, até retemperarmos o ânimo e termos condições de sintonia.

O que o médium psicofônico consciente deve fazer para distinguir o pensamento que é do Mentor do que é do seu subconsciente?

No fenômeno psicofônico há uma preponderância da personalidade que se comunica. É muito difícil, no começo, saber se está falando de si mesmo ou sob indução. Mas, a idéia é tão dominante que termina por perceber que não é sua. As palavras, sim, serão suas, e vestirão a idéia com vocabulário próprio, mas dar-se-á conta de que aquela idéia não lhe é habitual. Ademais, quando está numa reunião mediúnica e chegam-lhe idéias que não são convencionais, é porque vêm de um agente externo. Cabe-lhe abrir-se e acompanhá-las sem interferir.

Por esta razão, a educação mental, através da concentração, nos propicia observar sem pensar. No fenômeno mediúnico o sensitivo é o observador, não é o agente.

Obstáculos à Mediunidade Nobre

O exercício sistemático da mediunidade, graças ao qual são desdobrados os recursos para uma correta aplicação a serviço da edificação do bem, encontra graves obstáculos que se podem configurar como verdadeiros perigos desafiadores.

Não é, porém, a mediunidade responsável por eles e sim o seu portador, quando leviano.

Antes, faz-se necessário considerar que o médium, na condição de espírito encarnado, é condutor de problemas e dívidas que o acompanham desde experiências anteriores e que lhe cabe enfrentar para resolver e superar. Natural, portanto, que se veja a braços com os sofrimentos e testemunhos comuns a todas as demais criaturas, passando pelos mesmos campos de aprendizagem e prova, mediante os quais se equipará para tentames mais elevados.

Assim, adiciona, às suas necessidades evolutivas, os esforços resultantes da educação das suas forças medianímicas, que também lhe abrem as portas da percepção para a vida superior.

Na fase inicial, e convém considerar que **os perigos não cessam nunca**, um dos maiores escolhos à boa prática mediúnica é a insistência dos espíritos levianos e maus por comunicarem-se, roubando tempo útil para o progresso, ou intoxicando o sensitivo com fluidos deletérios, ou distraíndo-o com mensagens apócrifas, mentirosas, laudatórias, perturbadoras, com caráter de profecias apavorantes, muito do agrado da frivolidade como do orgulho dos incautos. Inspirando idéias irreais sobre falsas missões, eles induzem o

intermediário presunçoso à obsessão por fascinação, que o leva a lamentáveis estados de desequilíbrio, de que se não dá conta, culminando em dolorosas subjugações de curso demorado, quando não irreversíveis.

Surdo a quaisquer advertências e telementalizado pelos seus algozes ou comparsas do comércio mediúnico, afasta-se do bom senso e das pessoas que não anuem com as suas idéias disparatadas, formando grupos de pessoas fanatizadas, que se reúnem, à sua volta, exaltando-lhe os dons e recorrendo aos seus prodígios em terrível desserviço à Causa da Verdade e ao próprio fascinado.

Esse escolho se apresenta através da febre que assalta quem lhe padece a injunção por projetar-se, escrevendo e divulgando tudo quanto lhe chega, aureolado por nomes respeitáveis e venerandos, que não suportam a menor análise crítica, quando à forma, nem quanto ao fundo.

Convidado à reflexão, assume postura de vítima, perseverando na ilusão de que é missionário especial, incompreendido e maltratado pelos seus coetâneos.

Precatem-se as pessoas honestas dessa como de outras ciladas que as podem colher, meditando e analisando as mensagens que lhes cheguem. Tudo quanto induza à vaidade ou à projeção nos palcos do mundo seja recebido com a devida reserva, sem pressa alguma de querer salvar a humanidade.

Neste capítulo, merece referência a impulsão constante para psicografar ou incorporar, para aplicar o passe ou exercer a mediunidade em qualquer lugar e a toda hora, demonstrando desconhecimento e desordem íntima em se tratando da própria e da vida alheia, que devem ser respeitadas. Comunicações excessivamente largas e vazias, tranSES que se prolongam por horas a fio, com raríssimas exceções, constituem sinais de alarme, mesmo porque os espíritos nobres têm inúmeras outras ocupações além de assistirem aos seus tutelados terrestres.

Gesticulações e movimentos violentos durante a comunicação, atavismos de linguagem pieguista, imitando antigos habitantes dos países em que os comunicantes nasceram, agressividade e contorções faciais como corporais pertencem às entidades inferiores ou ressumam do inconsciente do médium e devem ser corrigidos.

Certamente, nas comunicações dos sofredores desencarnados, podem registrar-se alguns modismos característicos dos estados de aflição em que os mesmos se encontram, todavia, socorridos, devem ter diminuído os estertores e gestos cuja violência desarticula os sutis mecanismos da faculdade mediúnica.

Em toda educação da mediunidade com elevação, o espírito guia do encarnado patrocina e consola o processo disciplinante, desde que este se lhe faça dócil às instruções, jamais, porém, abdicando do livre arbítrio e da razão.

Outro gravame ao exercício equilibrado das forças mediúnicas é o seu mercantilismo. Induzido por pessoas inescrupulosas e desconhecedoras da finalidade do espiritismo, **que é o de fomentar o progresso moral da humanidade**, o médium, resistindo de início aos pagamentos pelos serviços prestados, termina, não raro, sua vítima, passando à condição de profissional da mediunidade, **com alegações banais e sem justificativas**. Advertido pelos seus mentores, se prossegue, elege as companhias espirituais mais compatíveis com seus desejos, rumando, então, sob diferente e inferior comando.

Outro impedimento à correta vivência mediúnica está na interpretação errônea dos objetivos desta. A pessoa atribui aos espíritos toda e qualquer ocorrência, isentando-se, como aos demais, dos deveres e responsabilidades que lhes dizem respeito.

Que os espíritos interferem na vida dos homens, não há a menor dúvida. Que sejam, porém, os responsáveis exclusivos pelos insucessos das criaturas, isto, já é diferente.

A interferência dá-se por motivo da sintonia mental e moral que mantêm com os indivíduos em razão de suas paixões inferiores recíprocas. Portanto, por aquiescência dos próprios encarnados.

Assim, diante de determinados acontecimentos, não obstante se busque a terapêutica ou a ajuda espiritual, recorra-se também aos processos compatíveis para a solução de cada um deles. Nos problemas da saúde, que não seja descartada a assistência médica e, conforme o caso, a presença do especialista na área correspondente.

Os espíritos atuam como cireneus e não como solucionadores que tomassem sobre os ombros a responsabilidade, os compromissos e as tarefas dos seus protegidos.

Por fim, ***consideremos a irregularidade do exercício mediúnico, a inconstância derivada da preguiça física ou mental responsável pelo insucesso do dever***, mantendo o candidato sempre na superfície, atuando na faixa da mediunidade atormentada, que não progride, é repetitiva, insegura e monótona na sucessão do tempo.

*É claro que os não reportamos aqui a **todos os perigos que a má orientação pode expor os médiuns**. Entretanto, a partir destes, será fácil deduzir-se os outros, assumindo a postura e os cuidados exigíveis a fim de poder-se exercer a faculdade com tranqüila confiança e consciência de que, fazendo o melhor ao alcance, se estará logrando realizar o máximo a benefício próprio e do seu próximo.*

Bibliografia:

No Invisível – Leon Denis
Desenvolvimento Mediúnico – Roque Jacinto
Qualidade na Prática Mediúnica – Projeto Manoel P. de Miranda
Médiuns e Mediunidades – Divaldo P. Franco (pelo espírito Vianna de Carvalho).



ESTUDO DA MEDIUNIDADE

MEDIUNIDADE

Aula 17

Perda e Suspensão da Mediunidade

O LIVRO DOS MÉDIUNS – Cap. XVII

Perda e Suspensão da Mediunidade

220. A faculdade mediúnica está sujeita a intermitências e a suspensões temporárias, quer para as manifestações físicas, quer para a escrita. Damos a seguir as respostas que obtivemos dos Espíritos a algumas perguntas feitas sobre este ponto:

1ª Podem os médiuns perder a faculdade que possuem?

"Isso freqüentemente acontece, qualquer que seja o gênero da faculdade. Mas, também, muitas vezes apenas se verifica uma interrupção passageira, que cessa com a causa que a produziu".

2ª Estará no esgotamento do fluido a causa da perda da mediunidade?

"Seja qual for a faculdade que o médium possua, ele nada pode sem o concurso simpático dos Espíritos. Quando nada mais obtém, nem sempre é porque lhe falta a faculdade; isso não raro se dá, porque os Espíritos não mais querem, ou podem servir-se dele".

3ª Que é o que pode causar o abandono de um médium, por parte dos Espíritos?

"O que mais influi para que assim procedam os bons Espíritos é o uso que o médium faz da sua faculdade. Podemos abandoná-lo, quando dela se serve para coisas frívolas, ou com propósitos ambiciosos; quando se nega a transmitir as nossas palavras, ou os fatos por nós produzidos, aos encarnados que para ele

apelam, ou que têm necessidade de ver para se convencerem. Este dom de Deus não é concedido ao médium para seu deleite e, ainda menos, para satisfação de suas ambições, **mas para a sua melhora espiritual e para dar a conhecer aos homens a verdade**. Se o Espírito verifica que o médium já não corresponde às suas vistas e já não aproveita das instruções nem dos conselhos que lhe dá, afasta-se, em busca de um protegido mais digno."

4ª Não pode o Espírito que se afasta ser substituído e, neste caso, não se conceberia a suspensão da faculdade?

"Espíritos não faltam, que outra coisa não desejam senão comunicar-se e que, portanto, estão sempre prontos a substituir os que se afastam; mas, quando o que abandona o médium é um Espírito bom, pode suceder que o seu afastamento seja apenas temporário, para privá-lo, durante certo tempo, de toda comunicação, a fim de lhe provar que **a sua faculdade não depende dele médium** e que, assim, razão não há para dela se vangloriar. Essa impossibilidade temporária também serve para dar ao médium a prova de que ele escreve sob uma influência estranha, pois, de outro modo, não haveria intermitências".

"Em suma, a interrupção da faculdade nem sempre é uma punição; demonstra às vezes a solicitude do Espírito para com o médium, a quem consagra afeição, tendo por objetivo proporcionar-lhe um repouso material de que o julgou necessitado, caso em que não permite que outros Espíritos o substituam".

5ª Vêem-se, no entanto, médiuns de muito mérito, moralmente falando, que nenhuma necessidade de repouso sentem e que muito se contrariam com essas interrupções, cujo fim lhes escapa.

"Servem para lhes pôr a paciência à prova e para lhes experimentar a perseverança. Por isso é que os Espíritos nenhum termo, em geral, assinam à suspensão da faculdade mediúnica; é para verem se o médium desanima. E também para lhe dar tempo de meditar as instruções recebidas. Por essa meditação dos nossos ensinamentos é que reconhecemos os espíritas verdadeiramente sérios. Não podemos dar esse nome aos que, na realidade, não passam de amadores de comunicações".

6ª Será preciso então, que, nesse caso, o médium prossiga nas suas tentativas para escrever?

"Se o Espírito lhe aconselhar isto, deve; se lhe disser que se abstenha, não deve".

7ª Haveria meio de abreviar essa prova?

"A resignação e a prece. Demais, basta que faça cada dia uma tentativa de alguns minutos, visto que inútil lhe será perder o tempo em ensaios infrutíferos. A tentativa só deve ter por fim verificar se já recobrou, ou não, a faculdade".

8ª A suspensão da faculdade não implica o afastamento dos Espíritos que habitualmente se comunicam?

"De modo algum. O médium se encontra então na situação de uma pessoa que perdesse temporariamente a vista, a qual, por isso, não deixaria de

estar rodeada de seus amigos, embora impossibilitada de os ver. Pode, portanto, o médium e até mesmo deve continuar a comunicar-se pelo pensamento com seus Espíritos familiares e persuadir-se de que é ouvido. Se for certo que a falta da mediunidade pode privá-lo das comunicações ostensivas com certos Espíritos, também certo é que não o pode privar das comunicações morais”.

9ª Assim, a interrupção da faculdade mediúnica nem sempre traduz uma censura da parte do Espírito?

"Não, sem dúvida, pois que pode ser uma prova de benevolência”.

10ª Por que sinal se pode reconhecer a censura nesta interrupção?

"Interroge o médium a sua consciência e inquiria de si mesmo qual o uso que tem feito da sua faculdade, qual o bem que dela tem resultado para os outros, que proveito há tirado dos conselhos que se lhe têm dado e terá a resposta”.

11ª O médium que ficou impossibilitado de escrever poderá recorrer a outro médium?

"Depende da causa da interrupção, que tem por fim, amiúde, deixar-vos algum tempo sem comunicações, depois de vos terem dado conselhos, a fim de que vos não habitueis a nada fazer senão com o nosso concurso. Se este for o caso, ele nada obterá recorrendo a outro médium, o que também ocorre com o fim de vos provar que os Espíritos são livres e que não está em vossas mãos obrigá-los a fazer o que queirais. Ainda por esta razão é que os que não são médiuns nem sempre recebem todas as comunicações que desejam”.

NOTA: Deve-se efetivamente observar que aquele que recorre a terceiro para obter comunicações, não obstante a qualidade do médium, muitas vezes nada de satisfatório consegue, ao passo que de outras vezes as respostas são muito explícitas. Isso tanto depende da vontade do Espírito, coisa alguma adianta mudando de médium. Os próprios Espíritos como que dão, a esse respeito, uns aos outros a palavra de ordem, porquanto o que não se obtiver de um, de nenhum mais se obterá. Cumpre então que nos abstenhamos de insistir e de impacientar-nos, **se não quisermos ser vítimas de Espíritos enganadores**, que responderão, dado procuremos à viva força uma resposta, deixando os bons que eles o façam, para nos punirem a insistência.

12ª Com que fim a Providência outorgou de maneira especial, a certos indivíduos, o dom da mediunidade?

É uma missão de que se incumbiram e cujo desempenho os fazem ditosos. São os intérpretes dos Espíritos com os homens.”“.

13ª Entretanto, médiuns há que manifestam repugnância ao uso de suas faculdades.

"**São médiuns imperfeitos**; desconhecem o valor da graça que lhes é concedida”.

14ª *Se é uma missão, como se explica que não constitua privilégio dos homens de bem e que semelhante faculdade seja concedida a pessoas que nenhuma estima merecem e que dela podem abusar?*

"A faculdade lhes é concedida, porque precisam dela para se melhorarem, para ficarem em condições de receber bons ensinamentos. Se não aproveitam da concessão, sofrerão as conseqüências. Jesus não pregava de preferência aos pecadores, dizendo ser preciso dar àquele que não tem?"

15ª *As pessoas que desejam muito escrever como médiuns, e que não o conseguem, poderão concluir daí alguma coisa contra si mesmas, no tocante à benevolência dos Espíritos para com elas?*

"Não, pois pode dar-se que Deus lhe haja negado essa faculdade, como negado tenha o dom da poesia, ou da música. Porém, se não forem objeto desse favor, podem ter sido de outros".

16ª *Como pode um homem aperfeiçoar-se mediante o ensino dos Espíritos, quando não tem, nem por si mesmo, nem com o auxílio de outros médiuns, os meios de receber de modo direto esse ensinamento?*

"Não tem ele os livros, como tem o cristão o Evangelho? Para praticar a moral de Jesus, não é preciso que o cristão tenha ouvido as palavras ao lhe saírem da boca".

Do livro O Consolador, pergunta 389:

A mediunidade pode ser retirada em determinadas circunstâncias?

Os atributos medianímicos são como os talentos do Evangelho. Se o patrimônio divino é desviado de seus fins, o mau servo torna-se indigno da confiança do Senhor da seara da verdade e do amor. Multiplicados no bem, os talentos mediúnicos crescerão para Jesus, sob as bênçãos divinas. Todavia, se sofrem o insulto do egoísmo, do orgulho, da vaidade ou da exploração inferior, podem deixar o intermediário do invisível entre as sombras pesadas do estacionamento, nas mais dolorosas perspectivas de expiação, em vista do acréscimo de seus débitos irrefletidos.

Os Fracassos

Das cidades, colônias e demais núcleos espirituais do Espaço, constantemente partem, com destino à Terra, trabalhadores que pediram ou receberam, como dádivas do Alto, tarefas de serviço ou de resgate, no campo nobilitante da mediunidade.

Um complexo e delicado trabalho preparatório é realizado pelos protetores espirituais para oferecer-lhes aqui condições favoráveis à execução das tarefas ajustadas: **corpo físico, ambiente doméstico, meio social, recursos materiais, etc.**, e isso além dos exaustivos esforços que envidam para o desenvolvimento regular de encarnação propriamente dita: defesa, formação do feto, etc.

Dado, porém, o nascimento, transcorrida a infância e a juventude quando, enfim, soam no seu íntimo e ao seu redor, os primeiros chamamentos para o trabalho edificante, eis que, **muitas vezes, ou quase sempre, que se tornam surdos e cegos, rebeldes ao convite, negligentes ao compromisso, negativos para o esforço redentor.**

Deixam-se dominar pelas tentações da matéria grosseira, aferram-se ao que é transitório e enganoso e, na maioria dos casos, somente ao guante da dor e a poder de insistentes interferências punitivas, volvem seus passos, relutantemente, para o caminho sacrificial do testemunho.

Não consideram, desde logo, que ninguém desce a um mundo de expiação como este, para usufruir repouso ou bem estar, mas sim e unicamente para lutar pela própria redenção, vencendo os obstáculos inumeráveis que a cada passo surgem, vindos de muitas direções.

Os dirigentes das instituições assistenciais ou educativas do espaço, têm constatado como regra geral que **poucos, muito poucos médiuns triunfam nas tarefas e que a maioria fracassa lamentavelmente**, apesar do auxílio e da assistência constantes que recebem dos planos invisíveis; e esclarecem também que as causas gerais desse fracasso são: **a ausência da noção de responsabilidade própria e a falta de recordação dos compromissos assumidos antes da reencarnação.**

Ora, se o esquecimento do passado é uma contingência, porém necessária, da vida encarnada de todos os homens, ela não é, todavia, absoluta, mormente em relação aos médiuns, porque os protetores, constantemente e com desvelada insistência, lhes fazem advertência nesse sentido, lembrando seus deveres; muito antes que o momento do testemunho chegue, já eles estão advertindo por mil modos, desenvolvendo no médium em perspectiva, noções bem claras de sua responsabilidade pessoal e funcional.

Por isso, das causas apontadas acima, somente julgamos ponderável a **falta de noção de responsabilidade**, porque, se essa noção existisse, os médiuns desde logo se dedicariam à tarefa, devotadamente.

Isso, é lógico, tratando-se de médiuns estudiosos, que se preocupam com a obtenção de conhecimentos doutrinários, porque, **para os demais, à irresponsabilidade acresce a ignorância e a má vontade.**

E essa noção de irresponsabilidade é tão ampla que muitos médiuns, mormente aqueles que o orgulho pessoal ou as ambições do mundo dominam, maldizem a posse das faculdades que possuem, como se fossem estorvos; e outros há, menos radicais, mas não menos desorientados, que lastimam não serem inconscientes, para poderem então exercê-las à revelia de si mesmos.

Quão poucos, os esclarecidos e lúcidos, que se prosternam e, humildemente clamam: Bendito sejas, ó Senhor, que me haveis concedido tão

excelente e poderosa ferramenta de serviço redentor! Graças, Senhor, por me haverdes separado para o trabalho da tua vinha!

As Quedas

As quedas são mais comuns nos degraus inferiores da escada evolutiva e tanto ***mais dolorosas e profundas se tornam, quanto maior for o cabedal próprio de conhecimentos espirituais adquiridos pelo espírito.***

Estado de evolução e estado de queda são duas condições de caráter geral, em que se encontram os espíritos nas fases inferiores da ascese.

Essas são as condições que dominam no Umbral o qual, como sabemos, é uma esfera de vida purgatorial, bem como nos planos que lhe estão, até um certo ponto e de um certo modo, imediatamente acima.

Quando, porém, as quedas se acentuam devido à reincidência de transgressões, elas levam os culposos às Trevas, esfera mais profunda, de provas mais acerbadas, situada abaixo da Crosta.

Entretanto, em qualquer tempo ou situação, o espírito culposo pode retomar a evolução, voltando à ascese, desde que reconsidere, arrependa-se e se disponha ao esforço reabilitador.

A misericórdia divina cobre a multidão de pecados e dá ao pecador incessantes e renovadas oportunidades de redenção. A redenção, pois, não é um acontecimento extraordinário, um ato de juízo final mas sim a manifestação da misericórdia de Deus em muitas oportunidades, no transcurso do esforço evolutivo.

Mas, perguntarão: o fracasso, na tarefa mediúnica, não sendo reincidente, lança o médium primário no estado de queda?

Não, desde que ele, no exercício das faculdades próprias, ***não tenha cometido crimes contra o Espírito.*** Esse fracasso primário traz ao médium uma parada na ascese evolutiva; fica ele em suspensão, aguardando nova oportunidade, temporariamente inativo, dependendo de nova tarefa redentora, que lhe será ou não concedida conforme as circunstâncias do fracasso: negligência, vaidade, cupidez, etc.

Mas lança-lo-á na queda se praticou o mau conscientemente; se permitiu que suas faculdades fossem utilizadas pelos representantes das forças do mal; ***se orientou seu próximo por maus caminhos,*** lhe destruiu no espírito a semente redentora da fé, ou lhe perverteu os sentimentos fazendo-o regredir à animalidade; enfim, ***se deturpou a Verdade e lançou seu próprio ou a si mesmo no caminho do erro da iniquidade.***

Há uma lei invariável que preside a este assunto: quando o médium se dedica à tarefa em comunhão com os espíritos do bem, está em estado de evolução; quando, ao contrário, a despreza ou, por mau procedimento, dá causa ao afastamento desses espíritos, cai então sob a influência dos espíritos do mal e entra em estado de queda.

A esse respeito diz André Luiz: *“No campo da vida espiritual, cada serviço nobre recebe o salário que lhe diz respeito e cada aventura menos digna tem o preço que lhe corresponde”*.

E prossegue:

“Mediação entre dois planos diferentes sem elevação de nível moral é estagnação na inutilidade”.

“O pensamento é tão significativo na mediunidade, quanto o leito é importante para o rio”.

“Ponde águas puras sobre um leito de lama pútrida e ao tereis senão a escura corrente da viciação”.

E mais: *“Jesus espera a formação de mensageiros humanos capazes de projetar no mundo as maravilhas do seu Reino”*.

O Médium Fracassado

A mediunidade fracassada é aquela que não respeitou as leis da educação dos sentimentos, onde o médium não impôs a si mesmo a disciplina conveniente ao equilíbrio das suas faculdades. Perdemos sempre muitas oportunidades, e é nessa perda constante que sentimos anseios de melhorar. É nosso dever procurarmos todas as diretrizes que nos levam ao aprimoramento dos nossos dons. No entanto, *é bom que fuçamos dos extremos*, pois eles nos fazem sofrer as conseqüências do desequilíbrio. A vida não nos pede sacrifícios nem esforços que não sejam compatíveis com as nossas forças. Compete a todos os médiuns lutarem sempre para melhorar, porque o fracasso de uma vida requer outra com maiores fardos e jugos.

A mediunidade é uma porta de misericórdia que os céus nos abrem, é uma lavoura que o Senhor nos oferta para que possamos trabalhar, é um terreno esperando a sementeira que deve passar pelas nossas mãos. Os espíritos diretores dos trabalhos na Terra, sob a égide de Jesus, empenham-se na reencarnação de centenas de médiuns, de todos os valores, de modo que eles possam ressarcir seus compromissos com a vida, usando suas faculdades em favor da harmonia espiritual de seus corações.

Podemos andar muitas milhas com firmeza por muito tempo. No entanto, um pequeno desnível do terreno pode nos fazer cair e, por vezes, há demora em levantarmos. O “orai e vigiai” do Evangelho deve ser observado em todos os momentos, para que possamos adquirir segurança nos nossos passos. Um palito de fósforo pode incendiar uma cidade toda. Uma pequena nuvem pode fazer sombra em grande região, impedindo o sol de clarear. Pequenos pensamentos inferiores que surgem em nossa mente podem avolumar-se, crescer, transformar-se em realidade e prejudicar a nossa vida. Porém, quando ocorre o contrário, aproveitamos o tempo. E tudo de pequeno que tem o cunho da verdade também cresce e se agiganta, proporcionando-nos um bem estar

indizível. De uma minúscula semente, pode nascer uma ciclópica árvore, que produz toneladas de frutos. Assim é a nossa vida espiritual: uma lavoura onde o espírito é o semeador. Quando ele não se esquece de obedecer às leis naturais do progresso e do bem, nunca lhe faltam as bênçãos da recompensa, que vêm pelas trilhas da afinidade.

O médium fracassado é aquele que desanimou na vida ou aquele que usou as faculdades que Deus lhe deu vendendo as suas possibilidades espirituais, interessando-se mais pelo ouro do que pela própria vida. Caminha, por isso, para o tribunal da consciência, onde será condenado pelas suas ações impensadas. Converte o seu tesouro em lama, na qual irá viver, pela lei da compensação.

Devemos nos despojar da usura, da maledicência, do orgulho, do egoísmo, da vaidade e da prepotência, para não sermos escravos da inferioridade, prisão que pode nos levar ao desinteresse pela vida. A atividade mediúnica é capaz de nos salvar, quando a usamos na fertilidade do amor. Devemos conservar o interesse de usar a nossa mediunidade, dentro da filosofia que Jesus nos ensinou, dando com uma mão sem que a outra saiba.

O médium esmorecido está à beira do fracasso. E o médium fracassado fica estagnado por tempo indeterminado, até que a sua consciência reaja ou até que a dor o convide a corrigir-se o que, às vezes, ocorre através de processos drásticos engendrados pela natureza, quando não nos educamos nos moldes da disciplina.

Os médiuns de hoje não podem se desculpar, alegando que não foram avisados. As escolas são inúmeras por todos os lados e talvez estejam dentro do próprio lar. A literatura é imensa, em convite permanente. Os companheiros espalhados por toda parte convidam, a quem espera, para o trabalho da caridade e para o exercício do amor.

Se estás no caminho do fracasso, meu irmão, abre os olhos e muda de idéia, mudando de caminho.

Procura o Cristo, que com Ele acertarás. Depende de ti a decisão. O preço do fracasso é a dor e inumeráveis infortúnios, que irão mostrar não ser compensadora a reincidência no erro.

Não queiras vencer por fora, porque o nosso trabalho é por dentro.
A tua desilusão, se este é o teu caso, é porque estás sendo guiado por cegos. Quando a verdade se manifesta interiormente em nosso coração, encontraremos a verdade no exterior. Atende ao convite da doutrina dos espíritos, disseminada em todo o mundo, para mudar as tuas idéias, se elas ainda forem inadequadas ao bem comum. Atende ao chamado dos benfeitores da humanidade, conhecendo as suas vidas. Apura os ouvidos para a fala de Jesus, que nos pede para segui-lo. Seguir Jesus é reformar os sentimentos na qualidade de amar, como Ele amou, verás e veremos, que todos os nossos fracassos anteriores se transformarão em glória, norteando-nos para a libertação e ensinando-nos os processos de amar com mais facilidade e, certamente, com muita alegria.

O médium fracassado, quando conhecer Jesus, passará a ser médium iluminado.

Bibliografia:

O Livro dos Médiuns – Allan Kardec
Mediunidade – Edgard Armond
O Consolador – Francisco C. Xavier *(pelo espírito Emmanuel)*
Segurança Mediúnica – João N. Maia *(pelo espírito Miramez)*



ESTUDO DA MEDIUNIDADE

MEDIUNIDADE

Aula 18

Prática da Mediunidade com Jesus

Oração no Lar

A transformação do lar em célula viva do Cristianismo operante constitui labor impostergável.

Por mais valiosas se façam as conquistas externas na atividade quotidiana, com vistas ao progresso e à felicidade, se tais aquisições não encontrarem fundações de segurança no reduto doméstico far-se-ão edificações em constante perigo.

Os distúrbios internos em qualquer máquina de serviço provocam prejuízo na rentabilidade, quando não se dá a paralisação do trabalho com danos imprevisíveis.

A família é o fulcro da maior importância para o homem.

Não obstante os complexos mecanismos da reencarnação, os criminógenos ou os estímulos honoráveis encontram no núcleo familiar as condições fomentadoras para o eclodir das paixões insanas como o das sublimes. Obviamente, de quando em quando surgem exceções, como atestando que o diamante valioso, apesar de tombado na lama, fulgura, precioso, ou a pedra bruta, embora o engaste nobre e o estojo especial de forma alguma adquire valor.

Num lar lúcido pela oração em conjunto onde, a par do exemplo salutar dos cônjuges, a palavra do Senhor recebe consideração e apontamentos superiores, ao menos periodicamente, os dramas passionais, as ocorrências infelizes, os temores e as discórdias cedem lugar à compreensão fraternal, à caridade recíproca, à paciência, ao amor.

Ali se caldeiam os complexos fenômenos da evolução e se resolvem em clima de entendimento os problemas urgentes que dizem respeito à recuperação de cada um. Não apenas se ajustam e se sustentam afetivamente os nubentes,

como se organizam os programas iluminativos, retemperando-se ânimo e ideais sob a inspiração do Cristo sempre presente.

Companheiros sinceros queixam-se quanto aos danos promovidos pelos modernos veículos de comunicação de massa.

Diversos expositores do verbo espírita invectivam contra as permissividades hodiernas.

Mentes lúcidas, considerando a áspera colheita de espinhos da atualidade, reagem com emoção por meio da palavra falada ou escrita.

Muitos oferecem programas complexos de ação, talvez impraticáveis, debatem, acusam, vociferam

Mas pouco fazem realmente.

O trabalho do bem é paulatino, e a reforma moral, para ser autêntica, será sempre individual, bem laborada, sacrificial.

As técnicas ajudam, todavia, só a persuasão honesta, mediante a qual o homem se conscientiza das necessidades reais, consegue lograr libertá-lo dos compromissos inditosos, engajando-se nas disposições restauradoras.

De pouca monta o esforço para ajudar a renovação do próximo, se não ensinar fixado ao exemplo da própria modificação íntima para melhor.

O exercício evangélico na família a pouco e pouco, em clima de cordialidade e simpatia, consegue neutralizar a má propaganda, as investidas violentas do crime de todo porte que se insinuam e irrompem dominadoras.

Ao realizares o Culto Evangélico do lar não te estendas em tempo, a fim de serem evitados a monotonia e o desinteresse.

Não o imponhas aos que te não compartilhem as idéias ou preferem, por enquanto, outros rumos.

Tenta a argumentação honesta e branda, convincente e autêntica.

Insiste junto aos filhinhos para que comunguem contigo do pão do espírito, conforme de ti recebem o pão do corpo.

Faze, porém, a tua parte.

Se sentires a tentação do desânimo, a amargura da decepção, recorda-te do otimismo dos primeiros cristãos e não desfaleças. Acenda o sol do Evangelho em casa, reúne-te com os teus para orar e jamais triunfarão trevas em teu lar, em tua família, em teu coração.

Muitos os Chamados

Mesmo hoje é assim...

Atônitas, as multidões procuram a diretriz do reino dos céus; não obstante, engalfinham-se nas hórridas lutas pela posse da Terra.

Fascinam-se com as narrativas evangélicas e comovem-se ante os padecimentos do Senhor quando lêem a Sua vida; ***todavia não se resolvem a***

seguir em definitivo os roteiros iluminativos, por meio dos quais os valores humanos mudam de expressão.

Examinando, igualmente, o comportamento de muitos companheiros de lides, verificarás que a parábola expressiva do Senhor mantém-se em plena atualidade para eles também.

Depois de experimentarem o contato com as legitimidades do espírito, sentem-se dominados pelo desejo sincero de espriarem as certezas que a Boa Nova lhes oferece. *Entretanto, aos primeiros impedimentos e problemas, perfeitamente consentâneos com a posição evolutiva que os caracteriza, reagem, dizendo-se descrentes, atormentam-se e debandam.*

Acreditam que são credores de especiais concessões, tendo em vista haverem recebido o convite para o banquete na corte do Grande Rei e o terem aceitado com demonstrações de vivo entusiasmo.

Não lhes acode, porém, ao discernimento, que para qualquer solenidade se fazem indispensáveis compostura própria e traje adequado.

Tais são as ações nobilitantes que conferem investidura e insígnias para o comparecimento ao ágape real.

Por isso, as multidões esfaimadas de amor e sabedoria ainda não se resolveram faltar-se nos celeiros sublimes da Revelação Espírita ora ao alcance de todos, demorando-se em contínua aflição.

Buscando os tesouros do espírito, disputam, aguerridamente, as posses que os ladrões roubam, as traças roem e a ferrugem gasta.

Já que recebeste o chamado para a transformação moral ao alento da luz espírita que te aclara os dédalos do mundo interior, não titubeies. Apressa o passo na senda habitual e reflete, deixando-te permear pelas lições de esperança e renovação com que te armarás para os combates ásperos contra os severos adversários que a quase todos vencem: o egoísmo, o orgulho, a ira, o ciúme e seus sequazes, ensinando, pelo exemplo, fraternidade e amor.

Não te preocupes pelo proselitismo como pelo arrastamento das multidões à fé que te comove.

Recorda-te de Jesus que não veio para compactuar com as comezinhas paixões, tampouco para agradar os campeões da insensatez, maneira segura de conseguir simpatizantes e adeptos, antes para inaugurar o principado da felicidade ao qual são muitos chamados, porém poucos escolhidos.

Importância da Leitura do ESE

O Evangelho é vida na expressão oculta, porque acorda os que dormem na ignorância, levanta os caídos e faz andarem os paralíticos da alma. O medianoiro inteligente, antes de se dar conhecido no meio dos espiritualistas, em primeiro lugar conhece o Evangelho, procura entendê-lo e se esforça na prática, porque a mediunidade sem ele pode trazer distúrbios na inteligência e no coração.

E sabeis onde ele existe escrito na íntegra? Na profundidade da consciência de cada um, pelo lápis do tempo, acionado pelo poder de Deus. Por esse motivo é que ele agrada a todos e antes que aconteçam as coisas dos “*fins dos tempos*”, no mundo dos desequilíbrios humanos, é necessário que primeiro o Evangelho seja pregado a todas as nações.

Mediunidade com Jesus

Em quaisquer setores da atividade humana, é natural cultivemos, nas reentrâncias do coração o anseio de melhoria e aperfeiçoamento.

O engenheiro que, após intenso labor, obtém o seu diploma, aprimorar-se-á, no estudo e no trabalho, a fim de dignificar a profissão escolhida, convertendo-se em construtor do progresso e do bem-estar geral.

O médico, no contacto com o sofrimento e a enfermidade, na cirurgia ou na clínica, ampliará sempre os seus conhecimentos, com vistas à experiência no tempo. E, se honesto e bom, conquistará o respeito do meio onde vive.

O artífice, seja ele mecânico ou carpinteiro, sapateiro ou alfaiate, no humilde labor diuturno, estudando e aprendendo, adquirirá os recursos da técnica especializada, que o tornarão elemento valioso e indispensável no ambiente onde a Divina bondade o situou.

O advogado no trato incessante com as leis, identificando-se com a hermenêutica do Direito, compulsando clássicos e modernos, abrirá ao próprio espírito perspectivas sublimes para o ingresso à Magistratura respeitável, em cujo Templo, pela aplicação dos corretivos legais, cooperará, eficientemente, com o Senhor da Vida na implantação da Justiça e na sustentação da ordem jurídica.

Se esta ânsia evolutiva se compreende nos labores da vida contingente, cujas necessidades, em sua maioria, virtualmente desaparecem com a cessação da vida orgânica, que dizemos das realizações do Espírito Eterno, das lutas e experiências que continuarão além da morte, para decidirem, afinal, no mundo espiritual, da felicidade ou da desventura do ser humano?

O quadro evolutivo contemporâneo assemelha-se a um cortejo que se dirige, simultaneamente, a uma necrópole e a um berçário.

Vamos sepultar uma civilização poluída e assistir, jubilosos, à alvorada de luz de um novo dia.

A Humanidade, procurando destruir os grilhões que ainda a vinculam à Era da Matéria, na qual predominam os sentimentos inferiorizados, apresenta dolorosos sintomas de decomposição, à maneira de um corpo que se esvai, lentamente, a fim de, pelo mistério do renascimento, dar vida a outro ser mais perfeito e formoso.

O médium, como criatura que realiza, também, de modo penoso, a sua marcha redentora, aspirando a melhorar-se e atingir a vanguarda ascensional, resente-se, naturalmente, no exercício de sua faculdade, seja ela qual for, deste estado de coisas, revelador da ausência do Evangelho no coração humano.

Os problemas materiais, os instintos ainda falando, bem alto, na intimidade do próprio coração, a inclinação ao personalismo e a vaidade, à prepotência e ao amor-próprio, enfim, a condição ainda deficitária de sua individualidade espiritual, concorrem para que o Mais Alto encontre, nesta altura dos tempos, forte obstáculo à livre, plena e espontânea manifestação.

Justo e mesmo necessário será, portanto, que o médium guarde, igualmente, no coração, o desejo de, pelo estudo e pelo trabalho, pelo amor e pela meditação, sobrepor-se ao meio ambiente e escalar, com firmeza e decisão, os degraus da evolução consciente e definitiva, convertendo-se, assim, com redução do tempo, em espiritualizado instrumento das vozes do Senhor.

Esclarecem os instrutores espirituais que é mente a base de todos os fenômenos mediúnicos. Assim sendo, a natureza dos nossos pensamentos, o tipo das nossas aspirações e o nosso sistema de vida, a se expressarem através de atos e palavras, pensamentos e atitudes, determinarão, sem dúvida, a qualidade dos Espíritos que, pela lei das afinidades, serão compelidos a sintonizarem conosco nas tarefas cotidianas e, especificamente, nas práticas mediúnicas.

Não podemos por enquanto, é verdade, desejar uma comunidade realmente cristã, onde todos se entendam, pensem no bem, pelo bem vivam e pelo bem realizem.

Seria, extemporâneamente, a Era do Espírito, realização que pertencerá aos milênios futuros, quando tivermos a presença do Cristo de Deus no próprio coração, convertido em Templo Divino, em condições, por conseguinte, de repetirmos, leal e sinceramente, com o grande bandeirante do Evangelho: “Já não sou eu quem vive, mas Cristo que vive em mim”.

Todavia, se é impossível, por agora, a cristianização coletiva da Humanidade do nosso pequenino orbe, Jesus continua falando ao nosso coração, em silêncio, desde o suave episódio da Manjedoura, quando acendeu, nas palhas do estábulo de Belém, a luz da humana redenção.

Cada um de nós terá de construir a própria edificação.

Esta transição inevitável, da Era da Matéria para a Era do Espírito, pode começar a ser efetivada, humildemente, silenciosamente, perseverantemente, no mundo interior de cada criatura.

Começemos, desde já, o processo de autotransformação.

Este processo renovativo se verificará, indubitavelmente, na base da troca ou substituição de sentimentos.

Modifiquemos os hábitos, aprimoremos os sentimentos, melhoremos o vocabulário, purifiquemos os olhos, exerçamos a fraternidade, amemos e sirvamos, estudemos e aprendamos incessantemente.

Temos que deixar os milenares hábitos que nos cristalizam os corações, como abandonamos a roupa velha ou o calçado imprestável, que não mais satisfazem os imperativos da decência e da higiene.

Vamos sair de uma para outra fase da evolução planetária, impondo-se, portanto, a renovação dos sentimentos. Numa figura mais simples: a substituição do que é ruim, pelo que é bom, do que é negativo, pelo que é positivo, do que degrada, pelo que diviniza.

Antigamente, em época mais recuada, homens e grupos se caracterizavam, total e expressamente, pela ignorância de assuntos espirituais e materiais, pela opressão material e espiritual, uns sobre os outros, o mais forte sobre o mais fraco e, finalmente, pela absoluta predominância dos instintos.

Oprimia-se moral, econômica e espiritualmente.

Sacrificava-se, inclusive, o irmão, em nome de Divino Poder.

O primado da matéria abrangia todas as formas de vida.

Na fase de transição em que vivemos, tendemos, sem dúvida, para a espiritualização.

Substituiremos as velhas fórmulas da ignorância, da opressão política ou religiosa, moral ou econômica, pelas elevadas noções de fraternidade do Cristianismo.

Os instintos inferiorizados cederão lugar, vencidos e humilhados, aos eternos valores do Espírito Imortal.

Como decorrência natural de tais substituições, a mediunidade, igualmente, sublimar-se-á.

Elevar-se-ão as práticas mediúnicas, porque Espíritos Sublimados sintonizarão com os medianeiros, em definitivo e maravilhoso Pentecostes de Amor e Sabedoria, exaltando a Paz e a Luz.

Quando o conhecimento dos problemas humanos, em seu duplo aspecto, material e espiritual, torna-se uma realidade em nosso coração, a fenomenologia mediúnica se enriquecerá de novas e incomparáveis expressões de nobreza.

Quando a fraternidade que ajuda e socorre, que perdoa e consola, substituir a opressão, que sufoca e constrange, os médiuns serão, na paisagem terrestre, legítimos transformadores de luz espiritual.

O homem será irmão de seu irmão, sua vida será sublime apostolado de ternura e cooperação e o seu verbo a mais encantadora e harmoniosa sinfonia.

Quando nos moralizarmos e nos tornarmos realmente altruístas, superando a animalidade primitivista e a ambição desmedida, nos converteremos em pontes luminosas, através das quais o Céu se ligará a Terra.

Se desejamos sublimar as nossas faculdades mediúnicas, temos que nos educar, transformando o coração em altar de fraternidade, onde se abriguem todos os necessitados do caminho.

***A Era da Matéria** exige-nos conquistas exteriores, ganhos fáceis, prazeres e futilidades, considerações e honrarias. É o imediatismo, convocando-nos à preguiça e a estagnação, ao abismo e ao sofrimento.*

***A Era do Espírito** pede-nos a conquista de nós mesmos, luta incessante, trabalho e responsabilidades. É o futuro, acenando-nos com as suas mãos de luz para a realização de nossos alevantados destinos.*

O médium que intrinsecamente, vive os fatores negativos da Era da Matéria, é operário, negligente, cuja ferramenta se enferrujará, será destruída pelas traças ou roubada pelos ladrões, consoante a advertência do Evangelho.

Será, apenas, simples produtor de fenômeno.

O médium, entretanto, que vigia a própria vida, disciplina as emoções, cultiva as virtudes cristãs e oferece ao Senhor, multiplicados, os talentos que por

empréstimo lhe foram confiados, estará, no silêncio de suas dores e de seus sacrifícios, preparando o seu caminho de elevação par o Céu.

Estará sem dúvida, exercendo a mediunidade com Jesus.

Apostolado Mediúnico

Todo aquele que consegue exercer a mediunidade com elevação, engrandecendo-se e alçando-se aos nobres cimios da vida, no cumprimento da gloriosa missão de ser instrumento do Divino Pensamento, alcança, na Terra, a excelência do mediunato.

Dever de grande abrangência, a sua desincumbência revela-se difícil pelos impositivos de que se reveste, pelos sacrifícios que impõe e pelas dificuldades a superar.

Poucos discípulos da verdade se hão entregado com a necessária abnegação, graças à qual, ao largo do tempo, o homem se doa em espírito de serviço à humanidade, com tal renúncia de si mesmo, que ultrapassa a sua condição para lograr o apostolado mediúnico, o mediunato.

A princípio, são os fortes apelos para a edificação pessoal, a plenitude psíquica e emocional, acalmando as necessidades materiais e superando as fraquezas delas decorrentes, para depois, experimentando as superiores satisfações do espírito, imolar-se por amor, na execução das atividades a que se sente convocado.

Nesse caminho atulhado de pedrouços, os desafios se sucedem, ameaçadores, ao mesmo tempo ferindo e macerando os audaciosos transeuntes que põem os olhos nas metas à frente e buscam alcançá-las. ***Não se trata de um empreendimento fácil ou de curto prazo, antes, de uma realização prolongada, na qual são enfrentados os perigos que procedem da inferioridade, que teima em permanecer, dominadora.***

Definido o rumo e aceito o compromisso, torna-se mais factível a vitória, ganhando-se, dia a dia, o espaço que medeia entre a aspiração e o objetivo.

Zoroastro, o grande reformador, não descansou enquanto não concluiu a missão para a qual reencarnou.

Buda, o sábio e solitário dos Sákias, entregou-se com total renúncia ao ministério de reformar a religião adulterada pelo formalismo brâmane, e, não se detendo diante dos impedimentos que o afligiam, permanece fiel até o momento final.

Pitágoras, inspirado pelos espíritos, colocou-se a serviço da verdade, tornando-se responsável pela descoberta das matemáticas, geométricas e astronômicas, deixando um rastro luminoso na história.

Sócrates e Moisés, Isaías e Daniel, entre outros, foram exemplos de missionários que, no mediunato, atingiram as mais elevadas expressões do intercâmbio espiritual em favor da humanidade.

Posteriormente, João Batista e João Evangelista se fizeram expoentes da mediunidade gloriosa, demonstrando o poder da imortalidade sobre as vicissitudes humanas.

Acima, porém, de todos eles, Jesus Cristo fez-se o Médiun de Deus e tornou-se insuperável como fonte Inspiradora para os homens de todos os séculos.

Perseguido e macerado, sob injunções dolorosas, mais se ligava ao Pai, em quem hauria forças para o Messianato a que se ofereceu, preferindo a coroa do martírio à falaciosa grandeza terrena.

Depois Dele, outros servidores da Sua Seara, profundamente vinculados à vida espiritual e aos desencarnados com os quais confabulavam, exerceram o mediunato de forma eloqüente, imolando-se todos por amor ao bem geral e certos da vitória final sobre as fugazes condições terrenas.

Com o espiritismo, o exercício do mediunato tornou-se mais acessível, em se considerando as diamantinas clarezas que projeta nos emaranhados e sombrios mistérios da vida, especialmente sobre a realidade do além túmulo, onde nascem as estruturas do ser e se encontram a sua origem e o seu destino final.

Trazendo de volta, à atualidade, o profetismo hebreu e helênico, os fenômenos que constituíram a glória das civilizações passadas, deu-lhes um sentido novo, perfeitamente concorde com as conquistas do hodierno conhecimento, de modo a impulsionar o homem em direção do auto descobrimento e da razão pela qual se encontra no mundo físico.

Em uma ligeira análise, explicam-se, à luz da revelação espírita, a inspiração de Homero, cujos Cantos procediam de ignotas e nobres regiões espirituais;

De Virgílio, sintonizando com as entidades elevadas, e sendo também considerado profeta;

De Dante, que demonstrou possuir superiores faculdades mediúnicas, graças às quais manteve permanente contato com os espíritos;

De Torquato Tasso, que, em contínuo intercâmbio espiritual e inspirado por Ariosto, aos dezoito anos compôs o seu Renaud, concluindo a célebre Jerusalém Libertada, que é a obra máxima da sua vida extraordinária;

E quantos outros, médiuns inspirados ou psicógrafos, audientes ou sonambúlicos, que se deixaram conduzir pelos guias da humanidade, a fim de apresentarem a obra do progresso terrestre.

Comunicações indiretas como insólitas não despertado a consciência humana para a realidade espiritual do ser, a todos conclamando para a ação do bem, da justiça e do amor.

Na mediunato, entretanto, o servidor atinge o seu momento supremo, deixando de manter a personalidade dominadora, para que o Cristo nele se manifeste e habite, conforme declarou o médiun de Tarso, na sua doação total à causa da verdade: *“Já não sou eu o que vivo, mas é o Cristo que vive em mim”*.

Exercício Correto da Mediunidade

Certamente que a humildade nos coloca como seres conscientizados da verdadeira fraternidade. Ela realiza milagres nos corações, transforma, ilumina e prepara as almas para a esperança. Propicia ainda, em quem a possui, uma serenidade indizível, facultando às pessoas que a conquistaram o ambiente para o amor. Todavia, quando se trata do interesse universal, da difusão das verdades espirituais, quando se fala em brilhar a luz da Boa Nova do reino de Cristo, ela não deve impedir, senão servir de alicerce ao altar sagrado, onde a candeia do senhor possa estar.

O ideal mediúnico, nas bases de Jesus Cristo, é que Deus seja conhecido e amado por todas as criaturas, é que o Mestre de Nazaré seja qualificado como Guia espiritual de toda humanidade, é que a caridade seja a âncora de salvação de todos os povos, e o amor, sol para aquecer toda a criação. O ideal mediúnico que o Evangelho ilustra é aquele que serve sem pensar em ser servido, perdoa, sem esperar perdão dos outros, trabalha sem exigências, em benefício de todos. Desse modo, estarão brilhando luzes, não pensando ninguém em proveito próprio, mas na glorificação do Senhor, onde quer que seja.

A aspiração mais profunda de um mediano espiritualizado, dedicado ao bem comum, é conhecer e exercitar o amor, por todas as vias dos sentimentos. E para tal, é necessário que comecemos as lutas, dentro e fora de nós. É justo, e a razão não nos deixa pensar de outra forma, que deveremos estudar a nossa mente, os nossos próprios pensamentos, enfim, a nossa vida, no silêncio das meditações. *Fazer um esquema do que estamos fazendo, e analisar o que deve ser feito. Prepararmo-nos para a auto-educação e para corrigir o que deve ser mudado, enfrentar a disciplina perante nós mesmos, e disciplinar o que for conveniente.* Na verdade, não somos perfeitos. Contudo, o nosso ideal é a perfeição. As nossas idéias do bem são fascículos da grandeza universal, ainda desfigurada pela incapacidade humana, no entanto, não devemos cair no esmorecimento. Avancemos, pois, que o futuro nos responderá com o beneplácito da luz. Testemunhemos a Deus e façamos visíveis a Jesus pelos nossos atos, palavras e obras, que a nossa consciência começará a esplender a tranqüilidade, correspondente aos grandes seres que passaram pela Terra, ensinando o amor.

Em se falando do médium, firmemos mais uma vez seu ideal, canalizando a força do Evangelho para seu coração. O sensitivo tem de demonstrar afeição por todas as criaturas, a pureza de sentimentos perante todos os problemas, deixando extravasar a cordialidade na imensurável extensão, que o amor já construiu. Ele é a recordação dos discípulos de Jesus, é o sal da Terra, de forma a temperar todas as horas difíceis dos corações. Ele é a reminiscência do ambiente que o Cristianismo primitivo plantou: a esperança é a lembrança daquela paz deixada pelo Senhor, há dois mil anos.

Glorificai a Deus, sendo médium da bondade, sendo médium do perdão, sendo médium da fraternidade e continuai a caminhar por essas vias de ascensão, que a força divina vos libertará e, com o correr dos tempos, se não fraquejardes nas lutas, podereis ser uma luz em cima do alqueire, testemunhando o amor de Deus para todas as criaturas, e a fé apossar-se-á do vosso coração, de sorte a levantar os caídos, curar os enfermos, e transformar a água da inocência em vinho de todas as sabedorias do mundo.

Não pareis de caminhar, que caminharemos convosco. A vida é uma escola, e a escola é um meio para que se conheça mais a vida. Não deixeis que pensamentos de desânimo ocupem a vossa mente, nem por instantes. Transformai-os, imediatamente em entusiasmo, em trabalho. Vigiai o vosso campo mental, para que as idéias negativas não sejam embaraços à formação dos pensamentos.

O comandante do vosso barco sois vós mesmos. Ligai o vosso coração a Deus, que as ordens da Suprema Inteligência não faltarão, guiando-vos no mar da vida, com a confiança que não carece de reparos. Idealizai o bem, e esse será o emblema da vossa entrada na paz universal, cuja grande porta, a única para vós, se encontra encravada no centro da vossa consciência. Vamos, batei nela, com as mãos da virtude, que logo ouvireis uma voz muito conhecida: entrai, meu filho, mas com amor.

Bons Espíritas

Bem compreendido, mas sobretudo bem sentido, o Espiritismo leva aos resultados acima expostos, que caracterizam o verdadeiro espírita, como o cristão verdadeiro, pois que um o mesmo é que outro. O Espiritismo não institui nenhuma nova moral; apenas facilita aos homens a inteligência e a prática da do Cristo, facultando fé inabalável e esclarecida aos que duvidam ou vacilam.

Muitos, entretanto, dos que acreditam nos fatos das manifestações não lhes apreendem as conseqüências, nem o alcance moral, ou, se os apreendem, não os aplicam a si mesmos. A que atribuir isso? A alguma falta de clareza da Doutrina? Não, pois que ela não contém alegorias nem figuras que possam dar lugar a falsas interpretações. A clareza é a sua essência mesma e é donde lhe vem toda a força, porque a faz ir direito à inteligência. Nada tem de misteriosa e seus iniciados não se acham de posse de qualquer segredo, oculto ao vulgo. Será então necessária, para compreendê-la, uma inteligência fora do comum? Não, tanto que há homens de notória capacidade que não a compreendem, ao passo que inteligências vulgares, moços mesmo, apenas saídos da adolescência, lhes apreendem, com admirável precisão, os mais delicados matizes. Provém isso de que a parte por assim dizer material da ciência somente requer olhos que observem, enquanto a parte essencial exige um certo grau de sensibilidade, a que se pode chamar maturidade do senso

moral, maturidade que independe da idade e do grau de instrução, porque é peculiar ao desenvolvimento, em sentido especial, do Espírito encamado.

Nalguns, ainda muito tenazes são os laços da matéria para permitirem que o Espírito se desprenda das coisas da Terra; a névoa que os envolve tira-lhes a visão do infinito, donde resulta não romperem facilmente com os seus pendores nem com seus hábitos, não percebendo haja qualquer coisa melhor do que aquilo de que são dotados. Têm a crença nos Espíritos como um simples fato, mas que nada ou bem pouco lhes modifica as tendências instintivas. Numa palavra: não divisam mais do que um raio de luz, insuficiente a guiá-los e a lhes facultar uma vigorosa aspiração, capaz de lhes sobrepujar as inclinações. ***Atém-se mais aos fenômenos do que a moral, que se lhes afigura cediça e monótona.*** Pedem aos Espíritos que incessantemente os iniciem em novos mistérios, sem procurar saber se já se tornaram dignos de penetrar os segredos do Criador. ***Esses são os espíritas imperfeitos, alguns dos quais ficam a meio caminho ou se afastam de seus irmãos em crença, porque recuam ante a obrigação de se reformarem, ou então guardam as suas simpatias para os que lhes compartilham das fraquezas ou das prevenções.*** Contudo, a aceitação do princípio da doutrina é um primeiro passo que lhes tornará mais fácil o segundo, noutra existência. Aquele que pode ser, com razão, qualificado de espírita verdadeiro e sincero, se acha em grau superior de adiantamento moral. O Espírito, que nele domina de modo mais completo a matéria, dá-lhe uma percepção mais clara do futuro; os princípios da Doutrina lhe fazem vibrar fibras que nos outros se conservam inertes. Em suma: é tocado no coração, pelo que inabalável se lhe torna a fé. Um é qual músico que alguns acordes bastam para comover, ao passo que outro apenas ouve sons. ***Reconhece-se o verdadeiro espírita pela sua transformação moral e pelos esforços que emprega para domar suas inclinações más.***

Enquanto um se contenta com o seu horizonte limitado, outro, que apreende alguma coisa de melhor, se esforça por desligar-se dele e sempre o consegue, se tem firme a vontade.

Bibliografia:

- Leis Morais – Divaldo P. Franco (*pelo espírito Joana de Angelis*)
- Estudando a Mediunidade – Martins Peralva
- Médiuns e Mediunidade – Divaldo P. Franco (*pelo espírito Vianna de Carvalho*)
- Médiuns – João N. Maia (*pelo espírito Miramez*)
- Evangelho Segundo o Espiritismo – Allan Kardec